

AGIR
NOW

DEZ
MILCÉUS
SOBRE
VOCÊ

DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

CLAUDIA GRAY





www.estradadoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora



DEZ MIL

CÉUS

SOBRE

VOCÊ

Star Books Digital

The logo features a teal-colored horizontal line that curves upwards at both ends, resembling an open book. To the right of this line are two small squares, one purple and one pink, stacked vertically.

DEZ MIL CÉUS SOBRE VOCÊ

DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

CLAUDIA GRAY

Tradução de
Gabriela Fróes



Título original: Ten Thousand Skies Above You



Copyright © 2015 by Amy Vincent

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G82d

Gray, Claudia, 1970-

Dez mil céus sobre você / Claudia Gray ; tradução Gabriela Fróes. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Agir Now, 2016.

336 p. ; 23 cm. (Firebird)

Tradução de: Ten thousand skies above you
ISBN 978.85.69514.48-0

1. Ficção americana. I. Fróes, Gabriela. II. Título.

16-32778

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



Na primeira vez que eu viajei para outra dimensão, fui pensando em tirar a vida de alguém. Agora meu plano é salvar uma vida.

Mas não posso fazer isso a não ser que consiga salvar a mim mesma. No momento, estou correndo pelas ruas sinuosas de uma Roma quase medieval. Tentando não ser queimada em uma fogueira.

Bem-vindos à diversão sem fim que é viajar por universos alternados.

— Ela é filha dos feiticeiros! — gritou alguém do meio do aglomerado de pessoas. — Carrega as ferramentas de suas bruxarias!

A voz ecoa por entre as pedras arredondadas, assim como a zombaria vinda da multidão. Tem gente segurando tochas, aparentemente para poder me seguir noite afora.

Meus pais são cientistas, não feiticeiros; mas, neste universo, parece que ninguém sabe a diferença.

O que estou levando no bolso do roupão (ou da capa, ou seja qual for o nome dessa coisa vermelha sem forma) não é bruxaria, é um telescópio de mão primitivo. Essa geringonça de mais ou menos quinze centímetros parece mais um acessório de *cosplay steampunk*: laterais de casco de tartaruga, acabamento de latão e lentes moldadas à mão. Mas pode muito bem ser a ferramenta que tira esta dimensão inteira da Idade das Trevas... Isso se não causar a morte da minha família inteira.

Ofegante, me esquivo em todos os cantos que encontro, sem dar muita atenção a onde estou indo. Não é como se eu não soubesse onde estou. Mas sempre que pulo para outra

versão de mim mesma, as outras Marguerites, que moram nessas dimensões paralelas, não tenho acesso às memórias delas. Tenho acesso à parte do conhecimento e das habilidades, mas isso fica mais no fundo, num ponto não tão consciente assim. Agora, saber em que porra de lugar estou nessa versão de Roma? Não tenho tanta sorte assim.

Tudo que sei é que preciso fugir. Encontrar o Castelo de Santo Ângelo... e Paul, que deve estar lá, mas isso só quando eu estiver a salvo.

É claro, eu poderia escapar desta dimensão a qualquer momento, graças ao cordão pesado que tenho no pescoço. Para qualquer pessoa desta dimensão, e, em tese, para qualquer pessoa da nossa, esse acessório não se pareceria com nada além de um medalhão grande e bem trabalhado. Isso se alguém reparasse nele, o que não costuma acontecer.

Não é um colar antigo. Não pertence à realidade deles. Este medalhão é o Firebird.

Firebird: o dispositivo único e especial que permite que a consciência humana viaje por dimensões alternadas. Inventado pela minha mãe, Dra. Sophia Kovalenka, com ajuda do meu pai, Dr. Henry Caine. Esse objeto que pode transportar minha mente para fora deste universo e me mandar de volta para o meu próprio corpo, minha própria casa, para um lugar seguro. Mesmo aqui, enquanto corro por essa Roma alternativa em um vestido da época que vai até o tornozelo, uma capa e essas botas duras que deslizam pela estrada de pedras, mantenho o Firebird firme na mão; se eu perder esse negócio, estou ferrada.

Mas não estou indo embora. Não posso sair desta dimensão até concluir o que vim fazer aqui.

Tenho que salvar Paul Markov.

Alguns becos escuros e muitas curvas depois, finalmente consigo despistar a multidão. Ainda posso ouvi-los murmurando e gritando ao longe, mas já é possível parar e recuperar o fôlego. Meu coração, batendo acelerado, começa a se recuperar. Minhas costas estão apoiadas em uma parede terracota; a única iluminação vem de algumas luzes e velas de janelas sem vidro. E, é claro, das estrelas. Olho para cima, temporariamente deslumbrada com o número de estrelas que vejo quando estou sob um céu que não é encoberto por luzes artificiais.

A paisagem à minha volta poderia ter inspirado qualquer uma das centenas de pinturas italianas clássicas sobre as quais já estudei. É um mundo sem eletricidade, e depois que escurece, só dá para ver o que é iluminado pelo fogo. Ao longe escuto o chocalhar de um carro puxado por burros, carregando algo pesado, talvez grãos. Nada de wi-fi, tablets ou aviões; está muito cedo até mesmo para pensar em motores a vapor. Não é que eu tenha voltado no tempo, veja bem, o Firebird não faz isso. Mas algumas dimensões se desenvolvem mais rapidamente, enquanto outras levam muito mais tempo. Eu já estive em

universos futuristas em que as pessoas se comunicavam por meio de hologramas e viajavam em quadcópteros. Não fico surpresa por ter caído agora em um lugar em que a Renascença ainda está em vigor.

E não é que seja exatamente como a nossa Renascença: as roupas me lembram mais as do século X ou XI, e, ainda assim, o telescópio que meus pais inventaram só surgiu no nosso universo muito depois. Além disso, de alguma forma, aqui não me parece que o machismo é um problema; na verdade, parece que diferença de gênero não é, de forma alguma, um problema. A sacerdotisa que me condenou no meio da multidão era uma mulher. Mas vou deixar a comemoração pela igualdade para mais tarde.

O homem com quem conversei me disse que eu poderia encontrar Paolo Markov, o Russo, no Castelo de Santo Ângelo. Imagino ele acorrentado na masmorra de um castelo, sendo espancado ou até mesmo torturado, e tenho vontade de chorar.

Mas não há tempo para lágrimas. Paul precisa de mim. Vou ter que deixar o choro para depois.

E quando eu acabar de resolver isso tudo, vou atrás do Wyatt Conley.

O ruído de fúria da turba se dispersou. Para onde vou agora? Estou cercada por becos escuros e cheios de curvas e por um amontoado de casas lotadas de pessoas nas quais não posso confiar. Disseram que o Castelo de Santo Ângelo fica a oeste, mas para onde é o oeste? Sem o sol no céu para me guiar, não faço ideia de que direção seguir. Ainda assim, preciso começar de alguma forma. Respiro fundo mais uma vez e saio andando por uma rua estreita que leva a uma estradinha que parece silenciosa... e aí sinto uma mão se fechar no meu ombro.

— Não é para lá — sussurra uma mulher. Percebo que é alguém da nobreza, porque tem o corpo todo coberto por uma capa azul de veludo. — Pode ser que eles se reúnam perto do Panteão.

Não sei o que é isso, mas se a multidão vai para lá, vou na direção oposta.

— Obrigada.

(Sabe essa conversa aí em cima? Não aconteceu na nossa língua. Tanto minha amiga como eu falamos um idioma que suponho ser o latim na fase final, ou talvez um italiano arcaico. Não sei exatamente, mas graças ao conhecimento “embutido” da Marguerite deste universo, sou fluente.)

— Seus pais estão nos levando à sabedoria — diz a mulher, gentilmente. — Os outros temem o que não conhecem.

Ela dá alguns passos adiante, o suficiente para que eu possa ver seu rosto sob a luz fraca da lua. Seu cabelo é loiro e grosso, o queixo é quadrado e forte... e eu me esforço para não

encará-la, boquiaberta.

Eu a conheço.

O nome dela é Romola. Não sei se um dia soube seu sobrenome, mas, se sim, esqueci. Encontrei com ela no primeiro universo alternativo que conheci: uma Londres futurista. Ela era filha de uma duquesa. Mimada, rica, drogada e bêbada de champanhe, Romola me arrastou de uma boate à outra, enquanto eu bebia tanto quanto ela. Eu estava exausta, assustada e de coração partido: dois dias antes, a polícia viera à nossa casa contar que meu pai tinha morrido. No fim, meu pai estava bem; quero dizer, se pudermos definir “estar bem” como “sequestrado para uma outra dimensão”. Mas naquela época eu não sabia disso. Então aquelas horas surreais, deprimentes e loucas com Romola parecem mais longas na minha memória do que foram de verdade. É como se nos conhecêssemos desde sempre, e não apenas naquele dia esquisito.

Eu não deveria estar surpresa em vê-la de novo. Aprendemos nesse meio-tempo que as pessoas cruzam nosso caminho em muitas dimensões, e que não importa o quão diferentes os mundos sejam, o destino sempre nos aproxima.

— Você está bem? — Romola coloca a mão na minha testa, como minha mãe fazia quando eu era pequena. — Parece confusa. O que é totalmente compreensível, considerando pelo que você passou.

— Eu estou bem, de verdade. — Começo a me preparar para seguir com meu plano de fuga. — Preciso chegar ao Castelo de Santo Ângelo. Para que lado eu vou?

Romola me dá instruções. Não conheço a maior parte dos pontos de referência que ela menciona (Via Flaminia?), mas ela aponta para a direção que devo seguir. Agradeço e volto a correr.

Em casa, eu conseguia correr alguns quilômetros sem ficar cansada. Mas esta Marguerite não parece se exercitar muito. Em segundos já sinto uma pontada na barriga; fico sem ar muito rapidamente. Apesar do vento frio de abril, estou toda suada. Essas roupas de lã supergrossas parecem ter pequenos bolsos com pedras, de tão pesadas. E minhas botas... Vamos apenas dizer que a tecnologia de calçados é muito melhor na minha dimensão. As bolhas já se formaram no meu calcanhar e nos dedos dos pés.

Mas preciso encontrar Paul o mais rápido possível. Ele pode estar em perigo...

Ou pode ser que esteja ótimo. Talvez ele seja um dos soldados do castelo. Ou até mesmo um príncipe! Você vai acabar interrompendo um banquete ou algo do tipo.

Há quanto tempo será que ele está aqui? Tentamos não entrar em pânico quando ele não voltou para nossa dimensão depois de um dia, mas após quarenta e oito horas, sabíamos que havia alguma coisa errada. Ficamos com muito medo quando procuramos

por ele no Triadverso e descobrimos que já tinha saído de lá, mas não foi para casa. Mamãe e Theo se superaram e conseguiram achar uma forma de rastrear o próximo salto de Paul... O que nos trouxe a esta dimensão.

Paul não tinha motivos para vir para cá. Se ele tivesse encontrado o que estava procurando — a cura para Theo —, teria voltado para casa imediatamente. Foi por isso que soubemos que ele tinha sido sequestrado. Desde então, não consegui mais dormir.

Apenas traga ele de volta. Depois pensamos no resto: como salvar Theo, como derrubar a Tríade. Tudo isso pode esperar até que Paul volte para casa.

Reconheço o Castelo de Santo Ângelo assim que o vejo: uma estrutura enorme de pedra no topo de uma montanha iluminada por tochas resplandecentes. A luz das chamas revela o brilho negro e tedioso dos canhões que saem, salientes, dos vãos em meio aos blocos de pedra. Conforme me aproximo, vejo que os soldados do palácio se vestem de uma forma que é, ao mesmo tempo, imponente e engraçada: calções listrados que vão apenas até os joelhos, casacos amarelos brilhantes com mangas bufantes, distintivos e capacetes de metal e espadas que parecem capazes de atravessar um corpo humano em fração de segundo. E ainda que eles notem minha aproximação, é claro que uma adolescente esbaforida não representa nenhuma ideia de ameaça para eles.

E se Paul for um prisioneiro aqui? Não faço ideia de como os soldados vão reagir, mas só existe uma maneira de descobrir. Respiro fundo algumas vezes e digo da forma mais firme que consigo:

— Estou aqui para falar com Paul Markov, da Rússia.

Os soldados se entreolham e não respondem. Merda. Será que eu devia tê-lo chamado de Paolo, a versão italiana do nome dele? Ou Pavel, a versão russa? Talvez ele seja mesmo um prisioneiro... ou talvez não esteja aqui...

— Siga-me — fala um dos soldados. — Pode aguardar no quarto de sempre.

Quarto de sempre? Tento dar um sorrisinho enquanto vou atrás deles, até chegarmos em um cômodo pequeno e de paredes de pedra. É claro, Paul e eu nos conhecemos nesse mundo também.

Nós sempre nos encontramos.

No meu mundo, Paul é um dos assistentes de pesquisa dos meus pais, um doutorando da universidade de Berkeley. Durante um ano e meio, eu só achava que ele era muito estranho: quieto, esquisitão, grande demais para os espaços que ocupava. Nas poucas vezes em que falava, era sempre muito frio e direto, sendo que, na maior parte do tempo, não falava nada. Mas assim que os meses foram passando, comecei a perceber que sua frieza não era por ele ser grosseiro ou rude; na verdade, o jeito dele mostrava uma forma bruta de

honestidade, nem sempre fácil de ouvir, mas sempre muito verdadeira. Sua esquisitice não era nada além de timidez, da certeza que Paul tem de que nunca se encaixou em nada e de que nunca iria se encaixar. E ele não ficava sempre na casa dos meus pais porque não tinha para onde ir, ou não tinha uma vida; ficava porque havia sido a primeira vez em que se sentiu aceito. Ele nunca teve uma família com pessoas que cuidam umas das outras, ou um amigo de verdade antes de conhecer Theo, o outro assistente dos meus pais.

E ele nunca tinha se apaixonado por ninguém antes de me conhecer. Só não sabia como dizer isso para mim.

Até então, já visitei algumas dúzias de dimensões. Eu e Paul já nos conhecíamos em quase todas elas; em muitas, já somos um casal. O destino e a matemática sempre nos aproximam. A tese de doutorado dele apresenta uma série de equações que provam que o destino existe de verdade... mas eu não precisava da matemática para me convencer disso. Já vi a prova com meus próprios olhos muitas vezes desde que conheci uma versão da Rússia em que o czarismo nunca acabou.

Por alguns instantes, penso no tenente Markov, o Paul que conheci lá, e sinto um nó na garganta. É nesse momento que uma figura de capa preta surge sob o arco de pedra do cômodo.

Ele dá alguns passos à frente, olhando para mim com uma tristeza tão grande que fico triste também sem nem saber o porquê.

— Você sabe que não devia estar aqui — diz ele, com um tom de voz suave.

— Eu tive que vir.

Entender como agir em dimensões paralelas pode ser difícil, às vezes. Na dúvida, o melhor é ficar em silêncio o máximo possível e deixar os nativos falarem primeiro.

E, neste momento, estou falando apenas com o Paul deste mundo. Tenho algumas evidências disso, coisas pequenas que qualquer outra pessoa deixaria passar, como a forma que ele anda ou como se sente confortável dentro deste cômodo medieval. A consciência, a alma do meu Paul deve estar dentro do seu corpo, mas sem estar totalmente alerta, incapaz de agir, de pensar ou mesmo de se lembrar de alguma coisa. Por enquanto, ele não se recorda de si mesmo. É o que acontece com a maioria das pessoas que viaja por dimensões: elas são absorvidas por suas personas, incapazes de escapar ou mesmo de pensar que conseguem.

É como um conto de fadas ao avesso: o príncipe está adormecido em um caixão de vidro. E sou eu que tenho de acordá-lo.

Se ao menos a tática do beijo funcionasse...

Paul se aproxima de mim e as luzes piscam sobre seu rosto com uma iluminação dourada. Ele é um homem enorme, que intimida: um metro e noventa e ombros largos. Esta versão dele não é tão musculosa quanto a que estou acostumada, ou talvez as vestes pretas estejam ocultando sua corpulência...

Espere um pouco. Ele está usando *traje de padre*?

— Eu rezei tanto — sussurra ele, os olhos acinzentados me encarando, e tudo que eu queria era não ver o quão perdido ele parece com aquele olhar. E o quão solitário. — Não posso abandonar os votos que fiz para Deus. Mas, ao mesmo tempo, se Ele não quisesse que eu me casasse, como a maioria dos homens, se não quisesse que eu sentisse desejo, que eu sentisse amor... por que ele me traria a você?

Mesmo sem saber mais sobre a história, já estou comovida. A Marguerite deste universo deve ser tão apaixonada por ele quanto ele é por ela, se não os dois jamais teriam conversado sobre isso. O que me faz pensar que não há problema em responder:

— Nós nos aproximamos por uma força muito maior que nós mesmos. Algo maior que nosso próprio mundo.

E essa não é uma declaração romântica, é um fato científico.

Ele suspira fundo, como se estivesse lutando contra si mesmo. Fico imaginando como terá sido sua vida aqui; nascido na Rússia, certamente. Na Idade Média, muitas crianças eram doadas à Igreja ainda pequenas, então não tinham o direito de escolher ou não a vida religiosa. Se Paul já fez os votos um mês depois de ter completado vinte anos, provavelmente esse foi seu destino. Talvez ele tenha viajado para Roma para servir ao Papa, acabou conhecendo a filha dos inventores... e tudo mudou.

Espero que o Paul e a Marguerite deste mundo tenham a chance de ficar juntos. Em qualquer outro momento, eu me sentiria tentada a passar mais tempo aqui e dar uma forcinha para que isso acontecesse. Mas agora nada é mais importante do que resgatar meu Paul e trazê-lo de volta para casa.

— Paul? — Eu me aproximo dele. A luz vinda do fogo reflete o leve brilho vermelho do cabelo castanho dele. — Venha aqui.

— Não devemos — responde ele, como um homem que desesperadamente queria.

— Não, não é isso, está tudo bem. — Ergo os olhos na altura dos dele e sorrio da forma mais gentil que consigo. — Confie em mim.

Ele se estica, concorda com a cabeça e chega mais perto de mim. Seria tão fácil abraçá-lo, colocar os braços dele na minha cintura... mas, em vez disso, quando minha mão encosta

em seu peito, sinto algo metálico sob as vestes. Levanto a mão até a gola e puxo o Firebird.

Ué, ainda está usando? Eu até trouxe um segundo Firebird comigo, achando que Conley tinha roubado o dele... Talvez esteja quebrado. Isso explicaria muita coisa.

Paul olha para o cordão recém-descoberto pendurado em seu pescoço. Ele deve ter a impressão de que aquilo surgiu num passe de mágica. Ele não pode, é claro, imaginar o que estou planejando, mas continua em silêncio, confiando completamente em mim. O que torna tudo mais difícil, mas preciso manipular os controles do Firebird para chegar à combinação correta que ativa o lembrete. E lembretes *doem*.

Ele grita de dor e seu corpo é jogado para trás. Mas esta é a hora em que meu Paul acorda dentro dele, ficamos juntos novamente, e podemos ir para casa.

Só que o lembrete não funciona.

— Por que você fez isso? — O reverendo Paul pega o Firebird e franze o cenho. — Que tipo de dispositivo é esse pendurado em meu pescoço?

Ele não sabe. Realmente não faz ideia. Isso nunca aconteceu. Como é possível que um lembrete... não funcione?

Passo a mão no cabelo, tentando pensar rápido.

— É a mais nova invenção dos meus pais. Não era para te machucar, acho que está quebrado. Deixe eu ver, me dê aqui.

Ele entrega o cordão em minhas mãos, ainda confiando em mim, mas não muito no Firebird propriamente dito. Não posso culpá-lo. Se ao menos eu fosse mais uma nerd em ciência, em vez de ser a artista da família, poderia consertar aquilo sozinha. Mas, como não sou, acho que vou ter que ir para casa sem Paul. Mesmo sabendo que posso voltar para ele em alguns minutos, a ideia de perdê-lo mais uma vez me parece insuportável.

Você é a maravilha científica do século XXI!, penso, olhando para o Firebird. *Como pode parar de funcionar assim?* Talvez Conley tenha quebrado este medalhão. Mas por que ele quebraria se podia roubá-lo para uso pessoal?

O Firebird não parou de funcionar. Não está quebrado. Tudo parece normal. Ainda assim, quando tento verificar mais uma vez, percebo que ele exibe algo que eu nunca tinha visto.

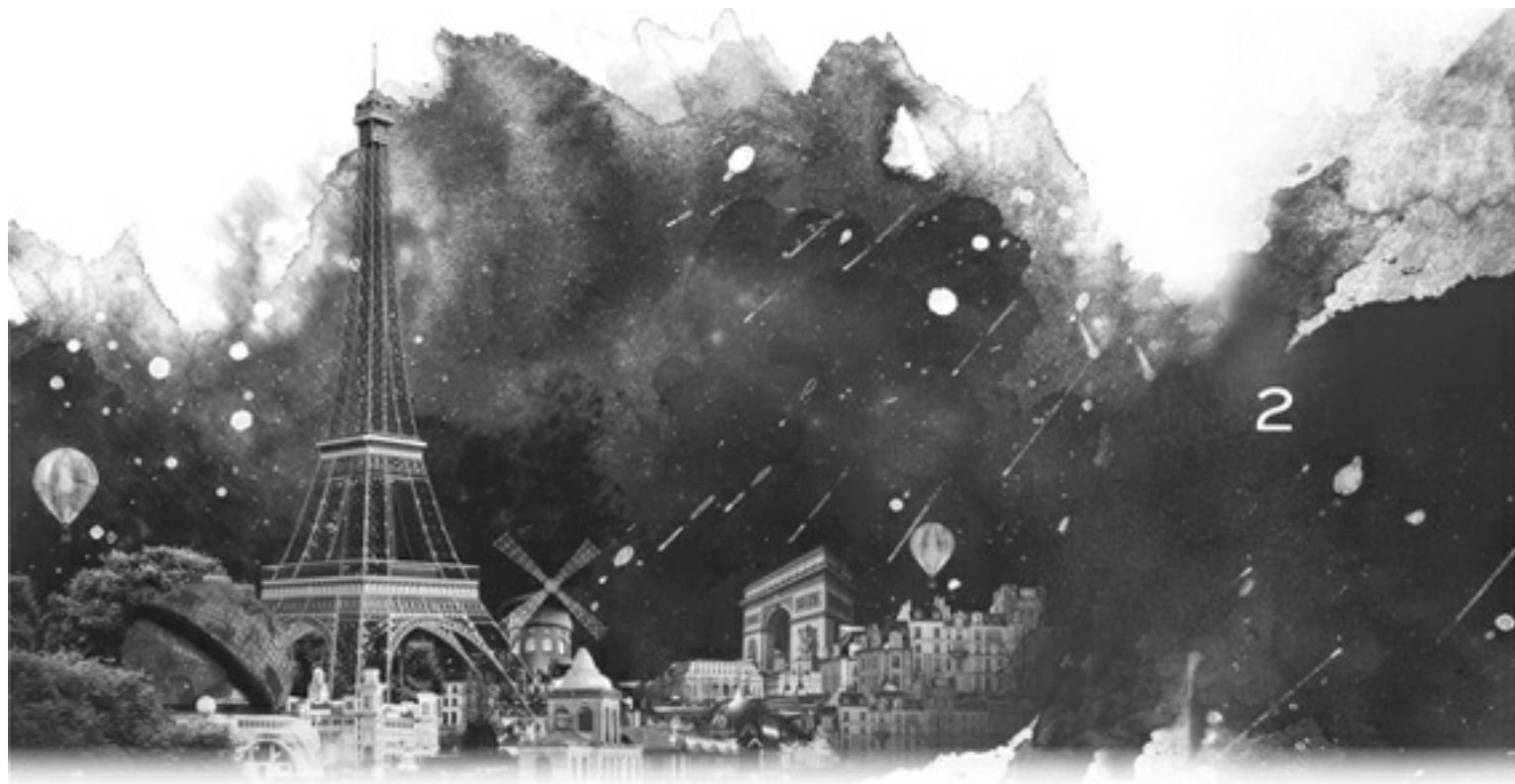
Neste momento, outro homem entra no quarto, e arregalo os olhos.

— Permita-me interpretá-lo para você — diz ele, com um sorriso no canto da boca. — É isso o que acontece numa fragmentação.

As vestes vermelhas indicam que ele pertence a este mundo medieval esquisito, mas seu rosto me é familiar. Muito familiar.

O destino e a matemática podem trazer as pessoas que você ama. Mas também podem trazer as que você odeia.

Neste mundo, eles me trouxeram Wyatt Conley.



Quem é Wyatt Conley e por que ele é um grande filho da puta?

Meus pais me explicaram a situação muito bem um dia depois que levei meu pai de volta para casa, depois de nossa primeira aventura pelas dimensões. Naquela noite, estávamos todos chorando, felizes, e agitados demais para pensar direito, mas, quando acordamos, não podíamos parar de pensar nas nossas aventuras e em tudo o que vimos e fizemos. Em todas as pessoas que fomos.

E, naquela manhã, por coincidência, o departamento de física da faculdade tinha marcado uma reunião com a equipe. Mamãe disse que lá seria um ótimo lugar para começar a explicar tudo, então eu, ela, papai, Theo e Paul fomos para a universidade. Como sempre, me senti deslocada naqueles corredores do prédio de física... É como se as paredes dali *cheirassem* a matemática.

Entramos todos juntos, interrompendo a reunião que já tinha começado. Todos os professores estavam sentados em torno de uma mesa oval comprida. Eles se viraram e nos encararam.

— Desculpem o atraso — falou minha mãe. Mesmo com aquele casaco desbotado e a calça jeans “de mãe”, ela virava instantaneamente o centro das atenções ali. É o efeito que ela causa nas pessoas. — Preciso tratar de um assunto urgente que não está em pauta, mais precisamente do papel da Corporação Tríade no financiamento de pesquisas com o dispositivo Firebird.

Theo acrescentou:

— Ou, resumindo, temos que falar sobre como eles não podem mais nos financiar. Precisamos de independência da Tríade *imediatamente*.

Papai também entrou na conversa:

— A Tríade trouxe agentes de outra dimensão para a nossa. Esses agentes têm nos espionado e tentado controlar nosso progresso com os Firebirds. O próprio CEO da empresa, Wyatt Conley, está envolvido nisso... Na verdade, ele está orquestrando tudo nos dois mundos. Para isso, ele alterou a ressonância dimensional da minha filha, Marguerite, para que ela consiga viajar entre as dimensões de forma mais eficiente que qualquer outra pessoa do mundo.

Mamãe lançou um olhar de ódio e comentou:

— O procedimento só funciona uma vez por dimensão. E, ao escolher nossa filha, ao colocá-la nessa posição tão perigosa, Conley achou que poderia nos controlar.

— Ele também tentou chantagear Marguerite para que trabalhasse para ele, sendo uma espiã em diferentes dimensões. Inclusive, por isso que eu fui sequestrado para um universo alternativo — completou meu pai.

A isso, seguiu-se um longo silêncio. Todas as pessoas na sala estavam nos encarando, como um enorme mar de olhos por trás de óculos de lente grossa. Fiquei pensando: *Será que eles acham que meus pais enlouqueceram de vez?* A sequência de eventos que meus pais acabaram de descrever pareceu um tanto fantástica, mas todos os físicos desse departamento (e provavelmente do mundo) sabem que meus pais estavam à beira de uma descoberta revolucionária: a viagem interdimensional podia se tornar uma realidade.

Então, Theo fez um sinal com as mãos para pedir tempo, e disse:

— Hum, talvez seja melhor darmos mais explicações. Acontece que os Firebirds funcionam! A viagem dimensional é mesmo possível! Acho que, tecnicamente, o Dr. Caine foi o primeiro a viajar, depois Paul e, por fim, Marguerite... Mas o fato é nós testamos os dispositivos. O Firebird é um sucesso. É, acho que devíamos ter começado a conversa com isso.

— Não exatamente — retrucou Paul, um pouco desanimado.

Entendi o que ele quis dizer e arregalei os olhos. *Ops*.

Paul deu um passo adiante e disse, de um jeito tão formal como se estivesse defendendo uma dissertação:

— O que devíamos ter feito, antes de tudo, era informar a todos que o Dr. Caine está vivo.

— Ah! — exclamou meu pai ao mesmo tempo em que minha mãe tapou a boca com a mão. — Claro! Achei que isso seria meio óbvio, mas devíamos ter começado com essa

informação, de qualquer forma. Não estou morto! Meu corpo não desapareceu no rio ou no mar, ou onde quer que tenham dito. Na verdade, fui sequestrado para outra dimensão. Esquecemos esse detalhe importante...

— Além disso — acrescentou Paul, olhando de relance para o meu pai —, a maioria de vocês deve ter ouvido falar que eu matei o Dr. Caine. A verdade é que armaram para mim. Não sou culpado, é óbvio.

— Porque estou vivo. — Papai bateu com as palmas das mãos para demonstrar alívio e constrangimento. — É claro. Não me espanta que todos estejam com essa expressão assustada, pois para vocês eu estava morto! Não posso culpá-los. Devíamos ter ligado para algumas pessoas quando eu voltei na noite passada, mas acho que nos empolgamos um pouco com a possibilidade desta reunião e tal. Mas, não, não estou morto. Estou ótimo. Nunca estive melhor.

Os professores continuavam mudos, e notei que muitos deles estavam pálidos de susto. Meu pai tentou mais uma vez quebrar o silêncio:

— Então, como vão todos? Terry! Mudou o cabelo? Está bonito!

Nesse momento, um professor desmaiou.

Acredite ou não, isso conta como uma reação positiva. Durante muitos anos, a comunidade científica excluiu meus pais por considerarem que eram lunáticos, e tenho certeza de que muitos ainda gostariam de fazer isso. Os colegas da universidade tinham finalmente aceitado a possibilidade de que a viagem entre dimensões fosse real. Mas espões de outros mundos? Wyatt Conley, inventor e empreendedor, líder por trás de um plano maligno misterioso? A Tríade é a criadora dos eletrônicos mais modernos do mundo e os vende em lojas que podem ser encontradas em qualquer shopping. As propagandas animadas e o logotipo verde-esmeralda não parecem algo que viria de um supervilão no melhor estilo James Bond. E a parte em que Conley me usou? Me “alterou”? Me “chantageou”? Por que um bilionário tão poderoso precisaria chantagear uma garota de dezoito anos igual a qualquer outra?

É isso que devem estar pensando.

Depois que os paramédicos reanimaram o professor Xavier, meus pais, Theo e Paul passaram quase três horas tendo que responder a perguntas de todo o departamento de física. O reitor da universidade fez um acordo com meus pais para que, por enquanto, não dessem nenhuma declaração pública sobre o projeto Firebird. Eles concordaram, mas os jornalistas continuam ligando e as perguntas estão ficando mais agressivas, o que sugeria que o humor do público em geral poderia estar mudando de ansiedade e curiosidade para dúvidas sobre a veracidade dos fatos. Wyatt Conley também não fez, ainda, nenhuma

declaração pública. Até onde a maioria das pessoas sabe, ele continua levando sua rotina normal, um CEO de trinta anos que usa calça jeans em vez de ternos elegantes. Seu rosto juvenil sorri por trás dos cachos avermelhados nas capas das revistas de negócios. Ele até concordou em continuar financiando a pesquisa dos meus pais, ou foi o que disse ao reitor, que só passou o recado adiante, provavelmente em uma tentativa de convencê-los de que estavam apenas sendo um pouco paranoicos com o cara.

O outro lado de Conley está logo atrás dessa superfície brilhante.

Pouco depois da reunião com o departamento de física, recebemos a primeira visita da diretora jurídica da Corporação Triade.

O nome dela era Sumiko Takahara. Se Wyatt Conley podia comandar um negócio global vestindo calça jeans era porque tinha pessoas como ela por trás. Gente armada com terno e juridiquês. A srta. Takahara entrou na nossa casa com cara de quem não podia acreditar que tinha sido enviada para tratar de um assunto tão besta; sem dúvida, ela passava muito mais tempo processando corporações de grande porte do que falando com alguns acadêmicos sentados diante de uma mesa que foi pintada à mão com as cores do arco-íris por mim e pela Josie quando éramos crianças. Apesar disso, ela manteve o tom profissional durante o tempo todo.

— As pastas diante de vocês representam a melhor oferta que o sr. Conley pretende fazer — disse ela. Seu terno cinza tinha um leve brilho perolado, como a pele de um tubarão. — Nelas vocês vão encontrar documentos referentes a várias contas na Suíça. Uma para cada um de vocês. A quantidade de dinheiro depositada em cada uma...

— ... deixaria qualquer ricoço impressionado — completou Theo e, em seguida, assobiou, como se dissesse *uau!* Paul olhou para ele, que deu de ombros. — É verdade.

A srta. Takahara pareceu animada com a conversa.

— Se a srta. Caine aceitar o contrato de trabalho com a Triade, tenho autorização para passar imediatamente essas contas para o nome de vocês.

Minha mãe devolveu a pasta sem nem sequer olhar.

— Em outras palavras, é esse o preço que Wyatt Conley decidiu que minha filha vale — declarou ela. — Oferta recusada.

A frieza na voz da minha mãe teria sido capaz de resfriar a Sibéria no inverno. Mas a srta. Takahara nem se abalou. Em vez disso, olhou para mim enquanto respondia:

— A oferta é para a srta. Caine. Só ela pode aceitar ou recusar.

— Então diga ao sr. Conley que a srta. Caine recusou a oferta.

Empurrei a pasta pela mesa, na direção dela.

Só neste momento notei hesitação nos seus olhos. Acho que não deve ter visto muitas pessoas recusarem aquela quantidade de dinheiro.

— É só isso que devo dizer a ele?

Pensei melhor e acrescentei:

— Não. Por favor, mande ele ir se foder.

E foi assim que *aquela* reunião terminou.

A srta. Takahara levou a oferta seguinte direto para os meus pais na universidade, supostamente para que falassem comigo. Mas, desta vez, Conley tentou chantageá-los com algo que ele sabia que valia muito mais que dinheiro para eles: prometeu dar informações.

— Todas as informações de pesquisa do projeto Firebird do Triadverso — contou minha mãe enquanto esperávamos pela pizza na fila do Cheese Board Collective. — Ele prometeu que compartilharia comigo tudo que já descobriram até agora. Dados experimentais, teorias, tudo.

Aquela pesquisa deu à Dra. Caine do Triadverso a versão deles do prêmio Nobel.

— E o que vocês responderam?

— Francamente, o homem é muito cara de pau. As pesquisas no Triadverso estão apenas alguns anos à frente da nossa. A gente chega lá. — Minha mãe manteve o mesmo tom de voz calmo e preciso e acrescentou: — Então, vamos mandar Conley enfiar a pesquisa dele naquele lugar.

Eu queria muito rir, mas não pude deixar de pensar que a isca dele foi bem mais inteligente dessa vez. Para meus pais, a maior tentação sempre será a aquisição de conhecimento novo.

— Tem certeza? Vocês poderiam aprender muito com isso — falei.

— Marguerite, não consideramos nem por meio segundo. — Mamãe puxou meus braços de forma que a abracei por trás. As mãos dela apertaram as minhas. — Mesmo que Wyatt Conley nos oferecesse a teoria de tudo, com fusão a frio fazendo o papel da cereja do bolo. Nada é mais importante que vocês duas. E não tem informação nenhuma neste mundo que valha mais que nosso amor por vocês.

Abracei-a um pouco mais forte. E não pensei mais sobre o assunto naquela noite.

Conley, no entanto, não parou de pensar na gente. Há umas seis semanas, ele mandou a srta. Takahara nos visitar novamente. Dessa vez, ela nem se esforçou para sorrir.

— A oferta do sr. Conley aumentou — começou ela.

— Ué, mas você não disse que a anterior era “a melhor oferta que ele podia fazer”? — alfinetou Paul.

— Ele reconsiderou e quer que vocês façam o mesmo. Fui instruída a não aceitar nenhuma resposta final de vocês hoje. — A srta. Takahara não fez contato visual com nenhum de nós naquele dia. Se tivesse feito, teria visto a “resposta final” na nossa expressão. Em vez disso, ela continuou: — Pensem com calma. Analisem com atenção, discutam entre si. O sr. Conley não pretende interferir na pesquisa de vocês. Ele pede que, em troca, deem a ele a mesma cortesia. Para esclarecer, ele pede apenas que não viajem para a dimensão correspondente às coordenadas contidas no documento diante de vocês: o Triadverso. Essa viagem não só violaria o pedido dele como teria consequências perigosas, como ele pediu para avisar.

— Perigosas em termos científicos? — perguntou Paul. — Ou Conley está fazendo uma ameaça?

— Eu não repasso *ameaças* — bufou ela. Talvez acreditasse mesmo que aquilo era verdade. Conley deve ter contado a ela sobre a viagem interdimensional, mas com certeza não contou a história toda. — Em vez disso, vim aqui fazer uma oferta extremamente generosa em nome da Corporação Triade. Considerem com carinho. Quando o sr. Conley estiver pronto para ouvir a resposta, entrarei em contato.

Assim que ela saiu, mamãe, papai, Paul e Theo tiveram uma longa e intensa discussão sobre o que Conley poderia fazer depois de finalmente perceber que eu jamais concordaria em trabalhar para ele.

— Depois da recompensa sempre vem o castigo — argumentou meu pai.

Então eles começaram a trabalhar em um tipo de tecnologia mais avançado para os Firebirds, de modo que, se Conley tentasse sequestrar um de nós para outra dimensão mais uma vez, seria mais fácil encontrar a pessoa, rastreando os saltos pelos universos independentemente de quão longo ou complicado fosse o trajeto. O projeto de estimação de Paul e Theo se tornou o fato de encontrar uma forma de monitorar as atividades de Conley entre as dimensões. Segundo Paul, talvez um dia fosse preciso denunciar Conley às autoridades.

— Que autoridades? — perguntei. Porque tenho quase certeza de que a polícia local não tem o poder de prender pessoas em dimensões alternativas. — O FBI? A Interpol?

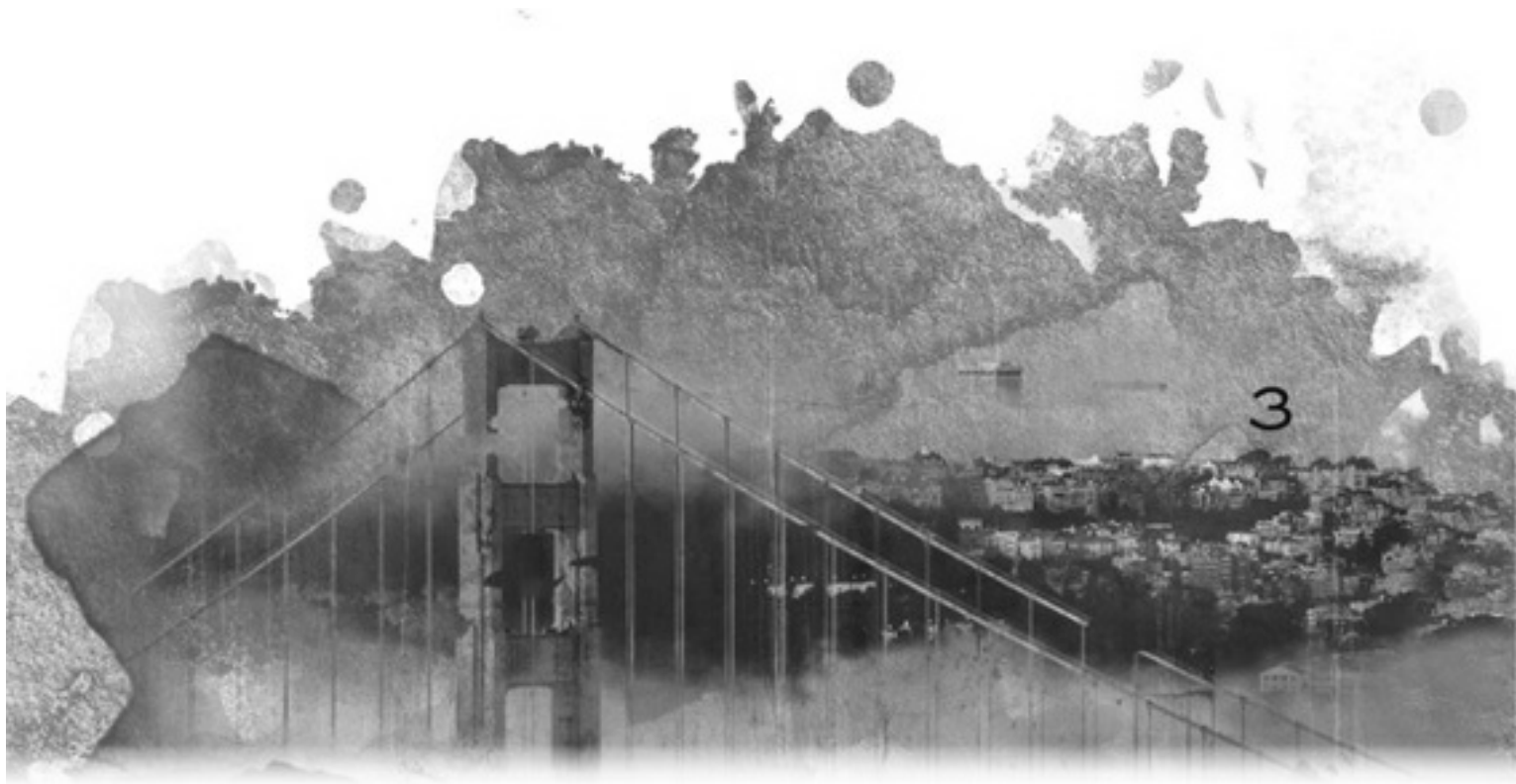
— Ah, não sei bem a jurisdição — admitiu Paul. Ele segurou minha mão, me reconfortando. — Mas se ele te ameaçar, vamos fazer o que for preciso para manter sua segurança.

Dei um abraço forte nele, me sentindo segura naquele momento. E os “termos” de Conley eram bem simples. Também não era como se eu estivesse com pressa de voltar para o Triadverso e reencontrar a versão de Theo que enganou todos nós.

(Ou para o Londresverso, em que minha versão local bebeu demais, em parte para apagar a lembrança de ter perdido mamãe, papai e Josie em um acidente horrível. Ou no Oceanoverso, que era, na verdade, superlegal, mas onde acho que sou considerada suspeita de ter derrubado um submarino. O Russiaverso, no qual eu era a grande duquesa Margarita e o tenente Paul Markov era meu guarda pessoal e amante secreto... para esse, eu gostaria de voltar. Mas não voltei, no entanto. Retornar lá significa reviver a morte de Paul.)

Porém, Conley sabia de uma coisa que nós não: logo seríamos convencidos a voltar para o Triadverso. Iríamos romper com a trégua a qualquer custo.

Ele sabia o que ia acontecer com Theo muito em breve.



— Você nos enganou! — falei para Conley enquanto estávamos os três juntos no cômodo de pedra, naquele castelo italiano a um mundo de distância. Paul olha de Wyatt Conley para mim, confuso. — Falou que ia nos “deixar pensar”...

— Falei, não é? Você teve semanas. — Ele ajeita as vestes vermelhas como se tivesse orgulho de estar usando aquilo. — Até que Paul Markov veio à minha dimensão, ainda que eu tenha avisado a vocês que isso seria perigoso. Ele está pagando o preço. Simples assim.

Minha dimensão, disse ele. O que significa que o homem com o qual estou lidando é o Conley do Triadverso. Não que isso faça muita diferença, pois os dois Conleys trabalham juntos, numa conspiração.

— Cardeal Conley... não estou entendendo. — O Paul deste universo parece em choque, o que é totalmente compreensível. — Que lei eu desobedeci?

A resposta vem com um Conley sorridente, repleto de graça e benevolência:

— Isso é entre mim e a senhorita, Padre Paul. Pergunte a ela depois. Agora nós dois precisamos de um momento a sós.

Paul se coloca entre nós dois, o que deixa ainda mais óbvia a diferença de altura entre os homens, e também a força superior de Paul.

— Não a culpe por minhas fraquezas. Sou o único responsável.

Será que ele é incrível assim em qualquer universo? Coloco a mão nas costas de Paul, um gesto discreto apenas para dizer *obrigada*.

No entanto, Conley mantém seu estado de falsidade gentil:

— Ela não vai ser punida, não se preocupe. Mais que isso: ouvi dizer que os pais dela foram condenados por alguns dos padres locais pelos estudos que fazem. Hoje à noite, vou falar para a Sua Santidade que já pode oficialmente declará-los sob a proteção dela. Está vendo? Vai ficar tudo bem. Agora vá.

Quando Paul, mesmo com as notícias reconfortantes, parece hesitar, eu sussurro:

— Está tudo bem. Daqui a pouco falo com você. Con... o cardeal e eu não temos muito a dizer um ao outro.

Finalmente, Paul se vira para sair, voltando-se para mim uma última vez com tanto desejo que meu coração se aperta. Assim que ele sai, no entanto, Conley começa a rir.

— Ah, Marguerite. Você e eu temos *tanto* a dizer um ao outro!

— O que você fez com ele? — pergunto, em tom autoritário. — Rastreei Paul pelo seu universo. Dei um lembrete a ele, e o Firebird parecia estar funcionando...

— A forma que a maioria das pessoas se esquece delas mesmas entre as dimensões é um inconveniente, não é mesmo? O que foi? Não gostou do presente?

É assim que funciona com todas as pessoas que viajam pelo multiverso. Sem os lembretes constantes, elas se tornam testemunhas silenciosas e passivas, enquanto suas personas daquele próprio universo voltam a dominar suas consciências. Para os objetivos dos meus pais, isso não é relevante; os viajantes se lembram de tudo que experimentaram em seus outros “eus” de cada mundo. Contanto que o Firebird esteja lá para lembrar, a pessoa ainda pode voltar para casa e analisar tudo que aprendeu.

Mas, como descobri em minha primeira viagem, existem algumas falhas graves nesse procedimento. Por exemplo, você pode perder seu Firebird. Pode quebrar ou ser roubado. E se você não tiver seu Firebird para lembrá-lo de quem você é, acaba preso em uma dimensão alternativa, dentro do seu outro eu; inconsciente, paralisado e preso... para sempre.

É por isso que ter um “viajante perfeito” ajudaria muito: alguém que sempre se lembra de si próprio e que sempre se mantém no controle da situação.

Por isso, a Tríade me transformou em um.

Ainda não consigo entender exatamente o que foi feito comigo. O dispositivo que a Tríade nos emprestou parecia com qualquer outro equipamento científico que já tivemos lá em casa, e eu não senti nada além de um pouco de tontura depois que tudo aconteceu. Paul e meus pais me explicaram mais de dez vezes, mas acho que é o tipo de justificativa que para entender de verdade, a pessoa precisa de um diploma em física.

Tudo que sei é que posso ir para qualquer dimensão e me manter no controle o tempo todo. Onde ir, o que fazer, quem visitar... eu decido tudo. Também sei que só se pode criar

um viajante desse tipo em cada universo (parece que criar mais de uma exceção a uma regra da física pode desestabilizar a realidade de forma grave).

Mas ainda não entendi por que Wyatt Conley faz tanto escarcéu com isso.

— Outras pessoas já podem viajar entre dimensões! Ok, é um pouco mais complexo. Não importa. Já sabemos que você usa o Furtanoite com qualquer um, já deixou isso claro. E você consegue viajar tão bem quanto eu, então pode resolver suas próprias pendengas sozinho! Por que continua atrás de mim?

— Vou ter um trabalho importante em breve — diz ele, parando de sorrir. — Um trabalho complicado, que envolve viajar para universos que não consigo alcançar. A Tríade precisa de você do nosso lado, o mais rápido possível. Vamos ser justos: eu tentei convencer você de maneira gentil, não foi? Se você aceitar trabalhar comigo, será recompensada de formas inimagináveis. Mas parece que vamos precisar de medidas mais extremas para convencê-la a trabalhar com a gente...

— Como, por exemplo, sequestrar Paul para esta dimensão, como fez com meu pai?

Para minha surpresa, ele negou com a cabeça. A luz alaranjada vinda das tochas fazia sombras esquisitas e deixava seu rosto bastante assustador.

— Não exatamente. Desta vez, te dei um desafio.

— Sim, porque o lembrete não funcionou.

Como será que ele conseguiu impedir que meu Paul acordasse? O Firebird parece estar funcionando normalmente, exceto por essa leitura estranha que não consigo compreender.

Wyatt Conley vai até a janela arqueada e olha para fora, ainda que, convenhamos, em um mundo sem eletricidade, não há muito o que ver. A luz da lua ilumina de leve a cidade, que consiste numa sequência de casas espalhadas por detrás da alta montanha do castelo.

— Já te disse, mas acho que você estava irritada demais para ouvir.

— Já me disse o quê?

Ele se vira na minha direção e se apoia na parede de pedra com a mesma petulância de sempre, com os braços cruzados.

— Seus pais não descobriram o perigo ainda? A possibilidade de fragmentação?

Nunca ouvi meus pais usarem esse termo, exceto quando o assunto era física em geral. Eu estava prestes a mandar Conley parar com esses joguinhos... quando lembrei que eles *falaram sobre isso, sim*. Não deram um nome, mas já tinham descoberto que era um risco. Só não sabíamos o tamanho do perigo.

Esta conversa realmente aconteceu há cinco dias? Parece que foi há tantos anos!

— Nós devíamos ter reconhecido o potencial disso antes — falou minha mãe, se referindo ao que eu agora aprendi se chamar “fragmentação”. — Consciência é energia.

Energia consiste em pacotes de quanta. É natural que esses pacotes possam se... dissociar, por assim dizer.

— Fragmentados? — disse Paul, assustado. — O risco de que isso realmente aconteça...

— É remoto — interrompeu meu pai.

Os três estavam sentados à mesa de arco-íris, cercados por pilhas de papel e um laptop cuja luz brilhante evidenciava que eles estavam afundados em trabalho, mesmo depois do jantar de sábado.

Em um dia normal, Theo estaria trabalhando com eles, mas era minha vez de lavar a louça e ele se ofereceu para ajudar. Mesmo assim, ele se meteu, lá de longe:

— Tem certeza, Henry?

— Absoluta. As chances são ínfimas. A pessoa praticamente teria que causar uma fragmentação de propósito, mas não acho que alguém seria idiota a ponto de tentar uma coisa imbecil dessas.

Papai começou a digitar alguma coisa no laptop com tanto interesse, que eu sabia que ele estava tentando encontrar algo com uma probabilidade parecida.

— Ah, que ótimo — resmungou Theo, rabugento, enquanto secava o pegador de salada. — Como se os Firebirds não fossem perigosos o bastante.

Tentei argumentar com ele:

— Você é tipo uma pessoa que tem mais medo de voar de avião que de dirigir, mesmo sabendo que as chances de morrer em um acidente de carro são muito maiores.

— É, mas se eu morrer dentro de um Pontiac 1981, pelo menos morro com estilo — respondeu ele, e eu ri.

Paul, lá da sala, me olhou bravo, não com ciúmes, mas acho que de esperança. Ele quer que as coisas voltem ao normal com Theo. E rir é um sinal de que tudo está voltando a ser como antes.

Os dois sempre foram muito amigos. E, além do interesse pela física, eles parecem não ter quase nada em comum: Paul com suas roupas de brechó, sem nenhum conhecimento de cultura pop, enquanto Theo usa chapéus fedora e camisetas do Mumford & Sons. Mas os dois são jovens para já estarem cursando o doutorado: Theo tem 22 anos e Paul acabou de fazer 20. Os dois acreditaram no projeto Firebird dos meus pais quando ninguém mais acreditou. E viraram parte da nossa família esquisita. Durante aquele tempo, enquanto todos estavam envolvidos em reescrever as leis do universo natural como o conhecíamos, as emoções ficaram um pouco confusas.

(— Devíamos ter previsto isso — falou minha mãe, quando contei a meus pais sobre nós. — Isolar indivíduos por longos períodos de tempo, mantendo-os longe de qualquer

outro parceiro romântico possível, ainda mais neste estágio altamente ativo de desenvolvimento sexual... Era inevitável que surgissem fortes ligações emocionais.

— A gente não gosta um do outro só porque passamos muito tempo juntos! — protestei.

— Claro que não, meu amor. — Meu pai segurou minha mão. — Mas você tem que admitir que isso *ajudou*.)

Paul e Theo se apaixonaram por mim. Eu me apaixonei por Paul.

Não é que eu não me importe com Theo; eu me importo muito. Seria mentira se eu dissesse que nunca me senti atraída por ele. Por um tempo, inclusive, quando Paul foi acusado de ter matado meu pai e eu estava louca com o luto e me sentindo traída, cheguei a me perguntar se não seria melhor ficar com Theo, no fim das contas.

Mas Paul e eu nos encontramos novamente. E Theo foi deixado de lado. E mesmo que nós três saibamos que ninguém fez nada de errado nessa história, eu e Paul não conseguimos deixar de ficar constrangidos quando Theo nos vê juntos.

Naquela noite, no entanto, quase acreditei que as coisas tinham voltado ao normal. Nossa casa em Berkeley Hills parecia quase a mesma, com plantas por todo lado e em todas as estantes, o corredor com a parede de quadro-negro coberto de equações, a mesa de arco-íris exatamente onde sempre estive e inúmeras pilhas de livros nos cercando, tão altas quanto os móveis. A mochila simples de Paul e a bolsa carteiro velha de Theo estavam aninhadas perto da porta, junto da minha jaqueta jeans e do capacete de ciclista da mamãe. Os dois praticamente moram com a gente, assim como todos os assistentes que meus pais tiveram ao longo dos anos.

Mas Paul e Theo sempre foram diferentes do resto. Mais próximos da gente, mais importantes que os outros. Eu sabia disso mesmo antes de eles terminarem de montar o primeiro Firebird.

— Achei que Josie vinha para cá — falou Theo. — Ela não voltava de San Diego hoje?

— Não, ela disse que as ondas estavam boas demais para sair de lá. — Borrifei um pouco mais de detergente na pia. Minhas luvas de borracha rosa brilhavam. Theo não gosta de usar luvas, então estava com as mãos cheias de sabão e espuma. As bolhas tinham cheiro de limão. — Ela vem amanhã.

Ele balançou a cabeça e disse:

— Se as ondas estão tão boas assim, vou ficar surpreso se ela vier. Não é muito a cara da Josie perder uma chance de surfar.

— Depois do que aconteceu com papai, ou melhor, do que pensamos que tinha acontecido com ele... — E não precisei terminar a frase, pois o olhar que Theo me deu

indicava que ele entendeu o que quis dizer. Minha família sempre foi muito unida, mas agora que o mundo estava contra nós, agora que sabemos o que significa perder alguém assim tão próximo, é como se toda a união do mundo não fosse suficiente. Sorri e acrescentei: — Bom, mas essas são as férias dela. E as suas? O que você anda fazendo? Alguma coisa divertida para contar?

— Aprendi minha lição — disse ele.

No ano passado, Theo arrastou Paul para Las Vegas. Paul foi expulso do Caesar's Palace por descobrirem que estava contando cartas, e ele não entendia que “dominar a teoria da probabilidade” é o mesmo que “trapacear”, dentro de um cassino. Deixaram ele ficar com o dinheiro que ganhou, mas, pelo que entendi, ele teve que usar quase tudo para recuperar o carro do Theo, que perdeu em uma rodada mal jogada de bazar. Eles voltaram para casa ainda mais amigos que antes, mas Paul disse que não via graça nas férias.

Theo, por outro lado, sempre via graça se tivesse festa no meio. Porém, por mais casual que ele tentasse parecer ao ficar com a gente, sei que ele queria ficar por perto também.

Ainda assim, existem outras maneiras de viajar...

Pensei em perguntar a ele sobre isso algumas vezes, mas naquela noite finalmente me senti à vontade para falar:

— Você pensa em viajar sozinho com o Firebird? Em ver outras dimensões por você mesmo?

Ele ficou quieto por um tempo, enquanto colocava mais um prato na máquina de lavar. Até que respondeu:

— Não sei se faria isso.

— Nunca?

Nos últimos dois anos, Theo foi a pessoa que mais parecia empolgada com a ideia de conhecer novos universos. Mas ele olhou para mim, e acho que nunca tinha visto uma expressão tão séria em seus olhos. Então ele disse:

— Já vi como é do outro lado, Marguerite. E não foi tão divertido assim.

Nos últimos outono e inverno, sempre que falávamos com Theo, sempre que ele nos convencia a fazer alguma coisa, não era com *nosso Theo* que estávamos falando. Era o corpo dele, mas sua consciência pertencia ao Theo Beck de outro universo, agindo como aliado e espião de Conley. Foi aquele Theo quem organizou o sequestro do meu pai e incriminou Paul pelo suposto assassinato. Foi ele quem me transformou no “viajante perfeito” para Conley e que depois me convenceu a fazer as primeiras viagens com o Firebird.

Aquele ao qual me agarrei depois que achei que meu pai estava morto, que beijei em outra dimensão, e, em um momento de grande fraqueza, aquele com quem quase dormi... e

aquele que Theo culpa por ter destruído o que quer que fosse acontecer entre nós dois.

Nisso ele está errado. Para mim, a razão sempre foi Paul. Nunca poderia ter sido nenhum outro. Mas a sombra do outro Theo está sempre pairando sobre nós.

— Ainda tenho vontade de usar, às vezes. — Ele olhou pela janela da cozinha para a escuridão lá fora. — O Furtanoite.

Furtanoite é a única maneira de quebrar as regras das viagens entre universos. É uma droga verde-esmeralda, injetável, inventada no Triadverso, que permite que um viajante dimensional mantenha o controle da situação. Um viajante que usou o Furtanoite permanece no controle tanto quanto eu. Mas a droga tem um lado negativo muito forte. Primeiro, é viciante, e pode causar ataques epiléticos. Segundo, o Furtanoite pode ser feito com o que consideramos produtos químicos caseiros, mas, se você estiver em um universo em que esses produtos não são comuns, fica difícil fabricá-los por conta própria. (Ainda que a consciência possa viajar entre dimensões com facilidade, é muito, muito difícil fazer o mesmo com matéria física. Então esqueça a ideia de levar um pouco de Furtanoite com você.) Terceiro, os efeitos da droga acabam em mais ou menos um dia, o que significa dizer que se não tiver mais com você, está ferrado.

Quando o outro Theo dominou o nosso, tomou aquela droga durante meses sem parar. E o meu Theo, aquele que ficou do meu lado naquela noite, teve que sofrer o processo de desintoxicação. E pior: teve que viver com a memória do outro usando seu corpo para nos colocar em perigo e nos trair.

— Não é sempre assim — falei, baixinho. — Paul e eu tomamos conta das nossas outras versões. Tentamos viver a vida deles o máximo que pudemos. Nunca os forçaríamos a algo que não quisessem fazer ou não fizessem normalmente.

Ainda que, uma vez, no Russiaverso, eu tenha passado um pouco dos limites.

— Não estou julgando vocês. Sei que é diferente a maneira que você e Paul lidam com as viagens. É só que... — Ele ficou muito quieto. — Já vi como fico quando sou um viajante. Encontrei justificativas para tudo de ruim que se pode fazer com alguém, usando o argumento de que estava “protegendo” você. E, no fim, eu estava entregando você de bandeja para Conley.

— Ei. Está tudo bem. Ninguém se machucou.

Quase coloquei a mão no ombro dele, mas então lembrei que estava usando luvas de borracha molhadas.

Ele balançou a cabeça e sorriu com dificuldade.

— Não foi por minha causa. Fala sério. Ajudei a sequestrar Henry, inclusive. — Ele apontou para meu pai, que a essa altura já se tornou pai adotivo dele. — Incriminei meu

melhor amigo por assassinato. E arrastei você para uma viagem muito perigosa só para provar para Wyatt Conley que ele poderia usar você.

— Não foi *você* quem fez essas coisas!

— Foi uma versão de mim que fez. Você disse isso centenas de vezes: cada um de nós, em cada dimensão, é a mesma pessoa, de algum modo. Temos a mesma construção de caráter, a mesma essência, a mesma alma, ou seja lá como você queira chamar. — Ele se apoiou na geladeira e suspirou. — Escute o que vou te dizer: quando um físico começa a falar de almas, é porque a coisa está feia.

— Não acho que falar de almas é besteira nem maluquice... Nunca achei, na verdade, mas depois que essas viagens começaram, e aprendi como são reais, como são importantes...

Theo deu de ombros.

— O que quero dizer é que todos nós sabemos que isso é perigoso. Aparentemente, assim que ganho um pouco de poder, isso sobe à minha cabeça. E eu nunca, nunca iria querer virar um cara disposto a *qualquer coisa* como aquele Theo era com todos vocês. Então acho melhor ficar de fora dessa.

Ainda que eu quisesse fazer com que ele se sentisse melhor, não soube como. Com tudo isso, passei a acreditar que realmente existe algo que flui por todas as dimensões, em todas as versões de nós mesmos, como uma identidade comum que se sobrepõe a todas as diferentes situações. A crueldade e a ilusão sob a qual o outro Theo vivia... isso tudo só pode fazer parte deste Theo também, não é?

Quando nossos olhares se encontraram, eu sabia que ele conseguia ler meus pensamentos. Theo baixava seus olhos escuros de vergonha por coisas que nunca escolheu fazer.

A sombra que nos perseguiu nesses últimos três meses despencou sobre nós dois novamente. Ele voltou a olhar para a louça, atacando os pratos com um vigor renovado, e parei de pé do seu lado, como antes. Nenhum dos dois disse mais nada, porque não havia mais o que falar.

Depois disso, Theo se afundou em trabalho, pegou o laptop e foi para a varanda de trás da casa.

— Preciso de um pouco de paz — disse ele, e meus pais foram gentis o suficiente de não perguntarem o porquê.

Paul foi com ele, no entanto, e eu tive que me esforçar muito para não tentar escutar a conversa dos dois.

Assim que a porta da varanda se fechou, mamãe perguntou, despreocupada:

— Paul vai dormir aqui?

— Mãe!

— Não estou me metendo! — Ela voltou a se sentar à mesa de arco-íris, pronta para retornar ao trabalho. — Só preciso saber o que fazer para o café da manhã.

Nossa sala era quase um dormitório universitário informal. Sempre que os alunos estão trabalhando com meus pais, praticamente se mudam para cá.

Mas minha mãe não estava perguntando se devia pegar colchas e colocar sobre o sofá.

A maioria dos pais surtaria só de imaginar os filhos adolescentes fazendo sexo. Os meus não chegaram ainda nessa fase porque estão *animadíssimos* por Paul e eu estarmos juntos.

(Em janeiro, durante a primeira conversa que tive com meus pais sobre meu relacionamento com Paul, minha mãe, do nada, sugeriu:

— Você precisa se proteger. Vamos ter que ler sobre a porcentagem de eficácia das camisinhas, pílulas anticoncepcionais e injeções de hormônios...

— Ai, meu Deus — falei, vermelha que nem um camarão. — Isso não... não estamos... Isso não é uma preocupação ainda.

Claro que isso não levava em conta o incidente do Russiaverso, mas aquilo ficou entre Paul e eu. E aquela Marguerite, que está a algumas dimensões de mim.

— Mas vai ser um dia — respondeu papai, calmo. — Você e Paul são jovens, saudáveis, apaixonados... é só questão de tempo. E você não quer um filho a esta altura da vida, não é?

Mamãe olhou encantada para ele e disse:

— Ainda que, devo confessar, a combinação genética de vocês dois... o talento, o potencial... Pense um pouco, Henry. Se eles tivessem um filho, nosso neto seria incrível. Extraordinário.

— Não seria? — Papai se recostou no sofá onde estavam descansando e eu fiquei lá, parada, olhando para os dois, sem acreditar. — Vocês dois deviam ter um filho, ia ser maravilhoso. Só não agora.

— Opa! Podem ir mais devagar, vocês dois — falei, levantando a mão e tentando parar aquilo tudo com meu gesto. Mas eles pareciam não me ouvir.

— A gravidez e a criação da criança poderiam atrapalhar seus estudos de arte e a dissertação do Paul, então... É, não pode ser agora — disse minha mãe, parecendo muito pensativa, e acho que se eu desse um calendário na sua mão, ela teria começado a contar os meses para chegar à data ideal da concepção.

Foi quando meu pai deu a mão a ela.

— Sabe, Sophie, talvez a gente possa ajudar. Ou até cuidar do bebê enquanto os dois terminam os estudos... Nós sempre quisemos mais um pequenininho! Então talvez eles devessem começar logo.

Mamãe olhava fixo para ele, admirando sua ideia genial.

Quando tive forças para falar novamente, só disse:

— Cara, vocês dois são... Vocês são os *piores* exemplos do mundo!

— Também acho! — exclamou minha mãe, sorrindo, tão feliz que só neste momento entendi que os dois estavam tirando uma com a minha cara. Na maior parte daquela conversa, pelo menos. Peguei uma camiseta de Josie que estava em cima do sofá e joguei nos dois, o que os fez começar a rir. Bem mais tarde naquela noite, quando eu e mamãe estávamos na varanda de trás, ela finalmente falou comigo a sério:

— Você sabe o quanto seu pai e eu gostamos de Paul. Não, não gostamos, nós o amamos.

Assenti. Estávamos lado a lado, sentadas nos degraus de madeira que levavam ao nosso quintal pequeno e inclinado. A luz sobre nós vinha das luzinhas em formato de peixes tropicais que Josie colocou no corrimão há muito tempo.

— Isso não vai estragar nada entre nós, vai? — perguntei.

Ela me abraçou.

— Marguerite, mesmo considerando o tanto que gosto de Paul, você é minha filha e sempre vai ser minha prioridade. Se você e ele tiverem algum problema, se esse namoro acabar um dia, eu estarei do seu lado. Mesmo que você esteja errada. Você vem em primeiro lugar.

O que foi muito fofo da parte dela, mas não foi o que perguntei. Terminar com Paul? Isso nunca vai acontecer. Eu estava preocupada com Theo. Mas ela continuou:

— Todos fazemos parte da vida uns dos outros, e do trabalho também. De certa forma, isso vai sempre ser verdade. Não importa o que aconteça com você e Paul no futuro, essa conexão vai sempre existir.

Ela passava os dedos pelo meu cabelo, que é tão cacheado quanto o dela.

— Relacionamentos para a vida toda são complicados. Fazer um romance durar dá bastante trabalho.

— Eu sei — respondi.

Mas eu já sabia que Paul e eu fomos feitos um para o outro. Destinados, de uma forma real, literal, verificável. Não se pode lutar contra o destino, e eu nem queria tentar.)

Paul não dormiu na nossa casa nenhuma vez desde que voltamos a este mundo. Em parte, acho que isso aconteceu porque estamos nos sentindo muito vigiados, mas também porque estamos com medo de magoar Theo. Acho que principalmente porque estamos tentando ir devagar. Esperando o momento certo.

No Russiaverso, fomos muito apressados.

Naquela noite, quando eles descobriram o perigo da fragmentação, papai voltou para o salão ao mesmo tempo em que Paul voltou da varanda. Ele segurou minha mão e disse aos meus pais:

— Querem verificar os números mais uma vez?

Mamãe e papai se olharam, e ela respondeu:

— Já encerramos por hoje. Vamos verificar de novo amanhã cedo no laboratório e continuar de lá. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Ou seja: sim, vocês têm tempo livre para ficarem sozinhos.

Isso não parecia tão bom quanto ela fez parecer. Dar uns amassos no meu quarto não é tão divertido quando preciso me preocupar com a possibilidade dos meus pais escutarem alguma coisa, ou pior, com eles na sala torcendo por nós. Antigamente, eu era gentil e sempre ouvia música com fones de ouvido. Hoje em dia, coloco o volume alto no quarto.

Paul ficou ali parado, sem graça. Ele ainda não sabia lidar com aquele limite entre “respeito pelos orientadores” e “tesão pela filha deles”. Então, resolvi falar alguma coisa:

— Ok, a gente só vai...

E ouvimos um barulhão vindo da varanda.

— Theo?

Soltei a mão de Paul e fui até a porta de correr, mas meu pai saiu na frente. Ele abriu a porta e soltou um palavrão enquanto corria para fora. Saí atrás dele e parei, horrorizada.

Theo estava caído no chão. O laptop também tinha desabado, a meio metro dele, e a luz da tela iluminava seu rosto. Dava para ver o branco dos seus olhos, a boca entreaberta.

Meu Deus. Ele está morto? Parece morto!

O corpo de Theo estremecia, depois começou a tremer, tendo convulsões. Os braços e pernas estavam duros, balançando com tanta força que pareciam martelar o chão da varanda. Dei um grito:

— Ai, meu Deus, ele está tendo um ataque epilético!

— Chame a ambulância! — gritou Paul atrás de mim, e ouvi os passos da minha mãe correndo para dentro da casa.

— O que a gente faz? — perguntou meu pai enquanto nos abaixávamos ao lado de Theo. — Será melhor colocar alguma coisa na boca, para ele não engolir a própria língua?

— Não! Não façam isso! — Li que isso era um erro com pacientes epiléticos, mas não sabia o que mais podíamos fazer. — Vamos só... ficar aqui. Com ele.

Será que Theo podia nos ouvir? Eu não fazia ideia. Só sabia que meu sangue parecia correr quente e gelado, alternada e repetidamente. Minhas mãos tremiam. Por mais assustada que eu estivesse, sabia que ele devia estar mais assustado ainda.

— Theo, está tudo bem. Vamos levar você para o hospital, ok? Estamos aqui com você.

Papai perguntou se ele já tinha mencionado algum episódio como esse em algum momento.

— Não — respondeu Paul, triste.

Será que ele estava doente? Por favor, tomara que esteja doente.

Mas sabíamos muito bem que Theo não era epilético. Sabíamos de quem era a culpa.

O Furtanoite. A droga que o espião do Wyatt Conley injetou no corpo de Theo diversas vezes, por meses. A droga que ele me disse que ainda lhe dava calafrios. Aparentemente, deixou mais sequelas do que imaginávamos. Theo não estava melhorando, estava ficando pior.

Conley nos disse que não gostava de depender do Furtanoite para manter seus viajantes interdimensionais. Ele sabia que a droga era perigosa. Mas aquela noite foi a primeira vez que entendi a dimensão do perigo.

Foi a primeira vez que pensei que Theo podia morrer.

E foi naquela noite que Paul decidiu que faria o que fosse preciso para salvá-lo.



O vento sopra pela janela sem vidros do Castelo de Santo Ângelo, tirando do lugar o véu que uso sobre o cabelo.

— Você sabia que Paul teria que vir para o Triadverso — falei com Conley. — Para buscar uma cura para Theo.

— Posso te dar isso também. — Ele deu um risinho. — A chance de salvar os dois. Você salva seu Theo do que o Theo do Triadverso causou a ele. E salva Paul das consequências da viagem dele ao meu universo.

— Isso quer dizer que você... fragmentou Paul de propósito?

Ele dá um grande sorriso.

— Bingo.

Agora entendo por que o lembrete não funcionou. Ele só poderia ter acordado a alma do Paul se... se a alma dele estivesse inteira na versão deste mundo.

Mas Wyatt Conley despedaçou a alma dele.

Nada que eu pudesse dizer, ou melhor, gritar com Conley, expressaria minha raiva. Não existem palavrões obscenos o suficiente para expressar o ódio no meu coração.

Em vez disso, parti para cima dele.

Nossos corpos colidiram enquanto eu o joguei na parede, deixando Conley sem ar de susto. Nós dois batemos com a lateral do corpo, mas consigo me recuperar mais rapidamente. Ele cai na pedra, as vestes vermelhas fazendo uma poça em volta dele. Quem dera todo aquele vermelho fosse sangue.

Uma calma terrível me assola. Talvez seja assim que as pessoas se sintam antes de cometer um assassinato.

— Você *matou* Paul...

— Não matei. — interrompe Conley. Ele parece ter dificuldade para voltar a respirar normalmente. — Só o dividi. São coisas muito diferentes.

— Você fez a alma dele em pedacinhos! Você o destruiu!

O sorriso de Conley não é tão presunçoso quando ele está no chão.

— Mas você pode trazê-lo de volta.

O que será que ele quer dizer? Olho de novo para o Firebird, para a leitura que nunca vi...

— Os lembretes servem para outra coisa também — diz ele. — Podem acordar a alma de alguém ou capturar um fragmento individual. Você pensou que tinha perdido Paul, mas já o salvou, ou melhor, salvou uma parte dele.

Um fragmento da alma do meu Paul está pendurado nesta corrente, no medalhão que estou segurando.

Eu me debruço sobre Conley para puxar seu traje com uma mão só.

— Me diga onde estão escondidos os outros fragmentos da alma dele.

— Se você quer essa informação — começa ele —, vai ter que merecer.

Cinco noites atrás, no hospital, meus pais conseguiram ficar com Theo enquanto eu e Paul fomos barrados, aguardando na sala de espera da emergência. Se eu fosse dona de um hospital, faria os espaços passarem a impressão de serem um pouco mais confortáveis. Em vez disso, o quarto parecia ter sido feito para nos torturar: luz fluorescente, cadeiras desconfortáveis, uma pilha de revistas amassadas de pelo menos um ano atrás e uma televisão barulhenta que exibia um juiz gritando em algum programa idiota para quem fosse mais idiota ainda para assistir àquilo.

Paul e eu demos as mãos, mas estávamos assustados demais para consolar um ao outro. Ficamos ali, quietos.

Então sussurrei:

— Theo nunca disse nada sobre ainda ter sequelas. Ele ainda sentia vontade de usar o Furtanoite, mas não achei que fosse assim.

— Ele não tem me contado as coisas ultimamente. — Paul olhou para baixo, para seus tênis cinza surrados: até os sapatos dele são comprados em brechós. — Achei que o silêncio dele era por sua causa. Por nossa causa. Nunca pensei que ele estava mais preocupado com outra coisa.

Todo o desconforto dos últimos três meses, todos os silêncios estranhos, todas as vezes em que Theo não apareceu regularmente quando estávamos esperando por ele... Por que eu achava que tudo tinha a ver com meu relacionamento com Paul? Achei que ele estava com ciúmes, ou, pelo menos, magoado... Nunca pensei em nada além disso. Nunca fiz as perguntas que devia ter feito. E durante todo esse tempo, ele sofreu sozinho.

Paul murmurou:

— Eu devia ter imaginado isso.

— Ele não tem estado próximo o suficiente para que tivéssemos notado alguma coisa — falei.

E é verdade, mas foi impressionante como meu comentário não ajudou em absolutamente nada. Então Paul respondeu:

— Os sinais estavam todos lá. Eu é que não vi. — Ele se afastou do encosto da cadeira, os ombros caídos para a frente, como se tivesse acabado de segurar algo muito pesado. — Notei que ele estava dirigindo menos. Que estava saindo menos de casa. E pensei... Depois de tudo o que aconteceu, pensei que Theo só estava querendo um tempo da gente. Mas eu devia saber que ele jamais deixaria de curtir as férias de verão.

Ao dizer isso, Paul cobriu o rosto com as mãos e eu me inclinei sobre seu ombro. Não sei dizer muito bem se minha intenção era dar forças a ele ou conseguir alguma. Nenhuma das opções funcionou.

Meus pais não apareceram mais até quase uma da manhã. A luz marcava todas as rugas e cabelos brancos dos dois, mas não era por isso que eles pareciam ter envelhecido dez anos em três horas. O medo parecia tê-los deixado um pouco vazios.

— Como ele está? — perguntei, a voz falhando.

— Nada bem. — Meu pai se sentou em uma cadeira diante de nós. — Theo está fora de perigo imediato, mas os sinais vitais, o exame de sangue... Os médicos não sabem o que fazer.

Minha mãe parecia contar algo com os dedos enquanto perambulava por entre as cadeiras.

— Ele está anêmico. Os pulmões estão danificados, como se fosse uma consequência de anos de tuberculose sem tratamento... Mas é claro que ele nunca teve tuberculose. E os músculos das pernas e dos pés dele... o nível de degeneração fez com que um dos médicos pensasse que Theo está com uma distrofia muscular ainda em estágio inicial.

Mordi o lábio inferior, torcendo para que a dor me impedisse de chorar. A voz de Paul soou tão seca quanto achei que a minha estaria.

— Mas ele não está. Não é?

— É possível, mas improvável. Todos nós sabemos a causa mais provável — respondeu mamãe, balançando a cabeça.

O Furtanoite.

— Qualquer que seja o efeito negativo que a droga teve sobre o corpo do Theo, não foi interrompido quando ele parou de tomar — explicou ela. — Parece que o estrago já seguiu um caminho sem volta.

O que ela quis dizer era óbvio, mas não entendi na hora. Não me permiti entender. Algo no meu cérebro se recusou a absorver aquelas palavras. Perguntei:

— Mas ele vai melhorar, não vai? Agora que finalmente se consultou com um médico?

Papai respondeu com carinho:

— A esta altura, não sabemos. A equipe médica não entende o estado dele, o que significa que não podem fazer qualquer diagnóstico significativo. Mas o estado dele continuar piorando mesmo depois de tanto tempo sem usar o Furtanoite... isso me preocupa.

Mamãe pigarreou, como sempre faz quando está segurando o choro. Ela queria chorar. Ouvei esse som uma vez antes, quando ela abriu a porta para aquele policial que a aguardava, de quepe na mão. Era como se ela soubesse que ele estava ali para contar que papai estava morto, mas ela se recusou a acreditar até o momento em que não tinha mais jeito.

Naquela noite, ela acreditou no pior em relação ao Theo.

Que ele pode morrer porque Wyatt Conley enviou um espião para drogá-lo repetidas vezes, durante meses. Por causa dos jogos de Conley por poder. Porque ele tem sonhos grandiosos de dominar o multiverso.

Eu não tinha pensado que seria possível odiar Wyatt Conley ainda mais do que eu já odiava. Estava enganada.

Eu me torturei por causa disso a noite toda. Por que fui tão idiota em relação ao Theo? Ele aceitou minha escolha por Paul, nunca tentou fazer nenhum de nós dois nos sentirmos mal com nada disso. Se eu tivesse acreditado nele, se tivesse aceitado que ele estava bem com tudo isso, com Paul e eu estarmos juntos, talvez tivéssemos passado mais tempo com ele e teríamos notado que as coisas não estavam indo bem.

No dia seguinte, depois que Josie chegou, contei tudo isso para ela, que não deu muita bola.

— Escute, Marguerite — disse ela, de pé na cozinha, enquanto tomava o terceiro copo de café. A cafeína compensava o fato de que ela tinha antecipado o voo para 6h30 da manhã

para ficar logo com a gente. — Vocês não sabiam de nada porque Theo não quis que vocês soubessem. Ele escondeu os sintomas de todo mundo, e a culpa disso é só dele.

— Mas não é típico dele manter segredos assim — retruquei. Paul? Certamente. Ele esconde todos os medos e sentimentos de todos, muitas vezes por tempo demais. Mas Theo gosta de contar tudo a todo mundo, desde os times de hóquei até como estacionar na Berkeley. — Se ele não estivesse desconfortável perto de mim e de Paul, podia ter dito alguma coisa.

Josie colocou o copo de café na mesa e segurou meus ombros.

— Sei que é difícil acreditar no que vou te dizer agora, ainda mais com a Tríade te tratando como se você fosse o cálice sagrado. Mas nem tudo que acontece no mundo é por sua causa.

Aquilo doeu.

— Então por que Theo parou de contar tudo para a gente de repente?

— Quer mesmo saber? Acho que os sintomas devem ter assustado ele. Provavelmente estava tentando negar que tinha algo sério acontecendo. E ele não podia contar a vocês sem antes aceitar sozinho.

Considerarei o que ela disse, e realmente fazia sentido, em parte. Não era a história toda, mas eu senti que podia respirar de novo.

— Quando a gente pode fazer uma visita a ele? — perguntou Josie. — Já deve estar no horário de visitas, né? Quando os pais dele chegam da capital?

— Theo não te contou? Eles não estão mais na capital. — Os Beck trabalham nas Relações Exteriores do país, o que significa que viajam pelo mundo todo. Na maior parte do tempo, estão em Washington, aprendendo novos idiomas, fazendo trabalho diplomático etc. Mas Theo nasceu no Chile, foi para o jardim de infância nas Filipinas e cursou o ensino fundamental na Islândia. Às vezes, acho que é por isso que ele é tão... hipster. Está tentando provar que domina a cultura norte-americana, que é melhor nisso até mesmo que o resto de nós. — Há dois meses os pais dele foram transferidos para a Mongólia. Não é uma viagem muito rápida. Vão levar uns dois dias para chegar.

— Devem estar surtando — disse Josie, suspirando, com a mão na testa. — Bom, mas podemos cuidar de Theo enquanto eles não chegam. E cadê seu namoradinho?

— Para de chamar ele assim.

— Por quê? — Ela sorriu pela primeira vez desde que a buscamos no aeroporto. — Ele não é seu namoradinho ainda?

O ritmo da minha vida sexual não é da conta dela. Ainda que eu saiba que posso contar qualquer coisa para Josie, ela não entende que eu e Paul precisamos ir mais devagar. Ela

sempre foi a rainha dos romances rápidos e intensos.

Então, naquela manhã, disse a ela:

— Você vai deixar Paul sem graça. Ele ainda está se acostumando a conviver com... isso.

— Indiquei a casa, as relações que temos uns com os outros, tudo.

— Ele nunca tinha ficado com ninguém antes, tinha? — perguntou ela.

Balancei a cabeça. Ele me disse que havia beijado duas garotas antes de mim, e uma delas foi por meio segundo, sem língua, portanto, nem contava. É isso que acontece quando um cara vai para a faculdade antes de chegar à puberdade. Paul passou a maior parte da última década rodeado por garotas cinco ou dez anos mais velhas que ele.

Mesmo assim, não posso negar que ele beija muito, muito bem.

Josie assentiu, com um sorriso quase inocente.

— E você e ele... estão bem?

— Sim.

Paul me levou para aquela floresta, Muir Woods, uma vez, e andamos de mãos dadas enquanto ele me explicava a origem do cosmos. Eu o levei a São Francisco para ver o Golden Girls Drag Show, o que o deixou confuso, como se fosse um E.T. chegando na Terra e vendo algo daqui pela primeira vez. Andamos de ônibus até Oakland para ir ao cinema no Grand Lake, que tinha uma sala antiga e luxuosa, depois tomamos café com donuts numa confeitaria superlegal ali perto. Nós temos nossas ocasiões especiais. Mas, de certa forma, a melhor parte é quando eu e ele podemos apenas *ser*. Em algumas noites, passo horas pintando enquanto ele lê ou trabalha nas suas equações, e já chegamos em um ponto no qual entramos e saímos de diferentes assuntos com muita facilidade e naturalidade. Somos bons juntos, melhores que eu jamais poderia imaginar que seríamos quando pensava em nós dois seis meses atrás.

— Ainda não consigo entender — admitiu Josie, andando na direção do sofá, usando a mesma roupa que ela colocaria para ir correr 5 km: leggings e um casaco esportivo. — Você não suportava o cara, e agora está apaixonada por ele.

— Não é verdade.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Ok, *não suportava* talvez seja exagero. Eu só achava que ele era... esquisito. Só isso.

— Mas ele ainda é esquisito — disse ela. — Sempre foi. Mas de um jeito bom.

— Então por que você implica tanto com isso?

Em vez de me responder logo, ela tomou mais um gole de café, pensativa. E finalmente disse:

— Assim que você trouxe papai de volta, assim que se apaixonou por Paul... você me disse que achava que a paixão aconteceu no Russiaverso.

— Sim, eu disse.

Eu me lembrei do tenente Markov dançando valsa comigo naquele salão enorme e decorado do Palácio de Inverno, a música tocando no canto do salão, a mão dele, quente, apoiada na minha cintura...

— Ok. — disse ela, hesitando, e entendi que estava com medo de me ofender. Mas Josie nunca se preocupa com isso nem comigo nem com *qualquer pessoa*. Então eu sabia que vinha coisa pesada. — Você tem certeza de que não amava somente aquele Paul? Porque quando você me contou sobre ele... Marguerite, você estava louca pelo tenente Markov. E ainda que ele seja uma versão do Paul, não são *o mesmo cara*.

Ela obviamente estava esperando que eu fosse surtar. Mas não fiquei com raiva. Josie não viajou para outras dimensões ainda, o que significa que ela ainda não entende o que eu já aprendi.

— O tenente Markov não é idêntico ao meu Paul Markov — falei. — Eu sei. Mas tem alguma coisa neles que é igual em qualquer dimensão. Algo profundo... a parte mais funda, mais significativa do que somos, essa parte está presente em todos os universos. Em todas as pessoas que podemos ser. Eu me apaixonei por aquele Paul, e pelo meu Paul, porque eu me apaixonei pelo que há dentro deles: as almas deles, se quiser chamar assim. Ou a alma. No singular. Uma.

Minha irmã não pareceu muito convencida.

— Você realmente acredita nisso? Que você está apaixonada por todos os Pauls, em todos os lugares?

— Não acredito — respondi. — Eu sei.

Naquela tarde, quando fomos visitar Theo no hospital, tudo no quarto dele era deprimente: as paredes lisas e de cor clara, a TV pendurada em um suporte preto de metal ajustável, exibindo um filme de ação genérico em algum canal a cabo, e, acima de tudo, aquela cama dobrável com molduras de plástico. Theo parecia um pouco melhor e sorriu quando chegamos, mas ainda estava muito pálido. No entanto, parecia alegre, o que também nos deixou contentes.

— Até que enfim vocês apareceram!

— Trouxe algumas coisas do seu apartamento — disse Paul.

— Não que a gente ache que você vá ficar aqui por muito tempo — acrescentei logo. — Mas pensamos que você podia querer algumas coisas.

— Os confortos do lar, né? — Ele sorriu. Tentamos vigorosamente parecer alegres, mas falhamos. — Ok, me mostrem o que pegaram.

— Em primeiro lugar — comecei —, essa camisolinha azul de hospital é meio cafona. Então, trouxe isso aqui.

De dentro da caixa de papelão, puxei o chapéu de palha que Theo comprou quando fomos à praia, no último verão.

Ele me deixou colocar o chapéu em sua cabeça e então o ajeitou.

— Nem preciso de espelho para saber que estou muito melhor agora.

— Um gato — observei.

Paul não comentou, em vez disso, acrescentou:

— Também trouxe seu e-reader, o celular, fones de ouvido e um par de meias.

— Meias? — questionou Theo, franzindo o cenho.

— Caso você sinta frio nos pés — respondeu Paul, como se fosse uma informação óbvia e desnecessária. Theo suspirou.

— Sério mesmo que você está preocupado com meus pés sentindo frio, irmãozinho? Acho que temos problemas maiores.

Acho que ele estava tentando fazer uma piada, mas eu e Paul nos entreolhamos, aterrorizados.

Já sabíamos o que tinha que ser feito. Mais tarde, no carro, nem discutimos opções: só argumentamos brevemente sobre qual de nós dois devia salvar Theo.

— Você sabe que eu devia fazer isso — falei.

— Não — retrucou ele, naquele tom de “não tenho argumentos, mas tenho razão” que sempre me deixa muito irritada.

— Sua versão do Triadverso fugiu para a América do Sul, lembra?

A gente cai nas nossas versões alternativas onde quer que elas estejam, e então temos que lidar com a situação que nos for apresentada. Já rolei pela escada, acordei debaixo d'água, enfim, todas as coisas mais esquisitas que se pode imaginar.

Mas Paul insistiu:

— Eu teria que entrar na sede da Tríade para pegar as informações necessárias. Tudo de que preciso é um computador, uma conexão sem fio e a habilidade de burlar a segurança deles.

— Você sabe que Conley deve ter aumentado a segurança desde a última vez.

— Sim, acho que essa seria a atitude mais lógica para ele.

— Então você concorda que há um problema?

— Posso não ser o candidato ideal, mas você é pior.

A rispidez com que Paul disse essa última frase me atingiu como um tapa na cara. Aprendi, no entanto, que com ele não se pode ficar magoada logo de cara, pois ele é ruim com as palavras. Então apenas pedi que explicasse melhor.

— Eu, pelo menos, tenho chance de conseguir as informações sem ser detectado — respondeu ele. — Você não.

Eu não queria que ele tivesse razão, mas sei que tinha. Meus conhecimentos de informática se resumem a saber ligar um computador e esperar a caixa mágica fazer o resto. Por que eu precisava ser a única da família a ter mais atividade do lado direito do cérebro? Paul também não é nenhum hacker, mas ele sabe um pouco sobre como atravessar firewalls.

— Aliás, quando foi que você virou especialista em segurança de computadores?

— Theo me ensinou — respondeu ele, suspirando.

A mão que estava livre repousou na minha coxa, então entrelacei meus dedos nos dele.

— Ele te colocou debaixo da asa desde o primeiro dia, né?

— Não no primeiro dia, mas foi bem rápido... Logo depois que encontrei um erro nas equações dele. Ficou meio puto no início, mas na tarde seguinte me disse que preferia que eu estivesse ao seu lado.

Isso parecia exatamente algo que Theo teria dito. Ele tem um ego do tamanho da Muralha da China. O que o salva é que ele está sempre disposto a admirar os outros tanto quanto admira a si mesmo.

Paul, então, começou a falar tão baixinho, como se nunca tivesse tentado dizer aquelas coisas em voz alta:

— Eu nunca tinha ido a uma balada antes de Theo me levar. Nunca tinha tomado cerveja. Então, ele me levou junto. Chamava isso de “adolescência remediada”.

Dá para entender por que Paul idolatra Theo. Mas ele não conheceu o *outro* Theo, não como eu. Fui eu quem fui levada à sede da Tríade para virar refém de Wyatt Conley, eu quem fui atacada no submarino... eu quem fui beijada por Theo, que se declarou para mim enquanto forjava a morte do meu pai e incriminava Paul pelo assassinato dele.

Theo é uma pessoa muito boa, mas também há uma escuridão muito profunda dentro dele. Mesmo naquela tarde, quando eu estava com mais medo do que nunca de que algo acontecesse com ele, não pude deixar de me perguntar o quanto o nosso Theo e o Theo do Triadverso têm em comum.

Já Paul não tinha esse tipo de dúvida. Sua lealdade a Theo era — e é — completa. Se ele tivesse que romper qualquer tipo de trégua com Wyatt Conley para salvar Theo, ele não pensaria duas vezes.

Conley dissera apenas que devíamos ficar longe do Triadverso. Mas foi o Triadverso que inventou o Furtanoite, o que significava que, caso existisse cura ou tratamento para os efeitos dele, é nesse mundo que iríamos encontrá-los.

Primeiro, nós dois voltamos ao dormitório de Paul. Como ainda não fazíamos ideia do quão longa seria a viagem, precisávamos que ele saísse de um lugar fechado, para que ninguém esbarrasse nele até que voltasse e seu corpo físico pudesse novamente interagir com este universo. Por exemplo, se ele fizesse a viagem sentado em um sofá, mas alguém estivesse no mesmo sofá na hora em que ele voltasse... Meus pais não têm certeza de que isso mesmo pode acontecer, mas existe o risco de dois corpos se fundirem em um de maneira permanente, talvez até fatal, e com certeza repulsiva.

Saindo do quarto dele e deixando a porta trancada, Paul queria garantir que jamais descobríssemos se isso era mesmo verdade.

Arrumamos ele na cama, esticado e confortável. Depois de algumas “aterriçagens” malsucedidas em outras dimensões, a gente aprende o valor de um retorno suave. Eu me sentei ao lado dele e baixe o rosto até nossos narizes quase se tocarem.

— Se você achar que Conley está atrás de você, mesmo que por um segundo, por favor, volte imediatamente — pedi. — A gente pensa em outro plano para conseguir a cura.

— Não vai acontecer, se dermos algo em troca, e isso está fora de cogitação. — Ele afastou um cacho do meu rosto e sussurrou, ainda tímido: — Te amo.

— Te amo também. Em qualquer mundo, em qualquer universo.

Ele sorriu com o canto da boca.

— Nesse mundo já está bom. — Depois ficou mais sério: — Às vezes, olho para você e penso... se eu não soubesse que nós dois temos um destino em comum, se eu não tivesse provas, jamais acreditaria que isso é verdade. Que você seria capaz de me amar tanto quanto eu amo você.

Eu sentia exatamente a mesma coisa.

— Sim, nós temos o mesmo destino. Fomos feitos um para o outro. O que significa que você foi feito para voltar para mim. Entendeu?

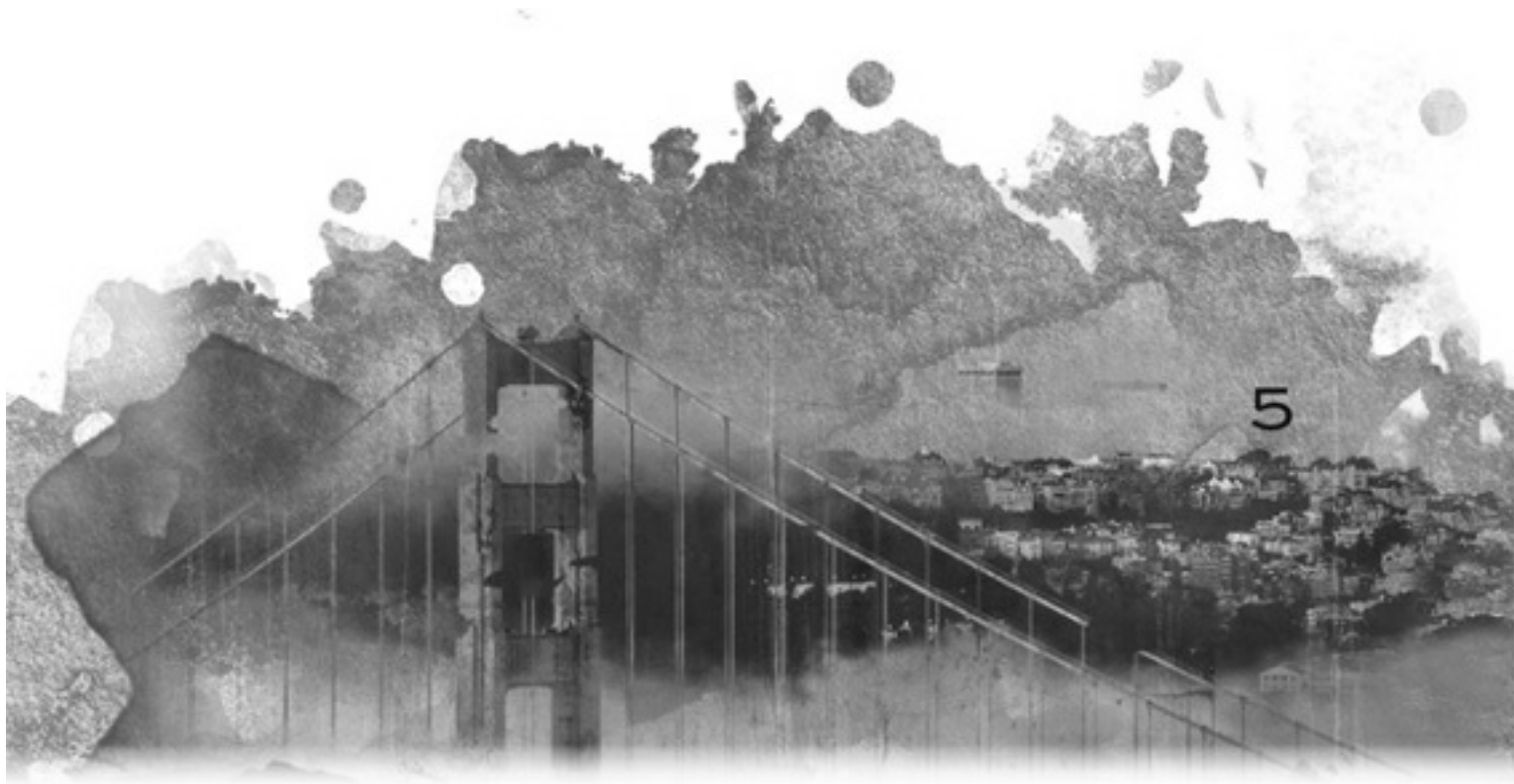
— Entendi.

Quando ele levou as mãos ao peito, tocou o Firebird com os dedos. Nossos olhares se encontraram, e...

E então nada. Ele não sumiu, não teve luz, estalo, nada e, de repente, nem sequer havia vestígio de que ele estava ali segundos antes. É claro, o corpo dele continuava ali, na nossa dimensão, parado, na cama do quarto: mas invisível, intocável. Nenhum instrumento científico da Terra seria capaz de encontrá-lo.

Descansei de leve as mãos sobre o espaço onde ele estava deitado. Alguns instantes atrás, eu teria conseguido sentir seu coração bater. O cobertor ainda estava quente. Repeti para mim mesma que Paul era capaz de qualquer coisa e que ele arranjaría um jeito de salvar Theo quando voltasse.

Mas Conley estava esperando por ele. Naquele mesmo instante, enquanto eu pressionava minhas mãos no calor que ele deixou na cama, sua alma estava sendo dilacerada.



Depois que meus pais terminaram o sermão por eu não ter contado nada sobre a viagem de Paul para o Triadverso em busca de uma cura para Theo, eles se sentaram comigo para esperar.

— Paul me disse que voltaria em vinte e quatro horas — falei, enquanto aguardávamos na varanda de trás da casa. — Ou o mais próximo possível disso. Mesmo que não encontre uma cura para Theo, ele prometeu voltar, nem que seja para nos tranquilizar.

— Vinte e quatro horas? — Meu pai balançou a cabeça, preocupado. — Se Conley descobriu uma forma de monitorar o tráfego interdimensional, Paul pode ser encontrado em minutos!

— Mas o Paul daquela dimensão já fugiu da Tríade — protestei. — Ele fugiu para o Equador.

Meu argumento não ajudou em nada.

— Você acha mesmo que um magnata do mundo da tecnologia como ele não consegue contratar pessoas no Equador?

— Henry, por favor. Isso não ajuda muito — disse mamãe, com a mão no ombro dele.

Imaginei Paul sendo feito prisioneiro. Sendo interrogado por homens para os quais a Convenção de Genebra não se aplicava. Minha barriga doía, como que por solidariedade. Será que foi uma ideia estúpida esconder isso dos meus pais?

— Vocês poderiam ter feito algo para que ele pudesse entrar no Triadverso sem ser detectado?

— Nada que Paul não conseguisse fazer sozinho — respondeu minha mãe. — Ele tem uma chance. Sabia dos riscos. E decidiu arriscar para salvar o melhor amigo. Temos que respeitar a decisão dele.

Ela estava falando com meu pai, que não respondeu. Deduzi que ia levar um tempão até que os dois nos perdoassem... ou, ao menos, que o perdão não viria até que Paul voltasse com uma cura milagrosa para Theo.

Mas não demorou tanto assim.

Quando já tinham se passado trinta e seis horas e nada de Paul voltar, meu pai já estava tão nervoso que nem conseguiu gritar comigo. Como o resto de nós, ele estava assustado demais para sentir raiva.

— Não matariam ele — falei, andando pela sala. — Matariam?

— Improvável. Conley não seria idiota de eliminar Paul sabendo quanto ele significa para nós. Mais provável que o mantenha como refém. — Minha mãe tinha um bom instinto para comportamento criminal. — Mas também acho que Conley não seria idiota de não nos avisar, caso tivesse capturado Paul. Então eu chutaria que ele ainda está em liberdade. Mas, se é isso mesmo, por que não voltou ainda, como tinha prometido?

— Talvez ele esteja muito próximo de descobrir uma cura para Theo — arriscou meu pai.

— Talvez — repeti. Mas nenhum de nós acreditava naquilo de verdade.

Dois dias após a partida do Paul para o Triadverso, estávamos todos praticamente sem dormir. Meu pai tinha uma teoria de que Conley capturara Paul, mas estava nos torturando um pouco, enquanto minha mãe achava que havia ocorrido um problema qualquer com o Firebird.

Nos dois casos, sabíamos que só havia uma forma de descobrir o que realmente ocorrera.

— Eu devia ir — disse papai. — Já deixei essas viagens com os mais jovens por tempo demais.

— Pai, não. Sou a viajante perfeita. Eu vou.

Durante os últimos três meses e meio, Paul e eu visitamos universos novinhos para testar os Firebirds e ver outras maravilhas dos multiversos. O que mais vi foram dimensões muito parecidas com a minha, mas nelas meus pais estavam trabalhando em pesquisas diferentes ou dando aula em outra universidade etc. Contudo, mesmo nesses mundos, era possível coletar uma quantidade muito rica de dados para uso da equipe do projeto Firebird. Eu fui porque posso viajar de forma muito mais eficiente que qualquer pessoa, e

Paul me acompanhou por ter mais experiência e também porque podia ser perigoso viajar sozinha.

Agora, no entanto, eu teria que fazer isso. A viagem mais perigosa de todas.

Mamãe se sentou à mesa de arco-íris, as mãos apoiadas no tampo.

— Então você deve ir. O medalhão tem função de rastreamento: localize Paul *imediatamente*. Assim que souber onde ele está, volte e nos dê um relatório completo. E decidiremos juntos como proceder a partir disso. Combinado?

— Ok.

Será que isso queria dizer que eu podia falar com Paul, se eu conseguisse, ou que apenas podia pegar a informação e voltar? Decidi que ia pensar nisso depois que chegasse lá.

— Se o Firebird de Paul estiver quebrado — continuou ela —, pode ser que ele tenha tentado voltar, mas acabou caindo em uma terceira dimensão. Seu Firebird está programado para rastrear o dele. Você vai conseguir seguir seus passos dimensionais, por assim dizer. E vai poder viajar para qualquer mundo no qual ele esteja.

— Por favor — falou meu pai, com a voz trêmula. — Por favor, me deixem ir. Três de vocês em perigo de uma vez só...

Meus pais amam Paul e Theo só um pouco menos do que a mim e Josie. Eles são como os filhos homens que nunca tiveram. Eu sabia que estavam preocupados com Paul, mas ver meu pai desse jeito partiu meu coração.

— Pai, eu sou boa nisso, posso fazer melhor que qualquer um. Tenho habilidade e experiência. Enquanto isso, você tem o conhecimento científico sobre os Firebirds. Se você for e o Conley acabar te capturando, estaremos todos ferrados.

Ele riu um pouco, e era essa minha intenção. Eu sabia que não poderia facilitar a situação para nós, mas pelo menos eu podia convencer meu pai da melhor coisa a ser feita.

Ou talvez não. Talvez papai ainda tenha odiado a ideia de me ver resgatando Paul tanto quanto antes. Mas parou de se opor, inclusive na hora em que abracei os dois e saltei do nosso mundo...

... e cáí no Triadverso, sentada em um café, olhando para o celular da minha versão deste mundo. Segurei na borda da mesa e olhei em volta, meio que esperando que algum babaca da Tríade fosse invadir o lugar com armas de eletrochoque. Em vez disso, só vi pessoas normais, olhando seus telefones, laptops e tomando cappuccinos.

Imediatamente, ativei o localizador Firebird... que não achou nada. Meu Paul não estava nessa dimensão.

Naquela hora, aquilo pareceu uma excelente notícia. Conley não tinha capturado Paul! Era só um problema no Firebird, como minha mãe dissera. Sorrindo, configurei o

rastreador para seguir os passos de Paul e entender os movimentos dele.

E foi assim que acabei na Roma medieval, perguntando a todos se alguém sabia de algum “Paolo Markov, da Rússia”, ao mesmo tempo em que tentava me desviar das acusações de bruxaria.

E, desse jeito, vim parar aqui agora negociando com Wyatt Conley pela cura de Theo e pela alma de Paul.

O Cardeal Conley se levanta e se ajeita de pé. Nesse instante, me dou conta de como ele fica ridículo com aquelas roupas de padre. É como se universo algum fosse permitir que um homem como ele fizesse parte do clero; Conley podia ser qualquer coisa, menos religioso, de bons valores morais. Mas também temos que pensar que na Idade Média isso não era requisito para um clérigo. Era uma posição que dava a um homem muita influência e poder político. Não foi à toa que o Conley deste universo se tornou um cardeal.

Com toda a solenidade de um pretensso ancião de Deus, Conley diz:

— Se você está achando que será fragmentada, Marguerite, me deixe tranquilizar sua mente: viajantes perfeitos não podem ser fragmentados. É mais uma das nossas vantagens. Mas, em geral, uma alma pode ser partida em quantos pedaços você quiser. Dúzias. Centenas.

O horror da sua declaração me atordoou. Será que Paul já está fragmentado dessa forma, espalhado pelo multiverso inteiro?

— Não se preocupe — continua ele, num tom que uma pessoa ingênua poderia confundir com preocupação, se não o conhecesse bem. Aquelas vestes vermelhas, iluminadas pela luz do fogo, quase parecem satânicas. — Fui bonzinho, não o despedacei muito. Quatro, apenas, em quatro dimensões diferentes. Você acabou de achar o primeiro. Viu como é fácil? Te dei esse pedacinho como um voto de confiança.

Será que ele esperava um “obrigada”?

— O que tenho que fazer para conseguir as coordenadas das outras três dimensões?

Três outros pedaços da alma de Paul. Três mundos a mais que preciso encontrar, e mais três missões de resgate.

Parecendo satisfeito consigo mesmo, ele responde:

— Tenho alguns trabalhosinhos para você.

Pronto. Aí está. A garra de ferro da Corporação Tríade prendia meu braço. Mas se é esse o preço pela alma de Paul, terei que pagar.

— Me deixe explicar detalhadamente do que preciso. — Ele ajeita a postura ainda mais. As roupas de cardeal lhe dão uma autoridade que ele não merece. — Existem duas outras

dimensões no multiverso nas quais seus pais estão muito próximos de desenvolver a tecnologia Firebird. E não quero que eles façam isso.

Cruzo os braços.

— Ou seja, você quer esse poder só para você.

— Quem não iria querer? — Ele dá de ombros. — Preste atenção em como isso vai funcionar: tenho duas dimensões trabalhando na pesquisa sobre o Firebird, e isso precisa ser sabotado o mais rápido possível. Dois pedaços da alma de Paul estão nessas dimensões.

Os dedos finos da mão de Conley apontavam para meu medalhão.

— Se você deixar, posso programar seu Firebird. Você vai ter as coordenadas para a primeira das três dimensões e também um programa que poderá ser usado como um vírus de computador que vai destruir a pesquisa dos seus pais e os dados mais valiosos que eles tiverem.

— Como recupero os fragmentos de alma? — Aperto o Firebird sobressalente com mais força. — Da mesma forma que eu daria um lembrete para ele? Seguro na sua frente e ativo o medalhão?

— Exatamente. Viu? Molezinha.

Um dia, no futuro, quando eu tiver a chance, vou ficar feliz em quebrar a cara de Wyatt Conley.

Ignorando meu ódio, ou se divertindo com ele, Conley prossegue:

— Coletar o segundo fragmento destrava as coordenadas da próxima dimensão de que preciso que você vá sabotar. E então é só repetir a receita de bolo. Quando terminar o que preciso nas duas dimensões e recuperar esses dois fragmentos, você volta e me visita no escritório central, que fica na minha casa. As coordenadas estarão no seu Firebird, junto de todo o resto.

— Escritório na sua casa? — Ele deve estar se referindo ao Triadverso. — Não quero ir lá.

— Preciso verificar se você fez tudo direitinho. Depois de analisar os dados do seu Firebird, vou saber se você implantou os vírus, se foi uma boa menina...

Não tem nada que eu odeie mais do que esse papo de “boa menina”. E isso soa ainda mais repulsivo quando sai da boca de Conley.

— ... e conseguiu atrasar as pesquisas das duas dimensões por mais um tempo, lhe darei as coordenadas para o último fragmento da alma de Paul e também a fórmula para curar Theo. Esse último fragmento é só minha garantia. É um trabalho bem simples.

Ahã. Como se fosse simples trair meus pais, ainda mais enquanto estou preocupada em salvar a vida de Paul e de Theo.

— Você podia ter mandado qualquer pessoa sabotar a pesquisa. Ou você mesmo poderia ter ido.

— Existem dimensões nas quais meu alcance é... limitado. — Ele parece sofrer em admitir que não é onipotente. — E, sim, eu poderia mandar outras pessoas, mas para fazer esse tipo de trabalho tão complicado, elas teriam que ficar usando o Furtanoite por muito, muito tempo. E você sabe o que ele faz com os usuários de longo prazo.

— Sim. Eu sei.

Eu lembrei de Theo se debatendo no chão da varanda, completamente pálido.

— Não esperávamos esse tipo de efeito colateral. Sabe, depois de um tempo, o uso contínuo do Furtanoite tira a capacidade da pessoa de sonhar, por isso a droga ganhou esse nome. Pesquisadores que estudam o sono ainda não descobriram exatamente por que a capacidade de sonhar é tão importante, mas é. Uma vez perdida... os processos mentais começam a decair rapidamente.

É cruel de uma maneira singular Wyatt Conley matar Theo aos poucos, acabando com sua capacidade de sonhar.

— Quanto aos danos fisiológicos... bom, você já sabe, né? Descobriu sozinha o que o Furtanoite faz com os pulmões, os músculos etc. Mas não se preocupe com isso: a falta de sono REM vai matá-lo antes que todo o resto avance. — Ele sorri, não sei bem o porquê. Eu me imagino pegando uma daquelas espadas dos guardas que ficam ao redor do castelo e cravando nele com toda minha força. — Então, para resumir: você faz esses trabalhinhos para mim, e, em troca, leva não apenas um, mas *dois* prêmios! Vai até o escritório central, eu lhe dou a fórmula para acabar com os sintomas de Theo, quem sabe revertê-los completamente...

— Isso não parece uma cura.

Se Conley pretende deixar Theo doente, usando-o como um refém, juro que vou pegar aquela espada.

Em vez disso, ele ficou sério e, possivelmente, foi sincero:

— Marguerite, é o melhor que posso te oferecer. Se eu pudesse curar a exposição de uma pessoa ao Furtanoite eu não precisaria de você, entende? Mas este tratamento vai dar a ele a chance de se recuperar. Você continua com o tratamento e, com o tempo, o sistema imunológico dele deve reagir e cuidar do resto.

Deve. Ele não disse *vai*. Ainda assim, me parece que está falando a verdade, porque realmente não precisaria de mim se tivesse uma cura.

Com um olhar ainda mais sincero, ele completa:

— E lá, no meu escritório, também lhe darei as coordenadas para o fragmento final da alma de Paul. Para o universo no qual você vai poder colocar todos os pedaços de volta. Não quero nada de você lá, aquela dimensão não está na minha lista de problemas. Só precisa ir lá, pegar Paul e levá-lo para casa. Parece bom?

Eu me imagino reanimando Paul, abraçando ele novamente, dizendo que nunca mais vou deixar que saia de perto de mim... Preciso dele muito mais do que Conley imagina, muito mais do que posso sonhar em deixá-lo saber que preciso.

— Parece... que não tenho escolha.

Ele dá aquele sorrisinho novamente.

— Isso é um sim?

Um dia vou fazer Conley se arrepender por ter mexido com a gente. Agora, preciso pensar em como lidar com o jogo dele.

— Sim. Me dê logo o que preciso para terminar isso de uma vez.

Ele ergue as mãos em agradecimento e aponta na direção das paredes de pedra e das tochas flamejantes.

— Vou te passar tudo, mas preciso de uma configuração um pouco mais complexa que essa. Podemos voltar ao seu território de origem? Posso transmitir as coordenadas de lá.

Ele quer dizer minha dimensão. Acho ótimo, porque meus pais merecem saber o que está acontecendo. Devem estar loucos de preocupação.

— Ok.

Ele puxa o próprio Firebird de dentro da gola da roupa. Com um desenho diferente e uma cor bronze sem graça, o Firebird dele parece muito... misterioso. Mais antigo que ultramoderno. Parece mais um artefato desta dimensão em que estamos do que um da nossa.

— Podemos?

— Quero me despedir de Paul. Do Paul *daqui*.

— Ai, você é tão sensível com essas duplicatas — reclama ele, balançando a cabeça. — Mas não vou te perturbar com isso. Meus outros eus são todos ruins, assim como este.

Ainda acho o Conley da minha dimensão pior, mas que se dane. Acrescento:

— E você precisa dar aquela ordem que protege meus pais desta dimensão. Da acusação de “bruxaria”, lembra?

— Ah, é mesmo! É para já. — Ele dá um tapa na lateral da cabeça, como se tivesse esquecido algo muito óbvio. — Vou falar com Sua Santidade agora mesmo. Papisa Martha. Dizem as más línguas que ela envergonhou os Bórgias publicamente. — Ele continua andando. — Olhe, um dia, quando você concordar com tudo isso e já estivermos

trabalhando juntos por algum tempo, vamos olhar para trás, lembrar este dia, e dar muitas risadas.

Eu nem me dou o trabalho de responder. Espero ele sair e vou à procura do reverendo Paul.

Como previ, ele estava lá me esperando. Eu o encontro ajoelhado em um pequeno cômodo que parece ser uma capela particular. Em toda a extensão de uma das paredes, há uma pintura de Jesus ressuscitando Lázaro, com uma perspectiva irregular e rostos estilizados... A arte por aqui também parece ser pré-renascentista. Ainda não descobriram as técnicas do mundo antigo. Esta civilização continua se arrastando para sair da Idade das Trevas. A luz brilha com instabilidade, vindo de velas em castiçais de ferro. Paul, o Padre Paul, está rezando, mas quando eu entro, ele imediatamente sussurra algo em latim, faz o sinal da cruz e se vira para mim.

— Está tudo bem? O cardeal vai tomar conta da sua família?

— Espero que sim.

A capela não tem banco, só genuflexórios, por isso me ajoelho ao lado dele. É a única forma de ficar perto.

Ele olha para a porta, com medo de ser flagrado.

— Você pode pedir clemência aqui. As irmãs a manteriam em segurança até que seus pais estejam realmente protegidos pelo cardeal.

Freiras? Dormir num convento? A Marguerite daqui realmente não tem chance de aproveitar a vida, meu Deus.

Mas vai estar perto do Paul dela. Acho que iria querer isso. Eu com certeza quero estar perto do meu.

Ergo a mão e afago seu rosto. Ele suspira fundo. Tenta cobrir minha mão com a dele, como se estivesse descansando o rosto sobre minha mão. Se eu desse um beijo nele agora, ele não resistiria, me beijaria de volta, com certeza... E essa capela ia acabar sendo desconsagrada.

Mas já roubei da grande duquesa Margarita a primeira e mais importante noite da vida dela com o tenente Markov. Não vou roubar mais estreias de nenhuma outra. Cada uma das minhas versões merece ter essa experiência.

— Tudo vai ficar bem — digo a ele, mas tentando acreditar também. — Você e eu... vamos dar um jeito.

— Nosso caminho não é fácil.

Seu jeito pomposo e elegante de falar me lembra do tenente Markov e penso que me apaixonei por ele e que preciso resolver isso tudo. Tenho que ir para casa. A jornada para

salvar meu Paul precisa começar.

— O caminho não é fácil — digo a ele. — Mas vamos caminhar juntos.

Isso é verdade em todos os mundos, em todo lugar. Tenho que acreditar.

Seguro o meu Firebird e o do Paul: os dois em volta do meu pescoço, um deles carregando um fragmento da alma dele.

E salto para casa.

Eu não tinha dúvidas de que meus pais ficariam loucos quando soubessem o que Wyatt Conley tinha feito e do acordo que tratamos. O que eu não esperava era que eles me proibiriam, com todas as letras, de fazer o que ele quer.

— Pai — falo, segurando o cabelo com as mãos, tentando me acalmar —, você entende que não temos opção?

— Não temos certeza disso — insiste ele. — Precisamos, pelo menos, tentar resgatar Paul dessas outras versões. Rastreamos ele até o... Medievalverso, não é? Então, acho que é possível pensar em uma forma de rastrear os outros fragmentos. Não precisamos das malditas coordenadas de Conley.

— Nós *já temos* as coordenadas — diz Theo, sentado no sofá, vestindo uma camisa xadrez e calça jeans, mais pálido que o normal. A pulseira plástica do hospital continua no seu braço. — Por que não usar?

O pacote de dados veio da Tríade há algumas horas, assim que cheguei em casa. Ainda que a gente possa ver as primeiras coordenadas, aquelas que nos levam à segunda dimensão, as outras duas precisam ser “desbloqueadas” em troca de dados que tenho de armazenar comprovando que fiz o que Conley pediu. Cada traição me dá mais uma dimensão, mais um pedaço da alma de Paul.

Meus pais nem querem baixar a informação dentro dos Firebirds. Meu pai insiste que podemos descobrir tudo sozinhos. Theo resmunga:

— Por favor, Henry. A gente nem sabia que existia fragmentação até dois dias atrás. Agora você quer rastrear esses fragmentos em dimensões alternativas? Isso pode levar meses!

— Ou dias — retruca minha mãe. — Não temos uma maneira de rastrear ainda porque não tentamos achar uma. É claro que nossas versões em outros universos já entenderam como se faz, do contrário, Conley não teria a tecnologia para fragmentar Paul. E se eles fizeram, nós também podemos. Só precisamos começar.

Meu pai concorda, animado:

— E se a Tríade conseguiu pensar em um tratamento para Theo, também somos capazes.

— Não somos médicos, Henry. — Mamãe olhou para a garrafa de Furtanoite na estante. Eles mal começaram a estudar o que tem ali. — Mas, claro, vamos tentar. Obedecer ao Conley deve ser o último recurso.

— Este é o último recurso! — Não costumo brigar com meus pais, mas neste momento achei necessário. — Vocês não entendem? Paul foi *fragmentado*! Se eu não fizer isso logo, pode ser que a gente não consiga recuperá-lo. Se uma das versões dele morrer... nós o perdemos para sempre!

A expressão da minha mãe demonstra compaixão, mas ela balança a cabeça e diz:

— É um risco que temos de correr. As chances são muito pequenas, considerando a idade e a saúde dele.

Então me lembro do tenente Markov, sangrando e fraco, morrendo na neve russa.

— Depende de onde ele está. Pode ter ido parar em algum lugar perigoso. Conley com certeza seria capaz disso. Vocês sabem que sim.

Os dois se entreolham. Meu pai suspira e diz:

— Vamos tentar por uma semana. Se não houver nenhum progresso substancial nesse período... a gente considera.

— *Considera?* — questiono.

Como eles podem fazer isso comigo? Começo a andar em direção à porta da sala, magoada e confusa.

— Chega — diz mamãe, durona. — Você sabe como amamos Paul. Nós, inclusive, já o amávamos antes de você se apaixonar por ele, se bem se lembra. Não estamos sendo duros com você porque não nos importamos em salvá-lo o mais rápido possível, estamos fazendo isso porque o preço de cooperar com Conley é alto demais.

E papai acrescenta:

— Ele já está com Paul. Não podemos deixar que ele controle você também.

Fecho os olhos com força e respiro fundo, esperando a raiva passar.

— Pai...

— A discussão acabou. — Minha mãe anda até a mesa de arco-íris. — Se vamos tentar salvar Paul, precisamos começar imediatamente.

Meu pai vai atrás dela, e logo em seguida Theo também. Quando ele passa por mim, no entanto, percebo que sabe no que estou pensando. Deduzo que ele vá me dedurar para os meus pais, pois é o que o Theo do Triadverso faria. Em vez disso, ele se senta à mesa, fingindo que não entende o que vai acontecer, e espera.

Eles trabalham até quase meia-noite. Àquela altura, eu já estava deitada, enrolada nos lençóis, sem conseguir dormir. Só era capaz de pensar na última vez em que Paul e eu ficamos sozinhos juntos antes de Theo ter o colapso... Os últimos momentos de normalidade da nossa vida.

Nós nos deitamos juntos naquela cama de solteiro estreita do quarto dele, minha cabeça apoiada em seu peito. Uma música clássica suave tocava em seu celular, quase suprimindo todo o som externo vindo dos outros alunos que passavam pelo corredor. O dormitório é quase tão inóspito quanto qualquer outra hospedagem barata, e, além disso, Paul não é o tipo de cara que se preocuparia com a decoração nem se tivesse dinheiro para isso. Ele tem uma colcha azul-marinho porque considera útil, e na parede, só há um item decorativo.

Naquela noite, na parede acima de nós dois, estava o retrato que fiz de Paul. Não o que estou pintando agora, mas minha primeira tentativa. Eu o piquei em pedacinhos quando achei que ele tinha nos traído e matado meu pai. Para minha surpresa, ele insistiu em manter o quadro desse jeito. *Isso me lembra como cheguei perto de perder você*, dissera ele. É esse tipo de coisa que eu iria querer esquecer, mas ele gosta de lembrar. Pelo menos me deixou colar os pedaços.

Ele segurou meu cabelo, os dedos desembaraçando meus cachos. É o toque mais gentil e mais confortável do mundo.

— Recebi notícias de outras universidades hoje. Sobre o pós-doutorado.

Uma das coisas esquisitas que um cientista precisa fazer é ter diferentes diplomas universitários. E, mesmo depois de terminar o doutorado, a pessoa ainda precisa continuar estudando por um ou dois anos, de preferência em uma universidade diferente. Qual o objetivo disso? Não faço ideia. Mas, aparentemente, todos eles têm que fazer.

Eu enlouqueceria se ele precisasse ir embora se eu não fosse começar minha própria faculdade em janeiro.

— Quais?

— A universidade de Oxford fez um convite, e Stanford também. Ainda estou aguardando Cambridge e o CERN, que devem me escrever em breve.

Esse tipo de informação faria a maioria das pessoas pular de felicidade. E Paul parecia feliz, mas meu estômago estava embrulhado.

— Nada de Harvard ainda? Ou do MIT? Princeton?

— Nada ainda. O MIT é uma possibilidade, mas... os professores de Harvard e de Princeton são céticos.

Em relação ao trabalho dos meus pais, ele quis dizer. Esses professores querem destruir meus pais, porque não acreditam no que dissemos sobre o que aconteceu em dezembro.

— Ok, então vamos focar no MIT.

Ele me encarou com seus olhos cinzentos.

— Não importa para onde eu vá. Vou continuar sendo seu.

Eu o beijei de leve, gostando de como estávamos entrelaçados, o som suave da minha calça jeans roçando na dele.

— Mas eu queria que você fosse meu todo fim de semana... não só nas férias e no Natal.

Por causa da loucura que foi dezembro, adiei o início da faculdade para janeiro. A RISD, Escola de Design de Rhode Island, concordou e mantiveram minha bolsa e tudo. E janeiro é quando Paul, muito provavelmente, começa o pós-doutorado. Se ele for mesmo para o MIT, não estaremos muito distantes um do outro.

Paul disse:

— Você ainda se opõe a tentar qualquer outro lugar que não seja a Escola de Design de Rhode Island?

— É a melhor do país na área de restauração de arte...

— E artes plásticas? — Ele passava o polegar em meu rosto enquanto dizia isso. — Esqueça isso de cuidar das pinturas dos outros. Crie as suas.

— Está vendo? É por isso que eu sei que você é um gênio da física, mas não da economia... Já ouviu falar em artistas pobres? Artistas sem dinheiro? Artistas passando fome?

— Duvido muito que você passe fome, tanto seus pais como eu temos bons empregos. — Ele mudou em segundos de adoravelmente literal para terrivelmente prático. — Se você pudesse estudar arte em qualquer lugar do mundo, para se tornar uma artista de verdade, onde gostaria de ir? Eu me lembro de ouvir Josie dizendo para você considerar um pouco mais a Universidade de Chicago...

— Não, Chicago, não. — As palavras saíram da minha boca muito facilmente para algo que sempre foi tão difícil de admitir. — Quero dizer, sim, parece um lugar ótimo, mas se eu pudesse ir a qualquer lugar do mundo... eu iria para a Escola Ruskin de Artes Plásticas, em Oxford.

— Por que a Ruskin?

— Eles ensinam tudo lá. — Eu não conseguia conter a empolgação na minha voz. — Você estuda anatomia da mesma forma que um aluno de medicina, por exemplo, para poder entender o que tem debaixo da pele da pessoa que você quer pintar ou esculpir. Eles têm professores para praticamente todas as técnicas que existem, antigas, modernas ou experimentais. São os melhores.

— Então vá para lá — disse ele.

Paul, o gênio que faz todos os departamentos de física brigarem por ele.

— Eu nunca seria aceita. Lembra? Eu mal cursei o ensino médio!

O lado ruim de ter sido educada em casa é que as universidades acham mais difícil avaliar você. A RISD aceitou numa boa, mas uma faculdade estrangeira provavelmente acharia mais difícil avaliar meu histórico.

Paul balançou a cabeça e disse:

— Você vai ser aceita assim que eles virem seus trabalhos. Oxford com certeza aceitaria você.

Será? Nós dois olhamos para o quadro remendado acima da gente. Os olhos de Paul no quadro pareciam tão intensos quanto os de Paul de verdade... mas eu não conseguia imaginar que os professores da melhor escola de artes do mundo entendessem esse quadro da mesma forma que eu.

— O mais importante é você ser aceito no pós-doutorado. Sei disso. Você está fazendo uma pesquisa muito inovadora. Eu só pinto quadros.

— Eu só resolvo fórmulas. Você cria trabalhos de arte que podem ter significado por anos, mesmo muito depois da minha pesquisa já ter sido superada e passado a ser considerada uma bobagem.

— Ah, até parece! — falei, rindo.

— É verdade. Seus sonhos são tão importantes quanto os de qualquer pessoa. Seu futuro é tão importante quanto o meu. E estou disposto a abrir mão de algumas coisas, se for necessário para a gente ficar junto... mas não devíamos abrir mão de nada antes mesmo de tentar.

— É diferente para mim — falei. — Não sou brilhante como vocês.

— Você realmente não tem nenhuma aptidão especial para as ciências. Mas existem muitos tipos de inteligência. E eu nunca iria querer te impedir de ter uma carreira artística, assim como você não quer tirar minha pesquisa de mim. — Ele se apoiou em um dos cotovelos, deitado de lado, e me olhou muito sério. — Pare de se medir usando a gente como parâmetro. Não é a escala correta. Você tem seus próprios dons, seus próprios talentos. Mostre para o mundo do que é capaz, Marguerite. Às vezes, acho que nem você mesma percebe como é incrível.

Em alguns momentos, a esquisitice de Paul desaparece de repente e ele diz exatamente o que preciso ouvir. Esses momentos me fazem sentir como se eu estivesse derretendo, como se estivéssemos nos fundindo em um só, deixando de ser duas pessoas separadas, virando uma só.

Aquela noite foi um desses momentos.

— Então — falei, com mais delicadeza —, meus pais vão para aquela conferência em Tóquio daqui a duas semanas. Você vai com eles?

— Decidimos que era melhor eu ficar.

— Bom, então, talvez... — falei, ficando vermelha — ... talvez você pudesse dormir lá em casa.

Íamos ficar sozinhos em casa. Com ninguém da família que sabe demais sobre minha vida amorosa por perto. Poderíamos ficar juntos sem nada entre nós dois, a noite toda.

Ele ficou bastante tempo me encarando, os olhos escurecendo da mesma forma que naquela noite na *dacha* russa com o tenente Markov.

— Ok — concordou ele.

— Até parece que nunca fizemos isso — comentei, rindo, um pouco envergonhada.

— Não fizemos. Bom, não aqui.

O meu Paul era apenas um fiapo de consciência do tenente Markov naquela noite no Russiaverso, porque ele estava sem o Firebird e não podia receber nenhum lembrete. Mas estava comigo a noite toda, então ele se lembra do sexo tão bem quanto eu.

— Vai contar como a primeira vez, afinal, vai ser a primeira na nossa dimensão?

— Acho que sim — disse ele, beijando minha testa.

Deslizei para cima dele, as pernas abertas sobre seu quadril. As mãos de Paul seguraram minha cintura. Quando me inclinei sobre ele, meu cabelo caiu sobre os ombros e ele virou um pouco o rosto como se quisesse aproveitar a sensação de estar ali, comigo por cima dele. Não pude deixar de imaginar nós dois daquele jeito sem as roupas para atrapalhar.

Sorrindo, provoquei:

— Você entendeu que isso significa que vamos perder a virgindade juntos... duas vezes?

Ele pensou um pouco e depois sorriu de volta.

— Nossa vida é muito esquisita.

— Totalmente — concordei, e dei mais um beijo nele.

As mãos dele passaram por baixo da bainha da minha saia, lentamente e com firmeza.

Pode ser que a gente não tenha passado esses últimos meses fazendo sexo, mas isso não significa que não nos divertimos. Ele sabe como é meu beijo. Conheço o toque dele. Nos concentramos em nos conhecer melhor, por dentro e por fora.

E agora tenho que me deitar aqui na cama no meio da noite, sozinha e apavorada com essa história da alma de Paul ter sido fragmentada, até ter cem por cento de certeza de que meus pais estão dormindo.

Às duas da manhã, sei que pegaram no sono, não importa o quão preocupados estejam. Então me levanto, vou até a sala na ponta dos pés de legging e camiseta... e dou de cara

com Theo me esperando.

Ele está sentado diante da mesa de arco-íris com três Firebirds funcionando na sua frente.

— Verifiquei todos os três para ter certeza de que estavam funcionando perfeitamente — diz ele.

Pega o medalhão que levei comigo durante a tentativa de resgate do Medievalverso, observa o brilho da luz em contraste com a superfície de cobre... e diz:

— Uma parte da alma de Paul está dentro deste negócio. Temos que garantir que vai continuar fazendo “tic tac”, né?

Concordo com a cabeça. Por mais preocupada que eu esteja com Paul, por mais determinada em começar a busca, não posso deixar de notar como Theo parece exausto. Com certeza ele disse aos meus pais que estava indo dormir logo depois deles e ficou aqui sentado, esperando por mim.

Por outro lado, talvez dormir seja algo sem sentido para ele, no momento.

— Theo, aquilo que Conley me falou sobre sonhos... Você não sonha mais? Nunca?

Ele continua debruçado sobre o trabalho.

— Não lembro de sonho nenhum há algum tempo. Não quer dizer necessariamente que é algo grave. Eu já não lembrava muito dos meus sonhos antes. — As mãos dele parecem um pouco trêmulas, e sinto que ele está escolhendo bem as palavras. — Obrigado por me incluir na negociação, aliás.

— Como assim?

— Por você ter dito ao Conley que queria uma cura para mim.

— Mas foi Paul que arriscou tudo para tentar salvar você.

— E pretendo agradecer a ele também, assim que você o trouxer de volta. Mas, agora, só posso agradecer a você.

A luz que brilha diante dele e ilumina os Firebirds também clareia seu rosto, e as rugas mais fortes indicam que ele perdeu bastante peso. Eu já tinha notado isso, mas achei que era resultado de estresse na faculdade. Agora sei que Theo estava, esse tempo todo, desaparecendo aos poucos.

— Às vezes me pergunto se algum dia você vai voltar a confiar totalmente em mim de novo. E aí você vai e me defende. Arrisca tudo. Marguerite... nem sei o que dizer. Vou ficar no “obrigado” por falta de palavra melhor.

Não sei como retrucar, então apenas concordo com a cabeça. Nós nos entreolhamos por alguns segundos, e ele volta a encarar o Firebird. Então ele sorri, satisfeito, e fecha o medalhão.

— Está pronto? — pergunto.

— O mais pronto possível.

— Acho que não precisamos esperar meus pais acordarem, né? — Até porque eles não me deixariam fazer isso, se soubessem, mesmo que tivessem que me trancar no meu quarto ou destruir os Firebirds com uma marreta. — Estou indo, então.

— Corrigindo — diz ele —, *estamos* indo.

— Estamos? — Sei que ouvi direito, mas levo alguns instantes para processar a informação. — Conley não disse nada sobre você ter que ir junto.

— Mas ele também não disse que eu não podia ir, né?

O sorriso dele era quase maléfico. Ainda estou em choque.

— Mas você disse... Você disse que “nunca viajaria entre dimensões outra vez”.

— Ah, sim. Isso foi antes de sequestrarem meu irmãozinho.

O velho apelido... e um lembrete de que Theo não está fazendo isso por mim. Ele nem mesmo falou sobre salvar a própria vida. Só a de Paul.

E, mesmo assim, não posso deixar de lembrar o que ele me disse uma vez. *Aparentemente, assim que ganho um pouco de poder, isso sobe à minha cabeça.* Ele considera a viagem interdimensional uma tentação. E Theo não é bom em resistir a tentações.

Ainda assim, ele está disposto a arriscar tudo por Paul. Preciso estar disposta a arriscar por ele também.

— Tudo bem, então — digo. — Vamos.

Caminhamos juntos até o meu quarto, onde eu já coloquei um aviso NÃO ENTRE na porta; meus pais vão entender a necessidade de manter o quarto vazio para que eu e o Theo possamos voltar... se e quando pudermos. Eu coloco dois Firebirds no pescoço, um para mim e um para o Paul; e, ainda que eu saiba que estou só imaginando, não consigo deixar de achar que o dele é mais pesado. Lembrei dos cientistas do Iluminismo, que tentaram descobrir o peso da alma. Agora eu poderia dizer a resposta a eles.

Theo pega o último Firebird e o encara por um instante. Respira fundo e o coloca em volta do pescoço. Ele está pronto.

— Ok? — pergunta ele. — Sebo nas canelas! — diz em tom de brincadeira.

Aperto o Firebird com a mão e o mundo desaparece...

... e eu caio no meu outro eu.

Desta vez estou na cama, o que definitivamente é um dos melhores lugares para se cair em uma nova dimensão. O quarto é escuro, então não consigo ainda ver muita coisa. No

entanto, percebo que estou completamente nua. Ok, não sei quem eu sou nesta dimensão, mas durmo sem roupa por aqui.

Só que... eu pareço estar sem fôlego. Minha pele está um pouco suada. Sinto um leve ardor, como de arranhões, na garganta, nos seios, nas coxas... Pensando bem, podem ser arranhões ou mordidas. E também uma sensação prazerosa, como uma dorzinha boa, que indica que esta Marguerite acabou de fazer sexo. E quando digo “acabou”, quero dizer, tipo, há uns dois minutos.

Olho para o lado, para o homem que também está nu deitado ao meu lado... e me deparo com Theo.



Eu me arrasto para o canto da cama, puxando o lençol para tapar meus seios. Ao fazer isso, me cubro, mas tiro o lençol de cima de Theo, que fica totalmente exposto. Pelado.

— Meu Deus! — Ele pega um travesseiro para cobrir suas partes íntimas. — E, pronto, conseguimos cair na coisa mais desconfortável possível.

Meu rosto está quente e vermelho. Tento olhar para qualquer coisa que não seja Theo, mas cada lado mostra algo que eu preferia não ver. Meu sutiã está no chão, ao lado de um par de botas que deve ser dele. Uma embalagem de camisinha está na beirada da cama. Um alarme que parece antigo está na mesinha, virado, ao lado de um abajur também meio inclinado.

Tudo indica que o que acabou de acontecer foi... extremamente agitado.

Por alguns instantes, talvez um minuto inteiro, nenhum de nós dois consegue dizer nada. Estamos ofegantes, e, além disso... o que podemos dizer? Será que esse momento seria menos constrangedor se Theo nunca tivesse sentido nada por mim, se eu nunca tivesse querido ficar com ele?

Não. Não tem nada que torne isso menos constrangedor. *Nada.*

Digo:

— Esta deve ser... a forma mais vergonhosa de se entrar em uma dimensão. De todas.

— Podia ser pior. Podíamos ter pulado para cá cinco minutos antes.

Quando a gente ainda estaria...

— Ok, ia ser pior.

— Parece que esta versão de mim mesmo é mais sortuda. — Ele fica em silêncio por alguns instantes. — Foi mal. Piadinha idiota.

— Não estou entendendo.

— Não está? — pergunta ele, com uma sobrancelha erguida. — Acho que preciso ter aquela conversinha das cegonhas com Paul novamente.

Pera. Theo conversou com Paul sobre sexo? Foco, Marguerite.

— Não foi isso que eu quis dizer.

O que não consigo entender é: como Theo pode estar na minha cama? Paul e eu nos encontramos em tantas dimensões! A conexão que existe entre nós dois é muito forte em todos os mundos aos quais já fomos... O destino e a matemática nos aproximam sempre. Não tem espaço nessa equação para Theo.

Mas então começo a me lembrar dos primeiros universos para os quais viajei. No Londresverso, por exemplo, Paul e eu morávamos na Inglaterra, mas nunca nos conhecemos. E nas dimensões nas quais morei nas estações subaquáticas, Paul e os meus pais trabalhavam com oceanografia, mas não se conheciam. Então, mesmo que exista algum destino que nos una, cada mundo evolui em um ritmo diferente. A gente só não se encontrou ainda.

Nada disso explica, é claro, por que estou na cama com Theo. Agora, no entanto, com nós dois despidos, próximos e inseguros, não consigo deixar de pensar naquela noite em Londres quando cheguei *muito perto* de dormir com ele. (Quero dizer, com aquela versão dele. Eu não sabia a diferença na época.) Daquela vez, me senti de um jeito bem parecido como gora: envergonhada, vulnerável... e com um pouco de tesão.

A parte do tesão é provavelmente um resto da outra Marguerite. É. Tem que ser.

Theo quebra o silêncio:

— Então. Temos que olhar os Firebirds, não é? Verificar se estamos no lugar certo?

Estamos no lugar certo, e ele sabe disso. Eu e Paul já viajamos o suficiente para saber que os Firebirds funcionam. Mas testá-los é uma opção interessante, é algo para se fazer além de surtar por estar completamente pelada na cama com Theo.

Bom, se você contar os Firebirds, eu tecnicamente não estou nua, e Theo também está usando o dele. Puxo o lençol com ainda mais força e prendo debaixo dos braços, para não cair, pego um dos Firebirds e aperto a combinação de verificação básica do sistema.

Ele brilha com uma leve luz dourada por alguns instantes (rastreador trabalhando), e meu coração se enche de esperança até que percebo que encontrou Theo. Claro.

— Parece que está tudo bem, gatinha. — A luz dourada do Firebird dele ilumina seu rosto por um momento antes de se apagar completamente. Ele levanta a mão para passar

no cabelo, que aqui é curtíssimo, quase um corte feito à máquina. — Escute. Como posso dizer isso com delicadeza? Se você me der licença, preciso tirar, hum, uma coisa que outra pessoa colocou aqui...Levo alguns segundos para entender do que ele está falando.

— Ah. *Eca*.

— Pois é.

Tapo os olhos com uma das mãos.

— Não estou olhando.

A primeira porta que ele abre leva a um closet, mas a segunda é um banheiro. Ele pega alguma coisa no chão (roupas, suponho) e entra no banheiro sem dizer mais nada. Assim que ouço o “clique” da tranca da porta, me levanto e pego minhas roupas. Essas que estão no chão vão ter que servir. Uma saia preta, uma blusinha meio surrada... parece um estilo muito casual. Não me parece algo que eu vestiria, mas, considerando a situação, até se fosse uma fantasia de passarinho amarelo eu vestiria sem questionar.

Depois de vestida, finalmente me acalmo o suficiente para começar a olhar à minha volta. Será que este quarto é meu ou do Theo? A decoração não entrega muita coisa, o que faz o dormitório de Paul parecer parte do Discovery Home & Health. Tem um cobertor azul-claro no pé da cama, que não tem cabeceira, as paredes são brancas, as persianas são lisas e não tem nada nas paredes. O quarto é bem menor que o da minha casa, mas não se parece com um alojamento universitário. A única coisa pendurada é um espelhinho emoldurado. Olho para ele e percebo que meu cabelo aqui é mais curto, na altura do queixo. A princípio, acho que fica horrível assim com os cachos, mas me dou conta de que talvez o problema tenha sido a... atividade com Theo, o que deixou meu cabelo desgrenhado.

Um barulhinho na porta do banheiro me traz de volta à realidade e me faz sorrir: o cara precisa bater na porta para entrar no quarto de novo.

— Área liberada?

— Sim. Pode entrar.

Theo volta vestindo o que parece ser um macacão preto. Ele passa as mãos na frente do casaco, fazendo pose.

— Será que sou um mecânico neste universo? Tipo, adoro consertar carros, mas nunca considerei isso uma carreira.

— Duvido. Mas quem sabe? Temos que descobrir essas coisas o mais rápido possível.

Ele concorda, mas não se mexe. Não é muito de hesitar. Então eu lembro que esta é a primeira viagem que ele faz entre dimensões... É a primeira vez em que é ele mesmo em outro mundo. Quando nos olhamos, ele respira fundo.

— Ainda estou me acostumando.

— A gente se sente igual — digo. — Nada muda, você só acorda num lugar totalmente novo.

— *Não* me sinto igual. Eu me sinto melhor. Tipo, muito melhor.

É claro. Só a consciência de Theo viajou, o que significa que ele está no corpo de outro Theo aqui. Um corpo que nunca foi exposto ao Furtanoite, que não sofreu os danos que ele vem sofrendo há meses... Aqui ele é saudável.

Ele balança a cabeça, sorrindo para algo não muito engraçado e diz:

— Acho que eu não tinha entendido como estava mal até este momento.

Ponho a mão no ombro dele. O toque possui uma carga que eu não tinha notado antes, mas não importa. Theo está assustado demais para transparecer para mim como está apavorado, o que significa que ele precisa de apoio. Quando começa a respirar normalmente, volto a falar:

— Você se lembra de si mesmo?

— Sim. Mas programei um lembrete para disparar a cada dez minutos a partir de amanhã. Achei seguro fazer isso.

— Vai gastar muita bateria.

Os Firebirds podem funcionar por muito tempo, minha mãe se preocupou bastante com isso. Mas os lembretes gastam muita bateria. É preciso usá-los com cautela.

— Eu cancelo quando estiver me sentindo mais seguro. Me deixe entender como isso funciona exatamente, ok? — Ele junta as mãos na frente da boca. — Então... a especialista é você. Por onde começamos?

— Começamos por este quarto. Aprendemos tudo o que der sobre ele. É sempre a melhor forma de começar: com o que está imediatamente ao seu redor. — Ser chamada de “especialista” me ajudou um pouco. Não é uma afirmação muito verdadeira, mas, pelo menos, sei que estou pensando de forma produtiva em vez de ficar vermelha. — Ok. A primeira coisa que precisamos entender é se este quarto é seu ou meu.

Theo aponta na direção da porta do closet, que está aberta. Agora que meus olhos já se acostumaram com a escuridão, consigo ver que ali dentro tem muitos vestidos e saias pendurados.

— Ou esse é seu quarto ou neste universo eu sou a drag queen mais sem graça de todas.

O comentário dele me faz rir, e ficamos numa boa um com o outro novamente. Aponto para uma peça de couro no chão.

— Deve ser sua carteira.

— Deve ser.

Ele se agacha e pega o quadrado de couro do chão.

Dou uma olhada pela janela. Consigo ver poucas luzes na rua, mas a lua brilha forte no céu, iluminando tudo. Esta claramente não é a mesma casa da qual saímos, mas acho que continuamos na área da baía. Mesmo em um bairro tão diferente do meu (casas menores, poucas árvores), o chão é inconfundível. Meu quarto fica no primeiro andar de uma casa. Do lado de fora, ao lado da minha janela, uma árvore solitária faz sombra, e, amarradas a ela, com correntes e cadeado, há uma velha bicicleta com grandes pneus.

— Olhe isso — diz Theo assim que fica de pé.

Eu me viro e ele está apontando para a carteira que acabou de encontrar. De cara, não vejo o que aquilo tem de mais. Ok, a carteira de motorista aqui é diferente. Até que me dou conta de que não é uma carteira de motorista. É uma identificação militar.

— Você é *militar*?

Isso é tão... nada a ver com Theo!

— Eu estava tentando entender por que raspei a cabeça. Agora entendi. E tem mais...

Curiosa, vejo que a carteira dele está cheia de fotos, todas em preto e branco. Tento ignorar a primeira, que é uma de nós dois abraçados.

Ele continua:

— Temos fotografia em preto e branco. Nada de smartphones e aparentemente nenhuma tecnologia moderna aqui no seu quarto. Isso significa que estamos em algum daqueles mundos que não avançou muito, não é?

— Em geral, sim, significaria isso. Mas Conley me disse que ia me mandar para dimensões nas quais meus pais estavam prestes a inventar o Firebird, lembra?

— Como pode, se nem a fotografia colorida já chegou aqui?

— Vamos ter que descobrir. Cada mundo se desenvolve de uma maneira diferente. — Chego mais perto dele, olhando para as fotos. — Tem alguma do Paul?

— Parece que não.

É claro que não conheço Paul neste universo... ou eu não estaria com Theo. Vamos ter que descobrir quem ele é neste mundo. Faz mesmo o estilo de Conley: jogar sujo e esconder o próximo fragmento da alma de Paul em uma dimensão na qual vivemos em cidades diferentes. Ou países. Ou continentes.

Não importa. Não importa o quão longe a gente tenha que ir para resgatá-lo, eu vou.

— Não consigo superar isso — sussurra Theo. — É tão diferente, mas ao mesmo tempo faz tanto sentido!

— É, as diferenças podem causar isso na gente.

— Não tanto quanto as semelhanças!

Ele diz mais para si mesmo, sem olhar para mim, mas, por alguma razão, de repente eu não consigo parar de olhar para a cama bagunçada, os lençóis ainda embolados de quando este Theo e esta Marguerite transaram mais cedo. Theo já quis isso para nós dois. Como será que ele está se sentindo, vendo que existe um mundo no qual estamos realmente juntos?

Talvez seja doloroso. Ou talvez ele veja como uma vingança. A prova de que teríamos dado certo, se tivéssemos tentado... se eu não tivesse me apaixonado por Paul.

Eu me viro para o outro lado, tentando dar a nós dois um pouco de espaço por um instante. E então reparo em uma forma escura em cima da cômoda, um quadrinho, ou uma fotografia, que parece caído, virado para baixo. Tento não pensar no que Theo e eu devemos ter feito para derrubar as coisas na cômoda. Em vez disso, arrumo o quadrinho e respiro, aliviada: mamãe, papai e Josie estão sorrindo na foto sem cores. Parece que foi tirada há pouco tempo, pois eles provavelmente estão todos vivos. Eu não subestimo mais essas coisas.

— Venha — digo. — Vamos olhar o resto da casa.

Saímos do quarto andando na ponta dos pés por um corredor que leva até uma cozinha. A casa é bem menor que a nossa de Berkeley: tem apenas um andar e teto baixo. Também parece bem mais entediante: não tem nenhum filodendro em vasos de terracota, não tem parede com tinta de quadro-negro, nenhuma mandala em vitral na janela. A cozinha tem um forno, um fogão e uma geladeira, todos meio sem graça. Na parede há um calendário de papel com anotações em pelo menos quatro cores diferentes e um telefone preto antigo de plástico, daqueles com fio em espiral.

Quando me aproximo do calendário, consigo entender algumas anotações, tanto as que têm letra do meu pai como as com a letrinha minúscula da minha mãe. *Demo flt Josie 17/4. Apresentação AF QG 19/4. Mudança de turno Marg 20/4.* Nenhuma dessas anotações faz muito sentido para mim, mas pelo menos agora sei que todos nós moramos na mesma casa.

Em seguida, vamos para a sala. A decoração é minimalista aqui também, mas fico feliz quando vejo uma pilha de desenhos em cima de uma mesinha. Antes mesmo de pegá-los para olhar com calma, já sei que são meus.

Na grande maioria das dimensões que visitamos até então, eu sou uma artista, seja profissional, amadora ou estudante. Meu amor pela criatividade é uma das minhas constantes, uma estrela fixa em meio às constelações de possibilidades e personalidades que formam todas as pessoas que eu poderia ser.

Além disso, aprendo muito com minha arte. Cada Marguerite vê o mundo de uma forma completamente distinta.

A primeira coisa que notei é que esses desenhos foram feitos num papel péssimo. Não apenas parece mais vagabundo que um que dá para encontrar em uma loja de artesanato, como também é fino, áspero e não tem qualidade de impressão.

Em seguida, enquanto semicerro os olhos para examinar os desenhos com mais detalhes com tão pouca luz, percebo que os trabalhos são todos feitos a lápis. Preto. Uma das características mais importantes do meu trabalho costuma ser a cor, mas esta não é a primeira Marguerite que só usa preto. Devagar, vou passando os desenhos. Ainda que eu não reconheça alguns dos rostos, muitos são familiares. Tem minha mãe, com o cabelo cacheado preso em um coque formal. Tem Josie, com o cabelo curto cortado quase como o de Theo. Essa é a única imagem que já vi dela, em qualquer mundo, na qual não está sorrindo. Tem papai usando óculos com armação de metal que parecem muito antigos.

E Theo. Ela o desenhou com perfeição, mostrando na expressão dos olhos dele tanto sua inteligência como sua desobediência. A sensualidade presente no desenho sugere que não é a primeira vez que Theo dorme aqui, e que o relacionamento dos dois não é casual, muito menos só um passatempo.

— Maneiro — disse ele baixinho.

Estava olhando os desenhos por cima do meu ombro, encarando uma versão de si mesmo que tem uma relação comigo que ele nunca vai ter.

Será que, quando eu conhecer o Paul desta dimensão, vou partir o coração de Theo?

Porque não tem imagem nenhuma que mostre o rosto de Paul.

Com cuidado, coloco os desenhos no lugar, na ordem em que estavam, e os deixo de volta na mesa. Vou até a janela e olho para fora: dá para ver o quintal e um jardim inteiro de verduras e legumes. Isso é algo novo para mim. Mamãe ama as plantas dela, mas com a exceção de alguns vasinhos com temperos na cozinha, ela nunca tentou plantar nada que pudéssemos comer.

Ok, excelente, você aprendeu que neste mundo sua família planta as próprias cenouras. Tenho certeza de que esse tipo de informação é útil para Wyatt Conley. Já, já você recupera a alma de Paul.

Respiro fundo e tento manter o foco. Talvez Conley tenha me enviado para o universo errado. Tem muitas palavras diferentes que de vez em quando parecem “matematicamente similares”... então, às vezes, é preciso fazer algumas tentativas antes de acertar para onde se quer ir.

Até que Theo sussurra:

— Olhe isso aqui!

Eu me viro e percebo que na outra extremidade da sala há um computador.

Um computador *de verdade*, não uma daquelas coisas velhas do tamanho de uma geladeira de duas portas envolta por fitas e luzes piscando. O retângulo preto da tela parece tão escuro na sombra que eu não tinha reparado nele até então. Parece esquisito que tenha um computador ali, mas o importante é que é a nossa chance de saber mais sobre este mundo. De entender se é aqui mesmo que eu deveria estar. De procurar por Paul.

Encosto na tela e nada acontece. Theo me olha, muito sério, e então mexe no mouse.

Com um clique apenas, as luzes se acendem. Em vez das pastas de sempre no papel de parede do Sergeant Pepper que meu pai escolheu, aparece uma caixa vermelha e cinza onde se lê ARPANET. O cursor pisca diante de uma linha, pedindo uma senha que não sei qual é.

— Você consegue entrar no sistema?

— Talvez — responde Theo, balançando a cabeça. — Preciso de tempo. Quero uma chance para analisar com mais calma, porque, em geral, existe um limite de tentativas antes que o sistema seja bloqueado.

ARPANET. Eu conheço essa palavra? Neste momento, me lembro de um orientando dos meus pais que ensinou a mim e à Josie sobre a história da computação. A ARPANET era, basicamente, a primeira versão da internet, uma versão que existia apenas para uso militar.

Mas desde quando meus pais são militares? Eles e Theo?

Então vejo o que está pendurado em um dos ganchos ao lado da porta. Eu me levanto, ainda sem acreditar no que há na minha frente, até que encosto na borracha pesada e nas lentes plásticas grossas.

— O que é isso? — pergunta Theo, sem conseguir ver por cima do meu ombro.

— É uma... máscara de gás.

— Por que precisamos de uma máscara de gás?

As peças do quebra-cabeça de repente começam a fazer sentido, e a solução toma forma diante dos meus olhos. As máscaras de gás, o papel vagabundo, o jardim de verduras e legumes... o fato de que todo mundo que eu conheço parece fazer parte de alguma versão das Forças Armadas...

Uma sirene dispara, tão alta que a vibração faz as janelas tremerem. Theo e eu tapamos os ouvidos com as mãos. Não ajuda muito.

Alerta de tsunami, penso imediatamente. Ou incêndio, ou talvez um tornado. Em casa, é isso que significa uma sirene dessas.

Mas não estamos em casa.

— Que porra é ess... — começa a dizer Theo, e o papai aparece na sala de pijama.

Em vez de perguntar para Theo o que ele está fazendo ali depois da meia-noite, ainda mais com nós dois tão desgrenhados e eu descabelada... Ele apenas grita:

— Vamos! Não podemos perder tempo!

Minha mãe sai correndo de trás dele usando um roupão bege por cima da camisola. Ela vai até a mesa e abre um painel no computador para remover o HD.

— O que vocês dois estão esperando? — pergunta ela. — Vamos logo!

Começo a correr atrás deles, e Theo se junta a nós enquanto saímos de casa. Josie é a última a sair e passa correndo por nós com um capacete debaixo do braço.

— Estou indo para a base! — grita ela, correndo na direção de um carro preto pequeno que deve ser nosso. — Amo vocês!

— Amamos você também! — responde meu pai, olhando para trás apenas por um segundo.

A esta altura, dezenas de pessoas já estão nas calçadas, todas correndo depressa. Pais carregam crianças no colo, para correr mais rápido. Um garotinho, de uns nove anos, traz seu gatinho no colo. Todos estão usando roupas de dormir. Ninguém carrega nenhum objeto, exceto minha mãe com o HD. E todos estão correndo na mesma direção.

— Que merda está acontecendo? — grita Theo, mas sua voz quase desaparece em meio às sirenes.

— Não tenho certeza — respondo —, mas acho... acho que é um alerta de ataque aéreo.

— O quê?

Nesta hora, ouvimos um zunido sobre nossas cabeças. Como um trovão, sendo que não há trovão. O céu está iluminado por chamas, e podemos então ver os aviões no céu.

Bombardeiros.

Entendi assim que vi as máscaras de gás.

Este mundo está em guerra.



Estou correndo o mais rápido que posso, mas não é rápido o suficiente.

Os gritos e berros ecoam pelas ruas enquanto corremos em busca de algum lugar que pareça seguro. Neste momento, centenas de pessoas já se juntaram ao tumulto. Se eu tropeçasse e caísse agora, provavelmente seria pisoteada até morrer.

E o pior de tudo é que, por trás desse barulho todo, consigo ouvir o som das bombas.

— O que a gente faz? — grita Theo.

— Siga meus pais!

— Não é isso... A gente devia ficar aqui? Devíamos ir embora? O que você acha?

Acho que ele espera que eu diga para a gente sair daquele universo, pular dali e escapar das consequências do bombardeio. Ir para casa.

Quando sou a razão pela qual uma das minhas versões está com problemas, me sinto obrigada a ficar para que não precisem sofrer as consequências dos meus atos. Aqui, no entanto, esta Marguerite estaria ferrada de qualquer jeito. Não a coloquei em perigo algum, esta é a realidade da dimensão dela.

Mas se a gente deixar esta dimensão sem completar o trabalho de Wyatt Conley e sem recuperar o fragmento da alma de Paul, pode ser que ele se perca para sempre, e pode ser que Theo morra.

— Continue correndo! — grito para ele. — Agente firme!

Se a situação piorar, mando Theo para casa e enfrento o que for preciso.

As sirenes parecem mais altas agora, o som reverbera de cada prédio até quase me ensurdecer. Eu tive a ligeira impressão de que essa rua era meio abandonada, detonada... mas agora entendi que não foi o tempo que destruiu os prédios, e, sim, as bombas.

— Venham logo! — grita um homem da porta do que parece um galpão. Ele está vestindo uma braçadeira vermelho brilhante e um capacete, que espero que signifiquem que ele sabe o que está fazendo. — Temos que vedar as portas em quatro minutos!

As pessoas se espremem desesperadamente para entrar. Minha mãe tenta me alcançar, mas a multidão nos separa. De repente, estou no meio de dezenas de desconhecidos de pijama, de roupas comuns e até alguns só de roupa íntima. Não estou nem me deslocando mais para a frente, e, sim, sendo carregada pela maré de corpos ao meu redor. É difícil respirar. Ofegante, tento passar pela porta e acabo levando uma cotovelada no queixo de alguém que nem percebeu que eu estava ali.

— Ei! — A voz de Theo se sobrepõe aos gritos. Viro o pescoço e o vejo se acotovelando entre as pessoas, na minha direção. Um dos braços dele está em volta da minha cintura, apertando com tanta força que acho que multidão nenhuma conseguiria nos separar. — Você está bem?

— Uhum.

O que está longe de ser verdade, ainda mais com bombas voando sobre nossas cabeças, mas, graças ao Theo, consigo pelo menos me manter de pé.

Forço o corpo para a frente e de alguma maneira conseguimos entrar. Então começa o desespero para descer os degraus de concreto, até uma espécie de porão. Ainda que o espaço seja enorme, está lotado de pessoas, todas ofegantes ou chorando muito, ou as duas coisas, e, atrás de mim, vem muito mais gente. A única coisa que posso fazer é me escorar em uma parede para não ser derrubada.

Quando consigo encostar o ombro em um bloco de concreto, finalmente respiro fundo. *Fique calma. Não há nada a ser feito senão esperar.*

— Pronto — diz Theo apontando para a frente, onde, mais adiante na parede, consigo ver meus pais juntos, abraçados.

Mamãe se sobressalta quando vê a gente, como se estivesse prestes a desmaiar de alívio. Mas o alerta de ataque aéreo não acabou, então não sei por que ela parece aliviada.

Talvez por eu ter conseguido entrar, acho. Por eu ter uma chance.

Fico aguardando instruções sobre o que fazer, mas nessa situação só existe uma opção: esperar.

É o que fazemos. Todos juntos, tentando respirar. Algumas pessoas ainda estão chorando, outras tentam acalmar crianças desesperadas. Um homem próximo a nós está

rezando. A brisa das ruas indicando um clima de primavera não existe aqui: só se sente o calor de centenas de corpos próximos demais uns dos outros. Theo ainda está com o braço em volta da minha cintura. Eu me pergunto se ele está tentando me reconfortar ou confortar a si mesmo.

Já tive medo de morrer. É uma sensação horrível, um nó na garganta, o coração disparado como se fosse explodir suas costelas. Os filmes mostram as pessoas desesperadas e gritando como idiotas. Na realidade, não é assim: quando você teme por sua vida, é como se uma clareza apavorante tomasse conta de você. Então, você calcula suas chances a cada segundo. Inventa opções e possibilidades que jamais consideraria em outro momento. Percebe que sua vida é a única coisa que é completa e verdadeiramente sua. Existe uma força dentro de nós que não compreendemos até que ela seja necessária. Nós fomos, lá no nosso âmago, feitos para sobreviver.

E ainda pior que tudo isso, é ter medo por outra pessoa. É possível encarar os próprios riscos com uma calma inacreditável, mas os riscos de quem amamos? Esses nos deixam idiotas. Nos enlouquecem. O medo e a esperança se alternam, contando mentiras, uma mais improvável que a outra. Nossa imaginação mata repetidamente a pessoa que amamos na nossa cabeça, e temos que assistir a tudo aquilo. E o mais estranho é que, de alguma forma, nem aquilo tudo é tão insuportável quanto a tolice que vem com a esperança. É a esperança que nos faz acreditar em milagres que jamais aconteceriam, que nos esmaga com a verdade nua e crua.

Não existe perigo que eu já tenha vivido que me atormente tanto quanto saber que as pessoas que amo estão em perigo. Minha mãe, meu pai, Josie, Theo... qualquer um deles poderia explodir em mil pedacinhos e não há nada que eu possa fazer. E ainda tem Paul, onde quer que ele esteja neste mundo. Ele é o maior risco de todos.

Ficar aqui esperando para saber se vamos ou não explodir em mil pedaços é a sensação mais desesperadora, frustrante e assustadora do mundo. A presença de Theo me dá algum conforto, mas não muito mais que isso. Depois de alguns minutos, não consigo mais suportar a situação. *Ok, então use este tempo a seu favor. Olhe em volta, perceba o que você pode aprender sobre esta dimensão.*

Observar as pessoas ao meu redor não ajuda muito, porque aqui todos estão irritados, ninguém está vestido como deve se vestir normalmente... Mas reparo em uma senhora usando uma jaqueta militar muito grande para ela, algo que parece ter pegado correndo ao passar pela porta. A bandeira bordada na manga da jaqueta não tem as estrelas e listras norte-americanas, nem se parece com a bandeira de nenhum país que conheço.

Aparentemente, a situação geopolítica deste universo é muito diferente da do meu. Vou tentar me lembrar de procurar por um livro de história assim que puder.

Fico um pouco mais animada quando vejo um homem perto de mim vestindo um roupão de banho e carregando um jornal debaixo do braço.

— Posso dar uma olhadinha? — peço a ele, apontando para o jornal enrolado sob seu braço.

Algumas pessoas olham para nós, pois devem achar que um alerta de ataque aéreo não combina com se atualizar com as notícias. Mas ele me entrega o jornal, quase sem desviar os olhos do teto.

— Bem pensado — sussurra Theo enquanto eu abro o primeiro caderno. — Vamos ver com o que estamos lidando aqui.

A capa do jornal dizia: SAN DIEGO SE MANTÉM FIRME: ALIANÇA DO SUL DERROTADA NAS MONTANHAS DE SAN YSIDRO. Uma fotografia granulada em preto e branco mostra a costa do sul da Califórnia, mas em vez dos surfistas e dos guarda-sóis, a areia estava cheia de soldados mortos. São imagens tão fortes que não consigo acreditar que estejam na capa de um jornal.

Mas estou em um mundo onde todos estão envolvidos com a guerra de alguma forma. Provavelmente perderam a sensibilidade a imagens violentas há algum tempo.

E o que é essa “Aliança do Sul”? Theo me olha e sei que ele está pensando o mesmo que eu. Mas não é o tipo de pergunta que se faz em voz alta sem causar desconfiança nas pessoas em volta.

As páginas seguintes não dão nenhuma dica nova. Mas já devíamos esperar por isso: é claro que todos aqui sabem o que é Aliança do Sul. É uma informação tão óbvia que não precisa ser explicada nos jornais. Seria como... como ir até a página da CNN e achar um artigo explicando o que é a França.

E esse jornal é muito mais... concentrado em notícias que a maioria dos que conheço. Não tem caderno de esportes, nada de horóscopo... mas tem umas listas dos filmes mais assistidos, inclusive vejo o anúncio de um romance com Leonardo DiCaprio e Keira Knightley. Isso me faz sorrir. As pessoas tendem a encontrar o próprio destino, não importa em que mundo estejam.

Isso significa que Paul deve ser um físico, ou pelo menos algum cientista. Meus pais já devem ter ouvido falar alguma coisa sobre ele, ou então vão ouvir em breve. Talvez eu possa perguntar para eles, numa tentativa de descobrir alguma informação... Que desculpa eu poderia usar para perguntar sobre Paul? Preciso pensar em alguma coisa.

Estranhamente, o jornal *tem* artigos de tecnologia, sobre como os militares estão expandindo o uso da internet sem fio, construindo drones para o combate e aprimorando a navegação por satélite para direcionar melhor as tropas. Tudo parece muito moderno.

Theo, lendo o artigo por cima de mim, sussurra:

— Mas com isso tudo, por que eles ainda têm telefones com fio presos nas paredes?

Eu diria que a razão é a mesma pela qual eles plantam os próprios legumes e verduras. A mesma pela qual os ovos são limitados e o papel é vagabundo. O mundo evoluiu muito, mas essa tecnologia é reservada para uso militar.

Contudo, meus pais têm acesso a ela, afinal, estão pesquisando sobre o Firebird. O que significa que, neste mundo, eles estão fazendo exatamente o que Wyatt Conley faz no nosso: tentando criar uma tecnologia que consigam dominar, controlar, vencer.

Conley está fazendo isso para lucrar, penso. Meus pais estão tentando impedir a destruição do país. Coisas bem diferentes.

Escutamos um barulho muito alto ali, e várias pessoas gemem de tristeza. Mas não sentimos a terra sacudir demais, foi mais como um daqueles terremotos que você mal nota e, de repente, acabou. Os aviões devem estar longe de nós. Por enquanto.

Tento imaginar o que está acontecendo lá fora. Todas as imagens na minha cabeça vêm de filmes ruins e breves documentários sobre a Segunda Guerra Mundial, sendo que nenhum me ajudou a me acalmar. Só percebo que estou tremendo quando Theo me abraça um pouco mais forte. Fecho os olhos e apoio a cabeça no ombro dele, tentando respirar de forma mais suave.

Outra explosão, agora mais alta e forte. Pó de cimento, vindo do teto e dos blocos de concreto, cai sobre nossas cabeças, e o impacto é tão forte que algumas pessoas desabam no chão. Theo nos mantém de pé, mas não é fácil.

Onde será que Paul está? E se ele não for um cientista? O Paul deste universo pode ser um soldado, também. Pode estar nesta mesma batalha... arriscando sua vida, mesmo agora.

Se morrer com uma parte da alma do meu Paul dentro dele, o fragmento vai ser perdido para sempre. Eu não conseguiria recriar sua alma. Reanimá-lo. Seria como se ele morresse também.

Não ouço uma explosão: é como se o som da explosão tomasse conta do mundo inteiro. O chão treme sob nossos pés. Quando menos espero, estou deitada em meio a uma multidão de pessoas desorientadas e enlouquecidas de medo. Enquanto tento me levantar, puxando Theo comigo, sinto água correndo por meus pés. Algum cano deve ter se rompido.

Imagino o cômodo se enchendo de água, todos tentando respirar os últimos centímetros de ar...

Mas não é tanta água assim. E ainda que muitas pessoas estejam gritando e chorando, não me parece que o abrigo tenha sido muito detonado. A bomba chegou perto, mas está tudo bem, por enquanto.

Theo me olha, preocupado, e pergunta:

— *Tem certeza* de que a gente devia ficar aqui?

— Não temos escolha! — sussurro de volta.

— Marguerite, não dá para salvar Paul se a gente morrer aqui.

— Mantenha uma das mãos no Firebird. Não vamos sair daqui até que seja completamente necessário. No último segundo. Pode ser?

— Ok. Entendi.

E então começo a ouvir os aviões como se estivessem dentro do cimento. Debaixo da terra. O som só poderia estar tão perto se aeronaves estivessem exatamente em cima da gente.

Eu olho para Theo, que me encara de volta. Ele aperta minha mão com força e diz:

— Caso aconteça alguma coisa... saiba que eu te amo.

O mundo fica branco e desaparece.

Todos aqueles filmes de ação que a gente vê, com os caras correndo penteados enquanto os prédios caem e explodem bem atrás deles? Não passam de uma babaquice.

Quando alguma coisa explode perto de você, é como se uma parede de ar quente batesse tão forte que parece que você deu de cara numa pedra. Seus tímpanos parecem que vão se despedaçar, como se a bomba estivesse na sua cabeça. Não dá para ouvir nada além de um rugido grave e um zumbido bem agudo, que tocam repetidamente, sem fim. A explosão te derruba, queima sua pele.

Consigo me levantar apoiada nos cotovelos em meio a todas as pessoas atordoadas ao meu redor. Está tudo branco de fumaça, e ao olhar para cima, encontro o céu noturno, emoldurado pelo cascalho do que deve ser o prédio para o qual fugimos mais cedo. Lá em cima, há fogo, mas não tem nada queimando aqui embaixo. Minhas mãos estão formigando, arranhadas e sujas de sangue, mas não vejo nem sinto nada além desses ferimentos leves. Ao meu lado está Theo, deitado de costas no chão, tossindo tanto com a fumaça que parece que vai vomitar. Mais adiante, vejo minha mãe sentada no chão, balançando a cabeça, como se estivesse tentando afastar o zunido dos ouvidos. Meu pai está limpando o cabelo dela com as mãos.

Assim que a fumaça some, olho para o outro lado do galpão. Peles queimadas. Pessoas sem um braço ou uma perna. Sangue. Muito, muito sangue.

— Ajudem! — grita alguém.

Não é como se eu soubesse lidar com qualquer emergência médica, mas é impossível fazer parte deste momento e não sentir necessidade de ajudar de alguma forma. Quando chego do outro lado do galpão, onde estão as pessoas feridas, há algumas enfermeiras e um médico já trabalhando para ajudar, então me agacho ao lado deles e pergunto o que posso fazer. Os minutos que se seguiram ficam um pouco confusos na minha memória: rasgar pedaços de roupas para fazer torniquetes, puxar pessoas para mudar a posição delas no chão, proteger os membros quebrados e diminuir a dor. Uma senhora parece estar sofrendo um ataque cardíaco, mas sem remédios nem ambulância, tudo o que posso fazer é me sentar ao lado dela e ajudá-la a respirar.

— Respire devagar, respire fundo. Tente manter a calma — digo.

Ela me olha como se eu fosse uma imbecil. Ok, sei que “tente manter a calma” não é algo fácil de fazer quando há bombas caindo do céu. Mas temos que tentar.

Quando ela se acalma um pouco, começo a procurar Theo e o encontro atrás de mim.

— Quer ajuda em alguma coisa? — Sua voz rompe o barulho contínuo das chamas lá em cima.

Certamente tem algo que ele possa fazer, mas as pessoas em pânico e feridas aqui embaixo me fazem lembrar de uma pintura de Hieronymus Bosch: sem sentido nenhum e um tanto quanto grotesca. Quem diz o que podemos ou não fazer?

— Peraí.

Ouçó um assobio indicando que outra bomba está vindo. Theo e eu nos entreolhamos em pânico, e seguro a mão dele. Mas o impacto é bem mais distante, dessa vez. E o seguinte mais distante ainda. Começamos a respirar um pouco mais aliviados, e as pessoas à nossa volta parecem mais relaxadas.

— Sobrevivemos? — pergunta ele, baixinho.

— Espero que sim.

E só então me dou conta de que ainda estamos de mãos dadas, por isso, puxo a mão. Não nos entreolhamos mais.

Ali perto, uma menininha pergunta para a mãe:

— Acabou?

— Vamos ser liberados daqui a pouco — responde a mulher. — Só mais um instantinho.

Considerando os olhares esquisitos que ela recebe ao dizer essa frase, dá para notar que nem todos estão otimistas como ela. Eu, no entanto, considero positivo só o fato de já não estarmos mais ouvindo bombas.

Continuo me oferecendo para ajudar as enfermeiras em tudo que posso, o que é bem pouca coisa. Depois de uma hora, mais ou menos, um médico que assumiu o turno me manda descansar. Suspirando, me encosto na parede e coloco as mãos nos bolsos.

E encontro alguma coisa no do lado esquerdo. Puxo e vejo que é uma foto que cabe na palma da minha mão, e no verso está escrito: *Com todo o meu amor, para sempre.*

Viro a foto e vejo Theo de uniforme, sorrindo para mim.

— O que é isso? — pergunta ele de onde está sentado, ali perto. Ainda não viu o que é, só está tentando puxar papo.

— Nada — respondo e guardo a foto de volta no bolso.

Só recebemos o sinal de que o perigo passou muitas horas depois. Enquanto aguardávamos, meu corpo ficou extremamente tenso, comecei a sentir muita fome e o sol lá fora passou a brilhar tão forte que parecia que ia queimar meus olhos. Saio tropeçando pela rua, tentando ver tudo o que acontece à nossa volta. A maior parte do bairro parece igual, exceto pelas áreas que foram completamente destruídas. Nesses locais, o que antes eram prédios são agora buracos na terra. Mais adiante, consigo ver fumaça saindo de vários novos pontos de fogo.

Com um megafone, o cara de braçadeira vermelha grita:

— Todo trabalho manual e comercial está suspenso por hoje! Voltem para suas casas e aguardem novas instruções!

— Graças aos céus isso aconteceu à noite, e não durante o dia, com as pessoas no trabalho! — exclama minha mãe enquanto andamos para casa pelas ruas arruinadas. À nossa volta, a fumaça deixa o céu da manhã mais escuro. — Eu não ia querer nem imaginar você na fábrica de munições quando isso aconteceu...

Oi? Meu emprego neste universo é em uma fábrica que constrói bombas? Como vou me safar dessa? Além disso, no momento, não consigo pensar em algo que eu queira menos do que fazer mais uma bomba para este mundo.

Alguns prédios que vi há algumas horas estão agora no chão, em pedaços, cacos de tijolos e vigas. A maioria das casas estava vazia, certamente, por causa da sirene de alerta. Mas não temos certeza. Quando vejo um velocípede de cabeça para baixo no meio dos escombros, preciso parar e semicerrar os olhos com força por um instante.

Assim que nós quatro chegamos em casa, intactos e intocados, meu pai olha para Theo.

— Sabe, soldado Beck, durante a guerra, as emoções são mais fortes. Vivemos como se não houvesse amanhã. E, por conta disso, fingimos não ver algumas coisas que em outro momento seriam bastante incômodas. Como, por exemplo, um rapaz saindo do quarto da minha filha no meio da noite.

Pela primeira vez na vida, vi Theo ficar sem palavras. Meu pai continua:

— Eu mesmo estou experimentando esse tipo de amnésia, no momento. Por exemplo, não faço a menor ideia de como você conseguiu nos encontrar no meio do ataque aéreo, considerando que, é claro, você não estava nem perto do quarto de Marguerite quando tudo isso começou. Mas desconfio que seu superior não sofre do mesmo tipo de lapso de memória, então devia voltar para a base imediatamente.

— Certo. Claro. Sim. — Ele enfia a mão no bolso e pega a carteira, onde espera encontrar o endereço da base militar para a qual ele deve se apresentar. — Eu vou só... hum... estou indo... É, vou fazer isso. Agora.

Minha mãe sorri, achando graça, e pergunta:

— Não vai levar sua bicicleta?

Ele olha em volta e eu noto no canto a bicicleta na qual reparei ontem à noite. Ele suspira fundo, e sei que ele está sonhando com um carro.

— Claro, senhora. Marguerite, apareço mais tarde, ok?

Respondo com um aceno de cabeça. Ainda estou muda, pensando na noite passada e nas palavras que ele me disse antes da última bomba explodir... O que ele queria que eu soubesse se aqueles fossem os últimos instantes da nossa vida. Ele dá um sorriso discreto, se vira e vai embora.

Ao entrarmos em casa, meus pais agem como se nada tivesse acontecido. Para eles, isso é normal. Meu pai diz que vai fazer o café enquanto mamãe toma o primeiro banho. Fico sentada na cozinha, incapaz de me mover ou de pensar. O cheiro de queimado não sai do meu nariz.

Depois de apenas alguns minutos, escuto a porta bater, e logo em seguida há o som de botas pesadas se aproximando da cozinha. Meu pai suspira de alívio.

Josie entra, usando seu macacão, exibindo um sorriso.

— Ei! Parece que ainda temos casa!

— Ainda bem — responde papai. — Útil, não acha? Eu não saberia onde colocar meus sapatos, se não tivéssemos mais uma casa...

Os dois estão fingindo que nossa vida não estava em perigo durante o ataque. É provável que, sem fingir, o medo seja grande demais para suportar viver. Não estou aqui há

tempo suficiente para fazer piadinhas, mas, com um pouco de esforço, sorrio para minha irmã.

Papai pega uma frigideira e uma espátula e diz:

— Verdadeiros ovos mexidos saindo! E são os últimos por um bom tempo, então aproveitem.

— Será que não conseguimos trocá-los por mais cartões de ração? — Josie faz uma careta. — Ovos reconstituídos são uma porcaria.

— Não seja gananciosa, Josephine. Nós temos mais que a maioria das pessoas — diz minha mãe, entrando na cozinha, e não há nada mais estranho do que vê-la com uma jaqueta militar, saia social e gravata.

Meus pais se abraçam e a frigideira chia. Josie se inclina na minha direção e sussurra:

— Mamãe e papai estão te dando uma colher de chá com essa coisa de amor-em-tempos-de-guerra. Mas eu preciso dormir. Dava para manear no volume com Theo?

Meu Deus, minha irmã me ouviu fazendo sexo, não, não, não, não...

— Desculpe.

Mas ela já esqueceu o assunto:

— Sabe o que seria bom agora? Cafeína!

— Cafeína saindo! — grita papai, colocando canecas na mesa e as enchendo com um líquido marrom e quente, fumegando diante de nós. Mas o cheiro não é de café. Quando tomo um gole, é algo tão amargo que tenho que me esforçar muito para não cuspir.

— Talvez você devesse tomar menos café, Marguerite — dispara Josie. — Não parece estar dormindo bem ultimamente.

De propósito ou não, minha mãe vem me salvar:

— Foi bom voar hoje cedo, Josie?

— Muito bom.

Ela continua falando, e entendo que minha irmã não é só uma militar, ela pilota aviões de caça.

A princípio, isso parece muito estranho. Minha irmã mais velha sempre foi muito aventureira. Sempre gostou de desafios. Surfe, snowboarding, tirolesa... se é preciso assinar um documento dizendo que você está ciente dos riscos antes de praticar, ela acha divertido. Não importa quanto esta dimensão me pareça diferente: minha irmã encontrou, mesmo aqui, uma forma de conseguir os picos de adrenalina de que tanto gosta.

— Queria que alguém tivesse nos avisado sobre o laboratório — resmunga meu pai enquanto mexe os ovos na frigideira.

— As linhas telefônicas não devem estar funcionando — argumenta mamãe. — Eles vão mandar alguém, com certeza. Até lá, é inútil se preocupar.

Ela sempre diz isso. E meu pai responde da mesma forma:

— Não fico preocupado porque é *útil* se preocupar. Fico preocupado porque não consigo evitar.

— Termine o café.

Ela dá um tapinha nas costas dele.

— Venha, pai.

Quero que ele pare de falar sobre a guerra. Quero que ele se sente com a gente e faça piadas ruins durante a refeição, como sempre. Era tão estranho quando, há pouco tempo, eles estavam fingindo que não havia perigo nenhum... Agora tudo que eu queria era voltar para esse momento.

Mas isso não acontece.

— Temos que prosseguir — diz meu pai, colocando os ovos da minha mãe no prato. Ele está falando com ela, não comigo. — Podemos fazer mais trabalho teórico, mas se o projeto Firebird for realmente ajudar nesta guerra... *temos* que construir esse protótipo o mais rápido possível.

Mamãe concorda com a cabeça.

— Eu sei. Teremos que começar amanhã. Iam nos mandar começar esta semana, de qualquer forma. Duvido que os generais queiram esperar mais que isso.

— Você consegue, Sophie — diz ele. — Vai dar certo. Vamos fazer dar certo. É nossa última chance.

Nesta hora, me dou conta: Conley me mandou aqui para sabotar o trabalho dos meus pais com os Firebirds. Não vou ter Paul de volta se não fizer isso. E não posso curar Theo.

Mas se eu roubar a tecnologia que minha família está construindo nesta dimensão... pode ser que eu condene todos eles à morte.

Há uma batida na porta.

— Deve ser alguém do laboratório — diz ela.

Eu me levanto antes. Quero me ocupar de alguma forma.

— Eu vou!

Abro a porta. E dou de cara com Paul.



Paul está sentado na sala da minha casa, na cadeira mais desconfortável de todas. Ele tirou o quepe do uniforme assim que entrou. Se não fosse isso, ele seria idêntico a um pôster de recrutamento. A jaqueta azul-marinho cobre seus ombros largos, a calça veste perfeitamente. Até os sapatos dele brilham. Sua postura é tão rígida que penso que ele deve estar com dor na coluna.

Quero correr até ele, usar o lembrete e pegar o segundo fragmento logo (estou quase lá, só mais um pouquinho!), mas não posso. Nesta dimensão, tanto ele quanto meus pais sabem o que é um Firebird, e entenderiam o que estou fazendo e que venho de outro universo. Em outras palavras, eu seria desmascarada.

O tom de carinho com o qual estou acostumada entre meus pais e Paul não existe. Aqui, eles parecem ser os superiores dele e nada mais.

— E nosso microscópio de elétrons? — pergunta mamãe.

— Nada que não possa ser consertado — responde ele. — Ou melhor, pode ser consertado se conseguirmos encontrar as peças.

— Que inferno — exclama papai, com as mãos na cabeça.

— Está tudo bem, Henry. Ainda podemos fazer o teste de ressonância. Só não aqui. — É estranho ver minha mãe agindo de forma tão... *oficial*, especialmente com Paul. — Tenente, as instalações de São Francisco estão prontas?

Paul assente e responde:

— Quase prontas, senhora. Posso ir à cidade amanhã para supervisionar pessoalmente as modificações. Em cinco dias, estaremos prontos. Uma semana, no máximo.

— Então precisamos revisar os planos — comenta minha mãe. — Normalmente, faríamos isso na base, mas acredito que você não iria se opor se quisermos nos encontrar aqui hoje, tenente Markov.

Ainda que este seja um universo completamente diferente, e que este seja um Paul completamente diferente, alguma coisa ainda surge no meu coração quando escuto essas palavras: *tenente Markov*.

Será que não posso apenas pegar o fragmento da alma dele? Se meus pais ficassem sabendo de tudo, será que seria tão terrível assim?

Sim, seria. Meu coração se aperta, imaginando a reação dos meus pais. Este mundo está em guerra, e sou uma invasora disfarçada de filha deles. Se me entregarem para as autoridades, posso acabar em uma prisão militar. Ou, de qualquer maneira, quando eles ficassem sabendo que vim de outra dimensão, eu jamais conseguiria sabotar a pesquisa deles. E se eu não conseguir provar que fiz isso quando voltar ao escritório de Conley na Tríade, ele não vai me dar as coordenadas finais nem a cura para Theo.

— Claro que não, senhora. Vou usar esta mesa, então.

Ele se vira para as coisas que estão diante dele (meu caderno de desenhos, aberto com um retrato que fiz do Theo) e parece hesitar.

— Quero dizer. Se a senhorita não se importar, senhorita Caine.

Senhorita Caine?

— Não, claro que não, pode usar.

Dou um passo adiante para tirar meu material da mesa. Minha mão esbarra na dele, por acidente, mas ele reage no mesmo instante. Seus olhos procuram os meus, tentando entender.

O olhar dele é o mesmo que já conheço. Aquele que demorei tanto tempo para interpretar. Mas uma vez que passei a entender, nunca mais me senti perdida.

Ele me ama. Ou, pelo menos, se preocupa muito comigo. E, obviamente, ele e eu já nos conhecemos há bastante tempo, nesta dimensão.

Então por que ainda somos “tenente Markov” e “senhorita Caine”?

E mais que isso: se Paul está aqui, na minha vida, por que estou com Theo?

Em pouco tempo, nossa casa se transforma num laboratório de física improvisado, o que para mim não é novidade. Mas neste universo meus pais não são tão carinhosos e acolhedores como no meu. Não que eles sejam rudes com Paul, longe disso, todos são educados até demais. Mas o carinho com que meus pais trataram Paul desde o início, o

afeto que os fez prepará-lo um bolo de aniversário, comprá-lo um casaco de inverno decente... não há nem sinal desse tipo de carinho nesta dimensão. Talvez essa seja a diferença entre um ambiente universitário e um militar. Os professores que seriam seus amigos em um programa de pós-graduação precisam manter certa distância quando são seus oficiais superiores.

Enquanto eles falam de números, fico sem nada para fazer. Os boatos dizem que a fábrica onde eu trabalhava, a de munições, foi destruída no último ataque aéreo. O que, cá entre nós, é um alívio. Imagine eu fazendo bombas! Seria a receita para um desastre. Pela maneira que meu pai me dá a notícia, parece que ele espera que eu vá ser designada para outro trabalho em breve. Mas “em breve” não é “agora”, então meu dia está livre.

Em um dia comum, sempre que estou fora da minha dimensão, passo o tempo livre procurando informações novas sobre as pessoas ao meu redor. Isso significa pesquisar na internet ou até em outros tipos de fontes mais sofisticados, dependendo do que o universo em questão já desenvolveu. Em outros, não tão avançados, pesquiso em livros. Meus pais sempre tiveram muitos livros espalhados pela casa, porque são muito curiosos com tudo, desde os incas até origami. Mas, neste mundo, parece que papel é um item racionado, como todos os outros. Não existem enciclopédias ou histórias para ler. Nossa casa não tem muitos livros, e a maioria são romances. Mesmo os romances poderiam me ajudar em algo, eu sei, mas eu teria que tentar adivinhar o que é verdade e o que é ficção em cada um. Então, em vez de tentar obter fatos vitais para minha missão, acabo lendo um romance de Jane Austen chamado *Os irmãos*. Acho que não temos este no meu mundo, então, já é alguma coisa.

No meio da tarde, enquanto estão fazendo um intervalo para comer um lanchinho, que parece duvidoso, com pêssegos em calda, minha mãe me puxa no canto da sala.

— Você não está desconfortável, está?

— Hum... não?

— Sei que a situação é estranha para todos — continua ela. — O tenente Markov é essencial para nossa pesquisa, e temos que trabalhar de casa hoje, então, não tem jeito.

— Tudo bem. — Ela parecia querer uma resposta.

— Parece que ele está lidando bem com o desapontamento. É tudo o que podemos pedir. Só espero que isso não te deixe desconfortável.

Parece que Paul queria sair comigo e eu disse não.

Por que eu diria não?

— Está tudo bem — falei. — Paul é um cara legal. Sei que ele vai sempre fazer o que é certo, no final.

Mamãe me olha como se eu tivesse acabado de dizer, sei lá, que Plutão tem avestruzes orbitando em volta do planeta. Será que foi porque fiz besteira e chamei ele de Paul?

Mas, depois de alguns segundos, ela concorda:

— Às vezes esqueço como você é perspicaz.

Dou um abraço nela, pensando nas longas semanas que passei presa em dimensões nas quais ela já estava morta... Viajar pelos mundos nos ensina a ter perspectiva. Nos faz dar valor às coisas que temos.

À noite, enquanto a conferência científica *ad hoc* ainda estava acontecendo, a campanha tocou de novo. Meu pai atendeu antes de mim.

— Soldado Beck. *Quanto tempo*.

— Boa noite, senhor. Marguerite está?

Ele me vê na casa e abre um sorriso enorme. Theo está se saindo um excelente ator. Talvez bom até demais.

No entanto, os papéis precisam ser interpretados.

— Theo — digo, andando na direção dele. Ele me pega pela cintura e me abraça com tanto entusiasmo, tanta intimidade, que não consigo lidar com o fato de que meus pais estão ali assistindo a essa cena. — Já chega — falo no ouvido dele.

— Chega por enquanto — responde ele também no meu ouvido.

Esse não é meu Theo.

O Theo deste universo, aquele que estava na cama com a Marguerite, aquele que a ama... é o Theo que está me abraçando neste momento.

Consigo me desvencilhar dele sem empurrá-lo contra a parede. Meus pais estão distraídos, olhando para as equações. Da mesa da sala, Paul nos observa e volta a baixar o olhar quando percebe que estou olhando para ele.

— Como os sistemas de telemetria se saíram no ataque, soldado Beck? — pergunta minha mãe a ele, sem sequer levantar a cabeça.

— Muito bem, Dra. Caine — responde ele. Hum, então meus pais são oficialmente casados neste universo. Bom saber. — No primeiro ataque... por alguns instantes, parecia que eu nem sabia como tinha chegado à base. Muito estranho.

Bom, isso foi porque meu Theo estava no comando durante esse trajeto, e a consciência deste Theo não voltou ao corpo dele até bem depois. Ele deve ter aumentado o intervalo entre os lembretes, como eu disse para que fizesse.

— Não sofremos muitos danos — continua ele. — Revisei o sistema inteiro. Voltaremos amanhã com força total.

— Você já jantou? — pergunta ela, que está sendo um pouco fria, talvez por se lembrar de nós dois correndo pela casa descabelados e não totalmente vestidos. — Não posso oferecer muito além de torradas com queijo, porque estamos com estoque de rações baixo. Mas, se você não se importar, está convidado.

— Já comi. Só vim conversar um pouco com Marguerite.

Papai nos expulsa ao dizer:

— Ótimo, vão conversar lá atrás.

Lá atrás? Bom, Theo parece que sabe do que ele está falando, porque me puxa pela mão e me leva para o quintal da casa. Enquanto andamos, Paul nos observa, os olhos acinzentados ansiosos... Não. *Famintos*. Até que ele nota minha mãe olhando para ele e volta a enfiar a cara nos papéis à sua frente.

Adoro nossa varanda atrás da casa, com enfeites de peixes tropicais com luzinhas e um jardim que é tão inclinado que não dá para colocar nem uma cadeira. Adoro a forma que é cercado por árvores altas, fazendo com que pareça que nossa casa em Berkeley Hills não fica no meio de um bairro lotado. Em vez disso, parece que estamos isolados do resto do mundo, em um lugar calmo, silencioso, em paz, e que é só nosso.

Nesta dimensão? Não é nem próximo disso. Tem uma varanda, com apenas uma árvore. Alguns centímetros de concreto, que devem ser considerados um “pátio”, e um banquinho mixuruca. Mas, considerando o jeito que Theo me puxa para perto dele naquele banco, parece que é nosso lugar preferido.

— Senti saudade de você hoje — sussurra ele, me puxando para perto.

Meu corpo inteiro fica excitado, mas consigo mantê-lo a certa distância.

— Calma.

Quando puxo o Firebird de dentro da jaqueta dele, ele fica surpreso:

— Que porra é essa?

— Você vai ver — digo, digitando a sequência que ativa o lembrete.

A carga é dada. Ele xinga e se afasta de mim. Depois de respirar fundo algumas vezes, arregala os olhos. É ele de novo.

— Uou.

— Está tudo bem?

— Eu estava, tipo... Eu estava no meu corpo. Mas ao mesmo tempo não estava! Era tipo estar sonâmbulo, mas sem dormir. É a coisa mais bizarra que eu já... que eu já... Uau. — Ele balança a cabeça, como se quisesse que as coisas ficassem mais claras. — Como você lida com isso?

— Isso não acontece comigo — digo para que ele se lembre. — Estou no controle o tempo todo, não importa em que universo eu esteja.

— Parece bom! — Ele respira fundo e volta a pensar no nosso problema. — O que aconteceu lá dentro?

Considerando que Theo não é um viajante perfeito, ele não se lembra do que acontece nas viagens com tanta clareza quanto eu. Então pode ser que não se lembre do nosso abraço apaixonado. Ou está fingindo que não. Seja o que for, fico agradecida.

— Nada de mais. Você veio me ver, meus pais fingiram que você não estava aqui de manhã e nos mandaram aqui para trás.

— Aquele com seus pais era Paul, certo?

— Sim.

— Por que você não foi até ele logo? Para pegar o fragmento?

— Porque preciso estar em contato com ele para fazer isso — respondo, ficando vermelha mais uma vez. — Contato próximo. Não dá para fazer isso no meio da sala.

Theo franze o cenho:

— E se for o único jeito?

— Bom, se não tiver outro jeito, eu vou fazer. Mas se eu começar a agir de um jeito esquisito antes que a gente entre nos sistemas do computador dos meus pais, eles podem descobrir que estamos planejando algo. — Coloco o dedo na corrente dos dois Firebirds que estão no meu pescoço. — Lembra? É difícil para pessoas de outra dimensão verem os Firebirds, mas elas podem ver, ainda mais se souberem como procurar. E, neste mundo, eles sabem.

— Ok, ok, entendi. — Ele hesita por um instante e então acrescenta: — Eu pensei... Eu deduzi que você não o conhecia neste universo. Paul.

— Bom, eu conheço — respondo da forma mais delicada possível.

Minha atitude casual não engana muito Theo, que pergunta:

— Tenho permissão para me sentir bem com isso?

— Com isso o quê?

Ele responde, então, com os olhos sombrios e impenetráveis:

— Com o fato de que existe pelo menos um mundo no multiverso no qual você me escolheu.

Fico feliz por estar escuro aqui fora. Talvez assim ele não veja como fico vermelha.

— Eu... É como vocês dois sempre dizem: em um multiverso infinito, tudo pode acontecer. Tudo acontece.

— Então, isso... eu e você... nós sempre estivemos dentro de um universo possível? Não sei o que pensar disso. — Ele olha para o céu. Talvez as luzes estejam apagadas por causa das bombas, mas dá para ver cada estrela. — É possível que você nem conhecesse Paul antes de hoje.

Eu devia concordar e seguir em frente. Mas conto a verdade para ele:

— Não, eu já o conheço. E ele... gosta de mim. Eu sei.

— Coitado. — Olho para ele, que dá de ombros, mas é péssimo em fingir que está bem.

— Estar apaixonado por uma garota que não te ama de volta... é uma merda. Eu sei bem.

Não existe nada que eu possa dizer em resposta a isso.

— Eu não desejaria isso nem ao meu pior inimigo. Então, definitivamente, não desejaria para Paul. — Ele pensa um pouco, depois muda de assunto: — Escute, quando eu estava na base, tentei usar os computadores militares para descobrir alguma coisa sobre os Firebirds. Não consegui nada. Talvez seja porque não faço parte do projeto. Mas imagino que seus pais sejam muito preocupados com segurança, como sempre.

Meus pais não são aqueles tiozões que usam senhas *ABC123*. Por um bom tempo, a senha da minha mãe era a capacidade térmica molar do magnésio, e isso era só para uma conta de e-mail. Para acessar um projeto militar sigiloso, tenho certeza de que eles vão usar todas as barreiras possíveis. Ainda assim, achei que Theo conseguiria alguma coisa por conta da familiaridade que tem com esse modo de pensar dos dois.

— Você acha que não tem jeito de entrar?

— Talvez, se eu tivesse acesso não monitorado a um terminal por algum tempo. Mas, neste universo, não acho que isso acontece. Não consigo acessar um computador militar a partir de uma base militar. Eu seria preso antes de apertar Enter.

O que podemos fazer? Temos que cumprir o que Conley pediu, se quisermos ter alguma chance de salvar Paul e Theo. O vírus de computador pode fazer o trabalho para nós, mas só se conseguirmos acessar o sistema que o vírus foi programado para destruir.

A resposta aparece na minha frente, e digo:

— O melhor não é tentar o acesso por meio dos meus pais. É usar Paul.

— Como vamos fazer isso?

— Ele vai para São Francisco amanhã preparar o laboratório para um teste dos componentes do Firebird. Se formos com ele, podemos sabotar o laboratório. Certo?

— Talvez. — Ele parece em dúvida. — Mas por que Paul nos daria acesso?

Respiro fundo.

— Porque vou pedir para ele.

Ficamos um longo tempo em silêncio. E então ele diz:

— Você vai trair um Paul para salvar outro.

— Se for preciso, sim. — Mas quando escuto ele falando isso, o plano me parece muito mais cruel... — Além disso, eu teria a chance de ficar... mais perto dele. Então, no fim, conseguiria resgatar o fragmento da alma dele.

— Faz sentido — diz ele, seco.

— Não estou feliz com essa situação, tá? Odeio tudo que estou fazendo. É provável que Conley ache que não ligo a mínima para minha família de outras dimensões, mas a versão do meu pai daqui ainda é meu pai. Minha mãe ainda é minha mãe. Josie, Paul... Se eu fizer o que Conley quer que eu faça, posso estar tirando deles a última chance de vencer essa guerra. Mas preciso fazer isso. Me aproximar de Paul não é a pior coisa que vou fazer nesta dimensão. Não chega nem perto.

Nós dois ficamos olhando para longe, para um lugar onde a luz pisca pela nossa janela e reflete quadradinhos na grama. Até mesmo a eletricidade é racionada aqui, então a noite é silenciosa e sem muito movimento. Só se ouve o vento batendo nas folhas.

Theo é o primeiro a falar:

— Ouvi o máximo que consegui das conversas de guerra na base, hoje. Aparentemente, a situação não é boa. Perdemos o México. O que significa que este país já teve o território do México em algum momento, mas, enfim... As linhas de suprimento do centro-oeste estão interrompidas.

— Será que... se perdermos a guerra, teremos que reconstruir tudo? Como na Guerra Civil? — A era da Reconstrução e a era Jim Crow foram um horror, mas ainda parecem melhores que a alternativa. — Ou será que, se perdermos a guerra, Adolf Hitler passa a comandar o mundo?

— Pela forma que os caras estavam falando, pareceu a segunda opção... Ainda assim, estamos em guerra. Pode ser que estivessem exagerando. Todo mundo odeia o inimigo, não é?

Tomara que seja só isso mesmo.

— Escute, nós não temos o poder de acabar com a pesquisa dos seus pais de forma permanente, não importa o que Conley diga. — Theo segura minha mão, talvez para dar ênfase ao que diz, ou então por simples conforto, mas presto bastante atenção ao seu toque. — Supondo que a gente consiga infectar o projeto com o vírus, ferrar o sistema de informática que eles têm aqui... que, aliás, é tão bem amarrado que é moleza derrubar tudo... em quanto tempo você acha que seus pais conseguiriam refazer? Um ano, talvez? Pouco menos?

— Eles têm um ano?

De dentro da casa, dá para ouvir Josie rindo, como ela faz quando meu pai conta alguma piada ruim. Se eu fizer isso, vou trair minha irmã também. A culpa parece uma mão se fechando em meu pescoço, apertando cada vez mais, até que mal consigo respirar.

Então sussurro:

— Se meu Paul estivesse aqui, eu... eu acho que ele me mandaria deixar ele para lá e salvar meus pais.

— Se ele estivesse aqui, você ia mandar ele calar a boca e deixar você salvar a vida dele.

— Provavelmente — digo, rindo, apesar de tudo.

— Olhe. Esta tal “cura” para a exposição ao Furtanoite de que Conley tanto fala... Ele mesmo admitiu que pode não funcionar — diz Theo. — Se você estiver se obrigando a isso tudo por minha causa, não precisa. Mas não é só por mim. Temos que recuperar Paul. O que significa que vamos fazer o que for preciso. Certo?

— Certo — respondo, tentando não ouvir minha família conversando lá dentro.

Theo abre um sorriso, como se tudo estivesse bem, mas sabemos que na verdade nada está bem. Ele está fazendo isso para ajudar Paul, e sinto uma onda de ternura inesperada em relação a ele.

— Ok — diz. — Agora, tudo o que temos a fazer é descobrir como levar você até São Francisco.

Planejamos dizer que vai ser uma viagem romântica, alegando que Theo conseguiu uma folga (tomara que ele consiga mesmo!). Até que eu receba uma nova oferta de trabalho na guerra, a destruição da fábrica de munições significa que tenho tempo livre. Então... por que não São Francisco?

Antes de falarmos com meus pais, Theo diz:

— Você tem certeza que eles vão concordar e não apontar uma arma para minha cabeça?

— Meu pai não é o Clint Eastwood. Mamãe, talvez... Mas acho que não. — Além disso, me lembro de como eles reagiram quando contei que estava apaixonada por Paul. Talvez meus pais não sejam muito carinhosos com Theo neste universo, mas gostam dele. E não são antiquados. Eles são... realistas. — De qualquer maneira, se ela fosse atirar em você, acho que já teria feito isso hoje cedo.

— Você acha que está me reconfortando, mas não está.

Mas, de fato, pedir aos seus pais para fazer uma viagem romântica com o cara que fica entrando escondido no seu quarto à noite... em qualquer universo, *não parece bom*.

— Não acredito que você está pedindo isso — diz meu pai, andando na direção do cômodo principal. — Ainda mais sabendo tudo o que você sabe. Viajar para São Francisco! É um absurdo.

Theo e eu nos olhamos disfarçadamente. A expressão dele diz o mesmo que estou pensando: *ferramos tudo*.

Minha mãe fala pela primeira vez desde que pedi a ela para viajar:

— Henry, nós ainda não tivemos problemas com as linhas de trem tão ao norte.

Isso não acalma meu pai.

— Ainda não. Mas a qualquer momento... Será que o ataque de hoje não ensinou nada a ninguém? Não sabemos quando será o próximo ataque. Não temos esse privilégio.

Calma. Então ele não está irritado com a possibilidade da filha ficar em um hotel com Theo. Está irritado porque quero viajar para longe de casa. Ponto.

Eu me arrisco:

— Pai, o ataque de ontem à noite... Nós chegamos *muito perto* de ir pelo ares.

A voz da minha mãe sai trêmula:

— Não nos lembre disso.

— Vocês não entendem? Estamos em perigo em qualquer lugar! Não é como se aqui fosse mais seguro.

Depois de um instante, mamãe concorda, mas meu pai continua falando:

— Você se lembra do que aconteceu com sua tia Susannah. Todo mundo disse que os navios de passageiros eram seguros contanto que estivessem carregando uma bandeira neutra. Mas ainda assim... — Ele faz uma pausa e parecia prestes a chorar. Mamãe segura a mão dele.

Tia Susannah está morta.

Não consigo processar essa informação. Ela é minha tia de Londres, frívola e mimada, que nunca pareceu se importar muito com as coisas, exceto com moda e a alta sociedade, mas ela nos amava muito, e nós sempre fomos bem-vindos quando íamos à Grã-Bretanha. Uma vez, quando eu era mais nova, ela me levou para tomar chá em um hotel chique, e me senti tão adulta... tão... especial.

A última vez que vi tia Susannah foi em outra dimensão, na Londres futurista onde meus pais morreram quando eu ainda era criança e foi ela quem me criou. Obviamente, não era a melhor mãe possível. Minha tia Susannah não combina muito com instintos maternos. Mas, mesmo assim, ela me acolheu. Fez o melhor que pôde.

Agora tenho que imaginar minha tia em um navio no meio do oceano sendo atacado por torpedos e afundando rapidamente. Ela deve ter ficado tão assustada! E não deve ter tido nenhuma esperança de ser resgatada. Sem escapatória.

Minha mãe aperta a mão do papai.

— Marguerite tem razão. A segurança é um luxo que há muito tempo não temos, e pode ser que nunca mais tenhamos outra vez.

Ele não tenta argumentar exatamente, mas muda de estratégia:

— Ela tem dezoito anos. Vamos deixá-la viajar com o namorado?

— Nós devíamos viver intensamente, neste momento — diz ela. Todos ouvimos o que ela não diz: *enquanto ainda podemos*.

Papai dá de ombros, e sei que é um sinal de que estamos chegando a um “sim”. Minha mãe sempre ganha as discussões.

Theo tinha aceitado mentir sobre me acompanhar até São Francisco, mas, no fim, não precisou. Ele *estava* mesmo dispensado, e os oficiais superiores deram a ele três dias inteiros de folga. Por mais feliz que eu esteja de não ter que fazer isso sozinha, sabemos que a presença dele complica as coisas de uma maneira que nenhum de nós dois se atreve a dizer em voz alta.

Uma coisa é fingir ser um casal quando estamos sentados no sofá da casa dos meus pais. Outra é continuar com a farsa durante toda a viagem até o hotel onde vamos passar o fim de semana inteiro.

— Não acredito que eles realmente deixaram você fazer isso — reclama Josie, bufando, enquanto me leva de carro até a estação de trem na sexta de manhã. — Só faltou darem camisinhas para a viagem!

— Não foi *tão fácil* assim — protestei.

Minha mala de mão está no meu colo e parece feita de um material não muito melhor que papelão.

Ela dá de ombros e diz:

— Bom, é que tem uma guerra acontecendo.

O que é basicamente a mesma coisa que ela disse ontem à noite, quando me emprestou o único vestido bom que ela tem, vermelho-escuro e de um tecido leve como seda. *Para seu fim de semana romântico*, disse ela, e é claro que aceitei. Não podia discordar.

A estação de trem está cheia, mas vejo Theo quase imediatamente. Aceno para ele, que corre até nós duas e, representando bem seu papel, me abraça forte.

— Oi. Estava começando a achar que você tinha me dispensado.

— Nunca! — Espero que tenha sido um bom flerte.

— Divirtam-se, vocês dois — diz Josie, se virando para ir embora. — Façam as paredes do hotel tremerem mais que as do meu quarto!

Meu Deus, que vergonha! Minhas bochechas parecem pegar fogo.

Theo acena para ela com a mão e me dá o braço. Entrelaço o meu no dele. Como um casal faria se quisesse se tocar o tempo todo. Como um casal apaixonado.



Pelas janelas do trem, finalmente consigo ver o estrago que foi feito neste mundo nos últimos dias. Os bairros bombardeados pelos quais dirigi no outro dia, dos quais saí com as pernas trêmulas, parecem uma coisa terrível que aconteceu em um lugar já devastado. Ainda que eu tenha estudado sobre guerra nos livros, não fazia ideia do que realmente significava.

Agora não preciso mais imaginar. A evidência está dos dois lados do trem.

Acho que a gente vive longe da Berkeley que conheço, porque a viagem de trem demora um pouco mais do que eu imaginava. Por outro lado, estamos indo muito devagar, o que me permite observar ao redor. Em vez do alastramento urbano da área de baía onde moro, aqui passamos por cidades pequenas, cada uma mais triste e destruída que a outra. Tinta descascando dos prédios, lixo saindo de todos os becos, e ninguém parece estar dirigindo, sequer andando pelas ruas, ou fazendo qualquer outra coisa. Em grande parte, no entanto, o trem viaja por campos que parecem abundantes até demais. Montes de trevos e erva daninha tão altos quanto o próprio trem, às vezes mais altos. Videiras tomaram conta de cercas antigas. Parece que há muito tempo ninguém cuida dessas terras. Não criou nada aqui... Nem mesmo aparou o matagal.

Em geral, em um universo novo, tento decidir que artista poderia ter criado um mundo como este. Desta vez, não consigo pensar em nenhum pintor capaz de imaginar um mundo tão cinza e irremediável. Ainda que, talvez, Andrew Wyeth pudesse ter capturado tudo isso, se quisesse... a natureza, o interior, estranhamente sombrios.

— Há quanto tempo você acha que eles estão em guerra? — pergunta Theo, em voz baixa o suficiente para não chamar a atenção dos outros passageiros do vagão.

— Anos. Uma década? Talvez mais.

Pensando nas evidências de morte à nossa volta e no que provavelmente costumavam ser as casas mais caras do país, eu poderia acreditar que a guerra durou uma geração inteira.

Theo e eu estamos sentados juntos, como namorados fazem. Como os namorados que *somos* nesta dimensão. A maioria das pessoas à nossa volta está usando roupas escuras e práticas, como meu vestido, mas muitos homens estão de uniforme, como Theo. Olho de novo para ele, naquele uniforme verde-escuro, tão rígido, completo, com o quepe dobrado na cabeça, e não consigo evitar um sorriso.

Ele sorri de volta e pergunta:

— Qual é a graça?

— Seu uniforme. Não parece muito com uma camiseta do The Lumineers e um chapéu fedora.

— Você debocha do meu estilo. — Ele põe uma mão no peito, como se tivesse levado um tiro. — Mas sei que estou na moda. Quero dizer, normalmente. Não hoje.

— Os hipsters não estão deixando a barba crescer hoje em dia? — pergunto da forma mais inocente que consigo.

Theo faz uma careta.

— Eu, não. Quer dizer, talvez eu deixe um cavanhaque crescer algum dia. Mas essas barbas que vemos por aí? Acho isso meio caminho para virar Amish.

Caio na gargalhada. Outros passageiros se viram para nos olhar, mas em vez de ficarem irritados com o barulho, a maioria sorri. Talvez sejam mais sensíveis ao amor em tempos de guerra.

Se Theo notou, não demonstrou.

— Escute, eu ia esperar até chegarmos em São Francisco, mas parece que vai demorar mais do que imaginei.

Ninguém nos deu nenhuma previsão na estação de trem. Parece que a gente deve se sentir sortudo só por ter chegado ao destino desejado.

— Esperar para quê?

— Para dar uma olhada nos arquivos que roubei.

E de dentro da mochila ele tira uma pasta de papel manilha, dentro da qual havia folhas de impressora matricial.

— Ué, você não disse que não tinha conseguido burlar a segurança? — pergunto, me aproximando.

— Não consegui acessar as coisas confidenciais. Mas arranjar informações gerais não foi um problema.

Assim que ele abre a pasta, meus olhos se fixam no nome no alto da página: TENENTE PAUL MARKOV.

— Então aqui podemos ver as atribuições de Paul, os registros de serviço dele, que são impecáveis, aliás, e até mesmo seu endereço em São Francisco. — Ele franze as sobrancelhas olhando para o papel. — Uma área militar, é o que diz aqui. Acho que deve ser em algum lugar que não é um quartel, mas também não é um apartamento.

— A gente tem o telefone dele de lá?

— Sim. E do escritório na base também. Você pode falar com ele de um jeito ou de outro. — Então ele olha para o papel e aperta as folhas com tanta força que as amassa. — Merda.

— O que foi?

Ele aponta para um nome na outra página, uma página nova, que acabou de puxar. Há uma letra pequena, como as outras, mas assim que leio, o mundo fica paralisado.

Tenente Coronel Wyatt Conley.

— O que ele está fazendo aqui? — pergunto, mas tenho a resposta imediatamente: ele está fazendo o de sempre: inventando as tecnologias mais modernas e as vendendo para quem pagar mais. Neste mundo, estão com os militares.

Certa vez, no Londresverso, ouvi Conley dar uma palestra sobre como a guerra evoluiu ao longo dos séculos. Naquele dia, ele disse que as próximas armas e estratégias que seriam inventadas iriam além de qualquer coisa que a história já viu.

Por mais estranha que essa guerra seja para mim, não me parece ser tão incrivelmente diferente das outras que já ocorreram. Aqui, Conley não tem a tecnologia da qual precisa para fazer o que ele quer.

Então a ficha cai.

— Ele está conectado ao projeto Firebird, não está?

Mas... não pode ser. Se estivesse, ele não ia precisar de mim... Poderia sabotar os Firebirds por conta própria.

— Ele pediu para fazer parte do projeto diversas vezes. Sempre foi recusado. — Theo continua observando os arquivos. — mas Conley e Paul trabalharam juntos em outros projetos. Agora ele está tentando fazer Paul ser transferido para o departamento dele, mas também não conseguiu isso ainda.

— Você acha que o Conley desta dimensão está tentando controlar Paul? Ou que nosso Conley está tentando estragar as coisas, mas não está conseguindo?

— Meu palpite: as duas coisas. Mas nosso Conley desistiu, e é por isso que ganhamos essas férias com tudo incluído aqui no paraíso.

Ele faz um gesto como se dissesse “Veja esses prêmios maravilhosos!”, e me faz rir novamente.

A esta altura, reparo em um homem mais velho olhando para a gente com desconfiança.

— Lembre-se de conversar baixo enquanto estivermos falando de dimensões — falei, sussurrando.

Theo xinga baixinho.

— Sempre esqueço como esse lugar é *silencioso*.

Não tem nenhuma música ecoando dos fones de ouvido de ninguém. Poucas pessoas estão conversando. Não existe barulho de carros ou da vida da cidade lá fora. Só se ouve o barulho dos trilhos sob o trem, um ou outro som de alguém virando as páginas do jornal e Theo e eu.

Mais baixo, ele pergunta:

— Então qual vai ser nosso plano?

— Falar com Paul e descobrir tudo que eu puder. — Já estou contando os minutos para estar a sós com ele de novo. — Eu poderia sugerir fazer uma visita ao laboratório... Acho que é um começo.

Theo franze as sobrancelhas.

— Legal. E a parte de bolar um plano?

— Pode ser que funcione — retruco.

Theo já carregou o vírus para uma versão de disco rígido desta dimensão. Tudo que eu precisava fazer era conectá-lo com a porta correta, o que acho que será fácil de descobrir, se eu for ao laboratório.

— Pode funcionar — concorda ele. — Mas esse não pode ser o único plano. O projeto é confidencial. Talvez você não seja autorizada a entrar, não importa quem sejam seus pais.

Por mais que odeie admitir, ele tem razão.

— E o que mais posso fazer?

— Para começar, tente pegar a chave dele. A carteira também, se possível, ou pelo menos dê uma olhada para saber o que tem dentro. Como você é filha de Henry e Sophia, é possível que consiga falar com ele sobre os Firebirds sem muita dificuldade. Descubra como acessar o sistema e, com o vírus, temos o controle a partir daí. Quando alguém perceber, já teremos estragado o mundo todo.

A conversa de repente parecia tão... tática. Tão fria...

— Você parece feliz — reclamo. — Pode parar com isso?

— Ei — diz ele, mais calmo. — Sei que é difícil fazer isso com seus pais. Também os amo, você sabe. Assim como nós dois amamos Paul. E é por isso que estamos aqui. Se o que nos resta é decidir entre uma versão de outra dimensão e a versão da nossa... Só podemos fazer uma escolha. Certo?

— É que você acha que eles são completamente diferentes — digo —, mas não são. Minha mãe é minha mãe, em tudo que ela faz. Paul é Paul, em tudo.

— E eu sou o quê? O psicopata homicida da Tríade em todos os universos?
Seu comentário me magoa.

— Não quis dizer isso... Não são idênticos. Mas não são tão distintos como você está fazendo parecer.

— Se parecer alguma coisa nos ajudasse a cumprir esta tarefa, eu faria parecer o que você quisesse. Porque aquela cura para os efeitos do Furtanoite... Eu preciso dela, e logo. Entende?

— Entendo.

E entendo mesmo, mas suas palavras ainda assim machucam.

— É só me ignorar, ok? Às vezes faço comentários sarcásticos porque... sei lá, é mais fácil. — Theo claramente percebe que ainda estou sensível e não pressiona mais. — Ok. Você vai se encontrar com ele. Descubra tudo o que puder. Traga as chaves ou um cartão de acesso ao laboratório. E eu assumo a partir daí.

— Você?

— Não fique tão surpresa. Esta viagem pode ser a minha primeira, mas acho que já peguei o jeito da coisa. É claro, tive que diminuir a frequência dos lembretes, você estava certa sobre a bateria. E, além disso, lembretes doem para caramba. — Ele sorri com o canto da boca. — Por que você acha que vim? Para te dar uma desculpa para entrar no trem?

— Apoio moral, acho.

Ele riu.

— Apoio imoral, você quer dizer.

É impressionante como Theo consegue me fazer sorrir mesmo em uma situação tão triste. Ele sempre consegue isso. E acrescenta:

— Além disso, como você disse... enquanto você estiver roubando as coisas de Paul, vai estar próxima dele. E vai ter a chance de resgatar seu fragmento de alma.

Só de pensar em estar perto de Paul, seja o deste universo ou o do meu, fico arrepiada. Mas tento manter o foco. Se eu agir com pressa, ele pode perceber alguma coisa. Temos que concluir nossa missão antes que eu tente alguma coisa com ele.

— Só no último minuto — falo.

— Dois quartos? Por que um cara com uma garota tão linda quer dois quartos de hotel? — pergunta o recepcionista, parecendo curioso.

Muito sério, Theo responde:

— Sou um cavalheiro, senhor.

O homem olha para ele e diz, com muita sinceridade:

— Sabe quantos refugiados do sul da Califórnia nós temos recebido aqui nas últimas semanas? Vocês têm sorte de encontrar *um* quarto disponível! Ninguém vai ter muitas vagas. Fiquem com esse quarto, e seja um cavalheiro dormindo no chão.

Enquanto subimos de elevador, em silêncio, Theo leva nossas malas. Estou com a chave do quarto, uma chave antiga de metal com uma etiqueta plástica azul pendurada numa corrente.

— O chão está bom. De verdade — diz ele, por fim.

— Podemos revezar. Quatro horas de cama, quatro de chão.

— Pode ser também.

O problema é que entramos no menor quarto de hotel que já vi na vida, e não havia muito chão para revezar. Ainda que tecnicamente fosse uma cama de casal, é menor que as que eu conheço e, ainda assim, ocupa quase todo o espaço do quarto. Quase não temos espaço para entrar, colocamos as coisas em um armário tão pequeno que mal comporta minha bolsa e a mochila dele, e é difícil abrir a porta do banheiro, que não é muito maior que o armário. O carpete é bege, daqueles industriais, e a tinta amarelada nas paredes está descascando.

— Bom, não é nenhum Ritz. — Theo se senta na cama e franze as sobrancelhas. — Putz. Cadê o telefone?

O hotel só tem um telefone por andar. Se tiver que fazer uma ligação, precisa esperar numa fila para usar a “cabine”, que é, na verdade, um cubículo com um banquinho dentro. O cara na minha frente está há dez minutos brigando com uma mulher (esposa, namorada, não sei), que, aparentemente, acha que ele não tem tempo para ela. Pelo que escuto da conversa, eu diria que ela tem razão, mas ninguém me perguntou nada.

Finalmente, ele bate o telefone no gancho e sai da cabine. O aparelho agora é meu. Por alguns instantes, fico lá, sentada, olhando para o papel com o número de Paul, pensando em como fazer isso.

Até que leio novamente: *tenente Markov*. E disco o número.

Três chamadas, e ele atende.

— Markov.

Ouvir a voz de Paul é como chuva depois de um longo período de seca. Só ouvir a voz dele já me deixa com um nó na garganta. Tudo o que consigo dizer é:

— Tenente Markov? Aqui quem fala é Marguerite Caine.

— Senhorita Caine? — Seu tom de voz sugere que ele acha que pode ser um trote.

— Sim... Oi. Eu... tudo bem eu ligar?

— Claro, claro! Aconteceu alguma coisa com seus pais?

— Não, não, eles estão bem! Estou ligando porque... Bem, estou sozinha em São Francisco e... pensei que a gente podia se encontrar.

Depois de um breve silêncio, ele pergunta:

— Você veio a São Francisco sozinha?

— Não, vim com Theo. — Pareço irritada? Estou tentando. — Mas ele ficou bravo porque eu... Bom, ele saiu daqui bravo comigo. Então agora estou sozinha na cidade durante o fim de semana.

— O soldado Beck deixou você sozinha?

Bom, pelo menos um de nós está genuinamente irritado.

— Está tudo bem comigo! — Fico tentando dar desculpas pelo Theo, mesmo depois de um argumento imaginário como esse. — Tenho um quarto de hotel, minha mala e uma passagem de volta para daqui a três dias. Mas até lá... bem... seria legal ter uma companhia.

O silêncio que se segue à minha fala é tão longo que começo a achar que a ligação caiu. Mas, finalmente, ele responde:

— Você aceitaria jantar comigo?

Ele é tão formal, parece tão inseguro... E imediatamente me lembro do tenente Markov do Russiaverso, e de como ele amou a grande duquesa Margarita por tanto tempo sem nunca dizer nada. Posso sentir meu sorriso iluminando a cabine.

— Eu adoraria.

E em breve, não percam, no desfile sem fim do desconforto desta dimensão: vou me arrumar para meu encontro romântico com Paul com Theo no mesmo quarto que eu.

Tecnicamente, me arrumo no banheiro, mas ele está logo ali do outro lado da porta, criticando todos os acessórios que acompanham o vestido:

— Esses sapatos são um horror — diz ele, enquanto tento fechar o zíper do vestido. — Com isso aí, você vai ganhar no máximo um abraço.

— Não estou indo até lá para *seduzir* Paul. — Eu e Paul nunca conversamos sobre isso, então não sei se ficar com versões nossas de outras dimensões contaria como traição. Nossas questões dentro do relacionamento não são as mesmas da maioria das pessoas. — Só preciso que ele fique... sabe? Que ele fique, você sabe... feliz porque lhe dei atenção.

— Vá por mim — diz num tom de voz mais baixo. — Ele vai ficar todo derretido no instante em que vir você.

Finjo que não ouvi. Em vez disso, finalmente consigo fechar o zíper. Dou uns passos para trás para tentar me olhar no pequeno espelho.

Josie é um pouco mais baixa que eu, e tem peitos maiores. Mas, da forma que esse vestido foi feito, as diferenças entre nossos corpos não importam. A gola cai em camadas, como cascatas, em estilo grego, e depois flui livremente até pouco abaixo dos joelhos. Ainda que o vestido não tenha mangas, uma parte do tecido vermelho cai sobre meus ombros até cobrir quase o cotovelo. Não tem muita pele à mostra no pescoço, ou nos braços, nem nas pernas, e o tecido parece barato. Mas o efeito geral é sexy.

Meu cabelo curto me deixa um pouco envergonhada. Se eu pudesse fazer um coque meio bagunçado, ficaria tudo bem. Mas tento trabalhar com o que tenho: cabelo na altura do queixo. Prendo um dos lados com uma presilha de metal brilhante.

O batom que se usa aqui é quase sempre o vermelho-escuro. O tom combina com meu vestido, então fico feliz. Nenhum acessório a não ser os Firebirds, escondidos de modo que só as correntes douradas aparecem discretamente pela gola do vestido. Amasso mais uma vez meu cabelo para cima, saio do banheiro e sorrio.

— E aí? Que tal?

Theo para o que estava fazendo e fica me olhando como se estivesse paralisado, ou como se não conseguisse respirar. A expressão dele parece a da foto que achei no bolso dessa Marguerite.

Começo a pensar que talvez o espelhinho do banheiro não tenha sido justo com o vestido.

Então ele acorda e comenta:

— Querida, você está estonteante.

— Que tom mais britânico. — Faço uma piadinha besta, mas tenho que brincar, distrair ele um pouco, fazer alguma coisa para quebrar essa tensão entre a gente.

— Encantadora? Linda? Maravilhosa? Acho que maravilhosa é uma boa palavra.

— Obrigada — respondo, forçando um sorriso.

Ao calçar os sapatos, me sinto meio trêmula, porque salto alto não é comigo. Theo se aproxima para que eu possa me apoiar nos seus braços ao subir nos sapatos. Mas termino de calçá-los e ele não sai dali. E não afasto as mãos dos braços dele.

— Sabe... — A voz dele falha.

— O quê?

— Deixe para lá — diz ele, balançando a cabeça.

Normalmente, eu ia deixar isso passar. Hoje, não.

— Fale.

Nossos olhares se encontram.

— Estou em uma situação extremamente desconfortável. Estou com ciúmes de mim mesmo.

É difícil continuar olhando para ele, mas faço um esforço. E me lembro de Londres.

— Nós já ficamos tão próximos assim em outros lugares — admito.

— Mas aquele também não era eu! — Ele começa a rir, e não consigo conter um sorriso.

— Você acha que é sério? Esse Theo e essa Marguerite? Ou será que é, sei lá, *carpe diem*, aproveite a garota, porque não se sabe do dia de amanhã?

A princípio, acho que não vou encontrar as palavras certas, mas ele merece a verdade.

— Estamos apaixonados.

— Você acha?

— Eu sei. — Cruzo os braços diante do peito, criando uma pequena barreira entre nós dois, pois ele está tão perto de mim... — Durante o ataque, lá no abrigo, achei uma foto sua no bolso. E você escreveu atrás “com todo o meu amor”.

Na verdade, ele disse algo sobre *amor eterno*, mas achei melhor não ser tão exagerada.

— Nossa. Não acredito. Bom, mas isso não quer dizer que é mútuo...

— É mútuo. Achei os desenhos que fiz de você. A forma que desenho seu rosto... — Acho melhor ajustar os pronomes. — Ela ama o Theo desta dimensão. Muito. Completamente.

— Que cara sortudo.

Quando nos olhamos de novo, estamos rodeados pelas palavras que não dissemos. Ainda que eu não sinta o mesmo que Theo, ele é muito importante para mim, e, aparentemente, havia mais potencial entre nós dois do que eu jamais imaginei. Ele não estava errado em se apaixonar por mim... Só estava no universo errado.

Reúno coragem e falo:

— Lá no abrigo. Logo antes da última bomba...

— Eu disse o tipo de coisa que as pessoas dizem quando acham que nunca vão ter outra chance — respondeu ele. — Deixe para lá, ok?

Sei que devia. E vou deixar para lá. Assim que descobrir como fazer isso.



Não tem hotel Transamerica Pyramid. Não tem Columbus Tower. Não sei se o Ghirardelli Square foi bombardeado e desapareceu ou se nunca foi construído aqui. As pessoas que passam por mim na rua parecem mais quietas que o normal, mais furtivas, menos naturais. É como se eu estivesse cercada pelos mesmos cem casacos pretos, e os rostos neles mudam. Esta não é a São Francisco da qual me recordo.

Um pouco do espírito da cidade ainda resiste. Consigo pegar um bonde até a metade do caminho, e o local em que Paul marcou comigo fica no bairro que ainda é conhecido como Chinatown.

Paro na esquina com meu longo sobretudo preto apertado na cintura. A temperatura caiu hoje, parece um último suspiro de inverno antes da chegada da primavera. Eu me pergunto se as condições do clima são as mesmas em dimensões alternativas, e se em casa meus pais tiveram que tirar os casacos do alto do armário. Ou se, talvez, o “efeito borboleta” funcione mesmo, e as menores mudanças possíveis em cada mundo criam novos climas, novas tempestades.

Enquanto isso, Theo está em nosso quarto de hotel, esperando que eu volte e conte para ele sobre minha noite flertando com Paul.

Fico pensando na foto que achei no meu bolso, a que tinha o recado dele atrás. O Theo e a outra Marguerite se amam tanto aqui... Eu acho... acho que me apaixonei por ele antes mesmo de conhecer Paul.

A coisa mais esquisita disso tudo não é o fato de estar com Theo. Posso admitir para mim mesma que entendo que poderia me apaixonar por ele. Aquele senso de humor, o olhar diabólico, os lábios carnudos que fariam qualquer garota se apaixonar... Apesar do lado sombrio da personalidade dele que estou tentando perdoar, Theo tem muito a oferecer.

A parte que não entendo é: por que não me apaixonei por Paul?

O amor deste Paul por mim podia estar tatuado na sua testa. Qualquer pessoa perto dele é capaz de ver, não importa o quanto se esforce para manter uma distância educada e não prestar mais atenção do que devia em mim. Mas ele está *sempre* prestando atenção nos detalhes e nas emoções que as outras pessoas deixam transparecer. Paul vê minha versão mais verdadeira que ninguém jamais viu.

Será que esta Marguerite não entende o quanto ele se importa?

Abafo minha frustração. *Você também não entendeu no início, lembra? Levou mais de um ano para entender quem Paul realmente é. Esta Marguerite se envolveu com outra pessoa antes. Então vai demorar mais. Mas ela vai entender com o tempo... Não vai?*

A pergunta é, acho, o quanto esta Marguerite ama Theo.

Se nossa alma é a mesma, mundo após mundo, então Theo deve, de alguma maneira fundamental, ser a mesma pessoa do Triadverso que nos traiu. Lutei muito para não medir meu Theo pelas ações de outro, mas aquele julgamento silencioso sempre ficou no fundo dos meus pensamentos.

No entanto, ele manteve silêncio sobre a própria dor. E veio nesta viagem perigosa, rompendo com sua própria resolução de nunca mais viajar entre os mundos. Ele me ajudou a chegar em São Francisco e a marcar um encontro com outro homem. O Theo do Triadverso... Não consigo nem imaginar ele sendo tão corajoso assim. Mas, é claro, não estamos aqui apenas para salvar Paul, estamos também atrás da cura para os efeitos do Furtanoite. Até agora, não faço ideia se o Theo deste mundo se parece mais com o do Triadverso ou com o meu.

Enquanto penso nisso, em meio à multidão chata e sem rosto, vejo Paul.

O uniforme que ele está usando é diferente do de Theo, e é diferente também do que ele estava vestindo lá em casa no outro dia: mais elegante, impecável, todo branco, exceto pelas listras azuis e douradas nas mangas, formando a insígnia oficial. O quepe que ele está usando desta vez tem uma aba e uma pequena bandeira na frente. Ele parece alguém que acabou de sair da década de 1940.

É como se Paul tivesse nascido para usar uniformes. Eu me lembro de como ele ficava com essa roupa na Rússia, quando era soldado e meu guarda pessoal.

O que torna tudo ainda mais meigo. Ergo a mão e aceno para ele.

Ele para imediatamente.

— Senhorita Caine. Eu não sabia que você estaria... — *Tão elegante?* Talvez. Ou *tão sorridente?* Mas ele apenas diz: — ... aqui tão cedo.

Foi a hora que combinamos, quase em ponto. Ele é tão rigorosamente pontual que chega a ser assustador.

— Se você me chamar de Marguerite, chamo você de Paul — afirmo.

Ele pensa por um instante.

— Ok. Marguerite.

— Ok. Paul.

— Bem — diz ele, e parece não conseguir pensar em mais nada para dizer em seguida. Eu sorrio. Paul é tão esquisitão nesta dimensão como é na minha. — Então. Jantar. Fiz reserva em um restaurante.

— Excelente!

Ele deve me levar em algum lugar especial. Depois acrescenta:

— Tem poucos lugares que ainda conseguem preparar uma boa comida com nossos padrões de racionamento. Este é um deles.

Os restaurantes também precisam servir de acordo com cartões de racionamento? Eu me lembrei das refeições fracas que temos em casa, o queijo na torrada, os pêssegos em calda, os ovos que não são ovos de verdade... Minhas expectativas diminuem.

Aparentemente, os restaurantes chineses com decoração brega têm o poder de viajar por todas as dimensões sem alteração. Leques vermelhos e dourados enfeitam as paredes, e pequenas lanternas de papel pendem do teto. Estão todos um pouco gastos, como se ninguém os trocasse em muitos anos, mas ainda colore o ambiente. Paul e eu estamos sentados em uma mesinha de canto logo abaixo de uma lanterna. O local é perfeito: intimista, de forma que dá para ignorar os sons e movimentos à nossa volta e só nos focarmos em nós dois.

E em traí-lo, escuto a voz de Theo sussurrando na minha memória.

— No início, não entendi por que você não estava na fábrica de munições — comenta ele, em vez de dizer algo que qualquer outra pessoa diria, como *O que aconteceu com o Theo?* ou *Como foi a viagem?*. — Mas ela foi destruída no último ataque. Tinha me esquecido.

— Vou ser designada para um novo trabalho em breve, mas, por enquanto, nada.

Provavelmente isso é verdade, ainda que eu não tenha certeza. Meus pais teriam me falado se eu estivesse deixando meu posto sem permissão. Ele concorda com a cabeça.

— Ouvi dizer que os mais jovens tinham sido recrutados. Treze, quatorze anos. Muito triste.

Um monte de gente diz coisas como essas sobre tragédias porque é esperado que se sintam mal com isso, mas Paul fecha os olhos logo depois de falar. Como se doesse só de dizer.

Quando imagino um monte de crianças do ensino fundamental explodindo dentro de uma fábrica que já tinha um monte de explosivo dentro, meu coração também fica apertado.

Além disso... crianças de treze anos trabalhando em fábricas? A guerra já fechou escolas, então. Esta dimensão, ou pelo menos este país, onde estão minha família, meus amigos e todas as pessoas que amo, está em uma situação ainda pior do que eu imaginava.

E é você quem vai empurrar todo mundo para o precipício, pensei. Meus pais acreditam que o projeto Firebird é a última esperança deles, e meu trabalho aqui é acabar com isso.

Odeio Conley por me fazer passar por essa situação. E me odeio por estar fazendo isso.

Mas enquanto estou aqui, sentada diante de Paul, lembro que um fragmento da alma dele está preso aqui. Perdido, solitário, em um mundo do qual não pode escapar. Por ele, eu faria qualquer coisa. Até mesmo isso.

— Estou feliz por você ter me ligado. Assim, temos a chance de conversar um pouco. — Ele respira fundo, obviamente se preparando para dizer algo que ensaiou: — Quando nos falamos há alguns meses atrás no telefone... se eu dificultei as coisas para nós dois, me desculpe. De verdade.

Será que posso perdoá-lo antes de saber pelo quê? Tento descobrir mais alguma coisa.

— No que você estava pensando?

As mãos dele retorcem o guardanapo de pano que está no seu colo.

— Meu pai sempre me disse para não deixar nada me impedir de fazer o que sempre acreditei.

Pisco. Isso parece... encorajador. Antes, eu sempre tinha a impressão de que o pai de Paul nunca o apoiava em nada. Ele continua:

— Então, achava que, se eu te chamasse para sair, independentemente do que seus pais poderiam pensar, ou... ou do fato de que você já estava saindo com alguém... Acho que não entendi que seu comprometimento com o soldado Beck era mesmo sério. Se eu soubesse, jamais teria dito alguma coisa. Por favor, me desculpe.

Consigo imaginar a cena completa: Paul parado diante de mim, provavelmente segurando o quepe na mão, da mesma forma que está retorcendo o guardanapo agora. Eu, tão apaixonada por Theo que não conseguia enxergar o homem que estava diante de mim.

A profundidade do que ele sentia me passou despercebida, não recebeu retorno nenhum. Fico com o coração partido por ele. Pelo menos, posso lhe proporcionar esta noite.

— Está tudo bem — respondo. — De verdade.

— Ah, que bom ouvir isso. Achei... Bom, eu tinha medo de que você não estivesse confortável com tudo isso. Ou até mesmo que estivesse se sentindo intimidada.

Paul é um homem que intimida: seu tamanho todo, o jeitão rude, tudo faz com que ele pareça mais com um bombeiro ou com um membro da SWAT do que com um cientista. Já vi pessoas olhando para ele enquanto andávamos por Oakland, à noite... À meia-luz, ele parece assustador, alguém que poderia te derrubar no chão em questão de segundos. Mas eu sei como ele é gentil, e a lembrança disso me faz sorrir.

— Você já provou que não é o cara grandão e assustador que parece ser.

Ele parece atordoado, como se quisesse rir, mas não conseguisse.

— Cara grandão e assustador — repete.

— Não. Você não é.

— Bom saber. — E isso é o mais próximo que podemos chegar de um flerte. Ele parece tão inseguro, que chega a lembrar meu Paul.

A dor que sinto ao pensar nele se mistura ao estranho prazer de estar com o Paul Markov deste mundo, e, de repente, acho difícil lembrar onde um mundo acaba e o outro começa. Será que isso é um vislumbre do fragmento da alma dele que está presa aqui? Que nos aproxima tanto?

— Espero que seus pais não estejam chateados comigo. Devem ter achado que fui desrespeitoso.

— Claro que não. Meus pais sabem que você é um cara legal. Não trabalhariam juntos, se eles não gostassem de você.

— Todos nós temos nossas atribuições.

— Não é só isso. Eles acham você brilhante — respondo. Isso é verdade no meu mundo, deve ser aqui também. — Minha mãe te chamou de gênio, outro dia. O que, para a maioria das pessoas, pode significar “alguém muito inteligente”, mas você conhece minha mãe. Quando ela chama alguém de gênio, é porque realmente acha isso.

A genialidade não tem só relação com inteligência, ela me explicou, certa vez. É a habilidade de ver além do que todos ao seu redor. De juntar diferentes conceitos de uma forma que ninguém mais conseguiria. Ser um gênio implica ser original, independente. É o maior elogio que ela pode fazer a alguém, e Paul é o único aluno dela que foi elogiado assim.

Ele abaixa a cabeça. Mas consigo ver um pequeno sorriso descrente, quando diz:

— Como é bom ouvir isso.

— Me conte mais sobre São Francisco — digo. A pasta que Theo encontrou dizia que Paul tinha uma casa em algum tipo de vila militar aqui. Ele deve visitar a base na minha cidade apenas de vez em quando. — Como é viver aqui? Quero saber tudo.

Paul costuma ser tão taciturno que “quero saber tudo” possivelmente vai arrancar dele duas frases curtas, no máximo. Mas talvez este Paul seja mais falante que o meu, ou o vestido de Josie tenha poderes mágicos, porque ele começa a me contar como chegou na cidade, e, como consigo ler nas entrelinhas, na verdade ele me conta bem mais que isso.

Ele veio para cá depois que “Nova York caiu”. Aparentemente, ele nasceu lá, assim como o meu Paul, alguns meses depois de os pais migrarem para o país. O alistamento dele foi há três anos, “dois anos antes do alistamento obrigatório”. O programa avançado de armamento tinha recrutado ele com base nas notas dos “testes obrigatórios” de sempre, que imagino não serem como os SATs do meu mundo. Quando pergunto a ele sobre música, descubro que ama Rachmaninoff, assim como o Paul do meu universo, mas nunca ouviu falar de ninguém fazendo coisas novas nos últimos 50 anos.

Mas, pensando bem, Paul é tão alienado em relação à cultura pop em qualquer dimensão, que acho que ele não conheceria nenhum cantor dos últimos 50 anos, mesmo sem guerra.

Mas nem esse Paul falante fica confortável com monólogos. Então, tento algo que faço pior nesta vida: flertar.

— Você devia posar para mim um dia desses.

— Posar?

— É, como modelo, para os meus retratos. Você tem um rosto bom para isso.

Eu me lembro de quando Paul posou para mim, e mostrou bem mais que o rosto... Mas se eu começar a pensar muito nisso, vou ficar vermelha como o meu vestido.

— Rosto de modelo? Até parece.

Ele soa descrente, mas dá para perceber que ficou lisonjeado e um pouco sem graça, porque não sabe o que dizer. Ele é tão sem jeito com mulheres aqui como no meu universo.

Resolvo me divertir um pouco e falo:

— As linhas do seu rosto funcionariam bem para um artista. Seu maxilar, suas sobrancelhas, seu nariz... são bem demarcados, são traços fortes. E você tem esses olhos incríveis.

A expressão dele fica entre incredulidade e prazer. Provavelmente ficaria mais confortável se eu mudasse de assunto, mas nunca tive essa chance com meu Paul, de dizer a

ele como amo cada centímetro do seu rosto. Vou aproveitar este momento. Se eu soubesse como seria fácil deixá-lo impressionado, já teria tentado antes.

— Seus olhos, na verdade, são acinzentados — digo, com uma voz delicada, de modo que ele precisa se inclinar um pouco para me ouvir. — Antes eu achava que eram azuis, bem claros... Mas não são.

— Na minha certidão de nascimento diz que são azuis.

Ele é pior nisso que eu.

— Mas você sabe que são acinzentados, não é? — Talvez não saiba. Paul não parece o tipo de cara que perde tempo se olhando no espelho. — Qual a cor do seu cabelo na certidão de nascimento?

— Castanho — responde ele, o que não é exatamente uma resposta errada. Mas também não é exata.

— Castanho-claro, sim, mas também um pouco avermelhado, meio dourado... — As horas que gastei misturando tintas para tentar chegar no tom certo... Paul é um homem difícil de capturar. — Você tem ombros bonitos, pele bonita... Tudo bonito, na verdade.

— Você fala como se eu fosse realmente bonito.

— Você é.

Em resposta a isso, recebo um olhar cético.

— A maioria das mulheres parece discordar de você.

Também houve um tempo em que eu discordaria. A beleza de Paul não é aquela dos ídolos adolescentes, ele tem uma aparência mais durona, seu charme é mais difícil de perceber. Depois que vi, no entanto, ele passou a me atrair de um jeito primitivo, quase instintivo. Impossível de negar.

Desconfio que ele esteja se sentindo da mesma forma, neste momento.

Terminamos de comer nosso yakisoba de frango, que é uma refeição meio arriscada para um encontro, mas nós dois somos muito bons com hashis. Tento manter a conversa fluindo o máximo que posso, e Paul... Bem, ele tenta flertar de volta, desajeitado como sempre, mas vê-lo tão contente com minhas tentativas já basta para mim.

Lá pelo meio da refeição, no entanto, começo a me perguntar: e depois?

Assim que Theo e eu terminarmos nosso trabalho aqui, vamos sumir desta dimensão para sempre. Não estou muito preocupada com nossas outras versões, elas vão surtar por estarem em São Francisco, em um trem, ou sei lá onde, mas poderão voltar para casa facilmente. Duvido que estejam correndo mais perigo do que já estariam de qualquer forma, no meio da guerra.

Mas Paul provavelmente vai entender o que aconteceu. Vai saber que eu não era a Marguerite dele. E toda a esperança que estou vendo nele, essa luz nos seus olhos quando olham para mim... Tudo isso vai ser destruído.

Talvez não. Talvez ele reaja mais como Theo e fique contente em saber que, em outro mundo, eu o ame. Em tantos outros mundos...

Não. Porque ele não vai estar apenas lidando com um coração partido. Ele vai estar lidando com a destruição catastrófica do projeto Firebird e da última esperança do país para vencer esta guerra.

Você merece muito mais que isso, penso, enquanto ele me conta uma história sobre a viagem que fez pelas linhas de batalha que percorrem o continente, na sua jornada até Nova York, quando criança. *Todos nós merecemos.*

A tragédia deste mundo é apenas mais um pecado para botar na conta de Conley.

Mas quem está cometendo o pecado sou eu. Sou eu que estou priorizando a vida de Paul em detrimento de um universo inteiro.

Não posso pensar nisso. Não vou pensar. A guerra começou muito antes de eu chegar aqui e não entendo como eles usariam o Firebird, de qualquer maneira... Estão se agarrando a qualquer fio de esperança, só isso. E eu estou apenas... tirando os fios do caminho.

Repito isso para convencer a mim mesma. Mas as palavras me parecem vazias.

Pelo menos, dei a este Paul uma noite. Uma noite na qual os sonhos dele estão se tornando realidade.

Quando saímos do restaurante, entrelaço meu braço no dele, e nós dois andamos juntos, lado a lado. O silêncio nas ruas de São Francisco é quase sombrio; para mim, pelo menos. Paul parece achar tudo normal.

E por mais que eu tenha aprendido muito sobre ele no jantar, ainda não tenho nenhuma informação sobre como entrar na base. Theo fez parecer que ia ser superfácil roubar a carteira dele durante o jantar, mas não é como se eu fosse aluna de Introdução ao Furto, com os professores Fagin e Jack Dawkins.

Só consigo pensar em uma solução: ficar com ele esta noite. Levar isso adiante, bem mais do que eu e Theo ousamos discutir.

— Está tudo bem? — pergunta ele. — Você parece distraída.

— Acho que eu estava.

Foco, Marguerite! Não vou ter outra chance como esta.

— Esta noite... Estou feliz com esta noite. — Ele faz uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas. — Quero dizer, sinto muito que as coisas estejam confusas

com o soldado Beck, mas gostei de você ter me ligado. E de termos passado esta noite juntos.

Ele pode não ter muito jeito com mulheres, mas, na maioria dos casos, a simplicidade é o melhor caminho. O prazer desajeitado e sincero que Paul demonstra ter com minha companhia me encanta mais que qualquer cantada. E mesmo que esta fosse a primeira vez em que nos vimos, mesmo que eu não estivesse apaixonada por ele, eu ainda sentiria uma vontade irresistível de sorrir.

— Eu também.

Ele continua se esforçando para encontrar as palavras:

— Isso não é... Não tenho muitas oportunidades para fazer isso. Sair, me divertir.

— Com mulheres, você quer dizer? — digo da forma mais suave que consigo, porque sei que Paul não tem muita experiência com mulheres. Mas me dou conta de que pode ser que aqui seja diferente. E se ele me contar que tem uma namorada? Outra mulher na vida dele?

— Com mulheres ou com qualquer pessoa. Nós trabalhamos tanto... Quase não temos tempo para nada mais. Você sabe.

Talvez eu saiba. Mas a Marguerite daqui parece arrumar tempo para Theo entre os turnos da fábrica de munições.

Pensar sobre o outro Theo e sobre minha outra eu me distrai um pouco, mas sou puxada de volta à realidade quando Paul pergunta:

— Onde você está hospedada?

Sei que ele só está querendo saber onde deve me deixar ou a que ponto de ônibus me levar. Se fosse qualquer outro cara, eu acharia que está tentando se convidar para conhecer meu quarto.

Mas Theo está no meu quarto, então esta não é uma possibilidade. No entanto, se eu e Paul conseguíssemos ficar a sós... se eu conseguisse distraí-lo completamente... eu teria todo o tempo que quisesse para olhar as coisas dele, fuçar a carteira, ser a Mata Hari que Theo quer que eu seja.

Mas não vou transar com ele. Nenhuma chance.

Com o tenente Markov, achei que estaria presa no corpo da grande duquesa para sempre; por causa disso, agi por mim, não por ela. E eu sempre soube como a grande duquesa o amava e como ela teria escolhido passar aquela noite com ele, se tivesse a chance. Mas esta Marguerite não está apaixonada pelo Paul ainda, e não vou fazer sexo usando o corpo de alguém que não consentiria em cem por cento com o ato.

Mesmo um beijo seria passar dos limites. Esta Marguerite não ia gostar disso, e jurei que jamais roubaria outro primeiro beijo de nenhuma Marguerite com nenhum Paul. Mas

aqui é diferente, é uma necessidade que vai além do desejo... Com esse plano, posso colocar os Firebirds na bolsa para ele não notar, dar um beijo nele antes da meia-noite e procurar pelas informações sobre os laboratórios assim que ele dormir. *É um bom plano*, repito para mim mesma. *Um movimento tático*.

E é mesmo. Mas também não posso negar que quero tanto estar com Paul que quase sinto uma dor no peito. Se ao menos eu pudesse dar um abraço nele, sentir seu corpo no meu por alguns instantes... eu não estaria com medo por ele. Estou tão cansada de sentir medo. Paul me dá força, faz eu me sentir inteira.

E o meu Paul está dentro dele... Aquele fragmento da sua alma.

— Meu hotel não fica muito longe daqui — respondo. — Mas tenho certeza de que onde você está é mais perto.

Ele para de andar. Olha para mim, obviamente chocado.

— Eu... — Chega a ser divertido ver como ele fica desesperado para encontrar as palavras. — Tem certeza?

— Não, não quis dizer... Eu não posso passar a noite com você. Não ainda. Mas eu gostaria de ficar um pouco mais com você, se quiser.

Existem caras nojentos que pressupõem que uma mulher jamais iria até a casa deles se não quisesse sexo e não hesitariam em tirar proveito de alguém sozinha com eles entre quatro paredes. Mas Paul não é um desses caras. Nem no meu mundo, nem em mundo nenhum.

— Como você quiser.

Olho bem nos olhos dele, e a esperança que vejo me perfura como uma faca. Ah, se eu pudesse protegê-lo da verdade só por hoje...

Ele hesita, mas acaba perguntando:

— Isso é algum tipo de... vingança?

— Vingança?

Quero me vingar de Wyatt Conley, mas como ele saberia disso?

Só entendo quando ele esclarece:

— Contra o soldado Beck. Por ter deixado você sozinha na cidade.

— Ah! Não. Não é nada disso. — Será que ele acreditou? Será que eu faria uma coisa dessas? — Sei lá... Talvez eu tenha te ligado por isso. Mas não foi por esse motivo que tive uma noite tão agradável, nem é por isso que quero ficar mais com você.

— Eu nunca iria querer que você fizesse algo de que poderia se arrepender.

Paul, você precisa ser tão cavalheiro *agora*?

— Não vou fazer.

— É só que... — Ele respira fundo, pesando o que vai dizer. — Você sabe quando foi que me apaixonei por você?

Eu não devia estar ouvindo isso. Só a outra Marguerite devia. Paul não tinha que estar dizendo isso em voz alta a alguém que está enganando ele. Mas como fazer para ele parar?

Ele entende meu silêncio como permissão para continuar.

— Você se lembra daquele depósito em Miramar que usamos como nosso primeiro laboratório provisório? Paredes de concreto e vigas expostas. Não costumo prestar muita atenção na aparência dos lugares, mas aquele me deprimia.

— Deprimia qualquer um — comento, porque tenho essa impressão. Ele sorri.

— Mas tinha uma claraboia que ainda não havia sido coberta de tinta, lembra? Com os painéis que pareciam ter sido quebrados e colados infinitas vezes?

Concordo com a cabeça, me perguntando por que ele menciona uma janela velha.

— Você provavelmente não se lembra, mas teve um dia... bem no início, quando ainda estávamos limpando o depósito para começar a montar as coisas, e você e Josie estavam lá... Nesse dia, vi você olhando para cima. E perguntei o que estava olhando, e você respondeu: a luz. E me disse para prestar atenção no padrão da luz.

Sua expressão muda completamente enquanto ele conta esta história. A esquisitice sumiu. É como se algo brilhasse dentro dele.

— Os raios de luz marcavam o teto do depósito. E você disse que achava aquilo bonito, que queria tentar desenhar aquela imagem em algum momento. E todos os dias em que trabalhamos lá, nunca me esqueci de olhar para cima. Às vezes, aquela parecia a única pequena alegria que eu ainda podia ter. E eu pensava que, se Marguerite conseguiu achar até mesmo aqui alguma coisa bonita, ela deve ser capaz de tornar todos os dias assim: bonitos.

Eu estava sem palavras.

— Isso é... realmente incrível.

— Sempre achei que você ia rir de mim se eu te contasse isso.

O sorriso de canto de boca do Paul me dá um frio na barriga.

Chego perto dele e balanço a cabeça.

— Eu nunca ria de algo tão perfeito.

— Marguerite — sussurra ele, usando um tom de voz respeitoso enquanto passa os dedos pelo meu queixo e levanta meu rosto até o dele para me dar um beijo.

Sua boca encosta na minha, com força e ardor. Todas as vozes dentro de mim (culpa, medo, insegurança...) se calam. Não existe mais espaço para nada nem ninguém. Sou dele.

Nossa, que saudade! Minhas mãos se agarram à lapela do seu uniforme. Ele me puxa para mais perto, o beijo vai ficando mais intenso, e sinto a mesma segurança e conforto de sempre quando estou nos braços dele. O silêncio da noite à nossa volta me permite ouvir até mesmo o som mais discreto que sai da garganta dele, aquele som baixinho que indica prazer enquanto nos abraçamos cada vez. Ele desliza uma das mãos pelo meu ombro, os dedos passando pelo meu pescoço. A qualquer momento, ele vai me empurrar para a parede mais próxima, e eu quero tanto isso!

Porém, ele continua acariciando meu pescoço, e não passa disso. Ele é tão cavalheiro, tão doce, e só me faz querer mais e mais...

... até que encontra a corrente do Firebird.

Dou um pulo para trás quando ele puxa o cordão do meu vestido. A corrente arrebenta e belisca minha pele. Ainda tenho um dos Firebirds (qual? O meu ou o dele?) no pescoço, mas o outro está na mão dele. Paul dá um passo para trás, tentando ficar sob a luz para ver o Firebird melhor. Quando consegue, sua expressão muda de incredulidade para raiva.

Os Firebirds têm a qualidade de todas as coisas de outras dimensões: são visíveis, tangíveis, mas improváveis de serem notadas por alguém de outra dimensão, a não ser que sua atenção esteja voltada para isso.

Ou a não ser que você já tenha ouvido falar disso, como o Paul desta dimensão, que trabalha no projeto Firebird.

— Devolva isso — digo. Se pretendo voltar para casa e salvar meu Paul, eu preciso dos dois Firebirds. — Devolva!

— Mais cedo, fiquei com a impressão de ter visto um... — Ele balança a cabeça. — Mas achei que não podia ser. Se os doutores Caine tivessem concluído um Firebird, eu saberia. E eles não teriam dado para você. Mas agora entendi. Esse Firebird veio de outra dimensão. — Quando ele fica bravo, seus olhos ganham o tom do aço. — E você também.

Ferrou.



— Por favor. — Ergo a mão, tentando pegar o Firebird. — Eu preciso dele!

— Para voltar para a dimensão de onde você veio?

Nunca vi o rosto de Paul assim. A maioria das pessoas faz careta quando está com raiva, como se o ódio retorcesse tudo por dentro e por fora. Mas Paul, não. Ele continua igual, só que age com mais frieza. Neste momento, parece uma estátua de pedra.

Paul sempre valorizou a sinceridade. Então acho melhor dizer logo.

— Sim. Para voltar para casa. E por um milhão de outras razões. Não me deixe presa aqui.

Ele fica boquiaberto e me dou conta de que não esperava que eu fosse admitir que não sou daqui. Talvez, além da raiva, também exista um pouco de curiosidade, a mesma que senti quando viajei pela primeira vez com o Firebird. Perceber que isso realmente funciona, e que a viagem entre dimensões é mesmo possível, foi um dos momentos mais sensacionais da minha vida. Deve ser assim para ele também.

Talvez eu possa usar isso, então tento:

— Tudo que meus pais achavam que podiam fazer, tudo o que você acreditou que eles eram capazes... Os Firebirds são tudo isso e muito mais. — Ele me encara, e não sei se ele está com menos raiva ou não, mas permanece paralisado. Espero que seja um bom sinal. — As pessoas estão dependendo de mim. Eu preciso continuar. Vidas estão em risco. Por favor, não me prenda aqui.

— Há quanto tempo você está na nossa dimensão? Semanas? Meses?

— Só alguns dias. Juro.

A única luz da rua pinta a cena em *chiaroscuro*: longas sombras e fortes feixes de luz que revelam a raiva dele. Fico me perguntando o que será que ele vê em mim.

— Fui obrigada a vir para cá.

O olhar de Paul me assusta. Acho que nunca fui tão pouco convincente.

Então tento mudar a tática:

— A gente pode se sentar e conversar sobre isso? Eu nunca iria querer magoar você, Paul. Jamais. Em casa, quero dizer, na minha dimensão, eu e você começamos de uma maneira muito melhor, e...

— Que conveniente, não? — O tom de voz dele seria capaz de congelar esta rua inteira com tamanha frieza. — Somos todos bons amigos.

— É claro que sim. Os padrões entre as dimensões, a maneira que colocam sempre as mesmas pessoas próximas umas das outras, repetidamente... É como se fosse o destino delas.

O meu Paul sempre acreditou em destino, mesmo antes de começar a viajar com os Firebirds. Este Paul não acredita.

Ele vira o Firebird na mão, parecendo ainda mais curioso do que com raiva. Então começo a entender: Paul vem tentando criar este dispositivo há alguns anos, uma coisa com a qual ele e meus pais acreditam que podem mudar o rumo dessa guerra horrível. E o dispositivo agora é dele, não meu. *Nunca* vai me devolver.

— Por favor!

Dou um passo na sua direção, mas quando ele me olha, entendo que é melhor não chegar mais perto.

— O que você queria comigo esta noite? — pergunta ele. — Se jogando em cima de mim? Me seduzindo? Que jogo é esse? Por que você está aqui?

— Estou aqui para salvar você. Não *este* você. O meu Paul, da minha dimensão. Ele foi fragmentado. Vocês já descobriram o risco da fragmentação aqui?

— A divisão da consciência causada pela viagem interdimensional?

— Sim! Exatamente! — Obrigada por isso, meu Deus! Porque eu jamais seria capaz de explicar a ciência por trás disso. — O meu Paul se fragmentou. Quero dizer, foi fragmentado por alguém, e ele nunca mais vai poder voltar para casa, a não ser que eu resgate os fragmentos.

É muito esquisito falar sobre ele na terceira pessoa para ele mesmo. Parece meio improdutivo, na verdade. Minhas pernas estão trêmulas. Isso tudo deve parecer loucura, e eu contei de uma só vez! Dá para ver que ele não acredita em mim. Desesperada, continuo:

— Não deu para notar? Como eu estava me comportando com você... Eu não fingia, de jeito nenhum. Sou completamente apaixonada por ele.

— Tão apaixonada que seduziu outro cara? — Ele vira a cabeça lentamente enquanto me olha, como se estivesse me analisando. Enojado. — Que comovente.

— Eu não *ia dormir* com você. Mas, só para constar, você não é outro cara! Um fragmento da alma dele está dentro de você, e... mesmo sem o fragmento, não importa: você é ele, e ele é você.

Paul estremece de leve quando falo sobre o fragmento que há dentro dele, mas não responde.

— Então você estava comigo porque sente saudades dele? Queria um plano B? Duvido. Você já confessou que veio de outra dimensão. Tem um Firebird em perfeito estado de funcionamento, uma tecnologia que estamos tentando criar aqui há muito tempo. Uma tecnologia da qual precisamos muito. Se você estivesse nesta dimensão há mais de um dia, saberia como anda a guerra.

Concordo com a cabeça:

— O ataque aéreo foi minha primeira noite aqui.

— Então não tem desculpa. Se você é filha dos seus pais... e se ama uma versão de mim, tão parecida comigo que você considera que somos praticamente a mesma pessoa... deveria ter compartilhado essa tecnologia com a gente assim que chegou.

Eu lembro de uma lição que aprendi a duras penas quando era criança e tentei burlar uma das regras dos meus pais: tentar ser mais esperta que um gênio raramente acaba bem. Paul dá um passo na minha direção, me fazendo lembrar do tamanho e da força dele.

— Você quer mudar sua história? Ou vai se ater à mentira original? Continuar com a primeira mentira funciona melhor em interrogatórios. É o que dizem.

Nesta dimensão, eles preparam as pessoas para o caso de serem capturadas e torturadas. Se eu virar uma invasora, ou espiã, é isso o que vai acontecer comigo. Paul não me machucaria, sei disso. Mas ele pode me delatar para pessoas muito mais cruéis que ele. E estou tão longe de ter qualquer chance aqui que só me resta uma alternativa: abrir o jogo e contar toda a verdade.

— Não. Eu não estava com você porque sinto saudades. É verdade que sinto saudades de você; quero dizer, dele, sinto saudades dele. Sou apaixonada por ele. É por isso que estou aqui. É a única razão pela qual eu faria isso. — O vento gelado machuca nossa pele e meu corpo treme de frio. Parece que somos as únicas pessoas na rua inteira, que está deserta. — Meu Paul foi realmente fragmentado contra a vontade dele. E a pessoa que fez isso não vai me deixar trazê-lo de volta a não ser que eu o obedeça. Eles me mandaram...

vir até aqui e sabotar a pesquisa de vocês. Arruinar o projeto Firebird, se possível. E só assim me daria as coordenadas das outras dimensões nas quais Paul está escondido.

Ele acredita em mim. Mas quase preferia que não acreditasse.

— Você está aqui para nos sabotar? — Ele aperta o Firebird na mão, e os cantos de metal devem estar cortando sua mão, mas ele não parece notar. — Foi por isso que me chamou para sair? Para conseguir informações?

Eu me sinto tão suja... tão pequena... Mas eu grito de volta:

— Para salvar o meu Paul! Eu faria coisa pior! Eu faria qualquer coisa para ter ele de volta comigo, em segurança! Qualquer coisa no mundo. Qualquer coisa em qualquer mundo... E isso significa que preciso do Firebird.

Ele fica imóvel por um instante, quase me dando esperança. E então diz:

— Não precisa mais que eu.

— Paul, *por favor*.

Mas ele já tinha se virado de costas e saía andando. Sem se despedir.

Quero ir atrás dele, implorar, negociar, mas sei que disso não vai resultar nada de bom. Se eu conseguisse provar para ele o quanto o amo, o quão bem o conheço...

Então começo a falar:

— Você... você não se dá bem com seus pais! Considera seu pai uma pessoa ruim, e sua mãe não o enfrenta, então você tenta ficar longe deles. Mas não me conta muito sobre eles. Você sempre dorme com um pé para fora da coberta. E... não gosta muito de pornografia porque acha que os homens e as mulheres nesses filmes nunca parecem gostar realmente uns dos outros, e para você isso é importante, o que é a coisa mais fofa do mundo. Mas fotos eróticas, tudo bem, delas você gosta! — Meu Deus, que assunto péssimo eu escolhi! Estou parecendo ainda mais maluca. — Seu bolo favorito é o de chocolate com cobertura de caramelo. Você adora escalar montanhas...

Mas ele provavelmente não faz escalada neste universo. Os cartões de racionamento também não devem dar direito a bolos de chocolate com calda de caramelo. Estou falando de coisas que o Paul daqui provavelmente não se lembra ou não entende.

Estou falando do meu Paul, na verdade. O que eu perdi. O que está escondido dentro do homem que acabou de desaparecer na escuridão e me deixar sozinha.

No caminho de volta para o meu hotel, me sinto como se devesse chorar. Ou entrar em pânico. Mas, em vez disso, percorro o longo caminho quase me sentindo dormente. Há apenas choque e desespero.

Ferrei com *tudo*. O meu Paul continua em perigo, e pode ser que eu tenha tornado o resgate dele impossível. E eu achava que esta seria a pior sensação de todas, mas a reação

do Paul daqui me magoou imensamente. Foi como jogar sal na ferida. Ele me flagrou tentando trair a ele, a meus pais, a todos deste mundo, e ainda me chamou atenção por tentar dar em cima dele, o que torna tudo ainda mais terrível, estúpido e mesquinho.

Uma coisa é falhar. Outra coisa é falhar de um jeito que te deixa envergonhada de ter tentado.

O único Firebird que tenho pendurado no pescoço neste momento é o de Paul, então ainda tenho o pedacinho da alma dele. Me dá um pouco de alívio pensar que ele ainda está seguro. Se este fosse o Firebird que seria aberto e desmontado para estudo, eu o teria perdido para sempre. Um Paul teria inconscientemente matado o outro.

Mas perder o meu Firebird também é catastrófico.

O relógio antigo na recepção do hotel indica que já passou da meia-noite. Enquanto sigo até o elevador, penso que Theo é a nossa última chance. Mas como ele conseguiria se aproximar de Paul, ainda mais agora que ele vai desconfiar de todas as pessoas que encontrar? Como Theo poderia usar o vírus para destruir o projeto? Não sei. Mas ele vai ter que dar um jeito.

Quando entro no quarto, as luzes estão apagadas. É claro, ele já foi dormir. Está deitado de lado na cama, e seu rosto parece, de alguma maneira, inocente. O que é uma novidade.

Preciso acordá-lo. Ele tem que saber a merda que fiz e me ajudar a pensar em um plano B.

Ainda que eu não confie completamente em Theo, sei que preciso dele agora.

Eu me lembro da reação dele ao me ver com o vestido vermelho. Vou ao banheiro e mudo de roupa antes de acordá-lo, e coloco por cima do pijama o robe branco que trouxe. O tecido do robe é fino e barato, como tudo neste universo, e o hotel não parece considerar aquecimento de ambiente um serviço importante. Então, tremendo de frio, me sento na beirada da cama e sussurro:

— Theo?

— Hum.

Ele quase não se mexe e volta a abraçar o travesseiro. Coloco a mão no ombro dele. O Firebird que me restou balança dentro do robe quando me debruço sobre ele. Sua pele está quente.

— Ei. Acorde.

Ele se vira um pouco mais, abre os olhos e dá um sorriso sonolento. Então coloca o braço em volta da minha cintura e me puxa para que eu me deite com ele na cama. Tento protestar, mas ele já está com a boca colada na minha.

Theo e eu já nos beijamos uma vez, e foi um beijo muito bom, mas nada comparado a esse, que é um beijo apaixonado, intenso, exploratório. A princípio, fico um pouco em choque e não consigo reagir, e antes mesmo de poder falar, ele se vira e fica em cima de mim. Esse cara não é o meu Theo.

— Tive um sonho muito esquisito — sussurra ele no meu ouvido enquanto pressiona meu corpo no colchão. — Desculpe por ter dormido. Vou compensar isso.

Ele me beija novamente e sinto o peso do Firebird dele no meu peito. Puxo a corrente e olho para ele.

— Theo, espere aí.

— O que foi? — Ele se vira para o lado de novo e se apoia no cotovelo. Enquanto isso, a outra mão está acariciando a lateral do meu corpo, passando casualmente pelo seio antes de parar na minha cintura. — Está tudo bem?

— Espere aí.

Seguro o Firebird dele, programo um lembrete e...

— Aaaah! — Ele se contorce para trás, batendo a cabeça na cabeceira da cama. Ele se curva com a dor do lembrete, mas são as memórias que o levam a arregalar os olhos. — Ah! Eu... eu não queria... não foi minha intenção... Que merda.

— Está tudo bem.

Estou tão feliz em tê-lo de volta que nem me importo com o que acabou de acontecer. Mas ele, sim.

— Marguerite, sinto muito, sinto mesmo! Pelo beijo, e as mãos, e... Nossa, me desculpe, eu sinto muito mesmo.

— Está tudo bem. Não era você. Literalmente — digo, ajeitando meu robe e me sentando de novo na cama, tentando esquecer o que acabou de acontecer.

— Tá. Entendi. Prossiga. — Ele olha para o meu pescoço. — Ué. Tem um Firebird faltando em você. Cadê?

— Com Paul. Theo, ele descobriu. Ele sabe de tudo e ficou com meu Firebird.

Conto a história para ele sem esquecer nenhum detalhe. Conto o que senti, o que fiz, desde o primeiro sorriso na calçada, passando pela oferta de ir à casa dele, até o final, quando gritei as coisas sobre o meu Paul enquanto o outro me dava as costas. No fim, minha voz já está falhando, de medo mais que de vontade de chorar. Estou com tanto medo pelo meu Paul, que todo o resto parece não ter importância.

Nossos olhos se encontram e sei que estamos preocupados com a mesma coisa. Se eu tentasse voltar para casa com o Firebird de Paul, o que tem um fragmento da sua alma, será

que eu o destruiria? E, se sim, quais são minhas opções? Viver neste universo para sempre ou matar Paul?

— Temos que pensar em alguma coisa — digo. — Em alguma maneira de chegar até Paul, de recuperar aquele Firebird. Nem sei como começar...

— Ei. — Theo segura minha mão entre as dele. — Vamos pensar em algo juntos. Está bem? Não fique nervosa.

— Não estou nervosa — digo, mas meu corpo inteiro está tremendo. — Só não sei o que fazer.

— Está tarde. Você está cansada e teve uma noite muito difícil. Agora a melhor coisa a fazer é se acalmar. Respire fundo, tente dormir. Falaremos sobre isso pela manhã.

— Como vou dormir? Mesmo se eu conseguisse que Conley nos dissesse quais são as outras duas dimensões que precisamos visitar, não podemos salvar Paul e ir para casa. Não sem o outro Firebird.

As molas do colchão rangem quando ele se aproxima de mim, e entrelaça os dedos nos meus.

— Se a gente descobrir onde ele está, e só tivermos dois Firebirds, eu te dou o meu. E você leva ele para casa.

— Mas... aí você fica para trás.

— Você pode voltar depois e me buscar — explica Theo. — Ou o próprio Paul pode fazer isso. De qualquer forma, volto para casa no final.

Ele diz isso mesmo sabendo como é estranho estar perdido em outra versão de si mesmo. Mesmo sabendo como algumas dimensões podem ser perigosas.

— Não posso deixar você fazer isso.

— Claro que pode. Você não é a única que ama Paul Markov, ok? Isso tudo que você faria para recuperar seu namorado, eu faria pelo meu melhor amigo. — Ele balança a cabeça. Sob a meia-luz da lua que entra pela janela, consigo ver seu sorriso triste. — Ou você ainda acha que sou o mesmo Theo de antes? Sempre querendo ser o primeiro em tudo?

— Sei que você não é aquele — digo, como já disse muitas outras vezes. Talvez finalmente eu esteja começando a acreditar. — Mas... será que temos o direito de fazer isso? De sabotar a tecnologia deles quando acham que esta é a única esperança que resta?

— Eles não sabem se isso é verdade. Também não sabemos.

— Se existir alguma possibilidade de que eles estejam certos, então eu estaria, basicamente, priorizando a vida do meu Paul no lugar da vida de todas as outras pessoas desta dimensão.

Theo faz uma careta, irritado, e diz:

— Tenho duas palavras para você, Marguerite: *Conflito. Mundial*. Nós não começamos essa guerra. Ela vem acontecendo há bastante tempo, e é muito maior do que as pessoas que conhecemos aqui. É muito maior do que este país. Pode ser que o Firebird ajude? Talvez. Mas, pelo que eu pude ver, arma nenhuma conseguiria ganhar a guerra por eles. Então não adianta se martirizar por essas pessoas. Temos que pensar em nós mesmos. Preciso de uma cura e Paul precisa ficar inteiro para poder ir para casa. Certo?

Acredito em quase tudo o que ele diz. Mas sinto culpa mesmo assim.

— Certo.

— Agora, por favor, tente dormir.

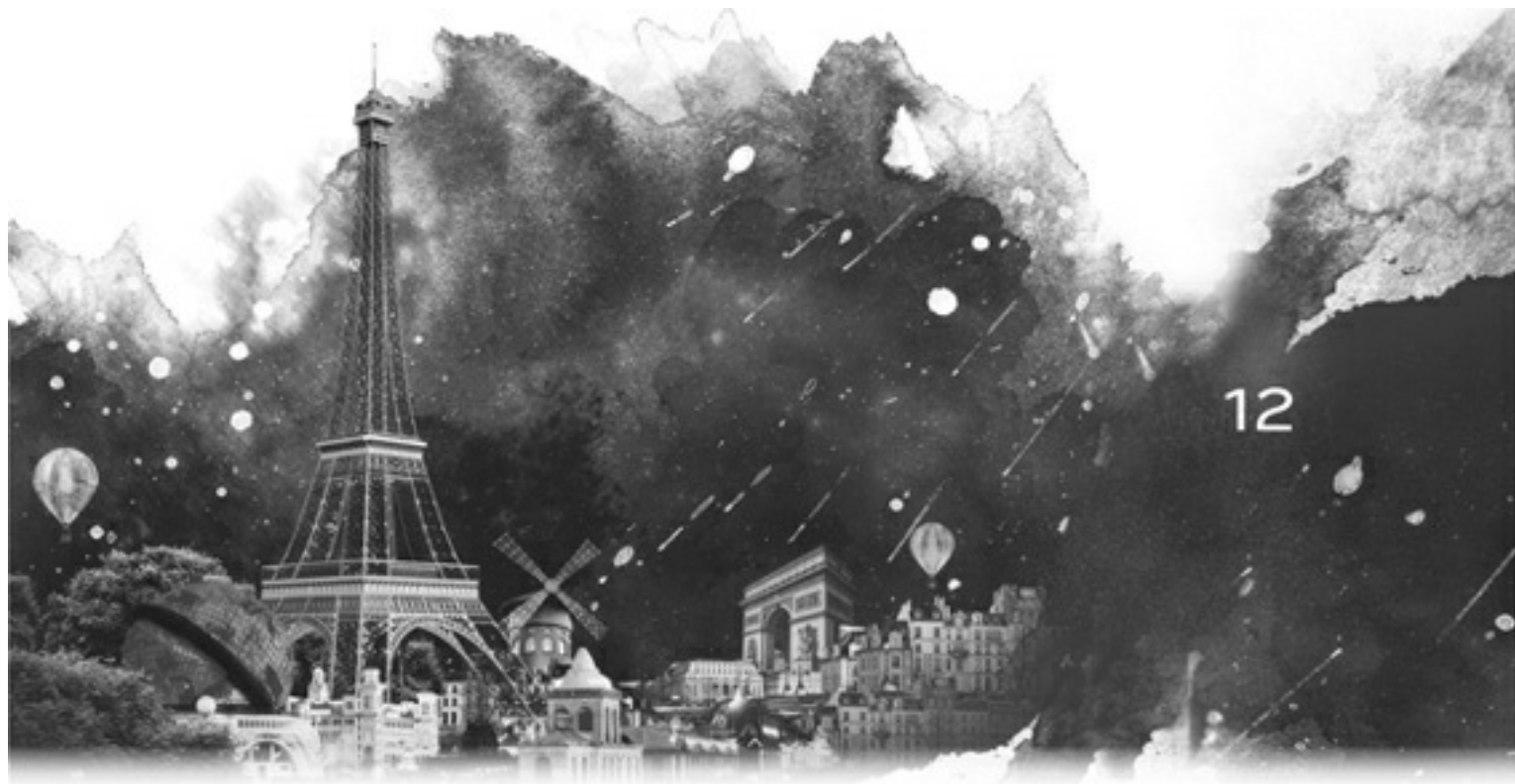
Ainda que eu queira discutir o assunto com ele, estou realmente exausta. Eu me ajeito na cama, me deitando para o lado esquerdo para poder olhar a lua. No instante em que minha cabeça se acomoda no travesseiro, sei que vou dormir daqui a poucos segundos.

O colchão balança quando Theo se mexe para se deitar no chão, mas eu estico o braço para trás e seguro o dele.

— Fique aqui.

Ele hesita por um instante, depois se deita atrás de mim, de conchinha. Ele me abraça pela cintura, o que poderia ser um abraço de amantes, mas não é. Ele só está aqui comigo, perto de mim o suficiente para que eu possa ouvir sua respiração. Para que eu não me sinta sozinha.

Mas não consigo evitar pensar na cidade de São Francisco. Visualizo uma vila militar, Paul sentado na beirada da cama dele, sozinho... com o Firebird na mão, morrendo de raiva de mim... Mas com o mesmo coração partido que eu.



Na manhã seguinte, eu e Theo botamos em prática nosso lado estrategista.

— A primeira coisa que temos que descobrir é se Paul já falou com seus pais — diz Theo enquanto penteia o cabelo molhado, já vestindo a calça e a camiseta de baixo do uniforme.

— Eu diria que sim. — Então penso sobre isso por alguns instantes, enquanto ajeito meu robe. — Não, na verdade acho que não. Ainda não. Eles não são tão próximos aqui como lá. Além disso, Paul deve querer pensar sobre tudo antes, examinar o Firebird sozinho e só depois dizer alguma coisa. Mas ele vai falar.

— E não vai demorar. Não vai levar muito tempo para Paul entender como o aparelho funciona, ainda mais se eles estavam quase descobrindo sozinhos como fazer um. — Theo suspira. — Nunca achei que iria ficar irritado por meu parceiro de pesquisa ser tão brilhante, mas é o caso. Enfim. A segunda pergunta é: será que seus pais vão acreditar nele?

— Talvez... Acho que, de início, vão desconfiar. Mas assim que ele lhes mostrar o Firebird, ou pelo menos a engenharia por trás do aparelho, meus pais vão entender o que é. Vão saber que ele está falando a verdade.

— Então precisamos ser rápidos.

Temos dois objetivos para cumprir, e são objetivos opostos. Preciso que Paul confie em mim o suficiente para me devolver o Firebird, e ao mesmo tempo preciso traí-lo e destruir o trabalho dele. Não consigo imaginar como fazer as duas coisas... Será que tem algum jeito?

— Espere aí — digo para Theo enquanto pulo da cama e calço meus sapatos.

Ajeito de novo o robe e ele pergunta:

— Aonde você vai?

— Telefone!

Felizmente, ninguém está usando o telefone desta vez, então é todo meu. Depois da dificuldade de usar um telefone de disco, consigo me comunicar com a base militar.

— Com que ramal deseja falar? — quer saber a operadora, parecendo entediada.

— Não quero falar com nenhum ramal. Quero deixar um recado urgente para o tenente Paul Markov. É o seguinte: me encontre às 9h no Fisherman's Wharf.

Caramba, espero que esse lugar exista aqui, na São Francisco desta dimensão...

Aparentemente existe, porque a operadora diz:

— Sim, senhora. Quem está deixando ao recado?

— Marguerite Caine. Filha dos Doutores Caine.

Essa informação chama a atenção da mulher, como eu esperava.

— Pois não, senhora. Vou repassar imediatamente o recado a ele.

— Muito obrigada — respondo.

Assim que desligo, corro de volta para o quarto para tomar banho e me trocar. Teremos que correr, se quisermos estar no Fisherman's Wharf na hora combinada.

No caminho para lá, Theo e eu poderíamos passar por um casal qualquer deste mundo. Ele está usando seu uniforme militar completo, com o quepe verde, inclusive. Meu vestido azul-marinho não chega nem perto do de ontem à noite, mas, sinceramente, acho isso ótimo. Aquele vestido vermelho devia ser mantido em uma redoma de vidro com um martelinho acoplado, e uma placa dizendo NÃO VESTIR, EXCETO EM CASO DE EMERGÊNCIA.

Quando chegamos ao Fisherman's Wharf, fico chocada ao ver como o lugar é nesta dimensão: exatamente o que o nome diz, um cais. Frequentado por pescadores. Em vez das tão familiares placas de restaurante extravagantes, das esculturas esquisitas e dos ônibus circulares, vejo apenas barcos e um mercado de peixes. Mas nem todas as embarcações são pesqueiras, muitos se parecem mais com aqueles barcos da guarda costeira, tendo, inclusive, armas à mostra. Alguns lugares ao longo do cais vendem comida, mas em vez dos hambúrgueres gourmet, aqui vendem aquele tipo de alimento que vem em sacos de papel marrom e que as pessoas podem comprar e andar comendo.

— Sempre odiei nossa versão do Fisherman's Wharf — disse Theo —, mas agora deu até saudade.

— Concordo plenamente.

Ao longe, consigo ouvir um leão-marinho rugindo. Pelo menos eles existem aqui também, e estão pegando sol. Nem tudo é diferente.

Ao me aproximar de mais uma barraquinha de comida, Theo pergunta:

— Será que dá tempo de procurar uns donuts?

— Sério que você está pensando em donuts?

Mas a verdade é que também estou faminta. Nosso hotel não tem serviço de quarto há muitas décadas, acho.

— Você não está pensando em donuts? Como pode? Como você quer bolar estratégias sérias sem donuts? Precisamos de combustível, e, de preferência, combustível com cobertura de chocolate.

Sorrio para ele, depois olho para a esquerda e meu sorriso desaparece.

Paul está ali, com as mãos no bolso, esperando.

Theo só o vê alguns instantes depois. Solta um palavrão baixinho, e Paul ergue uma sobrancelha.

— Então — diz ele. — Fizeram as pazes?

Ele está inseguro com o que pode dizer na frente de Theo.

Ao entender isso, Theo puxa a corrente de dentro da camisa, deixando o medalhão à mostra, e diz:

— Vim com ela.

— Ah. Vocês dois vieram juntos. — Ele fica ainda mais amargurado. — Como isso se encaixa no seu suposto amor por mim, Marguerite?

— Ei. Cale a boca, cara. — Theo dá um passo adiante. — Não estou com ela... Não na nossa dimensão. Sou amigo dela, e, aliás, sou seu melhor amigo, e vim aqui ajudar. A resgatar você. Quer dizer, a me salvar também, mas definitivamente resgatar você.

Paul, claramente abalado com a compreensão de que Theo tem da situação, reclama:

— Parem de falar dele como se fosse eu. Não sou eu. Somos duas pessoas diferentes.

— Ok, tudo bem, como você preferir — digo. Não vale a pena debater isso no momento. Precisamos chegar a um acordo. — Que bom que você veio.

Ele não responde de primeira. Depois confessa:

— Não dormi.

Theo faz um som de deboche, como se dissesse *alguém perguntou?*. Ele está muito na defensiva. Mas sei que Paul está dizendo a verdade. Agora que me recuperei do choque inicial por ter visto ele parado ali, consigo notar sua barba malfeita, as olheiras...

— Por que não? — pergunto, discretamente.

— Fiquei acordado a noite toda com isso. — Ele puxa do bolso o Firebird roubado. Meu primeiro instinto é pular nele e pegar de volta, mas continuo parada, exceto pela mão, que levanto para conter Theo. Paul acrescenta: — Rodei os dados milhões de vezes. Aprendi muito, mas ainda tenho uma longa caminhada pela frente. Em outras palavras, se você quer isso de volta, a resposta ainda é não.

— Escute o que vou dizer. — Chego mais perto dele. — Lembra-se do que eu te disse ontem à noite? Esse homem de quem te falei, Wyatt Conley, quer sabotar seu trabalho nesta dimensão. Se nós falharmos, ele vai mandar outra pessoa. Várias outras pessoas. Conley não é homem de desistir antes de conseguir o que quer.

— Então eu devia me render a vocês agora e me poupar do trabalho? É isso que está me dizendo?

Theo semicerra os olhos. É evidente que a vontade dele é partir para cima de Paul. Mas pedi que ele me deixasse tentar resolver isso sozinha, e está cumprindo a promessa. Não fala nada.

— Vou te oferecer algo em troca — digo a ele. — Na nossa dimensão, Theo também trabalha no projeto Firebird. Ele ajudou a construir esse que está na sua mão. Se você concordar, Theo pode se sentar com você e explicar tudo o que quiser saber sobre o funcionamento disso. Ele pode observar os seus protótipos, criticar, opinar, o que você quiser e precisar para montar sozinho um Firebird.

— Você é físico? — pergunta Paul a Theo. O tom de surpresa na sua voz é quase ofensivo.

— Olhe, posso ter sido rastreado pelos sistemas de telemetria aqui, mas na minha dimensão eu ensinei tudo o que você sabe. — Ele sorri. — Quero dizer, quase tudo. Tenho que guardar segredo de algumas coisas. Levar alguma vantagem.

Interrompo aquele papo:

— Ele pode te guiar até o Firebird, Paul. Se você deixar Theo te mostrar, pode descobrir os segredos do Firebird em um dia.

Ele nem sabe o que fazer com uma oferta tão boa.

— Então eu teria que devolver este para vocês. E... e você levaria de volta o fragmento de consciência do seu Paul. É isso?

Balanço a cabeça de um lado para outro.

— Não. Pela segurança do seu mundo, e para que eu consiga levar meu Paul para casa, temos que fazer com que Wyatt Conley acredite que seu trabalho foi sabotado. Mas talvez isso não signifique que a gente precise sabotar tudo de verdade. Será que você e Theo não são capazes de criar uma simulação?

— Uma simulação de quê? — pergunta ele.

— Não sei exatamente... Daquilo que aconteceria com as redes de computador se fossem destruídas. Se todos os dados fossem apagados por um vírus. Se tivéssemos algo assim... quando Conley verificar, vai achar que vocês não têm defesa alguma, sendo que, na verdade, já terão construído o primeiro Firebird antes mesmo de eu voltar para casa.

Paul parece ainda mais desconfiado que antes.

— Você consegue fazer isso?

Theo, entendendo que tinha chegado sua hora de falar, assente e diz:

— Com a sua cooperação. E, aliás, sabe aquele tenente-coronel Wyatt Conley que vive tentando trabalhar com vocês? Você precisa encontrar uma maneira de deixá-lo completamente de fora de qualquer informação. O nosso Conley pode entrar no corpo dele, aprender o que ele sabe e descobrir que forjamos tudo.

Mas, ainda que perceba que Paul está começando a acreditar em nós dois, ele ainda não concorda.

— Pode ser um truque. Como vou saber que vocês não estão me guiando na direção errada? Ou que não estão contando mentiras sobre a construção do Firebird?

— Jura que você não entendeu ainda? — Estou morrendo de vontade de dar um tapa nele! — Eu amo meus pais. Amo minha irmã. E amo você. Realmente acha que eu deixaria todos vocês sem defesas no meio de uma guerra se eu tivesse opção? Pois bem: esta manhã pensei em uma. Vamos usá-la juntos?

— Não somos iguais — insiste Paul. — O seu Paul e eu.

Balanço a cabeça, sorrindo. Theo encerra o assunto:

— Chega de DR. Cara, você vai aceitar o acordo ou não?

Ele hesita por alguns instantes, mas finalmente diz:

— Venham comigo.

Passamos o resto do dia na base militar. O cargo militar de Theo e meu status por causa dos meus pais facilita nosso acesso. Pelas horas que se seguiram, Theo e Paul só têm conversas científicas muito complexas enquanto eu bebo o pior café da minha vida e fico observando os dois trabalharem. Mesmo aqui, na base, usam o mínimo de tecnologia possível: Theo rabisca equações em um quadro-negro, e às vezes esfrega as mãos para se livrar do pó amarelo do giz, enquanto Paul (juro por Deus) usa uma régua de cálculo. A afeição natural de Theo por Paul transparece de tempos em tempos. Percebo que Paul, ao mesmo tempo em que nota isso, não sabe o que fazer.

Quanto a mim, ele finge que não estou ali. A princípio, penso que é porque ele me odeia por causa de ontem à noite. Conforme as horas se passam, no entanto, começo a me perguntar se é isso mesmo. A maneira que ele me olha e logo desvia o olhar, desconfortável e inseguro... não é muito diferente de como meu Paul me olhava na nossa dimensão... Na época em que começamos a prestar mais atenção um no outro, mas não sabíamos o que fazer com relação a isso.

Os sentimentos deste Paul pela Marguerite dele são fortes demais para serem ignorados. Mesmo quando ele está com raiva. Mesmo quando está magoado e assustado. Ele ainda ama ela.

Será que ela vai se apaixonar por ele também?

Os dois continuam falando sobre ciências. Inserem o vírus da Triadverso em um backup que deveria se passar pelo sistema verdadeiro. E chegam na parte em que trabalham juntos com a mesma facilidade que Theo e meu Paul na nossa dimensão.

Finalmente, lá pelas duas da tarde, Theo se ajeita na cadeira e diz:

— Bom, agora você tem todos os dados. Com mais alguns dias de revisão, estará pronto para construir o seu.

— Obrigado — diz Paul, depois de alguns instantes.

Dá para ver como foi difícil para ele agradecer.

— Eu é que agradeço. Por você ter me dado outra chance. Sei que eu não merecia — falo.

Ele me olha e, por alguns segundos, consigo ver nos olhos dele a decepção, a esperança que sentiu ontem à noite e que logo depois desapareceu. Apesar do que deve estar sentindo, Paul estica o braço e me entrega o Firebird. Quando seguro o medalhão nas mãos, ele diz:

— Eu sabia, com base nos dados, que o que você me disse era verdade. E isso me fez achar que você provavelmente estava sendo sincera sobre tudo. Se existe uma versão de mim em apuros em algum lugar... fico feliz que alguém esteja tentando salvar.

— Esse é o Paul que eu conheço — diz Theo, sorrindo.

E eu digo a ele:

— Vamos levá-lo para casa. Mas ele não está só lá. Está aqui também.

Ele olha para o próprio peito, como se o fragmento do meu Paul estivesse escondido ali, no seu coração. Eu me aproximo.

— Não precisa ficar nervoso, não é algo que vai mexer com sua cabeça ou nada do tipo.

— Theo me explicou que o método de recuperação é como se fosse um lembrete — diz Paul. — E lembretes doem. E agora vou ter que receber um. Acho que é compreensível que eu fique nervoso.

Theo dá de ombros, se encosta na parede mais próxima e comenta:

— Você tem que admitir, ele tem um bom argumento.

— Um minuto.

Coloco meu Firebird no pescoço e penduro o do Paul no pescoço dele. Mesmo por cima da jaqueta do uniforme, consigo sentir o calor do seu corpo na minha mão. Quando ergo os olhos para ele, percebo que está me encarando, e sei que nós dois estamos pensando em como ficamos exatamente nesta posição ontem à noite, logo antes do beijo.

Ou, talvez, o que vejo nos olhos acinzentados dele é o fragmento do meu Paul. O Paul que eu amo de verdade.

Digito a combinação que Conley me ensinou na Itália. Paul treme com o lampejo de dor, mas não emite som algum. O Firebird parece vibrar na minha mão. E lá está: a centelha minúscula de calor, a prova de que recuperei o segundo fragmento.

— Conseguimos — digo, suspirando, e sorrio olhando para Theo, que sorri de volta.

— Dois resgatados, dois a resgatar.

Paul não parece tão animado.

— Não sinto nada diferente.

— Nada? — Achei que a alma do meu Paul deveria afetá-lo um pouco. Se bem que... este Paul também é um cientista, também é apaixonado por mim... Talvez ele e o meu Paul sejam parecidos demais para que ele sinta algum impacto. — Bom, mas funcionou, juro.

— Você jura coisas demais — responde ele, com frieza.

Não quero sair deste universo deixando ele com raiva de mim. Estou sendo mimada? Provavelmente. Mas quero curar essa mágoa que causei, assim como quero curar todas as outras.

— Estamos quites?

— Você desbloqueou os últimos segredos do Firebird. Estamos quites — diz ele, sem sorrir. — Da próxima vez, tente pedir as coisas de que você precisa. Em vez de me tratar como um idiota.

Aquilo doeu, mas acho que mereci. Tento manter um tom de voz tranquilo:

— Seja legal, ok? Com a sua Marguerite, quero dizer. Nunca se sabe quando as coisas vão mudar.

— Oi, estou bem aqui — protesta Theo.

— Desculpe, Theo. Só quis dizer... Paul, eu te falei ontem sobre como acredito no destino. Ele aproxima as pessoas, repetidamente, dimensão após dimensão. O destino não vai te decepcionar.

— Queria conseguir acreditar nisso. — Ele se levanta e vai até a porta. Parece que acabou o momento de falar sobre sentimentos. — O segurança pode mostrar a saída para vocês.

— Por que a saída? — Theo segura o Firebird na mão. — Eu e a Marguerite podemos ir embora aqui mesmo. Aí você pode explicar para nossa versão deste universo o que está acontecendo. Porque, acredite, eles vão querer saber.

Paul abre a porta.

— Não quero ver — diz ele. — Vou procurá-los assim que acontecer. Mas a hora de voltar... quando vocês retornarem para onde estavam antes... Não quero ver.

O que ele quis dizer é: não quer ver o momento em que o Theo e a Marguerite deste mundo vão se olhar de novo, apaixonados.

Eu saio, sabendo que Theo vai vir atrás de mim, e me esforço para não olhar mais para Paul. Quando chegamos ao corredor, cercados pelo som dos escritórios ao redor e das máquinas de escrever, ele diz:

— Veja pelo lado bom, *chica*. Recuperamos o Firebird. Temos uma história pronta. Progredimos muito.

Tento engolir o nó na garganta e digo:

— E se Conley descobrir que não sabotamos o projeto de verdade?

Mesmo antes de sugerir o plano, eu sabia que esse era um risco. Mas agora que o medo aumentou, o risco parece ainda maior, me deixando quase sem esperança.

— Isso pode acontecer. Mas também podemos fazer parecer que fomos enganados por Paul ou algo do tipo. E se o Conley deste universo nunca descobrir, pode ser que a gente se safe completamente.

— Mas ele vai descobrir. Um dia. Não vai?

— Um dia pode ser daqui a muito tempo. — Ele abre a porta e saímos da base, voltando na direção da qual viemos. — Esse Paul é durão demais, né?

— Não. Só está muito magoado.

Eu me lembro de como ele me olhou ontem à noite: esperançoso, encantado, quase apaixonado... E me sinto pior ainda do que cinco minutos atrás.

Mas Theo tem razão numa coisa. Temos os Firebirds. Até onde Conley sabe, já cumprimos metade do trabalho. Mais uma dimensão, mais uma missão, mais uma traição. E só quando isso acabar vamos poder visitá-lo no escritório central e descobrir o último universo em que está escondido o último fragmento da alma de Paul.

— Pelo menos, agora temos alguma coisa para usar contra Conley. — Esse era o intuito desde o início desta viagem: encontrar uma forma de sabotar Conley para, em vez de só

jogar de acordo com as regras dele, eu pudesse virar o jogo. — Conley quer monopolizar a habilidade de viajar pelas dimensões. Agora, garantimos que isso não vai acontecer.

Theo abre um sorriso lentamente.

— Assim que eu gosto, mantendo o espírito de luta! Mas... sabemos para onde estamos indo?

Logo verifico o Firebird no meu pescoço. O segundo conjunto de coordenadas foi desbloqueado.

— Sim, vou te mandar as informações agora. Missão um: metade completa. Vamos?

Theo faz uma pausa.

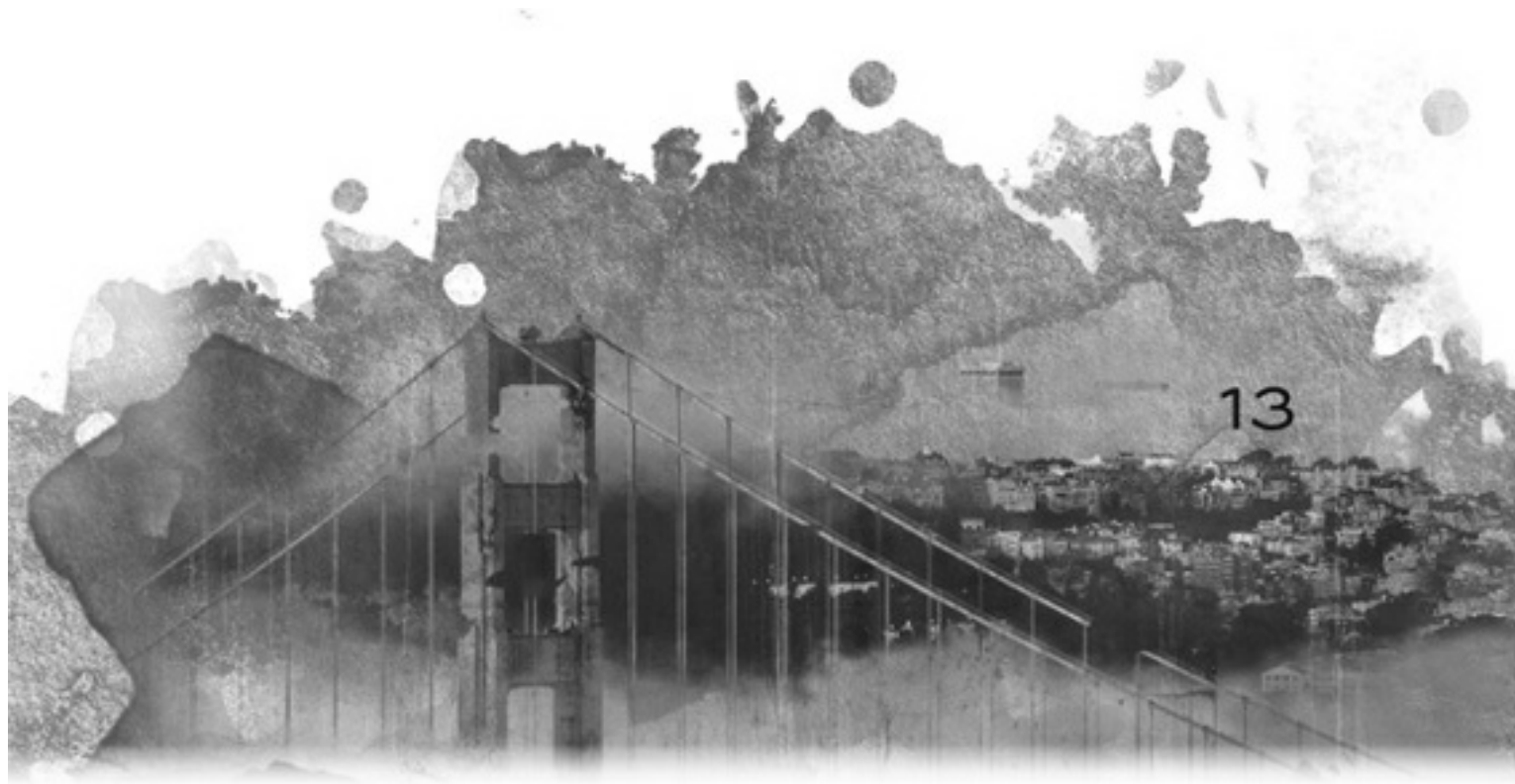
— Um mundo totalmente novo. — Olho para ele, que balança a cabeça. — Sei que a ideia é essa. Mas é como se só agora eu estivesse começando a acreditar que este lugar aqui realmente existe.

— Daqui a pouco vai parecer só um pesadelo — tranquilizo.

— Não sei, não. — Ele segura o Firebird. — Este lugar tem suas vantagens.

Nós nos entreolhamos mais uma vez, e sei que ele está pensando no beijo de ontem à noite.

Mas, em um instante, tudo acaba, quando os Firebirds nos tiram destes corpos, deste mundo, para sempre.



Quando entro de novo em outra versão do meu corpo, estou andando em uma calçada lotada e quase tropeço.

Um cara fortão usando uma regata dos Yankees esbarra em mim por trás:

— Ei! Calçada é para andar. Se liga!

— Turistas. — Escuto outra voz dizer.

Eu me apoio no prédio mais próximo, tentando sair do caminho de todo mundo. Onde será que estou desta vez? É dia, está claro, e tem... uau, centenas de pessoas e pelo menos três carrinhos de comida só nesta calçada onde estou.

Olho para o alto e começo a sorrir, porque, ainda que eu nunca tenha estado aqui, sei exatamente onde estou.

Times Square.

Os visitantes da cidade se empurram com sacolas de compras ou registram tudo em seus smartphones ao mesmo tempo em que os moradores usam roupas sociais e andam duas vezes mais rápido que todo mundo, passando para lá e para cá. Consigo ouvir buzinas ali perto, mas a rua diante de mim parece ter sido fechada para pedestres há muito tempo. O espaço está repleto de mesas de piquenique, onde as pessoas comem ou apenas conversam. Acima de nós, os prédios altos têm placas luminosas do tamanho da minha casa, e são tantas luzes, que quase chegam a cegar mesmo em plena luz do dia. Perto dali, um pôster, daqueles rotativos dentro de uma caixa de luz, exhibe as notícias:

PRESIDENTE E PRIMEIRA-DAMA FAZEM VISITA AO BRASIL

NISSAN E TOYOTA ANUNCIAM FUSÃO

PARLAMENTO BRITÂNICO VOTA PELAS ELEIÇÕES GERAIS

HUGH JACKMAN, VENCEDOR DO OSCAR, SAI DO HOSPITAL

Todas parecem notícias que eu leria no meu mundo, exceto pelo Oscar para o Hugh Jackman, acho. Além do fato de eu estar em NY, esta dimensão não parece muito diferente da minha. E é, sem dúvida, muito melhor que o mundo desolado em guerra onde eu estava antes.

Por um instante, me lembro de Paul se despedindo de mim: a falta de confiança, o sentimento de traição estampado nos seus olhos. Pensar nisso me queima por dentro. Não, eu nunca mais quero pisar no Guerraverso.

Minhas roupas aqui se parecem muito com as que eu usaria em casa, ainda que sejam um pouco mais elegantes que as roupas que visto no dia a dia: um vestido verde-escuro e um par de *oxfords* com salto. Tenho uma bolsa transpassada, pendurada na altura do meu quadril, e dou uma olhada dentro dela em busca de pistas. Chaves, gloss, chiclete: só o que aprendo com minha bolsa é que a Clinique e a Trident também existem aqui. Dentro de uma carteira prateada de couro, encontro uma identidade do estado de Nova York. Não acho nenhuma carteira de motorista, mas meu endereço está impresso na identidade, então sei que moro na 83rd Street. Também encontro um cartão amarelo e azul escrito *Metrocard*, que deduzo ser o que é usado no metrô. Algum dinheiro, uma caixa de óculos escuros vazia (então me dou conta de que os óculos estão na minha cabeça), e... isso. Meu smartphone.

Preciso da senha para desbloquear o telefone. Em casa, minha senha é o aniversário de Josie. Tento digitar e... pá. Desbloqueou. *Talvez eu devesse ser menos óbvia*, penso. Mas não consigo parar de sorrir para essa minha obviedade.

Antes de mais nada, consulto a agenda de contatos e procuro a letra M. Depois P. Paul não está lá.

Será que a gente não se conhece neste universo? Estamos em Nova York, e, no nosso mundo, foi aqui que ele nasceu. Então Paul deveria estar aqui... Não? Se eu não conseguir chegar ao Paul Markov desta dimensão, como vou ser capaz de resgatar o próximo fragmento?

Talvez você não o tenha conhecido *ainda*, penso. *Ou já o conhece, mas não tem intimidade suficiente para ter o número dele na agenda*. Paul trabalhou com meus pais por mais de um ano antes de eu ter o número dele no celular. Eu não precisava do telefone dele, não precisava falar com ele. E, mesmo que precisasse, ele estava na minha casa quase todos os dias... Mandar uma mensagem não era prioridade.

O pânico que senti foi aliviado com esses pensamentos. Não posso entrar em pânico ainda.

Resignada, começo a conferir o resto dos contatos. Tem minha mãe, meu pai, Josie... e, sim, Theo, aqui em NY, então não preciso usar o localizador do Firebird. Nesse instante, meu telefone vibra e um lembrete do calendário aparece: *Cinema com R no AMC da 42nd*. É daqui a quinze minutos.

Estou a apenas algumas quadras da 42nd Street. Saio correndo pela multidão, olhando meio pasma para as placas, os turistas e a loja da Hello Kitty. É claro que eu preferiria passar as próximas horas estudando esta dimensão em vez de me sentar numa sala de cinema, mas se tenho que ser a Marguerite deste mundo, então não devia furar com os planos dela sem uma boa razão.

Quando chego na frente do cinema, não sei bem onde entrar, ou mesmo se devia esperar do lado de fora por quem quer que seja. Nesta hora escuto a voz de uma mulher com sotaque britânico:

— Marguerite! Te achei!

É Romola.

De alguma forma, consigo disfarçar meu choque. É ela, com certeza: o mesmo cabelo dourado, o mesmo rosto quadrado e queixo pontudo. Já nos esbarramos em alguns mundos diferentes, mas nos outros não éramos amigas. Aqui, no entanto, ela se aproxima de mim com um enorme sorriso. No lugar das roupas caras e glamorosas que ela usava no Londresverso, aqui ela veste calça jeans e um casaco comum. Ela sorri ao me mostrar a tela do telefone, onde vejo um código de barras.

— Como você demorou, resolvi comprar logo os ingressos.

— Obrigada — digo, sorrindo, e não faço ideia do que dizer em seguida.

Mas ela é mais rápida que eu:

— Você pode compensar comprando nossa pipoca. E M&M's, porque adoro os dois juntos!

A presença dela aqui me assusta de uma forma que não sei explicar nem para mim mesma. É uma pessoa que já conheço, mas não muito bem. Sempre pensei em Romola como um acidente, uma coincidência. Não como alguém que deveria ser importante para mim.

Da mesma forma que Paul deveria estar em todos os lugares, em todo canto comigo... e não está.

O filme acaba sendo um que eu queria ver em casa, e Romola tem razão sobre misturar pipoca com M&M's. Então, quando o filme acabou e saímos andando pela rua no fim da

tarde, eu já estava mais animada. Este mundo é tão perigoso quanto o meu; meus pais e Josie estão vivos e bem; e recebi uma mensagem de texto do Theo, que diz apenas: Parece que moro na Cidade do Alfabeto. Estou indo te encontrar.

— É hoje o jantar, não é? — O sorriso de Romola parece perverso quando ela diz isso. — Quero saber *tudo*.

Tento parecer casual:

— Quais vão ser os pontos altos da noite, na sua opinião?

— Vejamos. Quero saber a pergunta mais esquisita que seus pais vão fazer. Ah, e se ele vai ficar constrangido em algum momento... Tire fotos se puder, tá? Mal posso esperar para ver meu chefe grande e malvado sendo interrogado pelos seus pais! — Ela está brincando, mas dá para perceber que há um fundo de verdade, e que ela está feliz com esse jantar.

Então quer dizer que, neste mundo, eu e Romola nos conhecemos por meio do chefe dela? Talvez ela trabalhe para algum cientista mundialmente famoso que possa explicar por que continuo encontrando com ela em várias dimensões. Ela está esperando que eu responda alguma coisa, então faço uma piada:

— Claro, claro, vou filmar a cena toda, dar um zoom na cara dele... E ele nem vai perceber!

O sarcasmo esconde minha ignorância sobre o assunto. Ela ri.

— Ok, ok... Nos falamos semana que vem, e aí você me conta como foi.

— Claro!

Ela me abraça forte antes de ir. Eu a abraço de volta, me esforçando para não ficar muito rígida. Vou até a estação de metrô mais próxima e, depois de um tempinho fuçando meu smartphone, encontro um aplicativo que me diz como chegar em qualquer lugar de transporte público.

Que fique registrado: o metrô desta Nova York é ainda mais nojento que o BART (o ônibus sobre trilhos) do meu universo. Nunca achei que isso fosse possível. Porém, é mais rápido, porque em dez minutos estou de frente para o prédio chique onde aparentemente moro. Um homem de uniforme na porta sorri para mim.

— Senhorita Caine! Bem-vinda de volta! Como foi seu dia?

— Excelente, obrigada!

Ele deve ser o porteiro. Sigo depressa para o elevador. Acho que não preciso prolongar esta conversa.

O apartamento 28G só pode ficar no 28º andar, então aperto o botão no elevador. Enquanto ando até a porta do apartamento, escuto do corredor alguém cantarolando *Here Comes the Sun* e sorrio. Meu pai está em casa.

Entro em um apartamento que é ainda menor do que a casa que tínhamos na dimensão em guerra, mas, diferente daquele lugar, esta com certeza é nossa casa. Há uma planta pendurada em um gancho no canto da sala, com galhos compridos se esgueirando pela janela. Pilhas e pilhas de livros e papéis na mesa e em todos os cantos. As paredes são pintadas de um tom forte de amarelo, e meu pai está sentado em um sofá de couro, com o laptop no colo, digitando alguma coisa.

— Aí está ela — diz mamãe enquanto meu pai olha para mim e sorri.

Ela sai do que parece ser o quarto deles, usando um vestido azul-marinho justo, que é simples, mas elegante para alguém que normalmente usa calça jeans e casaco puído. Ela inclina a cabeça para colocar o brinco e diz:

— Achei que você não chegaria antes do jantar.

— Aqui estou. Você está linda.

Ela suspira e diz:

— Não quero que Josie ache que não estamos levando este jantar a sério.

— Eu só queria acreditar que *ela* está levando esse jantar a sério — protesta meu pai, sem tirar os olhos do computador. — Francamente. Depois de dois meses?

— Henry. Eu e você levamos menos de um dia. — Minha mãe coloca a mão no seu ombro e ele fecha o laptop para abrir um sorriso para ela. — A velocidade da decisão não é o problema. Ou não deveria ser, se a gente conhecesse ele melhor. Mas... tem algo estranho nele, é um cara muito evasivo... Esconde alguma coisa. Não gosto disso.

— Bom, hoje é nossa chance de interrogá-lo. E vocês duas não pensem que não farei isso, não importa o quão chique seja este restaurante.

Minha mãe dá um beijo na testa dele e sorri.

— Você parece um detetive da polícia falando de um suspeito. Que bom.

Estou começando a entender. Josie tem um namorado sério, que deduzo ser o chefe de Romola. E me parece que ela está noiva dele, ou estará em breve, o que me deixa chocada. Em geral, minha irmã prioriza a quantidade em vez da qualidade quando o assunto é namoro. Não é que ela seja uma pegadora, nada disso, mas tem muitos caras que curtem esportes radicais, como ela, então vive conhecendo gente nova. Josie sempre jurou que só namoraria sério com um cara depois de ter certeza do que queria da vida, em termos profissionais. *Não quero sacrificar meus sonhos por ninguém*, me disse ela certa vez, *nem quero que ninguém sacrifique seus sonhos por mim*. Isso é meio sério... Mas Josie é assim.

Então, se neste universo alguém conquistou minha irmã depois de dois meses, preciso saber quem é e conhecer essa pessoa.

— A que horas vamos sair? — pergunto.

— Daqui a trinta minutos, mais ou menos — responde papai. — Preciso corrigir algumas provas. Preciso? Diga que não preciso.

— Precisa — grita minha mãe do quarto. Ele suspira.

Encontro meu quarto na primeira tentativa e suspiro de alívio quando vejo nas paredes retratos que eu mesma pintei. Meu estilo aqui é muito parecido com o de casa: realista, mas sem muitas cores. Aqui, pareço me ater a uma paleta de cores mais suaves e limitadas para cada retrato, de forma que dou ao trabalho final um clima mais definido. A pintura de Josie brilha em vermelho e rosa; minha mãe reflete em prateado e azul; papai tem dourados suaves; e... tem também Theo.

Para o retrato dele, usei bronze, laranja, um tom de telha meio queimado... Tons de terra, mas também fortes. Seus olhos escuros parecem brilhar na pintura.

Não encontro nenhum retrato de Paul.

Frustrada, faço uma busca no meu tablet: “Paul Markov, físico.”

Resultados: zero.

Nada também para “Paul Markov, cientista”.

Volto a ser tomada pelo pânico. Será que Paul não seria um cientista em qualquer mundo que estivesse? E aqui, em uma dimensão tão parecida com a nossa, será que ele não teria estudado física? Para mim, não faz sentido que ele pudesse fugir assim do destino dele, a não ser que estivesse seriamente doente ou que seus pais nunca tivessem saído da Rússia...

Como vou achá-lo, se ele estiver na Rússia? O nome dele deve ser comum lá, tipo um John aqui. E como eu conseguiria chegar lá?

Dou mais uma busca, com o nome e a data de aniversário dele. Aparece uma foto: uma página sobre uma escola um pouco antiga, mas que me faz sorrir assim que a vejo. Aquela criança de camisa xadrez, com uns dez anos... Eu o reconheceria em qualquer lugar. Paul não guarda fotos da infância, então eu nunca tinha visto nenhuma. Uma fofura. Passo os dedos pela tela, como se fizesse carinho naquele rostinho de bebê.

Então noto que a escola é aqui em Nova York, e rio de alívio.

Animada, procuro um pouco mais. Ele não tem conta do Twitter nem nada do tipo, mas no meu mundo, ele também não tem essas coisas. Nenhuma universidade lista ele como aluno, e pelo visto, ele também não participa de nenhum clube de escalada ou de trilha por aqui.

Finalmente, encontro uma página do Facebook, que é fechada para quem não é amigo dele. A única foto que consigo ver mostra ele de lado, olhando para longe. Parece recortada de uma foto maior, talvez uma com mais pessoas, algo assim. Por mais que a fotografia seja

péssima, eu o reconheceria em qualquer lugar, mesmo aqui, vestindo essa jaqueta de couro justa que não se parece com nada que ele usaria. Os mesmos olhos acinzentados, os mesmos ombros largos... Olho mais de perto, procurando aquela expressão perdida e solitária que sempre me encanta, mas as sombras da imagem deixam o rosto dele ilegível.

Para mim, é fácil imaginar esta foto como sendo do Paul do Guerraverso, pois alguma coisa nas linhas da jaqueta me lembram do uniforme militar que ele usava. A expressão de mágoa que ele fez enquanto eu e Theo íamos embora... Eu o magoei muito, dando esperança e depois a destruindo... Talvez eu não tive mesmo chance, ou quem sabe aquela tenha sido a melhor situação possível. Mas a ideia de sair pelas dimensões magoando um Paul atrás do outro não facilita coisa nenhuma.

Tente não estragar tudo desta vez, digo a mim mesma.

Falar é fácil. Sem nenhuma escola ou emprego listando o nome de Paul, não faço ideia de como forjar um encontro casual. De alguma maneira, preciso fazer com que ele procure por mim.

Em um lampejo de inspiração, abro as mensagens do Facebook e procuro pelo nome dele. Depois de morder os lábios por alguns instantes, digito a mensagem:

Oi, a gente não se conhece, mas temos amigos em comum.

(Versões alternativas dele em outras dimensões conta como “amigos em comum”, certo?)

Enfim. Todo mundo diz que a gente devia se conhecer. Que tal essa semana? Podemos tomar um café.

(Onde? Não conheço Nova York tão bem assim. Mas sei em que universidade meus pais dão aula sem precisar perguntar. Crescer rodeada por alunos de pós-graduação em física significa estar sempre rodeada de papéis de inscrição para pós-doutorado nas melhores universidades do mundo.)

No campus da Columbia, se você quiser. Espero que você seja o Paul Markov certo... Se não for, desculpe a confusão!

Acho que está bom. Mesmo que Paul não fique intrigado com a sugestão de um encontro tão às cegas como este, ele provavelmente vai me responder, nem que seja para perguntar que amigos são esses que acham que a gente devia se conhecer. Então dou um jeito de manter a conversa fluindo, fazer algumas perguntas casuais que podem me ensinar um pouco sobre este Paul e usar essas informações para encontrá-lo.

E vai que... de repente ele gosta da ideia de um encontro às cegas.

Abraço meus joelhos na cadeira, mas meu sorriso desaparece assim que me lembro da segunda razão pela qual estou aqui. Wyatt Conley não me mandou para esta dimensão para convidar Paul para tomar um cappuccino. Nem mesmo para recuperar o próximo fragmento da alma dele.

Ele me mandou aqui para trair meus pais e, desta vez, não posso arriscar fazer isso de mentirinha. Desta vez, vou magoá-los de verdade.

Minha tarefa cruel pesa na consciência enquanto eu e meus pais descemos no elevador a caminho do tal jantar com Josie e o homem com quem ela namora. Aparentemente, vamos a algum lugar caro a convite dele, porque meu pai jamais usaria uma gravata para algo que não fosse um casamento, um enterro ou um superfinanciamento de pesquisa.

— Devíamos ter insistido em escolher o restaurante — diz ele, dentro do táxi, enquanto passamos ao lado do Central Park. — Aquele de comida vietnamita, na esquina, talvez. Ficaríamos mais à vontade e com certeza eu iria gostar mais da comida.

— Se ele vai pagar, ele escolhe o restaurante. Me parece lógico. — Minha mãe olha pela janela para o céu escurecendo. O dia está virando noite. — A gente pode aprender muito sobre as pessoas observando as escolhas que elas fazem, Henry. Quanto mais controle ele tiver sobre a situação, mais podemos aprender sobre ele.

Estou sentada no meio dos dois no banco de trás do táxi. Ali, há uma televisão ligada num canal que só os táxis têm, mostrando a mesma tela continuamente. E o aparelho está encostando nos meus joelhos.

— Estamos chegando?

— Não faço ideia — resmunga meu pai. — Nunca fui em nenhum lugar tão chique na vida. E olha que meu tio era um visconde, como você sabe.

Mamãe sorri.

— Veja pelo lado bom, Henry. Agora já sabemos onde levar Susannah quando ela voltar a Manhattan.

Faço uma expressão de surpresa total quando ouço que tia Susannah, que estava morta no Guerraverso, está viva e bem, neste universo. E *é claro* que eles precisam levá-la ao restaurante mais chique de Nova York. Quanto mais pretensioso e caro for o lugar, maiores são as chances da tia Susannah amar. Tento conter o riso, mas acabo rindo de leve.

Estar com meus pais nesta situação tão casual, quando eles estão sendo bobos, fazendo piadas e demonstrando amor um pelo outro, torna ainda mais difícil o que terei que fazer.

Envolvo meu corpo com os braços e me afundo um pouco mais no banco.

O restaurante fica no entorno do Central Park. É dentro de um prédio bege, grande e imponente, construído na década de 1910, mas que parece discreto, considerando tudo

isso. Enquanto seguimos para a entrada, vejo uma pessoa parada ali perto, como se estivesse esperando alguém. Quando se vira, descubro que é Theo.

— Ei! — chamo.

Estou prestes a levantar a mão e acenar para ele, mas penso: será que Theo está aqui porque *ele* é o noivo de Josie?

Não, isso seria loucura. Eles nunca foram nada além de amigos, ainda que a idade dele seja mais próxima da dela que da minha. Mas estamos em outra dimensão, com novas regras. É por isso que ele está na minha agenda de contatos? Fiz amizade com meu futuro cunhado?

Mamãe sorri para ele.

— Theo! Que bom que você veio.

— Estou feliz por estar aqui — responde ele, e sei, pela sua voz, que não faz ideia de como meus pais o conhecem nesta dimensão.

A resposta vem quando meu pai dá um tapinha no ombro dele:

— Você tem que parar um pouco de escrever essa dissertação! E, além disso, precisamos de um ponto de vista mais objetivo. Não tem ninguém em quem a gente confie mais do que em você.

Theo faz uma expressão como se dissesse *merda, não faço a menor ideia do que eles estão falando*. Então ofereço uma ajudinha, dizendo:

— Não podemos deixar Josie se casar com qualquer um. Você sabe.

Ele dá uma risada forçada, certamente tão chocado quanto eu com o fato de que Josie, a pessoa com fobia de compromisso, está noiva. Meus pais não veem a expressão dele, porque já estão entrando no restaurante. Ele entrelaça o braço no meu e sussurra:

— Já achou Paul?

Só na tela do computador. Nego com a cabeça e explico que meu plano vai ter que ser adiado.

Entramos em um espaço silencioso, perfeitamente iluminado e decorado em bege e dourado, e eu saberia que deve custar muito caro uma refeição aqui mesmo que meu pai não tivesse dito nada. O carpete sob meus sapatos parece de pelúcia, como se eu estivesse andando nas nuvens. Theo usa a mão livre para ajeitar a gravata dos anos 1980 com desenho das teclas de um piano. O lugar é tão chique que até ele ficou inseguro com a própria aparência.

Josie surge do canto para nos receber. Ela está vestindo calça de seda e blusa de gola degagê, que, apesar de muito elegante, parece algo que Josie vestiria no nosso universo.

Então Josie é a mesma pessoa aqui, penso... Mas então levo um susto. Theo engasga sozinho quando vemos quem está vindo ao lado dela.

O noivo da minha irmã é Wyatt Conley.



Josie segura o braço de Conley. Ela está irradiando felicidade.

— Pessoal, esse é Wyatt. E, Wyatt, me deixe apresentar meus pais, Dra. Sophia Kovalenka e Dr. Henry Caine. E estes são minha irmã, Marguerite, e o assistente de pesquisa dos meus pais, Theo Beck.

— É um prazer conhecê-los, Dra. Kovalenka, Dr. Caine, Marguerite e Theo. Que bom que puderam vir esta noite.

As boas maneiras dele estão melhores que normalmente. Se eu não soubesse a cobra manipuladora que ele é, poderia até acreditar que minha irmã ficou noiva de um cara legal.

Enquanto eles e meus pais falam amenidades, eu e Theo nos sentamos. Sussurro para ele:

— O que Conley está fazendo?

— Bom, daqui estou vendo coisas que seus pais não conseguem enxergar. Como, por exemplo, que sua irmã está com a mão na bunda dele.

Eu me esforço para conter o riso.

— Você entendeu! Por que ele está com Josie? Qual é o jogo dele? E, se ele se dá tão bem com minha família aqui, por que nos mandou para cá?

— *Essa é uma boa pergunta* — diz Theo, erguendo uma sobrancelha.

Olho com atenção para Conley, observando, em particular, seu pescoço e seu peito. Ele está usando um terno não muito ajustado, mas, mesmo assim, lhe garante aquele estilo “garoto malvado do Vale do Silício”. Mas o brilho sutil do tecido deixa claro que só o

paletó deve ter custado o preço de um carro usado. O que me parece mais interessante é a falta de qualquer amarrotado na camisa ou de alguma saliência visível por baixo da gravata de seda.

Ele não está usando um Firebird.

Conley não precisa usar um Firebird o tempo todo. Depois de estabilizado em uma dimensão, a pessoa pode retirá-lo e deixá-lo de lado por quanto tempo quiser. Mas eu nunca tirei meu Firebird por mais de alguns segundos, a não ser que fosse absolutamente necessário, assim como acho que ninguém viajando pelo multiverso faria.

Além disso, ele não demonstrou nenhum sinal de que nos reconheceu quando chegamos. Conley adora mostrar seu poder para as pessoas, adora se exhibir quando está em vantagem. Então eu chutaria que estamos prestes a jantar com o Wyatt Conley deste mundo, sem nenhuma visita de outras dimensões envolvida.

O que pode significar que o romance dele com Josie é real.

Todos se acomodam. Fico com pena de colocar o guardanapo no colo, porque estava dobrado como um daqueles cisnes de origami ao lado do prato. A toalha de mesa é feita de um tecido melhor que a maioria das minhas roupas. E quando o garçom (que é tão discreto que mal dá para notar quando ele chega e vai embora) traz o cardápio, não tem o preço dos pratos ao lado.

Theo sussurra:

— Se você precisa perguntar o preço da comida, é porque não pode pagar o que custa.

Fico com vontade de rir, mas estou prestando atenção em Conley e Josie.

— Bom, eu disse a vocês que Wyatt e eu nos conhecemos quando concordei em ajudá-lo com o novo sistema de jogos que ele criou — conta minha irmã. Desde quando ela é programadora? Sua frase seguinte responde a minha pergunta: — A empresa precisava de alguém para surfar em uma piscina de ondas, para que pudessem estudar o corpo sinestésico, os tipos de movimento, essas coisas todas. Eles já tinham feito o estudo com um cara, mas quando anunciaram que também queriam uma mulher, pensei: por que não? Eu estava a fim de visitar a baía de novo e achei que pelo menos ia receber para fazer algo que eu já faço de graça em qualquer fim de semana...

Conley entra na conversa:

— E eu passei lá só para ver como o projeto estava indo...

— Você tem tempo para isso? — pergunta meu pai, da forma mais amigável possível. Ele é o único de nós que parece completamente confortável em ambientes sofisticados como este, quer dizer, exceto o próprio Conley. O histórico de nobreza britânica do meu pai

ganha destaque aqui. — Achei que gerenciar a ConTech tornasse impossível que você monitorasse essas coisas assim.

Faço uma anotação mental: aqui, a empresa dele não se chama Triade, e sim, ConTech.

— Sou muito ocupado — admite Conley. — Mas tento acompanhar todos os projetos da empresa de vez em quando.

— Ter controle sobre as coisas, né? — pergunta Theo.

O comentário recebe como resposta um olhar suspeito, como se Conley não soubesse por que um assistente de pesquisa acadêmica se sente tão à vontade para fazer piadinhas sarcásticas. Mas ele deixa de lado e fala:

— O que quer que tenha feito com que eu aparecesse lá naquela tarde... sou grato a isso. Porque assim que vi Josie surfando... Ela parecia tão feliz, como se estivesse se divertindo muito! Bom, acho que é o que as pessoas chamam de amor à primeira vista.

Ai. Que desagradável.

— Vocês sabem como eu sou — diz Josie. Ela está falando com todos nós, mas olha só para mamãe. — Nunca quis ser impedida de nada, nem impedir ninguém de nada. Wyatt... Ele já conquistou muita coisa. Nem se eu quisesse, eu o privaria de atingir seus objetivos. Nem saberia como fazer isso.

Conley sorri e põe a mão no ombro dela, quase como se a abraçasse. Os olhos dele brilham enquanto ele levanta o braço, chamando o garçom.

Josie continua:

— Não vou sair da Scripps. Ainda vou fazer meu doutorado em oceanografia. Depois disso, Wyatt falou sobre financiar uma expedição para a Antártida, na qual eu poderia trabalhar na pesquisa de conteúdo de ferro, como te falei, pai.

— É mesmo? Que tipo de metodologia você pretende usar? — Papai fica animado com a conversa. Ele nunca se arrependeu de ter trocado a oceanografia pela matemática, deixando de lado uma carreira promissora para apoiar minha mãe na dela. Mas ele ainda gosta muito do assunto.

O garçom chega com o champanhe. Fazendo um gesto rápido com a cabeça, minha mãe deixa claro para o garçom que ele pode servir um pouco para mim também. “Só em ocasiões especiais”, dissera ela. Mas minha mãe e meu pai não bebem. Já não gostam muito, e, além disso, apesar de mamãe estar sorrindo e papai fazendo perguntas animadas, dá para perceber que os dois estão analisando Conley o tempo todo.

Tomo um gole de champanhe na esperança de esconder meu desconforto com toda aquela situação.

— Acho que ele está sendo sincero — diz Theo baixinho para mim.

Sobre estar apaixonado pela Josie, ele comenta:

— Acho que esse, sim — respondo, sussurrando. — O que não significa que outro Conley não se aproveitaria disso.

Theo concorda com a cabeça. O resto da noite parece alucinante: meio sonho, meio pesadelo. Pela parte do sonho, temos o silêncio do restaurante, a elegância em tons pastel do lugar e a comida, que parece o tipo de coisa que seria servida no paraíso, de acordo com a maioria das religiões. A parte do pesadelo: Conley de mãos dadas com Josie, ou com a mão firme no ombro dela a noite toda, como se fosse o dono dela.

Ao mesmo tempo, é impossível negar a sintonia dos dois. Josie ri quando conta da tentativa de ensiná-lo a esquiar na água, e ele conta muito animado sobre como ela consegue fazê-lo pensar menos na empresa o tempo todo e curtir mais a vida. E reparo nos elogios que faz a ela. Conley nunca a chama de *linda*, *querida* ou qualquer outro desses apelidos genéricos que não têm nada a ver com minha irmã durona. Ele diz que Josie é *dinâmica*. Que é *cheia de propósito*. Que ela é, acima de tudo, *forte*.

Tenho que admitir: ele conhece Josie de verdade. Talvez até a ame realmente.

Em silêncio, decido parar de pensar neste cara como “Conley” e tento imaginá-lo como “Wyatt.” Isso não significa que confio em Wyatt, de jeito nenhum. Mas me lembra de que preciso entender que esse não é o mesmo cara que sequestrou e traumatizou minha família. Preciso avaliar esse aqui separadamente.

A sobremesa chega na forma de sorvetes de sabores que eu nem imaginava que existiam: chá verde, *crème brûlée* e até de beterraba com limão. Tento tomar um pouco desse último, que aliás é uma delícia, e quase engasgo quando Wyatt pergunta:

— E como anda o projeto Firebird?

Theo, ao meu lado, começa a tossir no guardanapo, tentando disfarçar que acabou de expelir sorvete pelo nariz. Mas minha mãe parece pensar que é uma pergunta como qualquer outra e fala:

— Ainda não estamos na fase de construir um protótipo, mas acho que poderemos considerar isso em breve.

— E vocês precisam de financiamento — diz ele, e vejo Josie apertar sua mão.

Consigo adivinhar o que vem em seguida: a oferta, o cheque em branco que ele está prestes a assinar. O poder que vai ter sobre a pesquisa dos meus pais.

Mas meu pai me surpreende ao responder:

— Josie vem nos dando dicas sobre isso há algumas semanas, mas fico feliz em dizer que não precisamos de ajuda. Descobrimos ontem que fomos aprovados para uma bolsa de pesquisa que vai cobrir os próximos três anos.

É nesse momento que Wyatt vai começar a convencer meus pais de que eles deviam deixá-lo financiar o projeto, penso. Mas, em vez disso, ele sorri e balança a cabeça.

— Parece que vou ter que investir na bolsa, como todo mundo.

— Na bolsa, putz — diz minha mãe, dando uma risadinha. — Nós não estamos fazendo isso pensando em lucro, Wyatt. Só queremos provar o que é possível e ver uma fração das infinitas dimensões que estão espalhadas pelo multiverso.

— Como escalar uma montanha só porque está lá — murmura Josie.

— E tem outro motivo para escalar uma montanha? — questiona meu pai, olhando para Theo. — Mas nosso assistente aqui parece pensar como você. O raciocínio dele é o seguinte: se pudermos trazer tecnologias mais avançadas de outras dimensões, por que não? E, neste caso, isso tudo começaria a render algum lucro. Se isso acontecer, melhor que o dinheiro seja nosso. Certo, Theo?

— É. Quero dizer, sim, é isso que sempre digo. Mas ultimamente tenho pensado que talvez você e Sophia estejam certos. — Theo olha além da gente, como se estivesse se lembrando de alguma coisa, em vez de pensando no presente. — Talvez a resposta seja mais importante que a recompensa.

Minha mãe segura a mão dele e exclama:

— Você está ficando muito filosófico!

— Imagine. — Ele sorri. — Vocês conhecem a piada... O cara que se forma em filosofia sempre acaba nas ruas segurando uma placa PENSO EM TROCA DE COMIDA.

Todos riem, e voltamos a conversar sobre amenidades, como o que achamos do sorvete ou a tentativa do papai de puxar a conta da mão de Wyatt. Quando saímos do restaurante, fico encantada com o céu que parece dividido em dois: à minha direita, as árvores altas do Central Park são mais escuras que o próprio céu; à minha esquerda, os prédios altos passam a impressão de tocar o céu, e cada janela parece uma lanterna. Acho que eu gostaria de Nova York, se um dia fosse passear lá por motivos normais.

Meus pais nem se importam que Josie esteja indo para a suíte do hotel na qual está hospedada com Wyatt, diferente de mim. Não é como se eu não soubesse que, estando noivos, eles provavelmente fazem sexo, mas não fico nada feliz pensando nisso. Eles seguem abraçados pelo parque, aproveitando a noite romântica na cidade grande.

Conley tem acesso à minha família daqui sempre que quiser, penso. Tudo que ele precisa fazer é viajar para cá, assumir o papel de “Wyatt” por algumas horas e pronto. Por que ele não faz isso?

Começo a bolar um plano.

Enquanto nós quatro esperamos por um táxi na porta do restaurante, e minha mãe estica o braço para chamar um, meu pai diz:

— Preciso admitir que ela parece feliz.

— Ela está. Mas eu me pergunto... — Minha mãe balança a cabeça. — Será que estou questionando tanto esse relacionamento só porque parece bom demais para ser verdade?

— Isso não me parece algo que você faria — digo. — Confie nos seus instintos.

Em vez de desaprovar, ela me olha curiosa e pergunta:

— O que seus instintos dizem, Marguerite?

Como responder a isso? Não posso entregar o que sei e certamente não posso contar a verdade para ela, não considerando que preciso sabotar o trabalho deles amanhã.

— Parece que ele realmente ama ela, mas... tem alguma coisa... não sei explicar. Tudo parece fácil demais.

— É. É isso. — Minha mãe passa os dedos no meu cabelo, como costumava fazer quando eu era pequena e ia me colocar para dormir depois de um pesadelo. — Bom, vamos ter que esperar para ver. Claro que, no fim, a escolha é dela.

— Ainda assim, não custa ficar atenta — acrescenta Theo. — Pessoal, vou indo.

— Vamos indo, você quer dizer — digo, tentando improvisar da melhor forma possível. — Tem uma exposição de arte performática que parece muito boa no centro, hoje, daqui a uma hora. Theo disse que vai comigo, se vocês deixarem.

Meus pais se entreolham. Eles sempre foram muito tranquilos, mas sair tarde da noite talvez seja demais. Claro que Theo vai estar comigo, e eles parecem não saber o que dizer sobre isso. Será que significa que nós nunca tivemos nada neste universo?

Ou será que significa que tivemos?

De qualquer maneira, depois de alguns instantes, minha mãe concorda:

— Sei que nem toda arte está pendurada nas galerias. Mas me mande mensagem assim que chegarem e quando estiverem saindo de lá. E me acorde quando voltar para casa, para eu saber que está tudo bem.

— E você, Theo, leve ela até a porta de casa — interfere meu pai.

— Com certeza — diz Theo, sorrindo e com as mãos nos bolsos, como se esse tivesse sido o plano a noite toda.

Um táxi amarelo brilhante finalmente para na calçada para levar meus pais. Assim que eles saem, Theo diz:

— Espero que não tenha nenhuma exposição de verdade... porque... Não.

— Claro que não. — Olho para ele. — Nós vamos ao hotel onde Josie e Wyatt estão.

— Por mais que eu fique feliz por ser convidado para ir a um hotel, imagino que não seja pelas mesmas razões que estou pensando.

Meu rosto fica vermelho de lembrar da gente no hotel em São Francisco e da forma que ele me segurou e me beijou apaixonado. Ainda bem que está escuro demais para que ele me veja agora.

— Conley não veio para esta dimensão. Não pode ter vindo, senão ele mesmo teria sabotado tudo.

— Claro. Mas o Wyatt Conley deste mundo não vai saber nada sobre isso.

— Não, mas... ele é um gênio, não é? Em todas as dimensões. E pode ser que não esteja envolvido na pesquisa sobre a viagem dimensional, mas ele certamente é esperto o suficiente para entendê-la. E se ele ama mesmo Josie... — Para mim, ainda é muito esquisito pensar nisso, mas comecei a acreditar que ele realmente sente alguma coisa por ela — ... pode ser que ele nos ajude a entender por que Conley não veio para cá.

Theo faz uma careta quando começamos a andar na mesma direção que eles.

— Calma aí — diz ele. — Você quer contar a verdade para o Wyatt Conley desta dimensão? Porque isso seria muito arriscado!

— O pior que pode acontecer é Wyatt achar que somos loucos.

— Não, o pior que pode acontecer é Conley acabar aparecendo aqui de verdade, descobrir que estamos tentando trabalhar contra ele e se vingar fragmentando a alma de Paul em mil pedaços em vez de só quatro.

Instintivamente, levanto a mão e seguro os dois Firebirds que estão debaixo do meu vestido, encostados na minha pele. Mil dimensões, incluindo algumas em que vivemos em continentes diferentes, onde encontrar Paul seria praticamente impossível... Eu teria que passar o resto da vida correndo atrás dele. Procurando por ele. Remontando a alma do homem que amo, pedacinho por pedacinho.

Se fosse preciso, eu faria isso. Mas seria quase impossível.

— Não — insisto. — Se Conley fosse vir aqui, já teria feito isso. Não teria mandado a gente. É isso. E se houvesse alguma coisa nesta dimensão que o impedisse de entrar...

— ... nós também não conseguiríamos — completa Theo.

— Bom, ok. Mas, ainda assim, tem alguma coisa que não estamos percebendo. Wyatt é a única pessoa que tem alguma chance de nos ajudar a entender o que estamos deixando passar. — Respiro fundo e continuo andando. — Ou ele, ou os meus pais. Mas não podemos contar para eles.

— Porque pode ser que a gente ainda tenha que passar a perna neles — diz, debochando. — Mudando de assunto: já achou o Paul desta dimensão? Procurei na lista

inteira dos alunos da Columbia, e nada. Pode ser que ele esteja em Cambridge...

— Ele está em Nova York. Ainda não sei o que está fazendo, mas está aqui. Mandeí uma mensagem no Facebook dele dizendo que temos amigos em comum que acham que a gente devia se conhecer. — Pego meu celular na mochila para checar as mensagens, mas as únicas atualizações são as várias notificações do FarmVille. Parece que aqui adoro o jogo da fazendinha, o que é meio deprimente. — Ele vai responder. Provavelmente.

Talvez eu devesse trocar minha foto de perfil por uma mais bonita.

Então Theo responde:

— Claro que ele vai responder. Vai ficar com medo, mas você sabe como Paul é. Ele não aguentaria viver com informações incompletas.

— Tem razão. Ele vai *ter que* descobrir.

Esse pensamento me acalma. Vou achar o Paul aqui, e não vai demorar muito. Mais um ou dois dias. Eu aguento esperar.

— Então — diz Theo. —, Josie e Wyatt Conley. Não existem expressões de surpresa no mundo que deem conta disso.

— Não. Mas pelo menos sabemos o ponto fraco dele.

— Você acha que isso pode acontecer na nossa dimensão também? Quero dizer, eles mal se conhecem lá.

Verdade. Mas não consigo esquecer como Josie sempre brincou dizendo que achava Wyatt Conley bonito. Talvez não fosse só brincadeira. E, agora, pensando melhor, Conley sempre fez questão de evitar encontrar Josie pessoalmente. Antes, parecia só coincidência, mas agora estou achando que era de propósito. Por ele saber que ela é uma fraqueza com a qual ele não saberia lidar.

— Acho que sim — respondo, balançando a cabeça.

Theo dá de ombros. A jaqueta justa de hipster dele parece um pouco amarrotada nos ombros, mas é parte do estilo.

— Vai ser interessante investigar isso melhor em casa. Mas, esta noite, vamos tentar falar com Conley sobre isso sem parecer dois loucos. Amanhã, acho que podemos prosseguir e inserir o vírus nos dados dos seus pais.

Sinto uma dor no peito ao ouvir isso, mas sei que não tem uma maneira de fingir outra sabotagem.

— Sim, vamos fazer isso.

Se eu contasse a verdade para os meus pais, talvez nos ajudassem. Eles provavelmente concordariam em levar a mentira adiante só para impedir alguém de dominar todas as dimensões. Mas meu coração fica apertado em pensar que não cumpri minha parte do

acordo com Conley no Guerraverso. Fiz um novo acordo com Paul, porque não tínhamos escolha, mas isso quer dizer que sempre vai existir a possibilidade de Conley descobrir a verdade. E se isso acontecer, só Deus sabe o que vai ser de Paul.

Não vou arriscar de novo. Não. Desta vez, vamos fazer o que combinei.

Finalmente chegamos ao hotel. O letreiro brilhante pisca em dourado no meio da noite, a pelo menos dois andares de altura.

— Parece muito requintado — diz Theo, apontando para as cascatas idênticas dentro da recepção, ao lado das portas.

— Como se Conley fosse ficar em algum lugar menos chique que este. — Suspiro. — Vamos entr...

Escuto um barulho agudo de freios atrás de mim e me viro, esperando ver algum taxista envolvido em um acidente. Mas, em vez disso, uma van preta sobe na calçada antes mesmo de parar.

Dois homens, completamente vestidos de preto, inclusive com máscaras de esqui que escondem seus rostos, pulam para fora da van e correm na minha direção. Então me dou conta de que a pessoa que está em apuros sou eu.

Theo não pensa duas vezes e pula em cima deles. Acaba levando um soco e cai no chão, desacordado.

Tento correr, mas sinto uma mão segurando meu braço com tanta força que nem parece humana. Tento girar o braço para escapar, mas outra mão agarra meu ombro. Grito o mais alto que consigo, e é nessa hora que um saco preto cobre minha cabeça.

— *Socorro!* — berro.

Será que alguém consegue me ouvir mesmo com o saco na cabeça? Tento chutar meu sequestrador, mas ele está correndo e me joga dentro da van. Chuto de novo, com ambos os pés, e tento tirar o saco da cabeça com as mãos, mas meus braços estão presos e sinto alguém muito pesado se sentar nas minhas pernas. *Meu Deus, meu Deus, o que está acontecendo?*

Escuto Theo gritar:

— Marguerite! O que... *Polícia! POLÍCIA!*

A porta da van se fecha, e meu sangue congela.

Estou sendo sequestrada. Abduzida. Levada contra minha vontade.

Grito novamente, mas não adianta nada. Aceleramos tão depressa que rolo no chão da van e bato na lateral. Mais uma vez, ouço o som dos freios no asfalto. Sinto algo plástico sendo

amarrado em meus punhos, depois, outro nas pernas. Batendo em tudo, tento de novo tirar o saco da cabeça, mas mãos enormes empurram meus ombros para o chão da van.

— Escute aqui — fala uma voz com um forte sotaque —, se você tirar este saco da cabeça, vai ver nossos rostos. E se fizer isso, não vai poder voltar para casa. Se eu fosse você, começaria a gostar desse saco.

Odeio o saco. Mas não vou mais tentar tirar.

Meu coração bate tão acelerado que parece que meu peito vai explodir. As lágrimas escorrem pelo meu rosto, e estou tão assustada que acho que vou fazer xixi na calça.

Nunca deixe que te levem para outro lugar, é o que ensinam em todas as aulas de defesa pessoal. Não importa se alguém tem uma arma apontada para sua cabeça: você não permite que te levem para outro lugar, porque se te matarem onde você está, te matariam em qualquer lugar, só que vão controlar você por horas ou dias antes disso. E você. Não. Quer. Passar. Por. Isso.

Será que vão me estuprar? Será que vão me matar? Minha cabeça parece ter habilitado uma sequência de imagens nas quais só consigo ver as mil possibilidades terríveis do que podem fazer comigo. Do que provavelmente vão fazer comigo. Sempre pensamos em todos os perigos de viajar pelas dimensões, e nunca imaginei que os perigos do meu próprio universo poderiam ser capazes de me matar.

O Firebird, lembro. *Você está com os Firebirds*. Se eu conseguir encostar neles em algum momento, mesmo com as mãos amarradas, consigo fugir daqui. Mas aí a outra Marguerite vai acordar no meio disso tudo... e pode ser que Conley pense que rompi com nosso acordo. O que aconteceria com Paul?

Ele não iria querer me ver machucada por sua causa. Sei disso. Mas não vou deixá-lo para trás a não ser que não tenha escolha.

A van parece dirigir por horas. Sacode muito, ainda que os caras continuem me segurando. Eles não param de falar, e tenho quase certeza que é russo, mas um dialeto com o qual não estou familiarizada. Talvez as semanas que passei em São Petersburgo me ajudem aqui, e eu consiga entender alguma coisa. Tudo o que sei é que atravessamos uma ponte (consigo sentir as emendas do chão sob o carro) e continuamos dentro do veículo por muito tempo.

Quando finalmente paramos, meu coração bate tão forte que sinto meu peito arder. Acho que vou vomitar. Não quero vomitar dentro do saco. Meu cérebro se concentra nessa tarefa: *não vomite, não vomite*. Porque parece que esta é a única coisa que posso controlar no momento. Mais uma vez, sou jogada no ombro de alguém e carregada por uma escada abaixo. Escuto portas de metal se abrindo e fechando, e o som de trancas.

Não estou em um terreno baldio nem em um depósito. Este espaço parece ter sido criado para ser seguro e secreto. Meu Deus, será alguma coisa ligada a tráfico de pessoas? De órgãos?

Sou colocada em uma cadeira. Ouço o som desagradável da fita adesiva sendo puxada e depois pressionada na minha pele, me prendendo na cadeira. Se eu soubesse o que eles querem, eu imploraria, tentaria negociar...

Então me dou conta: talvez este não seja um sequestro aleatório.

Uma operação criminosa, daquelas profissionais, que podem ser operadas por alguém com muito dinheiro. Muita influência. Alguém que pode pagar para que outras pessoas façam o trabalho sujo.

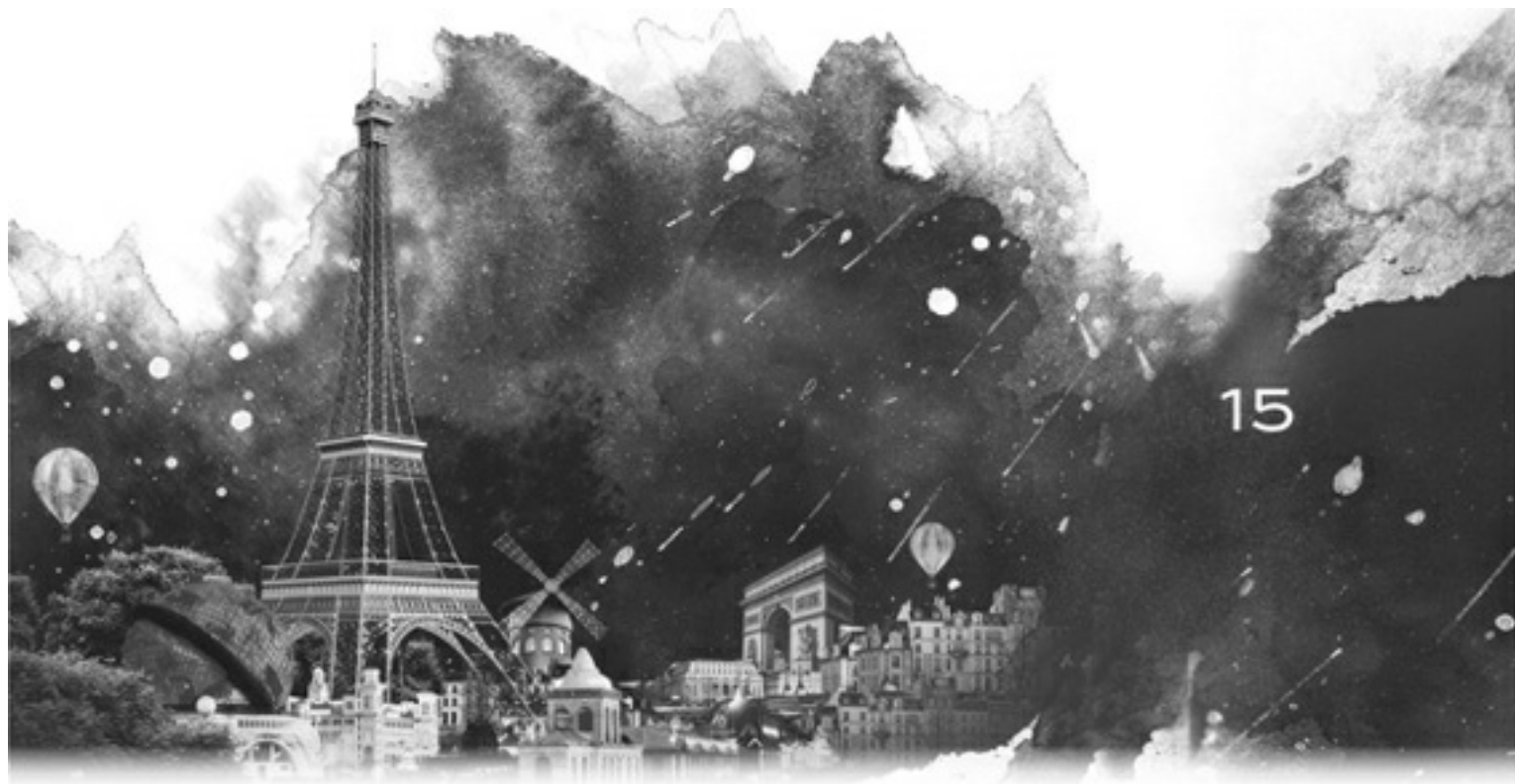
Mas não, tento me convencer. Ele está realmente apaixonado pela minha irmã, tenho certeza. Conley não faria isso, a não ser que... a não ser que tenha percebido que desconfiei dele...

— Pegamos ela — diz o homem logo atrás de mim.

— Estou vendo — responde outro sujeito.

Duas palavras apenas, mas eu reconheceria essa voz em qualquer lugar.

Porque é de Paul.



Não consigo falar. Não consigo engolir. Não consigo piscar.

O terror insuportável das últimas horas aumenta, explode dentro de mim. Todos os meus pensamentos se evaporam. Paul me sequestrou.

Quem é ele neste mundo? Como pode fazer parte disso?

Escuto ele se aproximando de mim, mas continua falando com as outras pessoas ali:

— É uma menina. Eu verifiquei. Não tem nem a minha idade.

— Leonid disse para pegá-la, se tivéssemos a oportunidade — responde um deles, o que me agarrou, acho. Pela clareza na sua dicção, sei que ele tirou a máscara, e espero que ele continue atrás de mim, porque não quero ver a cara dele. — Tivemos a oportunidade.

Paul solta um palavrão. Eu me lembro o suficiente de russo para saber que ele está puto. Furioso.

E não é comigo.

Ele não queria que isso acontecesse. Deve ser isso. Alguém, talvez esse tal de Leonid, foi quem decidiu me sequestrar. Acho que Paul está envolvido com um pessoal barra-pesada, mas parece que não era a intenção dele me ver machucada.

Além disso, tem um fragmento do meu Paul dentro dele. O cara que amo está aqui, lá no fundo. Tento me convencer de que ele tem alguma influência sobre as ações deste Paul. De que tem um papel nas decisões dele. O meu Paul vai me proteger.

Então vai ficar tudo bem. Ele vai me tirar dessa. E agora vou ter a chance que preciso de recuperar o próximo fragmento da sua alma. Mas o terror da última hora vai levar muito

tempo para passar. Minha respiração está entrecortada e agitada, e minhas costelas doem por baixo da fita adesiva toda vez que inspiro.

Ele chega ainda mais perto de mim, e sinto sua mão segurar a base do saco de pano na minha cabeça. Um dos homens pergunta com frieza:

— O que você está fazendo?

Paul responde:

— Vocês todos, fiquem atrás dela. Ela já conhece meu rosto.

Então ele puxa o saco. No primeiro instante, a luz quase me cega, mas meus olhos vão se ajustando e percebo que estou em um porão mal-iluminado. Ele está parado na minha frente. Diante de mim, não vejo uma versão monstruosa sua, tampouco parece estar se divertindo com meu pavor ou ansioso para fazer alguma crueldade comigo. Pelo contrário, ele me lança o mesmo olhar que meu Paul dirigiria a mim neste tipo de situação: preocupado comigo, furioso com os sequestradores, disposto a achar uma solução.

A única coisa muito diferente nele são as roupas. Mesmo que o meu Paul pudesse pagar por uma jaqueta de couro justa como esta, ele jamais vestiria algo assim. Nem a calça jeans de marca. No entanto, o estilo combina com ele, mas de alguma forma bizarra.

— Vocês nos colocaram em uma posição difícil — diz ele aos meus sequestradores, e então fica em silêncio de novo. Parece estar refletindo.

Analise o espaço ao seu redor, digo a mim mesma. Meu cérebro aterrorizado começa a encontrar clareza conforme vou pensando em uma coisa de cada vez. O local é um pouco frio. Piso de cimento, com um ralo no meio. Paredes de concreto. Os canos e vigas expostos no teto confirmam minha teoria inicial de que estamos em um lugar que já foi um porão. O resto dos caras continua atrás de mim, e consigo ver suas sombras no chão à minha frente. A luz que balança no teto distorce as formas, mas percebo todos são tão grandes e fortes quanto os homens que me pegaram.

Já Paul... Vejo agora algumas linhas pretas no seu pescoço, que aparecem por causa da gola um pouco aberta da camisa. É tão estranho imaginá-lo fazendo uma tatuagem! O cabelo castanho, tão claro, está penteado para trás, e com aparência molhada, de modo que parece mais escuro. Mas, fora isso, ele tem a mesma aparência de sempre.

— Nenhum de vocês já viu essa garota? — Ele olha para trás de mim, e ninguém responde. — Quem são esses tais amigos em comum?

Minha boca está tão seca de medo que preciso engolir antes de perguntar:

— Sobre o que você está falando?

— Sua mensagem. — O tom seco na sua voz me é familiar. — Você disse que temos amigos em comum que acham que devíamos sair.

— Bom, tá na cara que você não é o Paul Markov que eu estava procurando.

Ele me olha desconfiado.

— Foi Tarasov que disse para você entrar em contato comigo?

— Quem?

Não me lembro de nenhum Tarasov, de dimensão nenhuma. Ele franze o cenho.

— Derevko, então. Ou Quinteros?

— Não faço ideia de quem sejam essas pessoas! É sério que isso tudo está acontecendo por causa daquela mensagem no Facebook? — Quem faz isso, meu Deus? Atacar alguém por causa de uma mensagem no Facebook? — Como falei, claramente cometi um erro.

Paul inclina um pouco a cabeça para o lado, como quem pensa *é possível*. Ele está irritado com a situação, isso é evidente, mas não parece... chocado. Como pode não estar chocado? Esses caras apareceram aqui com uma vítima sequestrada. Eu, no caso.

Estou claramente diante de uma organização criminoso. Quero dizer, eles tinham uma van, pessoas me vigiando, esperando o momento certo para me pegar, tudo porque tentei fazer contato com Paul da maneira mais idiota de todas... Além disso, nenhum deles parece ter nascido nos Estados Unidos... *Putá merda, estou envolvida com a máfia russa.*

Mas como foi que *Paul* se meteu com eles?

Ele dá alguns passos para trás, como se quisesse me observar mais de longe, em seguida, encosta o ombro na parede de concreto, como se estivesse relaxado.

Mas não está. A tensão em seus ombros pode ser invisível para qualquer um que não conheça Paul tão bem quanto eu, mas eu percebo. Lá no fundo, ele está inseguro. Pensando no que fazer agora.

Eu me agarro a esse pensamento com todas as minhas forças. Essa insegurança é parte do Paul deste universo ou é o fragmento de alma do meu Paul transparecendo? Não importa. O que importa neste momento é que *conheço esse homem*.

— Escute — digo, com a voz mais calma possível. Paul sempre respondeu bem à lógica. — Você disse que pesquisou sobre mim. Então você sabe. Tenho dezoito anos, moro com os meus pais e não estou envolvida com nenhum... com nada que tenha a ver com o que vocês estão metidos. — É hora de ser criativa. — Alguns amigos me falaram sobre um Paul Markov. Na verdade, pensando bem, pode ser que eu tenha errado o sobrenome. Você não pode ser o cara que eu estava procurando.

Ele inclina de novo a cabeça.

— Persuasiva — diz ele. Não é o mesmo que *eu acredito em você*, mas já é alguma coisa.

— Ela sabe seu nome. Viu o seu rosto — diz um dos homens atrás de mim, parecendo preocupado, e o medo volta a me dominar, prestes a se tornar pânico.

Todos os programas *trash* de TV sobre crimes reais que já vi sempre mostram a mesma coisa: que nunca deixam a vítima ver o rosto deles a não ser que pretendam matá-la. E, ainda que Paul jamais fosse fazer isso, não posso dizer o mesmo dos outros. Esses caras são maiores, mais fortes e provavelmente estão armados.

Mas parecem receber ordens de Paul, que diz em voz baixa:

— A polícia vai querer investigar o assassinato de uma garota do Upper West Side. Já um sequestro que não resultou em morte... Talvez não se importem com isso. É possível que nem acreditassem em sequestro, podem achar que ela inventou tudo. Para acobertar uma saída para alguma festa que foi escondida dos pais, talvez.

— Tinha um cara com ela — diz um dos homens atrás de mim. — Apagamos ele. Temporariamente, acho. Não tive tempo de cuidar disso direito.

Theo. A essa altura ele já chamou a polícia, ligou para meus pais, todo mundo. Todos devem estar apavorados.

Paul responde:

— Mais um motivo para não perdermos tempo. Temos duas opções: nos livrarmos da evidência ou negociarmos algum acordo. — Ele se aproxima de mim. — Não quero chamar atenção da polícia, senhorita Caine. Como posso garantir isso? Eliminando você por ser a única evidência? Ou libertando você sob a promessa de que vai dizer para a polícia que não faz ideia do que aconteceu?

— Opção dois — digo. — Com certeza.

— Não pode confiar nela! — exclama um dos trogloditas.

— Ela não parece ser burra — retruca Paul. — Sabe que se já a pegamos uma vez, podemos pegá-la de novo. A polícia pode até me chamar para fazer algumas perguntas, mas eu diria que ela já entendeu que tenho muitos amigos. Não entendeu, senhorita Caine?

— Só quero sair daqui. — Mas não tão rápido. — Você me leva? Não me deixe sozinha com eles de novo, por favor. Não confio neles.

Se ele me levar até não sei onde, terei uma chance de encostar o Firebird nele e resgatar o fragmento. Então poderei fugir desta dimensão, saltar daqui. O Firebird de Theo vai indicar para ele que fugi, e ele vai me seguir para o escritório de Conley, onde poderemos falar com ele. E a Marguerite deste mundo vai acordar tentando entender como foi parar em uma esquina qualquer, ligar para os pais, ou para a polícia, e voltar para casa sem grandes machucados, um pouco confusa e com um arranhão nas coxas.

— Ela vai ficar quieta — diz ele aos outros. — Se não ficar, podemos lembrá-la do nosso acordo.

— Leonid é bom nisso — fala alguém atrás de mim. O que, pelo que entendi, é uma forma de concordar com Paul.

Mesmo com a fita adesiva enrolando meu peito e prendendo meus braços, já consigo respirar melhor. Em algumas horas isso vai ter sido só um pesadelo.

Mais tarde, eu sei, terei que descobrir como foi que Paul acabou envolvido nisso. Fala sério! Máfia russa? Mas agora não consigo pensar em nada complexo demais. Meus pensamentos se resumem ao mais básico: *Fique quieta. Confie em Paul. Vá para casa.*

Mas Paul ainda não disse que vai mesmo me levar pessoalmente...

Ouçó uma porta de metal bater. Meu corpo se contrai tanto que a fita machuca minha barriga e aperta ainda mais meus braços. Escuto passos pesados andando no que deve ser um corredor, acho que atrás de mim, então escuto uma voz rouca e de sotaque carregado:

— Estou vendo que vocês perderam a noção.

Os outros homens dão risadinhas, parecendo um bando de puxa-sacos. Mas Paul parece em choque.

Nem preciso que alguém me apresente a esta pessoa. Esse é o manda-chuva. Leonid.

O som dos passos vai ficando mais alto até que consigo ver Leonid perto de mim, ainda só uma sombra, por trás. Ele não olha diretamente para mim: acho que é um homem esperto o suficiente para não deixar ninguém ver seu rosto.

— É uma criança. Até minha avó conseguiria capturar essa aí.

Vá se foder você também, penso.

Mas claro que não digo nada. Nem sequer estou olhando para ele (*Tá vendo? Não consigo identificar você! Pode me deixar ir embora!*), e não quero mais chamar nenhuma atenção. Ele também não está me vendo reagir de maneira alguma... até que ele aparece na luz, e preciso morder a língua para não gritar.

Não porque ele me mostrou seu rosto e provou que não se importa se vou viver ou morrer.

Mas porque é como se eu estivesse olhando para Paul, só que um pouco mais sombrio.

Ele é mais velho, de aparência mais rígida: cabelo grisalho, da cor dos olhos. E mais rude em todos os aspectos, como se alguém tivesse pegado Paul, tirado tudo de bonito que ele tem e deixado só o que tem de bruto. O nariz parece ter sido quebrado mais de uma vez, os dentes são amarelos, como que por consequência de anos tomando muito café. Mas a semelhança é enorme. Inconfundível.

Atrás dele, Paul diz, discretamente:

— Estou resolvendo isso, Papa.

Leonid é pai de Paul.

As peças do quebra-cabeça fazem sentido, finalmente. É por isso que Paul nunca vai para casa no Natal ou no Dia de Ação de Graças. Por isso que não gosta dos pais, que nunca fala deles. Por isso precisa levar uma vida universitária sem luxo nenhum, sem nenhuma ajuda da família. O pai dele está envolvido com o crime organizado. E o motivo pelo qual ele foi rejeitado pela família deve ser por ter recusado seguir o modelo de negócios deles.

Exceto nesta dimensão, onde parece que ele aceitou. E agora está preso em uma vida que não gostaria de levar.

— Você está resolvendo? — pergunta Leonid. — Já descobriu com quem ela está envolvida?

— Ninguém. — Ele parece quase robótico de tão rígido. Sempre achei que fosse esquisito com a gente... porque, bem, ele é. Mas, com o pai, é muito pior. Tenso. Inseguro. Assustado. — A situação toda parece ter sido um mal-entendido.

— E você acredita nisso? — questiona Leonid, acariciando com os dedos minha bochecha, um toque frio e impessoal.

— Sim, acredito — diz ele, assentindo.

Os caras atrás de mim nem respiram. Parece que estão quase tão apavorados quanto eu. Leonid não faz parte só da máfia russa, deve estar acima disso. Bem acima.

Tão acima que ele não se importa se vejo ou não quem ele é. É um cara muito importante para ter medo da polícia.

Leonid Markov vira a cabeça e finalmente fala comigo:

— Você é uma doce menininha que não sabe nada sobre negócios? Acho que talvez seja. Você nem se lembra dos nossos nomes, não é? Não se lembra de nada disso.

Todos os conhecimentos que adquiri sobre atividades criminosas vieram das reprises de *Law & Order*. Por isso não deve ser muito confiável. Repito o que Paul disse antes.

— Se eu falar para a polícia que não me lembro de nada, vocês não vão mais me procurar. Isso é tudo o que eu quero.

Ele cai na gargalhada, dá um tapinha no meu rosto e diz:

— Boa menina.

Será que fui idiota, persuasiva, ou as duas coisas? Enfim... Leonid já saiu da minha frente e está de pé olhando para Paul, que diz:

— Eu mesmo vou levá-la de volta. Até um bairro qualquer. Não precisa ser mais complicado que isso.

Ele fala com tanta frieza que nem parece que está negociando minha vida. Sinto uma alegria: Paul vai pessoalmente me levar de carro para longe daqui. Vou ter uma chance de resgatar a alma do meu Paul. Isso tudo vai acabar logo, logo.

— Tem razão — responde Leonid. — Não precisaria ser, se eu não tivesse idiotas trabalhando para mim.

Há um silêncio mortal. Dá para sentir o perigo, mas agora a ameaça não é direcionada a mim.

Leonid dá um passo para trás. Sob a luz da única lâmpada que pende do teto, as rugas no rosto dele formam sombras estranhas.

— Idiotas que sequestram uma menina em um lugar público, onde apagam uma testemunha com força física e a largam lá, para alertar a polícia. Idiotas que sequestram uma menina na frente de um hotel com câmeras de segurança. Idiotas que nos colocaram no jornal!

A princípio, meu coração quase salta pela boca ao pensar nas autoridades sabendo que estou em perigo, mas é só um instinto. Nesta situação, confiar nos instintos é um erro. Eu já estava fora de perigo, pois Paul tinha achado uma forma de me salvar. Mas agora parece que aqueles planos não valem mais nada.

Leonid enfia a mão dentro do casaco pesado, e a forma que ele se move me lembra de Paul, de alguma forma. Por alguns instantes, pai e filho parecem sobrepostos: o velho e o novo, o corrupto e o bom. Fico tão confusa que, de início, não consigo entender que há uma arma na minha frente.

Logo em seguida, é como se não tivesse mais nada no cômodo. A arma deixa tudo invisível, silencioso, irrelevante. O brilho cegante do metal se destaca mesmo naquele ambiente escuro. Então minha visão ganha foco na mão de Leonid enquanto ele aperta o gatilho.

Quando o som do tiro explode, dou um grito: de medo e de dor, porque é tão alto que meus tímpanos doem e acho que podem ter estourado. Depois, estou muito apavorada para emitir qualquer som. Por trás do zunido em meus ouvidos, ouço um baque pesado no chão, atrás de mim.

Leonid tem um capanga a menos.

Todos os outros continuam completamente mudos, como se qualquer demonstração que indicasse falta de respeito com Leonid pudesse torná-los os próximos. Paul é o único que parece questionar o pai:

— Por que você fez isso?

— Não preciso de idiotas. — Leonid coloca a arma de volta no casaco, casualmente, como se estivesse colocando o celular na bolsa. — Não foi a primeira vez que ele fez besteira. — Os olhos acinzentados dele, tão parecidos com os de Paul, só que muito mais frios, parecem se concentrar em mais alguém no cômodo, provavelmente o outro homem

que me sequestrou. — Você. Esta foi a primeira besteira que você fez. Tem mais uma chance. Mais uma. Entendeu?

Mesmo com o rosto travado e vermelho de raiva, Paul olha para mim. O olhar dele me dá um recado, que eu entenderia mesmo que não o conhecesse tão bem: *Não reaja. Não se mexa. E nada vai acontecer com você. Não vou deixar nada acontecer com você.*

— Limpem essa sujeira — diz Leonid para os homens enquanto coloca a mão no ombro do filho, um gesto que mostra tão claramente o pai amoroso e carinhoso que ele não é. — Venha, Paul. Temos que falar sobre o que fazer agora.

Não me deixe aqui, penso.

Mas ele tem que negociar minha vida com o pai. Eu me esforço para me manter calma enquanto pai e filho deixam o porão, e a porta de metal bate mais uma vez.

Os homens resmungam em um russo coloquial que não entendo bem enquanto retiram o corpo do colega morto. Consigo captar algumas palavras apenas: *lixo, depressa, silêncio*. Por que eu não continuei estudando russo depois que voltei? Estaria tão boa a esta altura! Queria tanto ser fluente neste momento... A meus pés, vejo um rastro de sangue gotejando no ralo no meio do cômodo. Sinto a adrenalina subindo pelo meu corpo, de horror. Entendi para que serve o ralo.

Por fim, o medo me consome. Fico imóvel e sei que estou completamente pálida. Deve ser assim que os coelhos ou os cervos se sentem quando veem as luzes vindo na direção deles na estrada. É por isso que, apesar de verem a morte se aproximando, ficam totalmente imóveis.

Tudo o que posso fazer é continuar sentada nesta cadeira, sentindo a fita adesiva pressionar minhas costelas, roubar meu ar... Meu corpo inteiro treme, tentando queimar a adrenalina que invade minha corrente sanguínea na esperança de que eu saia correndo ou voando. Mas não posso fazer nenhuma das duas coisas.

Pareço prestes a desmaiar. O tempo está turvo. Estou presa a esta cadeira para sempre, e por um segundo apenas, antes da porta de metal bater mais uma vez. Meu estômago dói ao pensar que pode ser Leonid, mas quando vejo Paul se aproximando, consigo voltar a respirar. Ele me olha, mas não fala comigo.

— Precisamos pensar em um lugar mais conveniente para ela ficar. Vai continuar com a gente por mais alguns dias.

Dias? Mordo o interior da bochecha. Mas, enfim, refém por mais alguns dias é melhor que morta.

— Por que vamos mantê-la aqui? — pergunta um dos caras. Eles ainda estão trabalhando, pois consigo ouvir o barulho dos sacos de lixo sendo enrolados em volta do

corpo. — Quanto mais rápido nos livrarmos dela, melhor.

— Parece que a senhorita Caine é mais valiosa do que pensávamos — responde Paul.

Não é possível que ele esteja falando dos Firebirds. Eles não procuraram por isso, afinal. Os dois ainda estão no meu pescoço, e as extremidades do metal cortam minha pele por causa da pressão da fita isolante. Ninguém desta dimensão, na verdade, deve reparar neles com facilidade.

Paul responde à pergunta que não perguntei.

— A irmã dela está noiva de um bilionário. Wyatt Conley, fundador da ConTech. Há dez minutos, em uma conferência para a imprensa, ele ofereceu um milhão de dólares em troca de informações sobre o resgate dela.

Quase gritei de frustração. Se Wyatt não tivesse feito nada, eles teriam me soltado em uma hora, no máximo! Até aqui, em um mundo onde ele parece tentar me ajudar de verdade, continua me ferrando! Vai entender.

Mas uma coisa me consola: minha vida custa um milhão de dólares. A recompensa de Wyatt pode me deixar presa por mais um tempo, mas também é o que pode me manter viva.



Aparentemente, esta não é a primeira vez que esses caras mantiveram alguém aqui como prisioneiro. Os homens de Leonid prepararam minha estadia com rapidez e eficiência.

Colocam o saco de volta na minha cabeça antes de cortar a fita adesiva. Removem as amarras do meu tornozelo, mas deixam as dos punhos. A mão enorme que segura meu braço não é de Paul, sei porque aqueles dedos cravam na minha pele com crueldade, as unhas rasgando meu grosso casaco de lã. Ouço muitos passos ao meu redor, a presença constante de sons abafados. O barulho mais alto que escuto é o ruído rasgado da minha própria respiração dentro do saco. Minhas pernas, meio dormentes, me deixam um pouco tonta enquanto sou levada pelos corredores, virando aqui e ali até que alguém grita, me assustando:

— Desça a escada!

Dou um passo adiante e sinto o primeiro degrau, e, em seguida, quase perco o equilíbrio e caio escada abaixo. Um dos homens ri da minha incerteza e sinto a raiva inchar minhas têmporas. Por muito pouco, não faço a besteira de gritar com ele. *Está achando engraçado? Estou morrendo de medo, não consigo ver nada, você está me empurrando escada abaixo e espere só eles soltarem minhas mãos...*

Então me lembro da arma e resolvo ficar quieta.

Sinto uma mão gentil no meu ombro.

— Se apoie em mim — diz Paul. — Vou te ajudar a descer.

Desço com as mãos nele enquanto sinto os degraus com os dedos dos pés. O espaço para onde estou indo cheira a mofo, e já sinto nojo antes mesmo de ver onde estou. Também sinto frio. Me concentro no calor do corpo de Paul perto do meu.

Quando finalmente acabamos de descer, uma porta acima de nós se fecha. Escuto o som das trancas que isolam a nós dois. Ele puxa o saco da minha cabeça. Este cômodo é menor que o outro onde eu estava antes e também mais silencioso: não dá mais para ouvir os sons da rua. As poucas lâmpadas iluminam o teto baixo, e não vejo nenhum ralo no chão. Pensando nisso, decido que, definitivamente, prefiro aqui.

Em um dos cantos, noto que há uma pequena cama dobrável e um cobertor; em outro, um balde com tampa. Em qualquer situação diferente, a ideia de fazer xixi num balde me pareceria nojenta, mas estou apertada desde que entrei na van, então, neste momento, um balde parece excelente.

Paul diz:

— Daqui a pouco trago algo para você comer. E algumas garrafas de água. E o cobertor deve te manter aquecida, mas se ainda estiver com frio, peça mais um a quem entrar aqui.

— Você. Não pode ser você?

O rosto dele demonstra diferentes emoções, todas ao mesmo tempo: surpresa, confusão, talvez um pouco de prazer por ter sido escolhido... Ele apenas pergunta:

— Por que eu?

Porque preciso me aproximar de você, se quiser resgatar a alma do meu Paul. Mas consigo pensar em uma razão melhor para dizer em voz alta:

— Você me quer viva. E não me machucaria.

— Ninguém vai te machucar aqui — afirma ele. — Eles receberam ordens e vão obedecê-las.

Eu levanto o rosto para ele.

— Mesmo que as ordens não existissem. Você não me machucaria.

Ele ergue uma sobrancelha, fazendo aquela expressão de sr. Spock, personagem que adora. Se a situação fosse menos assustadora, eu daria um risinho.

— Você não tem informações suficientes para ter certeza disso.

Milhares de memórias com Paul surgem na minha cabeça: nós dois fazendo lasanha juntos na véspera do Dia de Ação de Graças; nós dois no submarino em um mundo totalmente novo; nos beijando na estação de trem; ouvindo música no carro quando fomos a Muir Woods; nos abraçando no quarto dele e sentindo sua respiração nas mãos.

Aquele Paul está dentro desse.

— Sei o suficiente — respondo.

Ele me observa um pouco mais, mas logo quebra o clima e diz, antes de ir embora:
— Tudo de que você precisa está aí. Como eu disse, avise se quiser mais um cobertor.
— Ok.

Até neste momento ele tenta me proteger.

— A porta de cima vai ser trancada com cadeado. Ninguém fora do prédio pode te ouvir, não importa o que tente. Briguei para que você tivesse uma cama, ainda que todos tenham dito que você pode quebrá-la e usar os pedaços para nos atacar. Não tente fazer isso, porque haverá mais gente do lado de fora, pronta para impedi-la de fugir a qualquer custo. E, com isso, você ainda vai ficar sem cama. As condições da sua estadia estão claras?

Da minha estadia. Como se eu estivesse em um hotel cinco estrelas.

— Claras como água.

Ele hesita por mais alguns instantes, como se achasse que não entendi realmente. Ou que não estou levando isso a sério. Não sei como ele pode pensar isso: um cara foi assassinado ao meu lado menos de uma hora atrás.

O que acho que ele percebe, ou sabe, é que não tenho medo dele.

Paul não diz mais nada. Assente e sobe os degraus.

A porta batendo lá em cima deveria ser um mau sinal, no entanto, quando escuto o barulho, dou um sorriso. Sorrio porque sei algo que ninguém mais sabe, nem o próprio Paul.

Ele não suporta quando não entende alguma coisa. Não importa se é o comportamento bizarro de uma partícula subatômica ou uma piadinha boba que ele não entendeu: ele fica louco. A incerteza, para ele, é algo que merece ser combatido, e parece sempre determinado a obrigar que tudo que é misterioso faça sentido. O que pode ser frustrante: ele quer que as pessoas sempre se comportem de forma lógica, pelo menos na maior parte do tempo, e não aceita que não seja assim. Mas esta é também uma das razões pelas quais ele é um cientista tão genial na idade em que a maioria das pessoas ainda está escolhendo em que faculdade entrar. A explicação mais simples nunca é suficiente para Paul.

Neste momento, ele está se perguntando como tenho tanta certeza de que ele não vai me machucar. Como posso confiar tanto em alguém que acabei de conhecer enquanto estava amarrada com fita adesiva em uma cadeira. Ele obviamente nem sequer pode imaginar qual é a resposta para essas perguntas.

Paul vai querer conversar. Posso provar que o conheço melhor que qualquer outra pessoa já o conheceu ou vai conhecer. Se eu conseguir fazer com que ele confie em mim o suficiente para soltar minhas mãos enquanto estivermos sozinhos aqui embaixo, posso salvar o próximo pedaço da alma do meu Paul.

Deitada na cama dobrável, fico tentando adivinhar quanto tempo já se passou. Não tenho nem a luz do sol, que dirá um telefone ou um relógio. De qualquer forma, acho que o sol ainda não nasceu. Talvez tenha se passado uma hora, ou três... Não faz diferença. Só tenho que continuar aqui, observando minha cela temporária, esperando a oportunidade de falar com Paul mais uma vez.

Não tenho muito o que fazer com as informações à minha volta. O quarto deve ter uns três metros quadrados. As paredes são de concreto, sem tinta. O teto não sei dizer, mas é sólido: nenhum painel removível ou dutos de saída de ar. O chão também é de concreto, sem ralo, o que é um bom sinal pelo qual eu não teria procurado ontem. Estou deitada em um edredom azul que já deve ter sido bom, mas está meio gasto. O tecido fofinho e o nível de desgaste me fazem pensar que pertenceu a alguma criança que o usou por muitos anos. Quem tira o edredom de uma criança e o usa para cobrir uma vítima de sequestro? Como alguém pode ser louco desse jeito? Não consigo entender. Vai para a longa lista de razões pelas quais eu jamais me daria bem na máfia.

O silêncio mortal é a pior parte. Esse cômodo claro e frio parece uma câmara de privação de sentidos. Eu nunca tinha conseguido entender como confinamentos em solitária podiam enlouquecer os prisioneiros, mas quando tento imaginar ficar meses, ou anos, em um lugar como este, me parece natural que aconteça isso.

Mas ninguém aparece para me fazer mal. E, exceto pelos meus punhos, não sinto dor. Tento me convencer de que podia ser pior.

(Até agora, a pior parte foi usar o baldinho, que foi tão nojento quanto se pode imaginar. Pelo menos a máfia russa me deu um com tampa.)

Honestamente, devo estar melhor que meus pais, neste momento. Fecho os olhos com força, pensando em como eles devem estar assustados. Devem ter ficado felizes com a oferta de Wyatt.

Mas não posso confiar no “ bom coração” de Wyatt Conley, certo? Quero dizer, ele parece realmente amar Josie neste universo, mas isso não muda o fato de que ele é corrupto. Se existisse alguém insensível a ponto de ser babaca a respeito de uma recompensa pela minha vida, esse alguém seria ele. Talvez esteja negociando um desconto com os russos.

Quando ouço o cadeado abrindo, volto a ter alguma noção de tempo. Eu me ajito na cama, sentada, enquanto a porta é aberta. Sinto meus pelos se arrepiarem ao ouvir os passos pesados na escada. Em poucos segundos, me dou conta de que algo muito bom, e ao mesmo tempo muito ruim, está acontecendo: alguém está trazendo comida, mas não é Paul.

Um dos caras usando uma máscara de esqui traz um saco de papel e uma garrafinha plástica de Sprite na mão. De dentro do saco, ele tira um sanduíche de procedência duvidosa, que parece ter sido enrolado no filme plástico de PVC há pelo menos três dias, e um pacotinho de batatas sabor *ranch*. Odeio esse gosto, mas, neste instante, estou sonhando com aquelas batatinhas dentro da minha boca. Mal posso esperar.

— Dá para tirar isso aqui? — pergunto, levantando os punhos amarrados. Ele ri.

— Quem está com fome, come de qualquer jeito.

Logo depois de dizer isso, ele parece repensar, então se abaixa e abre a garrafinha de Sprite para mim. Quanta gentileza.

Começo pelo saquinho de batatas. O Máscara fica ali, parado, me encarando. Provavelmente, esperando para ter certeza de que não vou tentar nada corajoso/idiota, mas a cena só me faz lembrar de como estou refém deles. Paul é o único homem decente em meio ao que parece ser uma organização muito grande e sem escrúpulos. Ele me protegeria, mas com todos esses outros, não tenho garantia de nada.

Até que ouço a voz dele lá em cima, alta e em um russo que eu compreendo:

— Chega de enrolar aí embaixo. Volte para cá.

O Máscara bufa de raiva. Não preciso de conhecimento prévio algum para saber exatamente o que ele está pensando. *O filho do chefe acha que pode mandar em mim? Pirralhinho mimado!* Mas ele não ousa contrariar o filho de Leonid.

Pela primeira vez, no entanto, me dou conta de que Paul não pode ficar comigo o tempo todo. O que faço se alguém decidir passar por cima das ordens dele? E se alguém estiver prestes a me estuprar ou a me torturar de alguma forma? Enquanto Leonid estiver no comando, se Paul sumir por um tempo... tudo pode acontecer. Será que consigo aguentar isso no lugar da Marguerite deste mundo?

Quero acreditar que ele não a abandonaria, não importa o que aconteça. Mas, mesmo que eu quisesse deixá-la para trás e dar o fora deste universo, pelo menos por enquanto, não posso. Ainda que eu consiga perfeitamente segurar os Firebirds mesmo com as mãos amarradas, não tenho flexibilidade suficiente para mexer nos controles. Então não dá para sair dessa, por mais que eu queira.

Enquanto minhas mãos estiverem atadas, estou presa aqui.

O Máscara sobe a escada pisando forte. Eu não fazia ideia de que os mafiosos russos podiam ser tão mimados. Mas ele não fecha a porta. Logo em seguida, escuto Paul descendo e parando ao meu lado.

— Ele não encostou em você?

Continua me protegendo.

— Não. Estou bem.

A porta lá em cima bateu com força. Paul ergue os olhos, semicerrando-os de raiva, irritado. Talvez ele e o Máscara já tenham se desentendido antes. De qualquer forma, ele não confia no cara sozinho comigo.

— Se em algum momento ele fizer algo que te deixar assustada, grite por mim. Ou grite qualquer coisa. Virei correndo.

Como se a situação toda já não me assustasse. Mas concordo com a cabeça, e Paul se vira de costas, pronto para subir de volta e dizer para o Máscara ficar “pianinho”. Eu deveria estar feliz com isso, mas, na verdade, fico desesperada, porque não quero perder o contato com ele de novo. As palavras saem da minha boca quase antes que eu pense no que estou dizendo:

— Fique.

Ele para.

— Por quê?

— É muito silencioso aqui. Não sei se vou aguentar.

Depois de alguns segundos, ele diz:

— Eu queria mesmo falar com você.

— Ok. — *Sem exageros, Marguerite. Seja casual. Olhe essa oportunidade.*

Ele cruza os braços e se apoia na parede oposta a mim.

— Você confia em mim. E não deveria. Por quê?

— Você não é como os outros. — Arrisco ou não? Vou tentar: — Não é como seu pai.

Ele estreita os olhos, mas não discorda de mim.

Na minha dimensão, Paul nunca fala muito sobre a própria família. Finalmente consigo entender o motivo disso, mas, mesmo quando ele souber que sei a verdade, duvido que me conte mais alguma coisa. Acho que entendi que ele tem vergonha da família. Não é que ele fique sem graça... ele tem *vergonha*. Como se sofresse toda vez que tivesse que pensar nisso. Quando ele me contou que seus pais eram “pessoas ruins”, pensei em algo tipo alcoólatras ou talvez abusadores. Mas agora entendi como eles o decepcionaram: seus pais nunca se importaram. Se a pessoa ama os filhos, não leva uma vida inteira imerso na corrupção. Não os expõe à violência. Não tenta fazer com que eles sigam seu exemplo de merda em vez de irem atrás dos próprios sonhos. O sr. e a sra. Markov fizeram tudo isso com Paul... Talvez mais. O coração bom dele teve que ser muito forte para sobreviver a isso e continuar intacto. Não só no meu mundo, mas em muitos outros.

Será que ele sempre achou que eu o odiaria, se soubesse?

Talvez eu tenha aqui a chance de saber o resto da história. E então poderei dizer para ele que descobri tudo, e que o amo ainda mais.

— Como é a sua mãe? — pergunto.

— Por que você se importa?

— Estou aqui há tempo suficiente para ficar entediada. Ela trabalha nos negócios da família?

— Negócios da família?

— Como você quer que eu chame?

Ele não me dá um termo melhor, provavelmente porque todas as alternativas parecem piores.

— Ela não se envolve diretamente, não.

— Mas aprova?

Ele dá um sorriso discreto, como se sentisse desprezo. Mas quando começa a falar, entendo que o desprezo não é por mim:

— A palavra do meu pai é lei. Para todos nós. E minha mãe insiste nisso ainda mais que ele. Ela o idolatra.

— Ela queria trabalhar para o seu pai?

— Ela insistiu muito nisso. — Paul balança a cabeça, como se lembrasse de algo do passado. — Foi ela que fez minha primeira tatuagem.

Ok, por essa eu não esperava.

— O que as tatuagens têm a ver com... com esta vida?

Ele fica alguns segundos me encarando, como se estivesse tentando entender por que estou perguntando essas coisas, ou por que quer responder. Mas ele quer falar, vejo em seus olhos.

— Na Rússia, os membros “desta vida” são sempre tatuados. As imagens revelam os crimes que cometeram, o tempo que passaram na prisão... ou as coisas nas quais acreditam.

— Quantas você tem?

Deduzo que ele não tenha feito tantas coisas terríveis assim, como o pai ou aqueles homens pavorosos lá de cima. Paul não é como eles, nunca poderia ser. Ao mesmo tempo, consigo ver as linhas saindo pelo pescoço dele, mostrando que existe uma divergência entre o meu Paul e este daqui.

Ele nota meu olhar direcionado para o pescoço dele, e diz:

— Só vou abrir para lhe mostrar. Nada além disso.

E começa a abrir a camisa.

De novo me vem à cabeça o dia em que ele posou para mim. Não é bem no que eu devia estar pensando. Mas tento me concentrar no que ele disse antes, sobre eu não precisar ter medo dele, que está tentando me proteger da melhor forma possível.

Ele não tira a camisa toda, na verdade nem chega a abri-la totalmente. Mas a parte de cima do seu peito fica exposta, e vejo todas as suas tatuagens. São desenhos simples, feitos em tinta preta, mas muito bonitos. A maior de todas fica bem no meio do peito, e, para minha surpresa, é um desenho da Virgem Maria segurando o menino Jesus. Em um dos ombros, há uma rosa que parece morta ou seca; no outro, há uma pomba sobre um galho.

Na minha memória, escuto o tenente Markov suspirar: *Golubka*. Ele me chamava de pombinha quando me abraçava.

— Você gosta dessa? — Ele aponta para o ombro com a pombinha. — Significa “libertação do sofrimento”. A rosa quer dizer que prefiro a morte a ser desonrado. E a virgem indica a todos que são deste “meio” que nasci no que você chama de “esta vida”.

A virgem não precisava de explicação. O significado da rosa também não me espantou: o senso de decência e bondade de Paul se mantém forte mesmo em uma realidade na qual ele não escapou da corrupção dos pais. Mas a pomba...

Encaro ele.

— De que sofrimento você foi libertado? — pergunto da forma mais gentil que consigo. — Ou ainda está aguardando libertação?

Ele muda a expressão, adotando um olhar severo. Imediatamente, começa a abotoar a camisa.

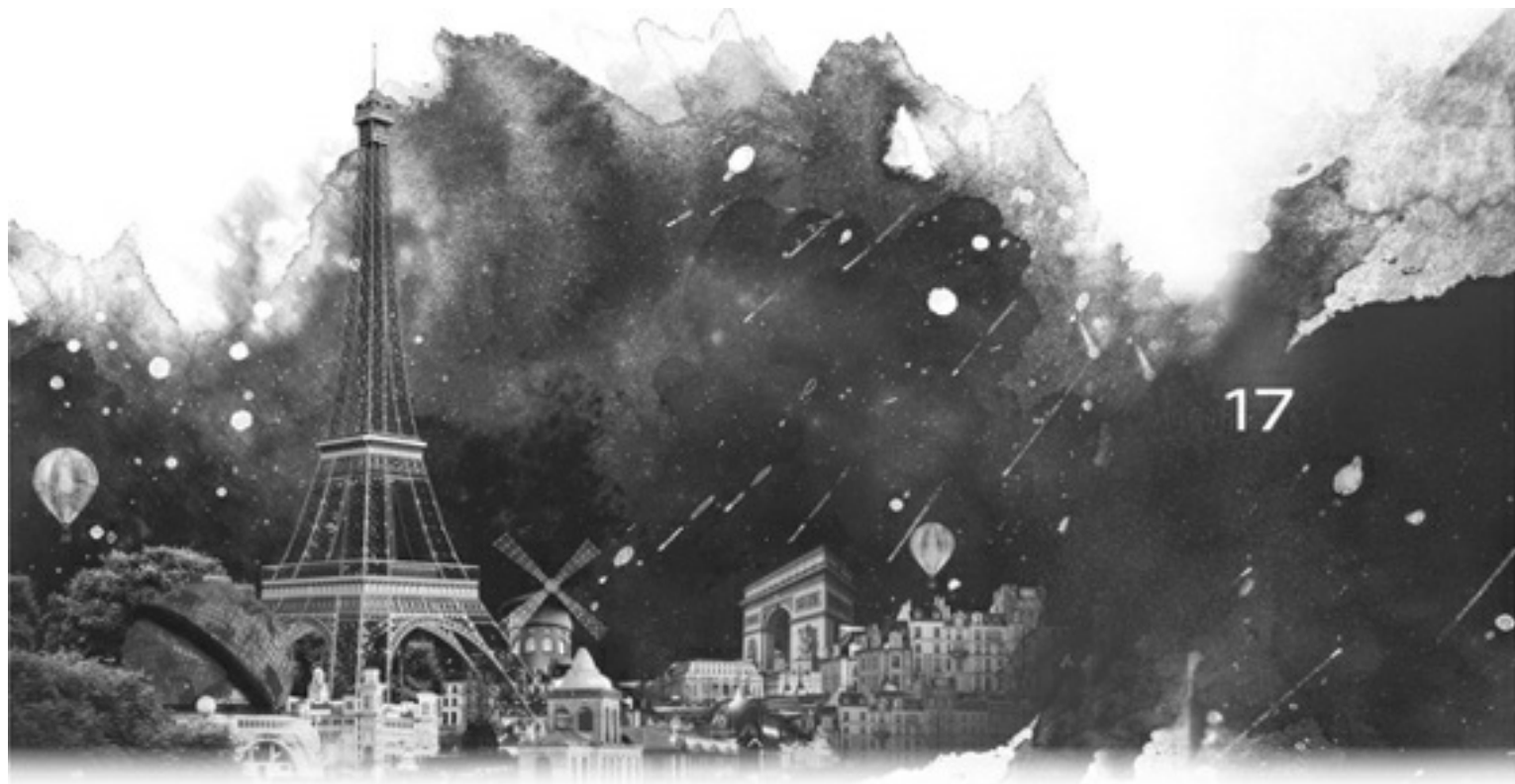
— Você faz perguntas demais.

— Mas você quer me contar. Não quer?

Ele fica parado por um instante, e sei que sente o mesmo que eu: aquela conexão elétrica que existe entre nós dois e que ultrapassa os mundos. Mas este Paul não sabe por que se sente assim, conectado a uma desconhecida. Ou por que sentiu que queria dividir comigo os segredos que estão gravados em sua pele. Ou por que continuo tentando me aproximar. Em choque, quase magoado, ele se vira e sobe a escada sem dizer mais nenhuma palavra.

Quando ouço a porta bater e a tranca girar, respiro fundo e percebo que estou tremendo. Confio tanto nele... Mas aqui, este lugar, é diferente de tudo que já vivenciei em qualquer outro universo. Se eu der um passo em falso, posso desfazer um equilíbrio muito delicado.

Me aproximar do Paul desta dimensão é o mesmo que brincar com fogo.



Quando o ponto alto do seu dia é o momento em que alguém te traz um balde limpo, isso não pode ser um bom sinal.

O Máscara levou o balde sujo lá para cima. Ele estava tão animado com essa tarefa quanto era de se esperar, mas ainda assim fiquei triste de vê-lo ir embora. Depois de todo esse tempo, qualquer pessoa, mesmo ele, serve para estimular a mente nesta cela subterrânea. Já faz um tempo que ele se foi, não sei quanto, e começo a sentir o quarto encolhendo à minha volta, me vedando e me deixando cada vez mais distante do mundo real.

Minha noção temporal não existe mais. Não faço a menor ideia de há quanto tempo estou aqui embaixo. Já faz três horas que me trouxeram comida, isso eu sei, porque estou com fome. Mais que isso, no entanto, não sei dizer.

Estou exausta.

A esta altura, a Marguerite deste mundo deve estar acordada há mais de vinte e quatro horas seguidas.

Imagino que as negociações para o meu resgate já tenham começado. Wyatt Conley deve ter mandado banqueiros trazerem um milhão de dólares para cá em notas não marcadas. Ou, em vez de ir buscar uma mala cheia de dinheiro embaixo de um banco no parque, Leonid pode ter dado a Conley o número de alguma conta nas Ilhas Cayman que vai desaparecer misteriosamente assim que o resgate for depositado.

A porta se abre mais uma vez. Sinto as mesmas emoções de sempre: medo, esperança, aquela felicidade peculiar de saber que pelo menos *alguma coisa* está acontecendo...

... Quando vejo Paul voltando, a esperança supera todo o resto.

— Aqui — diz ele, segurando uma caixinha de isopor e uma lata de refrigerante. — Você deve estar com fome de novo.

— Muita. Que horas são?

— Isso importa?

— Só queria saber. — Minha voz treme, mas engulo em seco e continuo: — Ficar tanto tempo neste quarto... é esquisito, sem saber nada que está acontecendo lá fora.

Ele hesita. Os olhos acinzentados são quase impossíveis de interpretar, mas dá para perceber que ele não gosta de ver como estou apavorada. Assim que responde, as palavras são precisas e simples:

— É começo de tarde. Está nublado. Choveu mais cedo, mas já parou.

— Obrigada.

Quem diria que um dia eu ia sentir alívio só de ouvir a descrição do céu...

— Seu almoço está atrasado. Vou me certificar de que o jantar chegue na hora. Se você ainda estiver... com a gente.

Será que ele quis dizer “ainda com a gente” no sentido de “liberta” ou “morta”? Tenho 99 por cento de certeza de que é a primeira opção, mas, no momento, eu diria que 99 por cento não é suficiente.

Paul levanta a tampa da caixinha de isopor e vejo uma lasanha e um pão de alho. O cheiro do molho de tomate, do queijo e do alho quase me derrubam no chão. Estou com MUITA fome.

Mas isso também me faz lembrar da noite em que eu e Paul fizemos lasanha juntos na cozinha da minha casa. Estávamos ouvindo Rachmaninoff e nossos ombros se encostavam, e ríamos muito sempre que alguma coisa dava errado, sendo que muitas coisas davam errado... Aquela noite foi a primeira vez que percebi que o que eu sentia por ele tinha começado a mudar. Às vezes, penso naquela noite como a primeira em que éramos “nós”.

— Alguma chance de soltar minhas mãos? — Mostro meus punhos para ele. — Se eu tentar comer comida italiana com as mãos atadas, vou me sujar toda. Ou você quer aproveitar para rir de mim?

Paul jamais ria de alguém por isso. No máximo, ficaria ofendido só por eu sugerir, que é com o que estou contando.

Mas ele não corta as amarras, em vez disso, diz:

— Eu te ajudo.

Ele pega o garfo de plástico da embalagem.

— Você vai me dar lasanha na boca?

— Como você disse, sozinha vai se sujar toda. — Ele me entrega um guardanapinho de papel. — As amarras ficam.

Ele se senta na beirada da cama dobrável, depois se levanta. Acha que vou me sentir ameaçada se ele chegar mais perto muito depressa, o que de fato aconteceria em circunstâncias normais. Mas, na verdade, quando ele finalmente se ajeita ao meu lado, me sinto protegida.

A hesitação significa que ele está pensando em mim. Tentando facilitar as coisas.

E ainda que eu não possa tentar nada, fico mais tranquila em saber que ele está cada vez mais próximo dos Firebirds.

Paul pega uma garfada de lasanha, espera as gotas de molho caírem e a leva até minha boca. Fico muito sem graça ao aceitar essa primeira garfada. Depois, a vergonha passa. O gosto do molho de tomate na minha língua me fez salivar tanto que minha boca quase dói. Consigo comer o pão de alho sozinha, então passo no molho e mordo um pedaço antes de ele me oferecer a segunda garfada. Eu poderia jurar que nunca comi algo tão gostoso.

— Você está com mais fome do que eu imaginava — diz ele.

Devo estar devorando a comida como um cachorro faminto. Por isso, me obrigo a mastigar mais devagar e limpo a boca com o guardanapinho.

— Desculpe.

— Não se desculpe. A culpa foi minha.

Ele se sente culpado. Posso tentar usar isso a meu favor.

— Este estabelecimento oferece banho? Uma chuveirada? — Ele tiraria minhas amarras para isso, com certeza. — Com essa fome e o cabelo que tenho, imagino que esteja parecendo o demônio da Tasmânia.

— Você já esteve mais arrumada mesmo.

Essa doeu. Encaro ele, séria.

— Como você sabe?

— Imagino.

Mais uma vez, me obrigo a lembrar que o tom seco de Paul é sempre uma expressão da sua sinceridade. Desde a noite passada, já fui jogada em uma van, aterrorizada, presa em dois cômodos diferentes, amarrada com fita adesiva... e estou sem dormir. *Espero* que em algum dia qualquer eu esteja mais bonita que hoje.

— Por que a comida demorou tanto? — pergunto. — Vocês só recebem o dinheiro do resgate se eu voltar sã e salva, certo? Morta de fome não me parece o mesmo que “sã”.

— O ser humano leva semanas para morrer de fome. É mais fácil morrer de sede. — Seria esta outra coisa semelhante nesta dimensão? Paul faz uma expressão de quem percebe que falou algo muito insensível quando já é tarde demais. — Ninguém vai se recusar a te dar comida ou água. Vamos deixar esse assunto para lá.

— Você também jantou? Aposto que adora lasanha.

— Todo mundo adora lasanha — diz ele.

— Mas você adora muito! — digo com inocência, entre uma garfada e outra. — Aposto que até sabe fazer lasanha.

Ele não parece incomodado.

— Você gosta de fingir que me conhece muito bem.

— Tenho um bom sexto sentido com as pessoas.

— Improvável. O que a maioria das pessoas chama de *sexto sentido* é, na verdade, a interpretação de pequenas dicas do subconsciente.

— É. Talvez eu tenha sacado algumas dessas dicas.

— Não existem dicas do subconsciente que indiquem a você que gosto de lasanha.

Caio na gargalhada. Paul reage do jeito de sempre quando percebe que disse algo sério, mas que foi engraçado: faz uma expressão confusa, tenta sorrir, mas nunca dá muito certo. Esses momentos deixam ele vulnerável. Então respondo, distraída:

— É como você disse: todo mundo adora lasanha. É isso.

— Não é só isso.

— O que mais poderia ser?

Ele me dá mais uma garfada, eu aceito, e aquela parece uma conversa normal durante uma refeição.

— Não sei. Mas não acredito em instinto.

— E em poderes psíquicos?

Com essa pergunta, recebo um olhar tão fulminante quanto aconteceria com o meu Paul, o cientista, na minha dimensão. Decido não tocar mais nesse assunto por enquanto, além disso, depois de tantas horas amarrada e assustada, preciso me lembrar do quanto eu sei. E que poderes ainda tenho.

Então digo:

— Por exemplo. Os meus instintos, ou poderes, como você quiser chamar, me dizem que você queria seguir um caminho muito diferente na vida. Algo que não fosse ilegal. Algo maior que tudo isso, com mais significado. Particularmente, acho que você teria sido um excelente... cientista.

Se a situação fosse menos terrível, a expressão dele teria sido hilária. Paul coloca o isopor na cama e se levanta.

— Como você sabe que eu queria...? — Ele para e parece tentar se acalmar.

E agora, o que responder?

— A forma que você analisa tudo o tempo todo. Você é muito inteligente, dá para notar.

Paul anda de um lado para outro na minha frente, e seus passos ecoam na cela minúscula e escura.

— Alguém falou de mim para você. Não tem outra explicação.

— E quem saberia disso, além de você? Aposto que ninguém. Você não parece o tipo de cara que se abre para as pessoas.

Ele dá um passo para trás, tentando olhar para mim por um ângulo diferente.

— O que mais os seus instintos dizem sobre mim?

Eu me lembro das coisas que gritei para o Paul da dimensão anterior. Eram muito íntimas, exatas. Aqui, preciso ser mais simples. Uma resposta sincera. Mas tem que ser alguma coisa que amo nele.

Até porque ele tem um fragmento da alma do homem que eu amo.

— Você gosta de fatos. Gosta de ser objetivo. Então, às vezes, as pessoas acham que você é uma pessoa fria, o que não é verdade. Pelo contrário. Acho que você é mais sensível que a maioria das pessoas, só não sabe demonstrar isso, na maior parte do tempo. Você sempre se sente meio deslocado. É diferente de quem está à sua volta, e sabem disso muito bem, assim como você. E acha que isso acontece porque tem algo errado com você, então se retrai ainda mais. O que faz com que as pessoas saibam ainda menos sobre você.

Ele recua mais um passo. Acho que ele não sabe se fica assustado ou emocionado.

— Você é solitário — digo de forma mais gentil. — E tem sido solitário há tanto tempo que já esqueceu que existem outras formas de ser.

Ele respira fundo. Neste momento, seu olhar me lembra o do meu Paul. Aquela mistura de incerteza e admiração que eu via nos nossos primeiros dias juntos. Será que é aquele pedacinho da alma dele transparecendo? Ele vai me salvar?

Chego o corpo para frente, como se o autorizasse a se aproximar de mim.

— Você quer uma família. Não a sua, uma família de verdade, formada por pessoas que cuidem umas das outras. E quando as pessoas têm medo de você, por ser alguém tão grande, você se sente mal. Porque, no fundo, é muito gentil. E bondoso.

— Você não me conhece — afirma ele, como se dizer essas palavras pudessem torná-las verdade.

— Eu queria que você conseguisse uma forma de aprender a mostrar mais de você para as pessoas. Se conseguisse, ninguém jamais teria medo de você de novo. — *Todo mundo te amaria*, queria acrescentar. Mas acho que seria demais.

Depois de alguns instantes, ele dá uma risada, um barulho esquisito e alto.

— Você já aprendeu isso tudo sobre mim?

— A primeira impressão pode dizer muita coisa. — Sorrio. — E você? O que vê quando olha para mim?

Não estou exatamente esperando uma resposta, mas recebo uma:

— Você é insegura — diz ele, de forma seca. — Então, gosta de parecer mais sábia do que na verdade é para conseguir a atenção que acha que não teria de outra forma. Mas você é talentosa. Se não fosse, não teria essa coragem toda. Não sei dizer porque esse talento não lhe basta. Você é sofisticada para sua idade, de alguma forma, por outro lado, é ingênua, o que me faz pensar que você foi educada em alguma escola não convencional, talvez Waldorf, ou quem sabe com tutores em casa. Pessoas cultas. Você parece uma garota normal, mas me passa a impressão de ser perigosa quando está com raiva. E digo isso mesmo sabendo que a pessoa armada aqui sou eu.

A piadinha se perde no meio de todo o resto. Estou muito chocada, muito magoada, muito tudo. Ingênua? Insegura? Será que meu Paul também acha isso?

A última parte é a única que consigo questionar.

— Perigosa?

— Você parece manter a calma mesmo sob pressão. Fica mais calma do que deveria. — Ele me olha de um jeito que parece que vai arrancar minha pele. — Talvez você tenha mesmo me encontrado por acaso. Mas agora está me provocando com essa vida que nunca poderei ter... Isso requer muita coragem. Ou loucura. Tudo que sei é que você não é uma garota comum. Já viu coisas que as outras pessoas não viram. Fez o que os outros não fizeram.

Fico com vontade de chorar, mas me contenho. Não vou chorar na frente dele nem a pau.

Ele vê todas as minhas fraquezas e ainda assim não me poupa do tapa na cara final ao dizer:

— Você acha que ser especial te torna invulnerável. Mas não torna.

E, com essa última frase, ele dá as costas e sobe. Seu único adeus é a porta que bate com força.



Apesar do meu cansaço, fico acordada por um tempão.

Paul acha que sou patética. Ridícula. Ingênua, orgulhosa e mais um monte de coisas que eu nunca quis ser.

Talvez isso seja algo idiota com o qual se preocupar, se comparado ao fato de que sou refém da máfia armada. Mas eu estava contando com meus conhecimentos sobre Paul para me proteger aqui, e agora parece que esse escudo se foi.

Ele enxergou mais coisa em mim depois de *um dia* do que enxerguei nele depois de meses praticamente vivendo na mesma casa que ele. É claro que eu sempre soube que Paul é um excelente observador. Uma das razões pelas quais me apaixonei por ele foi justamente esta: ele me enxergou além de todas as minhas defesas. Um cara que viu a verdadeira Marguerite, e amou o que encontrou.

Este Paul olha para mim e vê fraqueza, imaturidade e perigo.

Ok, eu realmente planejei matar Paul certa vez, mas eu tinha bons motivos. Duvido que ele queira saber disso.

O que quer que tenha visto, não lhe agradou.

Talvez tenha sido aquele fragmento do meu Paul dentro dele que fez com que soubesse tanto sobre mim. Mas isso seria ainda pior: será que meu Paul acha essas coisas? Não pode ser. Se fosse assim, ele não me amaria tanto.

Tento visualizar a alma dele dentro deste Paul. Se uma influencia a outra, não vai ser só o meu Paul afetando ele. Talvez um pouco desse Paul fique no meu. Talvez o meu Paul

comece a me considerar insegura e arrogante. Talvez ele nunca mais vá me ver da mesma maneira.

Mesmo que eu consiga juntar as três partes da alma de Paul novamente, pode ser que ele nunca mais seja o mesmo.

Então escuto um barulho lá em cima: um estouro baixo e pesado. Depois mais um. Como um trovão, mas não...

Estremeço quando escuto estouros mais altos, repetidos, rápidos demais. A primeira coisa que passa pela minha cabeça é que são aqueles espetáculos de fogos de artifício... Mas não pode ser. São tiros.

Meu Deus, ai, meu Deus *meu Deus meu Deus!* O que está acontecendo?

Esqueça o que Paul disse sobre a cama. Chuto uma das pernas, derrubando-a. Se eu conseguir soltar um dos pés, pelo menos terei algum tipo de arma. Mesmo com as mãos presas, acho que consigo fazer isso.

A porta se abre. O som dos tiros passa de alto a ensurdecedor. Corro para um canto do cômodo, como se isso fosse me proteger de alguma coisa. Paul aparece e grita:

— Venha!

Ele me puxa pelo braço e me aperta com tanta força que meus punhos doem com a pressão das amarras. Mas não importa, sigo tropeçando atrás dele pela escada.

— O que está acontecendo? — grito, em meio ao barulho.

— Você não devia estar aqui!

Isso não é bem uma resposta, mas concordo com ele.

Nenhum dos atiradores está visível naquele corredor escuro de concreto, mas consigo ouvir o barulho distante de tiros ricocheteando. O som do eco dos tiros é tão alto que chega a me desorientar.

Paul me puxa e fazemos uma curva. Parece que o som da briga fica cada vez mais distante. Não ouço mais o barulho dos tiros e meus ouvidos param de zunir. Ele abre uma porta e aponta para um armário enorme.

— Entre aí.

— Hã?

— Entre aí! — grita ele. — É mais seguro!

— Como?

Ele segura minha blusa.

— Meu pai vai te matar em vez de deixar que te peguem. Entendeu?

Preferia não ter entendido.

Apavorada, tento usar este momento a meu favor:

— Por favor. Solte minhas mãos. E se alguém vier me pegar? — Ergo as mãos para ele.
— *Por favor.*

Ele leva um segundo para decidir. Uma faca surge em suas mãos, como num passe de mágica. Eu me sobressalto, mas depois fico quieta para que ele consiga cortar o plástico. Com apenas um movimento, estou livre.

Agora só preciso segurar ele, o Firebird, e pronto: vou ter mais um fragmento da alma do meu Paul de volta...

Mas ele me joga no armário com tanta força que bato na parede. Não é por mal, ele está tentando me manter em segurança.

— Não se mexa até eu voltar. Entendeu? Você não pode se mexer.

Ele bate a porta e me deixa lá, trancada na completa escuridão.

Que saudade da minha cela.

Paul vai voltar para me buscar. Vou ter mais uma chance. Respiro fundo e tento me convencer de que as coisas estão melhorando, apesar do som de tiros ao fundo.

Pelo menos, ele me trouxe para um lugar mais seguro. Ele me protegeu. O homem que amo está dentro dele, ao que parece. Só está enterrado bem lá no fundo.

Meu pai vai te matar em vez de deixar que te peguem, disse ele. Mas quem me pegaria? Alguma gangue rival? A polícia?

Não consigo nem imaginar o que pode estar acontecendo. Não tenho como saber quanto tempo vai levar até Paul voltar. E se não for ele que abrir a porta?

Não quero ficar aqui. Talvez eu não tenha que ficar aqui.

Mesmo agora, não quero sair deste lugar sem antes resgatar o fragmento da alma de Paul. Mas eu poderia entrar em contato com ele de novo depois e marcar um encontro, como qualquer ser humano normal... Talvez contratar um detetive para encontrá-lo...

Posso achar outras formas de fazer isso.

Paul, eu te amo, mas quero dar o fora daqui.

Deitada no chão, chuto com força a porta com os pés. A madeira começa a quebrar, pois este armário foi feito para guardar vassouras, não pessoas. Mais dois chutes e as portas cedem.

Fico em pé e saio correndo na direção oposta do barulho. O som dos tiros abafou meus chutes, e mesmo com os joelhos tremendo e a respiração entrecortada, continuo seguindo em frente. Aqui não vou ter uma segunda chance como esta.

Uma curva e depois mais outra: me sinto em um labirinto. O lugar é enorme, talvez seja composto de vários porões dos prédios conectados. Mas isso é bom, porque significa que deve ter muitas saídas. Só preciso encontrar uma.

Quando já não estou ouvindo quase nenhum barulho de tiros atrás de mim, viro mais uma vez e tenho uma visão linda: luz. Vindo de uma grade à frente. A escada de metal enferrujada na parede sugere que foi usada recentemente. O que significa que *aquela grade está solta*.

A escada está tão enferrujada que solta pedacinhos nas minhas mãos e nos meus pés enquanto subo. Quando chego ao topo, empurro a grade com as mãos... mas não se mexe.

A pressão do metal nas minhas mãos machuca, mas continuo fazendo muita força. Nada.

Respiro fundo, tremendo, e tento pensar no que fazer em seguida. Opção um: descer a escada e tentar encontrar outra saída. Opção dois: descer e tentar achar algo para forçar ainda mais a grade.

Quando estou quase descendo, no entanto, vejo uma sombra do outro lado da grade. Olho para cima e me deparo com uma figura iluminada por trás... que se agacha, para que eu possa ver quem é.

— Theo?

— Marguerite! — Ele cai de joelhos. — Graças a Deus! Você está bem?

— Tudo bem. — Coloco os dedos por entre as grades e nos tocamos por alguns instantes. — O que você está fazendo aqui?

— O localizador do Firebird, lembra? Rastreei seu sinal da praia de Brighton até aqui. Quando tive certeza de que você estava aqui, tentei entrar sozinho, mas não consegui. Então fiz uma denúncia anônima para a polícia dizendo onde você estava.

Claro! Por que não pensei nisso?

— Você é incrível.

— É o que todas dizem.

O sorriso dele me traz um grande alívio. Vejo um machucado na sua bochecha sob a pele ralada, sem dúvida resultado da agressão com o meu sequestro.

— Te machucaram?

— Não, estou bem. Só preciso de ajuda com a grade.

— Espere aí.

Ele some por um tempo, e escuto um barulho, como se alguém estivesse mexendo no lixo. Ele deve estar em um beco nos fundos de algum lugar. Está escuro lá fora, já é noite, então a luz que eu vejo deve ser de algum poste de rua. Respiro fundo, tentando me acalmar. Quase em casa. Livre. Em breve.

E aí só preciso encontrar de novo o Paul Markov mafioso. O que não é fácil, mas... não. Não é só isso que preciso fazer nesta dimensão.

— Ainda temos que estragar os dados do Firebird.

— Já está feito. Seus pais estavam distraídos, então resolvi isso. Infectei todos os computadores com o vírus e fiz parecer que foi obra de hackers ucranianos.

Sei que ele está falando a verdade, mas não é toda a verdade. Theo traiu meus pais para que eu não tivesse que fazer isso. Me poupou da dor, ainda que ame eles quase tanto quanto eu.

— Obrigada — falei baixinho.

— Pode me chamar de pecador profissional. — Ele volta com uma espécie de calota na mão, um pedaço de metal redondo. O que quer que seja aquilo, ele consegue enfiar na ponta das grades. — Quem são esses caras?

Não sei nem por onde começar.

— Você não quer saber.

— Calma aí.

Ele solta um grunhido e empurra a grade, e a ponta solta estala. Empurro ela para o lado e me jogo, totalmente livre, nos braços do Theo, que suspira fundo e eu me aninho no seu peito. Depois deste dia longo e apavorante, é tão bom ser abraçada! Puxo a jaqueta dele, trazendo-o para ainda mais para perto de mim. Só quero ficar ali, sã e salva, para sempre.

Mas ainda não estou a salvo.

— Vamos. Vamos embora.

Theo me puxa pela mão. Eu digo a mim mesma: *só mais alguns minutinhos, e esta Marguerite estará salva. Aí você descansa e pode pensar no próximo passo.*

Assim que saímos pela rua, uma das portas do beco se abre e ouvimos o metal bater nos tijolos. Olhamos para trás, e Theo quase engasga quando vê Paul correndo na nossa direção.

Talvez o susto seja maior porque ele está com uma arma na mão.

— Eu te disse para ficar parada — diz ele, antes mesmo de olhar para Theo. E então olha para ele. — Para onde você vai levá-la?

— Marguerite está bem. Vou cuidar dela, está tudo bem. — Theo parece aliviado. Acho que ele pensa que Paul só pode estar aqui para ajudar, talvez até para conversar com a polícia. Ele dá um passo na direção do amigo, com a mão levantada. — Está tudo certo.

— Por que está falando comigo como se me conhecesse? — pergunta ele em tom autoritário. Tem algo de selvagem na sua voz, nos olhos... como se ele tivesse a vida toda fingido ser corajoso, severo, portanto não sabe lidar com o medo. Ele segura a arma com mais força. — Por que vocês dois fazem isso?

Theo sorri.

— Não consigo evitar, cara.

Ele dá um passo para trás, abaixando a arma e parecendo prestes a sair correndo. Já sei, mesmo morta de medo, que nunca mais vou ver este Paul.

Se eu pensar, não vou ter tempo de agir. Então me jogo na direção dele, que fica tão surpreso que não levanta a arma. Então vejo uma chance de fazer contato físico.

Nós dois batemos na parede de tijolos e, ainda que eu consiga ver a arma na mão dele, pego o Firebird de Paul e encosto no peito dele, bem acima da tatuagem de pomba. E, pronto, sinto aquela leve vibração que indica que o fragmento da alma dele está comigo.

Ele solta um palavrão com a dor e me empurra com força, me jogando no chão. Theo corre na nossa direção, gritando:

— O que você está f...

E o que acontece em seguida é tão rápido que tudo diante de mim fica fora de foco.

Muitos sons ao mesmo tempo: xingamentos, gritos, tiros. As poucas imagens concretas das quais me lembro não têm uma ordem definida, não fazem muito sentido, nem mesmo têm movimento. É como se fosse uma série de fotografias sendo passadas diante de mim.

Paul balançando a arma na nossa frente.

Theo abrindo os braços para me defender.

O fogo saindo do revólver de Paul.

Sangue e ossos se espalhando.

Theo caindo no chão.

Minhas mãos sobre Theo enquanto caio no chão por cima dele.

E um momento terrível no qual encaro os olhos de Paul e vejo zero arrependimento. Zero remorso.

Ele diz:

— Você não me conhece.

E sai correndo. Desaparece na escuridão.

A primeira coisa que penso é idiota, resultado do choque: *Isso está acontecendo. Isso é real.*

Até que escuto Theo gemendo e volto à realidade.

— Você está bem? — Viro ele de lado e percebo que não. A princípio, sinto alívio, porque ele está consciente e tem pouco sangue na sua camiseta. Mas então olho para suas pernas. — Meu Deus.

— Caramba! — Ele quase não consegue falar. Parece estar tentando não gritar, ou não chorar.

Das coxas para baixo, as pernas dele parecem um pedaço de carne no açougue: ossos quebrados e expostos, pele rasgada. Listas brancas fininhas pulam para fora daquela bagunça que parece ser o que sobrou dos joelhos dele.

E tem *tanto* sangue! Escorre sangue pela parede manchada, pinga sangue do meu cabelo, da minha orelha... Tem uma poça no chão ao nosso lado, preta, de tanto sangue, que brilha sob a escuridão da noite. Theo pode morrer de hemorragia em minutos.

— Aguenta firme.

Abro o cinto dele e amarro em uma perna, fazendo um torniquete. Preciso repetir na outra perna.

— Socorro! Alguém ajude! — grito o mais alto que consigo.

— O telefone. — A esta altura, a voz de Theo é apenas um sussurro, mas é o suficiente. Encontro um celular no bolso da calça dele. Para a emergência, não precisa de senha.

Os minutos seguintes são um pouco confusos. Theo consegue me dizer o endereço de onde estamos. Já tinha uma ambulância perto, que veio para o resgate policial, então eles chegam em poucos minutos. Theo está pálido e a respiração dele está fraca, mas ainda consegue falar. Pelo modo que os paramédicos falam e agem, me parece que acham que ele vai sobreviver.

Mas ninguém precisa me dizer que ele provavelmente vai perder as pernas.

Paul atirou sem nem sequer hesitar. Sem piscar. Acabou com as pernas de uma pessoa sem motivo nenhum e saiu correndo sem olhar para trás.

Durante todo o tempo em que fui refém dele, eu tinha certeza de que jamais me machucaria... Eu não sabia com quem estava lidando.

Quero pensar que aquele fragmento da alma do meu Paul fez alguma diferença... Mas este continua sendo Paul. São mais parecidos que diferentes.

Se todos nós temos algo de essencial que se mantém imutável em qualquer mundo, então o mal que existe neste Paul está presente no meu, também. Até mesmo nos fragmentos que coletei.

Os Firebirds parecem mais pesados do que nunca, no meu pescoço.

Assim que Theo é acomodado na maca, os paramédicos colocam ele no soro. Entorpecida, vejo a agulha entrar no braço dele. Enquanto prendem o tubinho plástico ao seu braço, chego mais perto do rosto dele. Ele sussurra:

— Conseguiu o fragmento?

Mesmo depois disso tudo, Theo continua pensando no resgate de Paul.

— Peguei. — Ele sorri e em seguida faz uma careta de dor. Não aguento olhar para ele. — Precisamos seguir, ok? Você vai ter as coordenadas. Assim que eu pular, você me segue.

— O quê? — A voz dele parece confusa. Sonolenta. — Não posso simplesmente... Os ferimentos nesse Theo são minha culpa... Eu preciso...

— Escute o que vou te dizer. — Não sei quanto tempo mais ele vai ficar consciente, ainda mais se os médicos tiverem injetado morfina. Minhas mãos tremem enquanto mexo no Firebird para pegar as provas da sabotagem, destravar as próximas coordenadas e compartilhar os dados com o Firebird de Theo, dando a ele as informações de que precisa para completar a missão. — O que está feito, está feito. Também estou me sentindo uma merda, ok? Mas não tem nada que a gente possa fazer. Precisa cuidar de você mesmo agora. As pessoas nesta dimensão não vão notar os Firebirds logo de cara, mas, no hospital, pode ser que vejam. E aí vão tirá-lo, e sabe-se lá quando você vai conseguir pegar de volta...

— Ok, entendi. Vamos.

— Não consigo — sussurro.

— Não consegue o quê? Fizemos tudo o que era preciso. Tudo o que Conley queria. Para que a gente pudesse...

Ele não termina a frase, porque o que ele ia dizer é: *resgatar o último fragmento da alma de Paul*.

Mas ele não precisa de mim para isso.

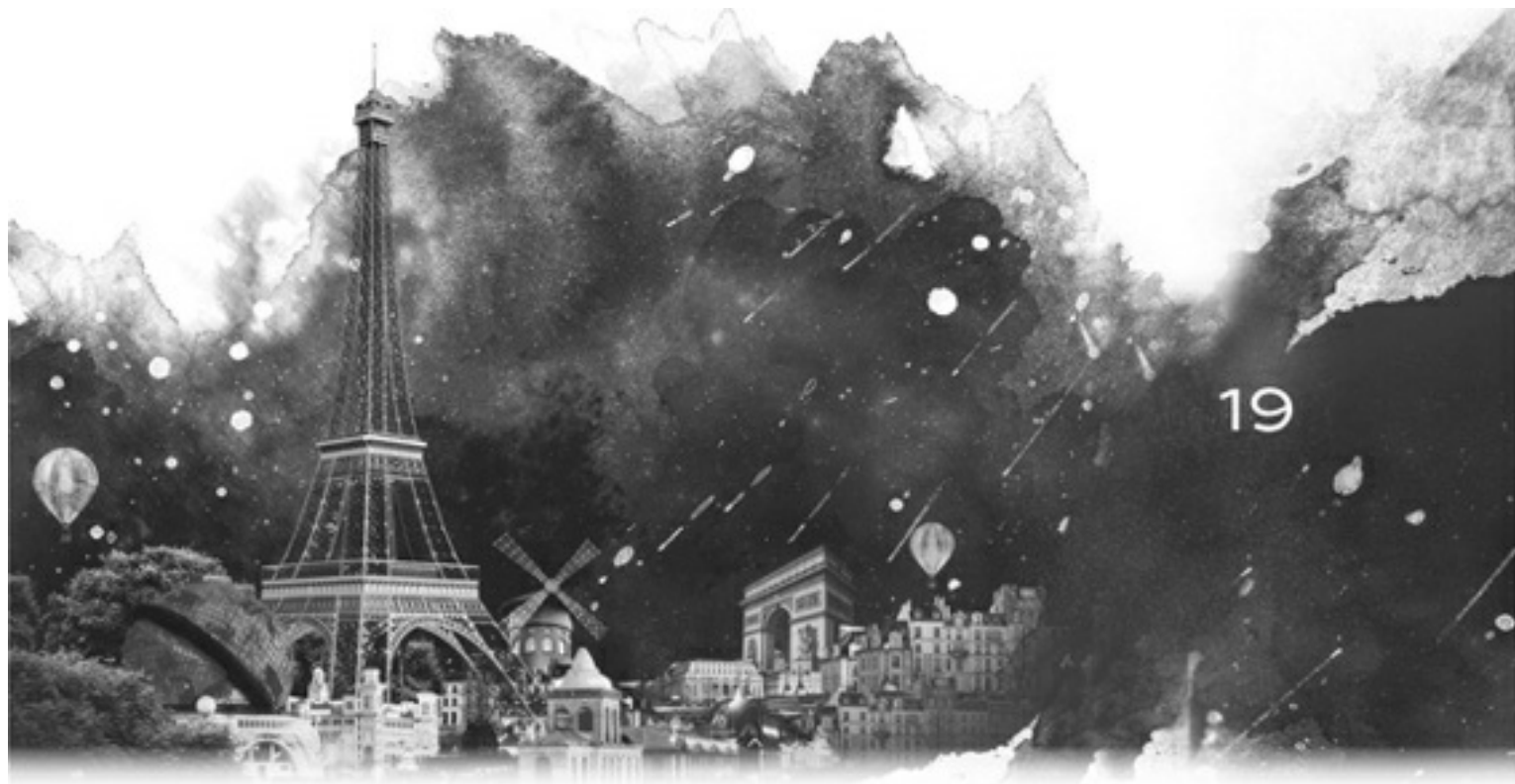
Se ele for até Conley agora e mostrar o que fizemos (torcendo para que ele não descubra o que aconteceu no Guerraverso), Conley vai lhe dar as coordenadas para a última dimensão onde Paul está escondido. Theo vai receber a cura em potencial para os efeitos de longo prazo do Furtanoite. E mesmo que Conley esteja com raiva porque Theo foi comigo, ele não vai voltar atrás no acordo se achar que fiz minha parte. Tudo vai ter sido feito corretamente.

— Não consigo olhar para Paul neste momento. Não quero ficar perto dele. Não ainda. — O que preciso agora é de uma chance de pensar sobre o que aprendi, e sobre o que tudo isso significa. — Vou para algum lugar onde Paul não possa estar, onde não pode me seguir.

— Marguerite... — Ele parece prestes a desmaiar... Coloco a mão livre dele no Firebird que está no seu pescoço.

— Vá atrás de Conley — sussurro enquanto os paramédicos abrem a porta da ambulância. Afasto uma mecha de cabelo da testa dele, pego o Firebird de Paul e coloco no pescoço dele. — Leva Paul com você. Não se preocupe comigo. Estou indo para um lugar seguro. E prometo que não vou estar muito longe de vocês.

Pego o meu Firebird e me lembro da Rússia, mil imagens misturadas com muita neve. Saio deste mundo terrível.



Abro os olhos e vejo um teto decorado: querubins e ninfas pintados em volta de medalhões dourados, tudo contornando um lustre suntuoso. Eu me mexo e percebo que estou deitada em uma cama tão detalhadamente decorada quanto o teto e coberta com alguma manta de seda bordada. Mais uma vez, sou Margarita, a grande duquesa de todas as Rússias, supostamente filha do Czar Alexander V.

Então me sento e percebo que estou muito cansada. Parece que esta Marguerite não dormiu bem, se é que dormiu. Porém, o que mais me choca aqui é que não reconheço este quarto. Não é uma surpresa, na verdade... Quando eu estive neste universo, a família real nunca saiu do Palácio de Inverno em São Petersburgo. Os Romanov têm vários outros palácios, então talvez eu esteja em um desses.

Ainda assim... parece esquisito.

Meus olhos se arregalam quando me lembro: neste mundo, o czar queria que eu me casasse com o Príncipe de Gales, herdeiro do trono inglês. *Ai, merda, será que estou no Palácio de Buckingham?* Mas não tem ninguém na cama comigo, e quando olho para minha mão esquerda, não há nenhum anel.

A memória do tenente Markov me vem tão clara na cabeça que é como se eu estivesse de volta ao Palácio de Inverno. Ele é meu guarda pessoal, parado na porta, e está falando sobre meu noivado prometido ao herdeiro do trono inglês. E diz muito mais do que meras palavras podem sugerir!

— É claro, milady, que o Príncipe de Gales irá provar que é um marido devoto. Não consigo imaginar como algum homem não seria... ou não se consideraria um homem de sorte por tê-la como esposa. Como não se apaixonaria à primeira vista? Qualquer homem se apaixonaria, milady.

Naquele momento, eu sabia o que ele sentia. E viveu tão pouco depois disso... Nem mesmo dois dias inteiros depois da única noite que passamos juntos. Espero que o tenente Markov tenha sido capaz de entender o quanto me importei com ele. Merecia saber, e, mais que isso, ele merecia muito mais do que teve...

Eu o amei tanto. Ainda amo, sempre o amarei, acho, até o fim dos meus dias. Mas passei os últimos três meses convencida de que meu amor por ele significava que eu amava todas as versões de Paul, em todos os lugares. Todas as pessoas que ele pudesse ser.

Será que eu teria amado o Paul que conheci em Nova York? Aquele que era capaz de atacar um desconhecido com tanta selvageria, que o deixaria mutilado para o resto da vida? Parte de mim quer dizer que não, porém, por mais estranha que tenha sido nossa conexão, ela aconteceu. Vi como ele ficava magoado com a vida horrível que foi obrigado a levar. E também vi a brutalidade dele. A capacidade de ser cruel. Quando penso no Paul do Mafiaverso, não sei se fico comovida com o excesso de vulnerabilidade que vi ou se vou ter medo dele para sempre.

As duas coisas, penso. De alguma maneira, é a pior resposta que posso dar a mim mesma. A única coisa que sei é que não posso ficar próxima daquele Paul. Ou de nenhum outro, neste momento. Não antes de entender o que tudo isso significa. Preciso de segurança e solidão.

Tenente Markov morreu lutando pelo czar, lutando para me proteger. Segurei sua mão e o vi morrer. O horror e a dor daquele momento vão sempre me acompanhar. Mas, agora, estou fazendo uso da morte dele, porque esta se tornou uma dimensão na qual nenhum Paul Markov poderá entrar outra vez.

A morte dele é meu abrigo. Mesmo agora, ele continua me protegendo, penso. As lágrimas estão prestes a escorrer, mas pisco com força para contê-las.

Uma batidinha na porta faz com que eu me empertigue, mesmo sentada.

— Pois não? — digo, em inglês. Espero que seja o idioma que eu deveria usar aqui.

A resposta vem em francês.

— Pronta para o café, sua Alteza Imperial?

— Pode trazer, por favor. — respondo no mesmo idioma. Meu francês melhorou com as visitas.

Uma mulher abre a porta para a outra, que entra trazendo uma bandeja de prata. Ela vai até uma mesinha no canto e começa a preparar um banquete, com direito a chaleira, creme, manteiga, pão, croissants, brioches, tortinhas...

E agora sei que não estou em nenhum dos palácios do czar, porque sempre que fazíamos refeições no quarto, eram simples, por ordem dele. Além disso, nenhum dos criados dele usa este uniforme: vestido preto longo com avental branco. E eles sempre falavam russo ou inglês, nunca francês.

Há um robe azul-celeste ao pé da minha cama. Eu me estico para pegar, mas a criada corre da mesa para a cama para pegá-lo para mim. É de veludo, mais grosso e macio que qualquer robe que já segurei na vida. Enquanto o visto, ela faz uma reverência e sai depressa, me deixando sozinha com a comida.

Preciso começar a explorar este lugar imediatamente para entender onde a grande duquesa Margarita está. Mas meu estômago está vazio e quase me sinto enjoada. Então, em vez de começar a explorar, começo a comer.

Foi a melhor decisão que já tomei. Não só porque o café está maravilhoso, mas porque o banco na janela revela a cena lá fora.

Estou a uns três ou quatro andares do chão e daqui vejo uma praça, que é cercada por edifícios elegantes, e tem um obelisco egípcio bem no meio. Apesar de ser ainda muito cedo e de o céu nublado estar embaçando a luz do dia, muitas pessoas já parecem apressadas lá fora, todas usando roupas que dão a impressão de ter saído dos anos 1910. Mulheres de vestidos longos com chapéus enormes; homens de ternos de três peças e chapéus-coco, todos de bigode...

Reconheço esta praça. Minha família veio a esta cidade algumas vezes quando eu era pequena, para visitar meus avós Kovalenko antes que eles morressem. Tenho certeza de que no nosso universo tem alguma coisa diferente no meio dessa praça, mas o lugar é o mesmo.

A grande duquesa está em Paris.

Depois de me encher de *pain au chocolat*, me sinto mais calma e começo a explorar o local. A princípio, me pergunto se a grande duquesa está hospedada em algum outro tipo de residência real. Até onde sei, a revolução francesa nunca aconteceu aqui. Pode ser que eu seja convidada da tatataraneta da Maria Antonieta.

Mas também não me lembro de existir uma monarquia francesa resistente neste universo. Além disso, este prédio está na Place Vendôme. Minha mãe me explicou uma vez, quando viemos aqui há uns dez anos, que neste local ficavam os hotéis mais chiques do mundo. Perguntei por que não íamos nos hospedar lá, então, o que levou a um longo

sermão do meu pai, explicando como o capitalismo funciona e como os professores normalmente não são favorecidos por esse sistema.

No guardanapo do hotel, bordado em branco sobre fundo branco, está uma pequena insígnia e a letra R cursiva. Eu me lembro de Theo olhando para o hotel no Guerraverso e comentando que não era exatamente um Ritz. Este aqui é o Ritz.

Deve ser a suíte mais sensacional que existe no mundo. Em todos os mundos. Três quartos, salões enormes, uma cozinha pequena, tudo decorado com luxo e bom gosto, como o quarto no qual acordei. Acho que o pé-direito tem uns seis metros, e... quantos lustres cabem em uma suíte de hotel? Qualquer que seja a quantidade, neste quarto, foi atingido o número máximo.

Devo ter vindo sozinha para Paris. Se o czar estivesse aqui, haveria guardas militares em todo canto. Se meus irmãos estivessem aqui, estariam nos quartos ao lado. Mas me parece estranho que o czar Alexander V tenha me deixado vir a Paris sozinha.

Os armários estão repletos de roupas elegantes, várias delas parecendo muito novas e modernas: silhuetas mais soltinhas, cintura mais larga ou nenhuma cintura, cores mais escuras que os tons pastéis que eu costumava usar em São Petersburgo. Menos renda e mais pedraria. Parece que a grande duquesa fez a festa nas lojas de Paris. Quem pode culpá-la?

Ela devia estar de luto por Paul assim como eu, talvez pior. E está se consolando com estas pequenas férias, aproveitando os prazeres que a França tem para oferecer. E a grande duquesa até engordou um pouco. Olho novamente para o farto café da manhã atrás de mim. Ou o que restou dele.

Vejo um bloco de desenho e uma caixa de lápis pastel. Pego a caixa e me lembro de quando foi a última vez que toquei naqueles lápis. O tenente Markov me deu aquilo de presente, no Natal. Estávamos na porta do meu quarto, nos olhando e morrendo de vontade...

Ela certamente desenhou ele. Mas não quero ver isso agora. Talvez nunca.

Em vez disso, volto minha atenção para um pequeno livro de couro que parece uma... Sim, é uma agenda.

A letra dela é tão mais bonita que a minha! Tão elegante e fluida, como um calígrafo profissional. Ironicamente, apesar de linda, é muito difícil de ler. Mas consigo ver dois compromissos para hoje: *11h, Dr. N* e depois *21h, jantar Maxim's*.

Quando uma criada vem me ajudar com meu vestido, faço algumas perguntas com cuidado e descubro que não estou indo a um consultório médico. O doutor N, seja lá quem for, está vindo me visitar. Ah, as vantagens de ser da realeza.

Será que ela, ou melhor, que eu estou doente? Será que é por isso que estou em Paris? Se isso fosse verdade, eu estaria em um hospital, não no Ritz. Além do mais, duvido que minha família fosse me deixar viajar sozinha se eu estivesse doente. O czar jamais sairia da Rússia por minha causa, mas Vladimir com certeza teria vindo comigo.

A criada me veste rapidamente. As roupas aqui em Paris são muito mais fáceis de colocar do que aqueles longos vestidos de seda de São Petersburgo. Além do mais, *graças a Deus*, alguém aqui inventou o sutiã. Ainda é um pouco esquisito, basicamente um triângulo de cetim sem muita estrutura. Mas, mesmo tendo engordado, meus seios cresceram, de “inexistentes” se tornaram “pequenos”, não mais que isso. Mas não sinto falta dos corsets. Meu vestido é de um tom forte de cor-de-rosa, e a barra fica logo acima dos tornozelos.

Ainda não entendi por que vou receber a visita de um médico que vem me examinar. Então não faço ideia do que esperar às onze horas. Mas, o que quer que seja, não é para tratar algo que tenho.

O “doutor N”, descobri, chama-se doutor Nilsson. E o doutor Nilsson, na verdade, é a doutora Nilsson, o que é incomum para esta época. Os cabelos pretos e grossos dela estão presos em um coque apertado, mas o rosto doce em forma de coração não a deixa parecer severa. Ela não é má, não é maternal, é a calma em forma de mulher. As roupas dela parecem com as de qualquer outra da rua lá embaixo, ainda que sejam de um cinza-claro. Em vez das maletas pretas que os médicos costumavam carregar no passado, ela só traz um caderno e uma caneta. E em vez de perguntar como me sinto, se senta em uma das cadeiras próximas ao sofá de veludo comprido, pega o caderno e diz:

— Sobre o que vamos falar hoje, sua Alteza Imperial?

A princípio, fico feliz por ela ter falado comigo em inglês. Até que me dou conta de que ela não é uma médica clínica. A doutora Nilsson é uma psiquiatra.

A grande duquesa veio para Paris em busca de terapia.

Isso me parece um pouco exagerado, mas, se formos pensar bem, se a história social evolui mais lentamente aqui também, a psicologia deve ser uma área muito nova, neste mundo. Pode ser que nem existam analistas na Rússia ainda. Ou talvez o czar não queira que ninguém saiba que a filha dele está se consultando com um terapeuta.

Devagar, eu me estico no sofá, como nos filmes.

— Sua Alteza Imperial? — pergunta ela.

— Eu acho — arrisco — que estou sentindo um pouco de... hum... conflito em relação ao meu pai.

— Qual dos dois?

— Qual dos dois o quê?

— Qual dos dois pais? — Ela continua anotando coisas no caderno sem olhar para mim. Ainda bem. Em vez disso, prossegue: — Ou já desistiu da fantasia de que seu tutor é seu pai de verdade?

A frase vem como uma pancada tão forte que me deixa sem ar. *Ela lembrou.*

As pessoas que invadimos nas viagens interdimensionais não deveriam, em tese, se lembrar de nada que fazemos enquanto estamos controlando os corpos delas. Já vi outras versões de Paul e de Theo que não faziam a menor ideia do que aconteceu enquanto estavam sendo controlados pelo Paul e Theo da minha dimensão.

Mas eu sou a “viajante perfeita”. Essas viagens são diferentes para mim. Todas as Marguerites que já visitei devem ter se lembrado de tudo que fiz e disse na vida delas.

A grande duquesa Margarita tentou falar sobre o que tinha vivenciado, e é por isso que foi parar na terapia. Ninguém acreditou que ela tenha sido de fato controlada por um viajante de outra dimensão... Acham que ela *está surtando*.

— Sua Alteza Imperial — diz a doutora Nilsson —, pode me responder?

— Meu pai é o czar — falei, apressada. — Mas tenho raiva dele, às vezes, e é fácil fingir que outra pessoa é meu pai. Alguém bom comigo, como o professor Caine.

Será que essa Marguerite contou a verdade ao czar? Se sim, ele deve ter condenado meu pai à morte.

Continuo sem ar, até que ela diz:

— Então não é um segredo que você vinha guardando, e, sim, uma fantasia secreta.

— É.

Meu pai está seguro, posso respirar aliviada.

— Ótimo. Você está mais preparada para enfrentar a realidade agora. Vejo progresso. — Ela continua fazendo anotações. — Sente alguma saudade do seu pai?

— Sinto mais saudade dos meus irmãos.

Isso é verdade. Se eu pudesse ver o pequeno Peter e Katya novamente... Se eu pudesse falar com Vladimir mais uma vez... seria um presente.

— E o tenente Markov?

A princípio, penso que devo confiar muito na doutora Nilsson. Mas depois me dou conta de que, após a cena que fiz no acampamento do Exército quando o tenente Markov faleceu, todos devem ter ficado sabendo de nós dois. Deles dois.

— Ele está morto.

— Você não acha mais que ele ainda existe em algum... mundo paralelo além do seu?

Fecho os olhos. A grande duquesa se lembrava de tudo.

— Não me importo. Não posso alcançá-lo lá. Ele... ele está muito distante de mim agora. — Minha voz começa a falhar. — O outro Paul pode não ser o meu Paul. Pode não ser tão amável, tão forte, tão bom quanto ele.

Ela inclina um pouco a cabeça. É fácil deduzir o que está escrevendo. *A paciente mantém a crença irracional de que existem “mundos paralelos”, mas começou a dizer que esses mundos estão distantes dela. Ela não demonstra mais desejo de visitá-los. Este é um passo de transição a caminho da aceitação da realidade da morte do seu amante.*

— Você ainda acha que um dos seus outros eus tomou conta do seu corpo durante todo o mês de dezembro? E que as ações dela não são sua responsabilidade?

— Me... me parece que foi isso que aconteceu — arrisco. — Mas ela não fez nada que eu já não quisesse fazer.

— Você acha que ela pode ter vindo vê-la intencionalmente? — Agora está me testando. — Para tomar atitudes que você tinha medo de tomar? Fazer coisas que eram proibidas?

— Preciso pensar um pouco mais sobre isso.

Então recebo um sorriso discreto. Ela acredita mesmo que estamos fazendo progresso.

— Você teve algum sonho recentemente, sua Alteza Imperial?

Como vou saber? Mas as palavras são verdadeiras, de qualquer forma, e conto para a única pessoa que pode me ouvir.

— Sonhei que tinha sido capturada por homens armados. — Qual é o equivalente mais próximo da máfia russa nesta dimensão? — Por soldados que eram leais ao Grande Duque Sergei, aqueles que se voltaram contra nós.

— E o que aconteceu nessa captura, nesse sonho? Você foi violentada?

— Não! — Que grosseira. Eu me lembro de ter estudado que os primeiros psicólogos freudianos acreditavam que tudo tinha a ver com sexo, no fim das contas. As perguntas superpessoais da doutora Nilsson vão continuar sendo feitas. — Mas um dos soldados era Paul Markov.

— E qual era o papel dele no seu sonho?

— Achei que ele estava lá para me proteger. Para me resgatar a qualquer custo. — Engulo em seco. — Mas, no fim, ele provou que era como todo o resto. Outra pessoa apareceu para me salvar, e Paul atirou nele. O homem que tentou me salvar não morreu, mas tinha tanto sangue! E achei que ia perder as pernas.

— E como você se sentiu? — pergunta ela.

— Culpada. Triste. Doutora, o que a senhora acha que meu sonho significa?

— Só você pode responder a esta pergunta, sua Alteza Imperial.

— Eu sei, mas... eu queria sua opinião. Por favor, me diga.

Ela apoia o caderno no colo e põe as mãos em cima. Em vez de responder imediatamente, pensa por alguns instantes, como se estivesse tentando me dar uma resposta sincera.

Por fim, ela balança a cabeça, como se concordasse com o próprio pensamento, e diz:

— A pessoa que você considerava amável e protetora acabou se mostrando, na sua cabeça, como alguém que podia te machucar. No seu sonho, você só o viu atacar outra pessoa, então pode ter sido o seu inconsciente suavizando a situação.

— Mas o tenente Markov nunca me machucaria. Eu sei disso. Eu sei.

— Mas o sonho dele é capaz — responde ela. — E a ilusão de que você pode encontrá-lo de novo sugere isso.

Minha crença de que Paul e eu fomos feitos um para o outro sob qualquer circunstância. É essa a ilusão. E se estilhaçou com os ossos do Theo, naquela chuva de balas. E a sensação é de que fui destruída junto.

Depois que a doutora Nilsson vai embora, volto a me afundar no sofá. A grandiosidade deste quarto enorme parece me assombrar, porque é tão lindo quanto vazio. Estou sozinha de formas que jamais imaginei que estaria novamente, porque eu acreditava que mesmo quando Paul não estava comigo, ele era sempre uma parte de mim.

Mas vou ter que seguir em frente em breve. Não importa o quão insegura eu esteja a respeito de Paul neste momento, eu nunca, nunca vou abandoná-lo nas mãos de Conley. Sim, Theo foi encontrá-lo no escritório do Triadverso. A esta altura, ele já deve ter dado ao Theo as coordenadas da dimensão onde o quarto e último fragmento está escondido. Fiz o trabalho sujo de Conley, mas duvido que ele deixe por isso mesmo. Ele colocaria Paul em perigo novamente, se fosse preciso, para me tirar deste universo e me colocar de volta sob o seu controle. Então não posso continuar em Paris por muito mais tempo.

O que preciso fazer agora é pensar no que vem pela frente.

Meus devaneios são interrompidos quando a criada traz minha bandeja de almoço. Ela sorri para mim enquanto a coloca na mesa de jantar, que é tão decorada e com cadeiras combinando que parecem mais um local onde alguém se sentaria para escrever a Constituição do que um lugar para fazer uma refeição. Eu me sento à mesa com a mesma elegância que me sentei no Palácio de Inverno, então, a ilusão da realeza está completa... até que levanto a tampa de prata que tapava a bandeja.

O que me espera não é nada diferente do normal: algum caldo de peixe, acho, com legumes. Mas, por alguma razão, o odor do peixe parece um soco no estômago. Nunca senti o cheiro de algo tão nojento, que parece entrar nas minhas narinas e nos meus pulmões como se fosse um veneno. Tudo dentro de mim se contorce.

Meu estômago se revira, e a náusea passa de figurativa a literal.

— Vou vomitar — digo.

A criada recua um passo enquanto empurro a cadeira para trás e corro para o banheiro mais próximo. Chego a tempo de vomitar na pia. O cheiro do meu vômito me deixa enjoada de novo. E o banheiro tem cheiro de desinfetante, o sabonete perfumado, por alguma razão, parece repulsivo... insuportáveis. Me sentindo fraca, saio do banheiro e a criada me leva de volta ao quarto.

— Vou deixar seu almoço tapado. Se quiser tentar mais tarde, toque o sino — diz ela enquanto sai da suíte e fecha a porta.

Eu me deito na cama, cansada demais até para sofrer.

Seria bom se depois de tudo o que fiz a grande duquesa passar, ainda passasse uma virose para ela. Gemendo, me contorço na cama, e sinto meus seios doerem.

Arregalo os olhos.

A grande duquesa engordou. Mamãe e eu temos o mesmo problema: nós *nunca* engordamos. E nem venham com aquele papo de *ai, meu Deus, isso não é um problema de verdade, coma um sanduíche*. É fácil falar quando você não tem um metabolismo maluco. Meu corpo queima calorias demais com muita rapidez.

Mas aqui estou em um corpo visivelmente mais pesado. Parte deste peso está nos meus seios, que parecem ter aumentado um número. Meu olfato está muito sensível e estou vomitando por qualquer coisa.

Três meses depois de dormir com o tenente Markov.

Ai, meu Deus. Estou grávida.



Não posso estar grávida. Não é possível.

Eu me sento na cama, com as mãos na cabeça, tentando me convencer do contrário. *Pode ser TPM. Isso explicaria os seios, a barriga pode ser inchaço.* Mas meu corpo nunca reagiu à TPM dessa maneira. Em geral, só começo a chorar compulsivamente por qualquer coisa. *Pode ser uma virose qualquer. Isso explicaria o vômito.* Mas as pessoas não costumam engordar quando estão com uma virose, certo?

Todas as minhas negativas falham. A verdade é inegável em um nível que vai além da lógica ou mesmo da emoção. Meu corpo está me dizendo algo que ultrapassa qualquer coisa que meu cérebro poderia dizer. Estou grávida. De verdade.

Lentamente, baixo a mão para a barriga. Não, não parece ainda que tenho qualquer barriga de grávida, mas o peso que ganhei tem uma... solidez. Uma firmeza que a gordura não tem. Não sinto um bebê se mexendo, mas talvez ninguém sinta a essa altura.

Será que as pessoas sabem que estou grávida? Não, não podem saber. A doutora Nilsson teria me perguntado sobre o bebê, sobre como me sinto em relação a isso. E o czar? Estremeço só de pensar. Ele provavelmente teria me trancado num convento, ou quem sabe em uma cela na prisão.

Estou apavorada porque *este corpo não é meu*. Eu fiz isso com a grande duquesa Margarita. Tomei a decisão, dormi com Paul, e agora...

Como fui presunçosa ao dizer para Theo que tentamos sempre fazer o que é certo nas dimensões que visitamos! Estou de saco cheio disso tudo. Tirei muito mais que a primeira

e única noite desta Marguerite com o homem que ela amava; tirei as escolhas dela.

Por pior que pudesse ser estar grávida aos dezoito anos, para a grande duquesa parece dez vezes pior. Esta sociedade ainda acredita na virgindade antes do casamento... para as mulheres, pelo menos, porque existe toda aquela hipocrisia do século XIX combinada com a tecnologia atrasada. E o czar queria que eu me casasse com o Príncipe de Gales! Eu diria que aparecer com uma criança não legítima não faz parte do acordo.

Já a coloquei em perigo, sussurrou o tenente Markov no meu ouvido naquela noite, deitado comigo na cama. Ele entendia essa sociedade, sabia dos riscos. E tinha o bom senso de temer as consequências.

Já eu? Fui inconsequente. E agora o multiverso está cobrando.

Eu me jogo na cama de novo e fecho os olhos com força para conter as lágrimas. O remorso é forte demais para chorar. Não há nada que eu possa fazer para ajudá-la. *Nada*. Tenho que supor que ela não quer interromper a gravidez, ou já teria feito isso, se pudesse.

Deve ser por esse motivo que a grande duquesa está em Paris. Ela sabia que estava em apuros e então fugiu para o outro lado da Europa. Precisava sair da Rússia, obviamente, antes que a barriga começasse a aparecer. Antes que o czar ou outro nobre da corte descobrisse a verdade. Assim que o rei da Inglaterra ficasse sabendo que a grande duquesa não estava exatamente sã, o noivado poderia ser cancelado antes que soubessem da verdade, e eu ganharia tempo.

Parece que a grande duquesa é mais esperta que eu.

Coloco de novo a mão na barriga, tentando ainda me convencer de que tem um bebê de verdade ali. Um bebê de *Paul*. Meu e de Paul. Nosso.

Na noite em que meus pais foram péssimos exemplos para nós dois e ficaram falando sobre bebês para a gente, minha mãe acabou dizendo que a razão pela qual não devíamos ter um filho ainda não tinha nada a ver com nossa educação ou com nossas carreiras, por mais importantes que essas coisas sejam. Ela disse: *Quando você tem um filho com alguém, fica preso a essa pessoa para sempre. Isso pode ser lindo e milagroso, mas também pode ser um fardo: saber que sua vida vai estar para sempre ligada à outra. Isso muda o relacionamento de maneiras que não consigo nem começar a explicar.*

Antes de dar esse passo com alguém, você precisa estar preparada para aceitar o fim da vida que vocês dois levavam e ter fé de que a vida que vão criar a partir dali pode ser ainda melhor.

Não existe “a partir dali” para a grande duquesa e o tenente Markov. Aquela noite na *dacha* foi tudo que eles puderam ter.

Ainda me lembro de como ele me abraçou e sussurrou no meu ouvido, me chamando de pombinha. Ainda que aquele Paul tenha morrido, alguma coisa dele continua viva. Ele vai ter um filho ou filha, alguém que pode ter os mesmos olhos acinzentados e o coração bom. Quando me imagino segurando esse bebê nos braços, eu sei, sem sombra de dúvida, que a grande duquesa quer esse filho.

Mas também sei de uma coisa que ela não sabe: que Paul Markov é mais que o tenente tímido e devoto por quem me apaixonei em São Petersburgo. Ele pode ser frio, cruel. Pode ser um assassino.

No trem para Moscou, quando a revolta começou, o tenente Markov atirou em um guarda que teria matado Katya e eu. Desde então, sempre pensei nessa cena como prova de como ele é protetor e de como ele faria qualquer coisa para me manter em segurança. Então lembro que ele nem mesmo olhou para o homem que deixou sangrando no chão até morrer. Nem olhou para baixo.

A tarde passa como que em um transe. Parece que só me mexo na cama depois de horas, e só faço isso quando percebo que fico mais enjoada quando não como do que o contrário. Tudo que penso em fazer, mesmo que seja algo idiota como me sentar perto da janela para observar a Place Vendôme, parece que pode piorar como me sinto. É ridículo, eu sei. Olhar para a cidade pela janela é obviamente menos arriscado que fazer sexo sem proteção. Mas depois da merda que eu fiz, não confio mais em mim mesma. A culpa me paralisa.

Enquanto o sol pálido começa a desaparecer no horizonte, a criada chega para me preparar para “o jantar”. Eu me lembro da minha agenda de compromissos: o jantar hoje é na casa de alguém chamado Maxim. Queria poder pedir para a criada ir embora, me enfiar de novo debaixo do dossel de seda e tentar me desligar da realidade, essa realidade que eu criei para a grande duquesa.

Mas já ferrei com os planos de vida dela. Acho que o mínimo que posso fazer é respeitar sua agenda.

Obedeço às instruções da criada. Ainda que ela não seja como os criados que tive em São Petersburgo, possui o dom de melhorar tudo o que tenho de bom. Meus cabelos cacheados estão domados em um penteado enfeitado com pequenos pentes de ouro esmaltados com lótus azuis que lembram vagamente o estilo egípcio. O vestido que ela me dá é azul mais escuro, bordado com pedras, e ainda que fiquem lindas no meu colo mais volumoso agora, elas caem logo depois, soltas ao longo do corpo. Nem mesmo um observador muito detalhista notaria a saliência no meio, por dentro da roupa.

Observo a criada com cuidado, tentando ver se os olhos dela vão passar pela minha barriga. Tentando entender se ela sabe. Se sabe, é esperta o suficiente para não deixar

transparecer.

Ela não é uma das mulheres que me servia em São Petersburgo, lembro a mim mesma. Não sei há quanto tempo estou em Paris, mas tenho quase certeza de que não sairia de lá antes de saber ao certo da gravidez, então talvez esteja aqui há umas quatro ou seis semanas. *A criada não sabe que meu corpo está diferente.*

Isso me dá algum tempo para pensar, mas quanto tempo? No máximo mais um mês...

Para as joias do dia, a criada escolhe brincos pesados de tarraxa com pérolas negras e um anel de rubi tão grande que quase esconde minha mão inteira. (O Firebird continua no meu pescoço, não muito escondido por baixo da gola transparente do vestido, mas a criada não nota.) Então ela coloca sapatilhas escuras nos meus pés, uma bolsinha bordada com pedras nas minhas mãos e uma estola de veludo vermelho com pele negra nos meus ombros.

Pelo que me disseram, o nome da suíte em que estou é “suíte imperial”, ainda que o resto do Ritz seja quase tão chique quanto estes quartos. Tapete vermelho, tetos dourados. O esplendor não chega a ser como o do Palácio de Inverno, mas se aproxima.

As portas que separam minha área do hotel do resto se abrem e vejo dois homens grandes e sérios vestidos de preto. Imediatamente, entendo que são minha guarda pessoal. Eu me lembro do tenente Markov, sempre na porta, sempre me protegendo, os olhos acinzentados sempre procurando pelos meus quando ousávamos olhar um para o outro.

— Sua Alteza Imperial? — diz um dos guardas. — Não está se sentindo bem?

Parei por um instante e coloquei a mão no coração. Por dentro da gola bordada, sinto meu Firebird.

— Estou ótima, obrigada. Podemos ir.

Eles me escoltam por um corredor que mostra só um pouco da recepção luxuosa, mas vejo mulheres tão bem vestidas quanto eu, homens de smoking e algumas cartolas. Enquanto passo, escuto as pessoas sussurrando ao meu redor. Se a tecnologia desta dimensão tivesse se desenvolvido tão rapidamente quanto a nossa, teria paparazzi por todos os lados. Preciso manter uma expressão neutra e agradável o tempo todo, ainda que, por dentro, esteja com vontade de chorar.

O carro é um conversível baixo com estribo móvel e capota clara, aquele modelo que eles usam em *Downton Abbey*. Em um estado de dormência, me encosto no banco e admiro esta versão completamente nova de Paris. Alguns carros ainda são puxados por cavalos, a maioria trazendo produtos de agricultura do interior. Vejo um que carrega aquelas antigas latas enormes de leite, outro que tem enormes rodas com queijo dentro. As

lojas são menores e mais escuras, uma muito diferente da outra, com placas pintadas à mão anunciando seus produtos.

A maioria das pessoas que vejo nas ruas não está vestida de forma tão elegante quanto as hospedadas no Ritz, mas, se comparadas à moda da minha dimensão, todo mundo parece muito mais formal. Todos os homens usam algum tipo de paletó e gravata, mesmo os que estão nos bares com os amigos. Todas as mulheres estão de saia longa, a maioria com chapéus combinando. Ninguém come ou bebe nada enquanto anda, e, em vez de celulares ou sacolas, carregam bengalas ou leques.

Deduzo que o carro vai parar na frente de alguma mansão ou algum prédio chique, onde o tal Maxim mora. Mas, em vez disso, estacionamos diante de uma placa de neon enorme, em cima do que parece ser o maior e mais agitado restaurante da cidade: o Maxim's.

— Sua Alteza Imperial! Seja bem-vinda. — O homem de smoking deve ser o *maître'd* ou o dono. Quem quer que seja, ele parece muito feliz em me ver. O que é compreensível: ter uma princesa russa como cliente recorrente deve ser muito bom para os negócios. — Sua sala privativa está pronta.

— Obrigada — digo, aliviada, mas tentando esconder que me sinto assim.

Não sei quem vou encontrar aqui, mas em uma sala privativa, não tenho como errar, e qualquer deslize vai parecer menos grave se não tiver muita gente olhando. De qualquer maneira, os aromas deliciosos de carne e pão me deixam salivando. Minha náusea de hoje cedo deu lugar a uma fome sem precedentes.

O Maxim's, quem diria, é um restaurante quase tão suntuoso quanto o Ritz. Os enormes espelhos ovais têm molduras que parecem ter sido esculpidas à mão. A madeira que adorna os cantos das paredes brilha em tons de marrom e dourado como cascos de tartaruga. A luz vem de lustres em forma de flor pendurados em anjos de bronze ou do mural de vidro enorme acima de nós. Os outros clientes são uma mistura de pele, cetim, joias e luzes de velas.

As portas se abrem e vejo uma sala de jantar íntima, repleta de estantes de livros e uma *chaise longue*. Em uma das extremidades da mesa, se levantando para me receber, está a última pessoa que eu esperava encontrar.

— Sua Alteza Imperial — diz Theo. — Estou encantado em revê-la.

O fluxo de atividades que se seguem a essa cena (aceitar pratos do cardápio, falar com uma equipe de garçons) me dá um pouco de tempo para absorver a situação. Depois de deixar Theo em Nova York todo machucado e sangrando, vê-lo aqui, vivo e inteiro, me deixa emocionada. Mas ele não é exatamente o Theo que conheço.

Está usando um terno preto, mais justo que o da maioria dos homens que vi por aqui, um estilo meio *avant-garde*, eu diria. Seu bigode e cavanhaque que me dão vontade de rir. O cabelo está penteado para trás com algum tipo de óleo, ou pomada, ou o que quer que os homens usassem antes do gel. Ele fala francês com os garçons, mas inglês comigo, com um leve sotaque holandês. Eu já tinha reparado em como minha voz muda dependendo do sotaque, mas ouvir outra pessoa fazendo isso é ainda mais esquisito.

Mas o jeito que ele sorri, a simpatia com que entrega a carta de vinhos de volta ao garçom e até mesmo a pontinha de uma echarpe vermelha que dá para ver por dentro do terno me soam muito familiar.

Eu sabia que Theo morava em Paris. Não me esqueci das cartas que ele mandou enquanto eu estava em São Petersburgo, falando sobre o Moulin Rouge. Mas nem pensei em pesquisar sobre ele, porque não faço ideia de como eles se conhecem. Não é como se as nossas versões do Russiaverso tivessem alguma coisa em comum. Theo é um estudante dedicado de química; eu sou membro da realeza e moro do outro lado do continente.

Juntos, nós lutamos contra o crime, penso, e minha piadinha infame me faz rir. Abafo a risada com um lenço, tentando dar a entender que tossi.

— Sua Alteza Imperial? — chama Theo, assim que os garçons saem, fechando as portas. Ainda que meus guardas estejam logo ali, neste momento estamos a sós. — Está tudo bem?

— Muito bem, obrigada. — Como explicar? — Eu apenas... tenho estado muito desligada esses dias e esqueci completamente o que planejamos conversar hoje...

Ele arregala os olhos.

— A amnésia atacou novamente?

— Amnésia?

Theo assente, como se soubesse que preciso ir com mais calma. Sua voz é paciente.

— Tive uma em dezembro. Foi por volta da época em que lhe escrevi, fingindo conhecê-la. Você me escreveu de volta em janeiro com aquela teoria intrigante das várias versões de nós mesmos que se conheciam e dos mundos paralelos...

Ela se lembrava de tudo.

— Mundos paralelos — repito.

— Se sua teoria estiver correta — diz ele —, foi esse meu eu paralelo que controlou meu corpo em dezembro, agindo em meu lugar. Você não se lembra de nada disso?

Ele se ajeita na cadeira, o sorriso sumindo. Adivinhou a verdade, então a única maneira de manter a confiança dele é admitir.

— Na verdade, eu venho de um desses... mundos paralelos — digo. — Não tenho intenção de machucar ninguém, nem a grande duquesa nem nenhuma pessoa.

Exceto Wyatt Conley. Mas ele não conta.

Theo não sabe o que fazer com a informação, o que é compreensível. Depois de alguns instantes, ele diz:

— Você poderia me explicar os princípios disso?

Assim como no meu universo, ele é hipster por fora, mas nerd por dentro.

— Não sei se consigo, mas posso tentar. — Não sei exatamente o que dizer. — Por que a grande duquesa entrou em contato com você?

— Para saber se minhas impressões sobre os eventos de dezembro eram as mesmas que as dela. Ela não teve a mesma amnésia que eu, mas, por mais forçadas que parecessem as explicações dela, decidi acreditar.

Em outras palavras: ela queria confirmar que não estava louca. As cartas que troquei com Theo em dezembro eram a única prova de que os mundos paralelos não eram uma ilusão dela. A empolgação deixou Theo ainda mais parecido com o cara que conheço.

— Você, por acaso, tem um destes dispositivos milagrosos aí? — pergunta ele.

— Um Firebird. — Coloco a mão na corrente. Ele leva alguns instantes para conseguir se concentrar no material vindo de outra dimensão, mas sua expressão muda completamente quando ele vê. — Sempre que precisar saber se alguém veio de outra dimensão, procure pelo Firebird. Quase sempre vão ter um no pescoço.

Coloco a mão no pescoço dele, como se mostrasse onde fica. Para minha surpresa, vejo que ele também tem uma corrente ali.

— Sua Alteza Imperial? — diz ele, ainda sem se dar conta de que tem algo pendurado no próprio pescoço.

Puxo o Firebird dele, digito a combinação do lembrete e...

— Aaaaaai! — Theo se joga para trás e olha em volta. — Uou! Ok, não sei onde estamos, mas estou gostando.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, irritada. — Já foi falar com Conley?

— É bom ver você também! — Quando olho brava para ele, Theo suspira. — Não, eu não segui as coordenadas que você me deu. Resolvi vir atrás de você.

— A gente tinha que ir atrás dele depois de acabar!

— E nós vamos. Ele nunca disse que não podíamos fazer uma paradinha antes.

A frustração me consome e eu esmago o lenço que está na minha mão.

— E se Conley achar que estamos fugindo dele? Pode fragmentar Paul em mais quatro pedaços! — Ou em mais sei lá quantos. Quatro dúzias. Quatro milhões. E nunca vou

recuperá-lo.

— Ei — responde ele, de forma seca. — Ele está atrás de você. O trem não se move sem você a bordo. Além disso, até onde ele sabe, temos sido soldados exemplares. Não vai quebrar o acordo, por enquanto.

Ele não sabe disso. Ainda assim, me parece que tem razão... até o momento. Conley não vai aceitar um atraso muito grande.

— Você entende por que vim para esta dimensão?

Ele assente, mas fica sério de repente.

— Sim. Você precisava colocar a cabeça no lugar. Aquilo que aconteceu em Nova York... foi intenso.

— Mais para você do que para mim.

— Vamos guardar o Prêmio de Mais Traumatizado para depois, ok? Você queria descansar em algum lugar... luxuoso, pelo visto. Onde você estaria segura.

— Você acha que vim para cá porque aqui sou da realeza?

Ele abre os braços como se indicasse as coisas à nossa volta. Os lustres de cristal. As pinturas nas paredes. Como quem diz *estou falando besteira*? Mas logo acrescenta:

— E você precisava estar em segurança, certo? Senão seria triste demais para você, lembrar... você sabe. Do outro Paul.

Ele realmente não entende.

— Theo, vim para esta dimensão porque é a única que conheço que não tem Paul. Não consigo nem pensar em olhar para ele, depois do que fez com você.

Theo semicerra os olhos e coloca a mão no joelho.

— Isso foi realmente complicado. Mas você sabe que não foi o *nosso* Paul quem atirou em mim.

— As versões de nós mesmos... são muito mais parecidas do que diferentes entre si. Você não entende?

— Então está me dizendo que, se um Paul fez algo de errado comigo, eu deveria odiar todas as versões dele daqui em diante?

— Não foi isso que eu quis dizer.

As lâmpadas a gás nas paredes parecem cada vez mais fracas. Em vez de aparentarem luxo, as paredes ornadas e o enorme lustre começam a me deixar claustrofóbica. Uma gaiola de ouro não passa de uma gaiola.

Lentamente, digo:

— Theo, na primeira vez em que eu vim para este mundo... Foi aqui que comecei a acreditar que, não importa o quão diferentes a gente seja em cada dimensão, tem alguma

coisa que é sempre igual. Você pode chamar de alma eterna, de espírito, do que quiser. Mas é a coisa mais importante a nosso respeito, é a constante. Essa é a parte que nunca muda.

— A alma — fala ele, em um tom que já ouvi meus pais usarem, que significa *isso não é ciência*.

Às vezes, ele só consegue pensar que a única coisa que importa são os fatos, duros, empíricos. O que é uma palhaçada.

— Sim — respondo. — A alma. E achei que conhecia a alma de Paul melhor que a minha. Mas quando ele atirou em você, entendi que de certa forma não o conheço. Vi o lado mais obscuro dentro dele. E continuo amando ele, o que me assusta ainda mais. Mas não sei o que fazer nem o que pensar...

Engulo em seco e começo a sentir as lágrimas surgindo. *Hormônios da gravidez*, penso.

Theo nem sabe do bebê ainda.

Olho para ele esperando consolo, mas recuo, porque ele parece *furioso*.

— Uma alma eterna — sussurra ele. O volume baixo da sua voz me assusta, e acho que é essa a intenção dele. — Apenas um eu em todas as dimensões desse multiverso, e todos nós temos que responder pelos pecados dos outros. O que significa que, para você, vou sempre ser o Theo que ajudou a sequestrar seu pai e culpar Paul por assassinato. O Theo que te traiu. Quando você me olha, é isso que você vê.

Quero dizer: *Não, não é verdade*. Mas não consigo. Até hoje, quando olho para Theo, sinto uma sombra de dúvida.

Só agora entendi que fui eu que trai Theo. Ao me recusar a vê-lo pelo que ele é, a respeitar as escolhas que ele fez e a lealdade que mostrou ter, estou traindo ele neste minuto.

— Aquele Paul não é nosso Paul — diz ele. Está tão puto agora que parece olhar através de mim, com um desprezo tão forte que ele mal me nota. — Assim como não sou aquele Theo. Ele nunca me culpou por algo que um Theo completamente diferente fez com ele, e não o culpo pelo que ele fez comigo em NY. Porra, Marguerite, quem levou o tiro fui eu! Se consigo deixar isso para trás, por que você não?

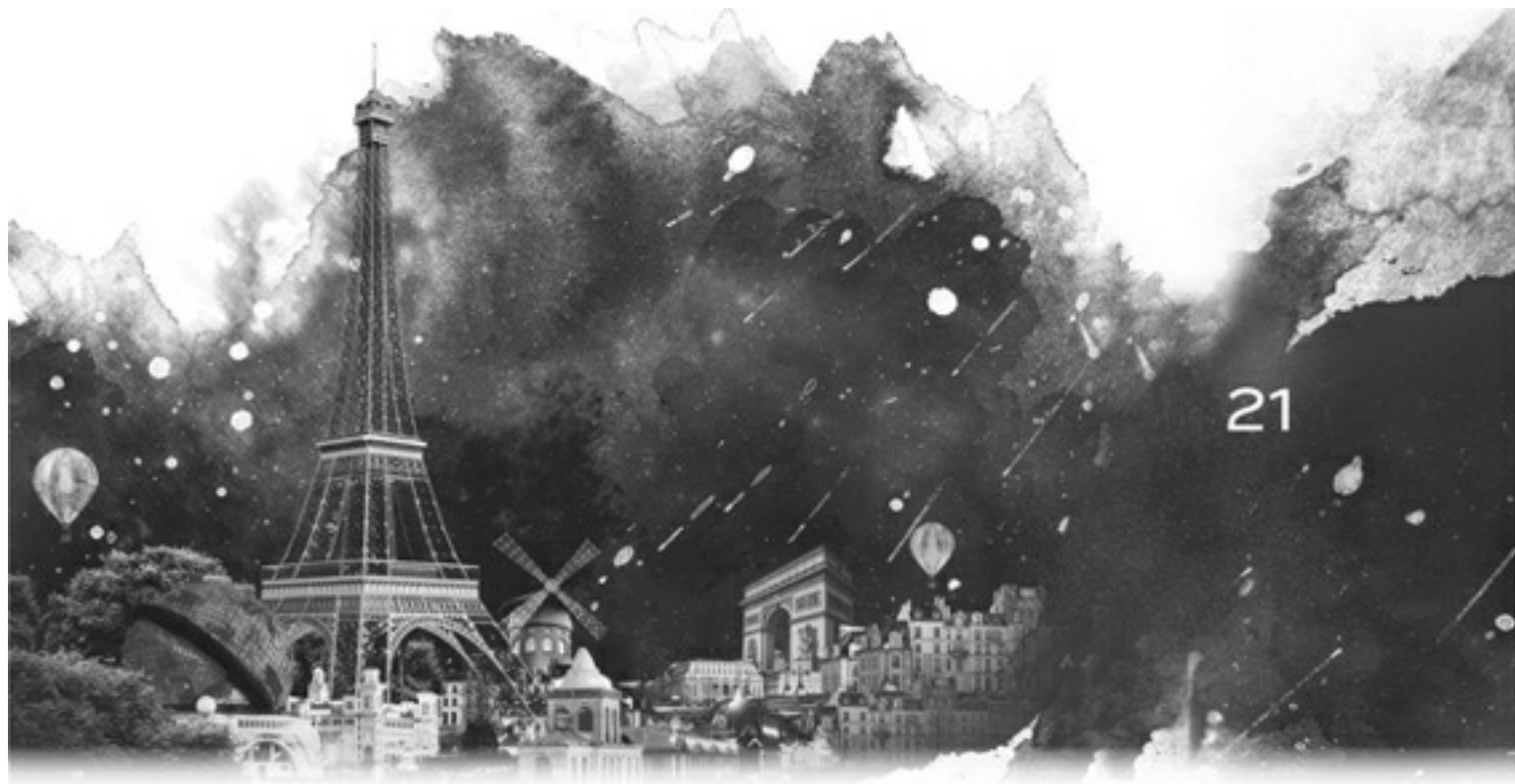
Ele se levanta e empurra a cadeira com força para debaixo da mesa. Parece que a grande duquesa vai jantar sozinha.

— Acredite no que quiser — diz ele. — Duvide de mim, de Paul, se esconda nessa Paris de fim de século, se isso fizer você se sentir melhor. Mas se você não quer salvar Paul, sinto muito. Eu quero.

E ele sai da nossa sala de jantar.

Estou sozinha com a luz fraca do gás. Perdi Paul três vezes seguidas: quando o tenente Markov morreu nesta dimensão, quando Conley fragmentou a alma dele e quando vi Paul atirar em Theo. E agora perdi Theo.

Nunca, em nenhum mundo, me senti tão sozinha.



Quando o sol nasceu no dia seguinte, eu não tinha dormido mais que algumas horas. Meu corpo é só exaustão, e as olheiras estão evidentes.

Em parte, isso se deve à gravidez. Ou pelo menos acho que é por isso que preciso fazer xixi a cada duas horas.

Sempre achei que os bebês só mantivessem a gente acordada depois de nascerem.

Mas a maior parte da minha insônia, sem dúvida, vem da culpa. As muitas razões para esta culpa ainda fervem na minha cabeça, quentes, agitadas, e toda vez que consigo aceitar uma delas e deixar de lado, outra aparece para ocupar o lugar.

A grande duquesa engravidou por minha causa. É a pior coisa que já fiz na vida. Espero que seja a última coisa horrível que vou fazer. O que mais pode acontecer de ruim?

Theo acha que passei os últimos três meses odiando ele. Eu jamais poderia odiar Theo. Nem mesmo depois de tudo que ele me fez passar, com suas mentiras, a maneira que armou para minha família e para Paul, ou como ele se aproximou de mim, flertando comigo, roçando em mim e me chamando de “Meg” (hoje em dia, só de pensar nesse apelido fico arrepiada). Depois dos últimos dias, entendi mais que nunca tudo que Theo fez por mim, e quanto mais ele estaria disposto a fazer. Como é possível que eu tenha duvidado tanto por causa de uma coisa que aconteceu com ele? Foi a principal vítima do Theo do Triadverso; não eu, não minha mãe, nem mesmo meu pai sequestrado.

Theo e eu não fomos até o escritório de Conley. Ele deve estar pensando que desisti de Paul. Mas não desisti, jamais desistiria. Ainda que eu não saiba ainda como vou fazer para

ficar com ele, quero levá-lo para casa.

Estou deixando as ações de outro Paul atrapalharem minhas emoções em relação ao meu Paul, o Paul que eu amo. Depois da bronca de Theo na noite passada, consigo entender como fui cruel e injusta. Mas meu coração se lembra da frieza homicida nos olhos de Paul quando ele atirou em Theo diversas vezes seguidas.

Depois do que parece o longo nascer de um sol pálido, finalmente aceito que não vou conseguir dormir. Eu me enrolo no robe de veludo e saio andando pela suíte imperial, pensando em como passar o tempo. As estantes têm muitos livros, claro, livros de história, enciclopédias desta dimensão, livros que iam deixar meus pais fascinados. Dentro dos quais eu ia gostar de escrever comentários, mas não posso, não com minha cabeça perdida desse jeito.

Sem TV ou computador, obviamente. A vida antes do Wi-Fi não é fácil.

Por fim, olho para o caderno e os lápis. Evitei abrir este caderno, porque tenho quase certeza de que o tenente Markov vai estar em alguma dessas páginas. Não estou pronta para ver o rosto dele me olhando, não ainda. Mas aí me lembro dele me entregando a caixa de lápis pastel... A luz nos seus olhos quando viu que eu tinha amado o presente de Natal. Com certeza eu podia fazer um desenho com aqueles lápis.... só um.

Pego o caderno determinada a passar as páginas rapidamente até encontrar uma em branco para não precisar ver nada. Mas, assim que tiro o caderno da mesa, alguns papéis dobrados caem no chão. Enquanto me abaixo para pegá-los, vejo que muitos são cartas.

Se eu ler essas cartas, estarei violando a privacidade da grande duquesa? Considerando que estou andando por aí no corpo dela, o qual, diga-se de passagem, eu também *engravidiei*, acho que ler cartas não parece grave. Além disso, talvez as cartas possam me dizer um pouco do que ela está planejando, do que pretende fazer da vida.

A primeira que abro, escrita em caneta tinteiro borrada, é da Katya, minha irmã mais nova mimada que pode ter salvado minha vida durante a rebelião ao atacar um soldado inimigo duas vezes maior que ela:

Eu te pedi para não ficar falando para as pessoas sobre esse papo de “mundos paralelos”, mas você nunca me escuta. Diga a eles que você inventou essa história para poder voltar logo para casa! Papai diz que não posso mais ir aos bailes enquanto você estiver aí se tratando com a doutora francesa, e não aguento mais ficar em casa toda noite! Você pode voltar pelo menos para o Tsarskoye Selo, no verão? Você sempre gostou desse...

Sorrio, com carinho. Katya está com saudades de mim, por mais que não admita. Estou com saudades dela também.

Mas... o verão. Faço o que a outra Marguerite deve ter feito da primeira vez que leu isso, contando as semanas e os meses até o fim de setembro. Como vou esconder essa gravidez por tanto tempo?

Se eu pudesse resolver esses problemas para ela, faria isso! Mas não posso. Acho que ninguém pode.

A carta seguinte é um pouco mais reconfortante. É do pequeno Peter, meu outro irmão.

Margarita, queria que você estivesse aqui. Estou estudando muito e o Professor Caine está me ajudando a desenhar o mapa da África. Papai tem uma pele de leão que ele trouxe de quando era mais novo e foi caçar na África, mas acho que foi cruel matar o leão só para tirar a pele. Se um dia eu for à África, vou tirar fotografias de todos os animais, porque assim eles podem continuar felizes e ainda vou poder olhar para eles para sempre. Além disso, a pele do leão está bem fedida. Por favor, volte logo. Te amo.

Rio quando penso na carinha fofa do Peter escrevendo essa carta, se esforçando em cada palavra. Ele é tão pequeno para sua idade! Ou era, talvez tenha crescido desde então.

Pego a próxima carta, aliviada e grata por reconhecer a letra do meu pai. A carta, é claro, é assinada pelo meu “tutor” Henry Caine.

Sua Alteza Imperial,

Fico feliz em saber que seu tempo passado em Paris tem sido benéfico, como discutimos. Ainda que o czar tenha expressado impaciência, venho me esforçando em convencê-lo de que a psicoterapia tem valor médico genuíno, e que sua convalescência não pode ser apressada.

Como imaginamos, o rei da Inglaterra parece ter voltado suas atenções para a princesa da Romênia como esposa de seu filho. O czar não está feliz com isso, mas sua saúde deve ser colocada em primeiro lugar. Além disso, agora que Vladimir está cortejando a princesa da Polônia, desconfio que o czar fique satisfeito com as possibilidades de casamento atuais.

Tenho de admitir que simpatizo com sua pressa em ter um neto.

Por favor, descanse e cuide da sua saúde. Me mande notícias de como está se sentindo e se precisa de alguma coisa. Posso enviar o que você precisar.

Essa carta diz muito mais do que aparenta.

Se a Marguerite deste mundo se lembra da noite dela com Paul, isso significa que também lembra da verdade sobre os pais dela, que foi o resultado de um caso breve e clandestino entre a última czarina, minha mãe, e meu tutor real, Henry Caine. Ela manteve o segredo e, com os anos, ela e meu pai construíram uma relação.

A grande duquesa Margarita finalmente tem um pai que a ama. Eu me prendo a isso, a única coisa boa que fiz para ela depois de tirar tanto.

Meu pai claramente sabe da gravidez. *Um neto*, escreveu ele. Provavelmente ajudou a planejar essa viagem para afastar a grande duquesa do czar por um tempo.

Mas se meu pai tiver alguma ideia do que pode acontecer em seguida, ele não colocou nada nesta carta.

Saber notícias da Katya e do Peter aquecem meu coração bem mais do que eu poderia imaginar. Senti falta deles desde que saí do Russiaverso, o que foi uma coisa que ninguém nunca entendeu. *Você ficou um mês com eles!*, disse Josie certa vez, irritada. *Eles não são seus irmãos como eu sou. Se liga!*

Eles não são, mas são. Existe algum tipo de mágica em se ver refletida em uma pessoa completamente nova. Quando você está ligado a alguém, muitas vezes se flagra fazendo uma conexão que vai além da lógica. Não me apaixonei apenas pelo Paul na Rússia; de muitas maneiras, me apaixonei pela minha família de lá também. Por todos eles.

Olho mais uma vez para as cartas espalhadas, procurando por alguma que seja do meu irmão mais velho, Vladimir, o herdeiro do trono. Fico arrasada quando percebo que não tem nenhuma.

Ele certamente me escreveria. *Certamente*. A bondade de Vladimir deve ter sido a primeira coisa que reparei nele. Sempre que eu desejava ter um irmão mais velho protetor e amoroso, em vez da irmã mais velha que nunca me deixava usar o skate dela, eu imaginava alguém exatamente como Vladimir. E esta Marguerite é muito próxima do irmão, isso ficou óbvio desde o início.

Eles são tão próximos que ela com certeza contaria a ele sobre a gravidez.

E ele não disse nada.

Vladimir não parece do tipo *A letra escarlate*, mas preciso me lembrar de que estamos em um mundo diferente. A moralidade das pessoas daqui é a mesma de um século atrás, quando achavam que ser racista não tinha problema, mas não surtavam ao pensar em sexo

antes do casamento. Será que ele a odeia por isso? Mesmo que não odeie, pode ser que Vladimir sinta que teve de cortá-la de sua vida, talvez para sempre.

Será que fiz essa Marguerite perder o irmão também?

Ao longo do dia, continuo esperando um telefonema de Theo; não literalmente, pois a suíte imperial do Ritz não tem telefone, mas algum recado dado pelo hotel. Verifico a agenda de compromissos, esperando ver mais reservas em restaurantes, mas só tem mais uma coisa anotada, para amanhã: *Notícias da prima Karin*. Por mais que eu procure nas minhas lembranças, não consigo recordar ter escrito nada para nenhuma “Karin” quando estava aqui, em dezembro; por outro lado, sou em tese parente de metade das famílias reais da Europa, então ela pode ser qualquer pessoa.

Nenhuma linha me diz quando ou se vou ver Theo novamente.

Será que posso pedir para os meus guardas rastrearem o químico Theo Beck? Talvez. Mas não sei o quanto eles sabem sobre as amizades da grande duquesa com o Theo deste mundo, ou se eles têm que reportar tudo ao czar... Preciso ser discreta, o máximo possível. Se ao menos eu fizesse alguma ideia de onde ele pode estar, ou quando...

Neste momento, me dou conta: eu sei. Na verdade, acho que conseguiria descobrir isso sozinha, mas o próprio Theo me contou, em uma das cartas de dezembro.

Então, quando anoitece, janto um pouco mais cedo no meu quarto e peço para a criada me arrumar para sair (desta vez, um vestido de veludo vermelho, com mangas de quimono, um bordado dourado sutil na gola e uma bainha de pele negra). E, em seguida, peço para chamarem meu carro.

— Para onde, sua Alteza Imperial? — pergunta o chofer.

— Para o Moulin Rouge. — Fico emocionada em dizer.

Ao chegarmos lá, nem sei o que olhar primeiro: o moinho vermelho brilhante, a mistura dos *hoi polloi* com os boêmios nas portas ou, ainda, puxa vida, a estátua enorme de um elefante com um pagode hindu nas costas. Sempre achei que aquilo tinha sido inventado para o filme. Parece que não.

Entro e vejo pistas de que não apenas voltei no tempo. Encontro muitas pessoas de etnias diferentes (negros, asiáticos, indianos) e, ainda que alguns obviamente sejam funcionários, muitos são clientes que parecem muito bem de vida. Aposto que isso não era assim na minha dimensão. Pontos para este universo por não ser tão racista. Além disso, tem um pôster na parede, em *art nouveau*, com uma mulher de pele escura usando um vestido dourado que brilha com milhares de luzes; os cachos dos cabelos dela giram em curvas que lembram as cobras da Medusa. O nome dela, escrito no alto do pôster com letra elaborada, é *Beyoncé*. Na parte de baixo estão as datas das próximas apresentações.

De maneira geral, no entanto, a cena lembra os antigos bacanais. A casa é enorme, e centenas de pessoas estão dançando no piso de madeira ou curtindo das varandas. Uma orquestra completa entra no palco para um número que, depois de algum tempo, reconheço como uma música da Taylor Swift, que aparentemente, neste universo, escreve músicas para o *cancan*.

Meus guardas não parecem felizes de terem que me trazer para um lugar tão libidinoso, mas pelo menos um deles encontrou a pessoa responsável pelo lugar. Eu o cumprimento educadamente quando ele vem me dar as boas-vindas, e então pergunto:

— Poderia me levar até o sr. Theo Beck, o químico? Sei que ele vem muito aqui. Será que estaria aqui esta noite?

— Mas é claro! Por favor, me acompanhe até o *Jardin de Paris*.

É o pátio externo do Moulin Rouge. Um elefante toma conta do cenário enquanto dançarinas de saia de franja se apresentam em um palco a céu aberto, com penas coloridas na cabeça. Todo mundo em volta está comendo, bebendo, dançando, fumando cigarros, fumando coisas que parecem não cigarros...

Sentado na extremidade da última mesa, com garrafas e um copo como companhia, está Theo. A gravata torta, e não dá para ver o chapéu. Parece que ele já experimentou todas as garrafas.

Sinalizo para que meus guardas aguardem lá atrás. Não parecem felizes, mas me obedecem. Sozinha, vou até a mesa e me sento na cadeira ao lado dele.

Ele não olha para mim enquanto me aproximo, mas deve ter me reconhecido pelo canto do olho.

— Interessante este lugar — diz ele. — Paris, quero dizer.

— Se você souber aonde ir — respondo.

Ele aponta para o elefante.

— Por apenas um franco, posso entrar no elefante. Uma das pernas tem uma escada, veja bem. E dá para subir, encontrar dançarinas do ventre que te oferecem todo o ópio que você quiser.

— Você já foi lá?

A última coisa de que preciso é do Theo se drogando quando temos que pensar. Mas ele balança a cabeça, negando:

— Estou repetindo o que me disseram. — Ele se ajeita na cadeira. — Aceita uma bebida?

— Não, obrigada.

Instintivamente, coloco a mão na barriga.

— Ah, vamos lá. Você nunca mais vai ter outra chance como esta de tomar absinto. Dá para beber em casa, é verdade, mas eles não fazem mais absinto como esses, com losna. A qualidade alucinógena é incomparável.

Como se ignorasse minha recusa, ele pega o copo vazio entre nós dois, enche com o que imagino ser o absinto (um líquido verde-claro, cor de esmeralda). Coloca um pedaço de prata perfurado sobre o copo e, em cima do metal, um cubo de açúcar.

— Aí vem a água gelada — diz ele enquanto levanta uma garrafa que parece congelada. — Tem que ser devagar para fazer direito. Gota por gota, até o cubo de açúcar dissolver.

— Há quanto tempo você vem praticando isso? — pergunto, irritada.

— A noite toda — admite ele. Ainda que nunca tire os olhos da água que pinga no açúcar, continua falando, agora mais baixo: — Escute. Aquelas coisas que eu te disse ontem... Acho que passei dos limites.

— Não passou, não. — Depois de finalmente admitir para mim mesma, admitir para Theo é mais fácil. — Fui injusta com você. Deixei de te enxergar por causa de coisas que o outro Theo fez. Deixei de ver o verdadeiro Theo, quero dizer. E durante toda esta viagem, você provou que é uma das pessoas mais corajosas, mais leais, uma das melhores que já conheci.

Theo nunca foi tímido, sempre adorou elogios. Então foi chocante ver ele corar.

— Obrigado. Você também não é nada mal.

— *Por favor.* Tenho sido uma idiota.

— Ei, ei. Nada disso. — A risada dele está esquisita por causa do absinto, mas sua sinceridade transparece. — Ver você fazendo todas essas coisas que fizemos... Marguerite, tem sido incrível. A maneira que você agiu depois daquele ataque aéreo... Você já estava fazendo curativos enquanto eu ainda me mijava de medo.

— Não literalmente, espero! — Não consigo conter o riso.

— Cheguei perto, você não imagina como. — Ele começou a sorrir, ainda que seja um riso meio torto. — Você se adapta às dimensões tão depressa! Já encosta no chão pronta para correr. Cacete, você foi sequestrada pela máfia russa e escapou sozinha!

— Você ajudou a puxar a grade.

— Ok, você escapou 99 por cento sozinha. — Ele respira fundo. — Você me deixa louco, às vezes. Mas eu te acho incrível. A pessoa mais incrível que já conheci.

A conversa parece estar caminhando para onde não deveria.

— Você tem razão. A gente tem que ir para o escritório de Conley para poder saber qual é a última dimensão e encontrar Paul.

— Sempre Paul. Você continua encontrando com ele dimensão após dimensão. Só pode ser obra do destino, certo?

— Talvez — respondo, ainda que no momento esteja difícil acreditar em destino.

— Mas parece que você também me encontra com a mesma frequência.

— Pelo visto, sim.

De repente, me parece importante contar logo para Theo sobre a gravidez. Falar com alguém sobre isso pode ajudar, e ele entenderia melhor minha confusão atual. Mas, assim que abro a boca, ele põe a garrafa de água na mesa, com o cubo de açúcar dissolvido apenas pela metade, e segura minha mão.

— Escute — diz ele. — Estou bêbado o bastante para dizer o que estou pensando, então vou falar, e a gente pode superar e seguir em frente. Pode ser?

Ai, não. Mas concordo com a cabeça.

— Eu amo Paul como se ele fosse meu irmão. E... sei que você sabe, a esta altura, que amo você também. Não exatamente como uma irmã.

— Theo...

Ele aperta minha mão, determinado a concluir o que quer dizer.

— Espero que a gente faça sempre parte da vida um do outro. Eu, você e Paul. Nós três. Se você e Paul resolverem isso e acabarem juntos, ficarei feliz por vocês. E vou ser amigo de vocês para sempre. — Ele respira fundo, como se estivesse tentando clarear os pensamentos encobertos pelo absinto. Perto de nós, há o som do acordeão, pessoas dançando, um rebuliço à nossa volta, mas que não esbarram em nós. — Mas talvez... Talvez você e Paul não acabem juntos.

Há duas semanas, eu teria rido dessa ideia de que Paul e eu podíamos nos separar. Fomos destinados, eu pensava. Prometidos. Eternos. Agora, olho para o futuro e me deparo com uma página em branco. Impossível adivinhar.

Theo se apressa para as palavras finais:

— Não faço o tipo que tentaria acabar com um relacionamento, mesmo que o outro cara não fosse meu melhor amigo. E tenho certeza absoluta de que você não deveria terminar com ele por causa de um sujeito em outra dimensão que tem a cara dele. Mas, se por acaso, algo além disso acontecer, se por acaso essa relação não for o que esperava e vocês terminarem... Bom. Após o chamado “tempo de luto”, se você achar que pode considerar... — Nossos olhos se encontram, ele sorri, e sua voz começa a falhar: — Sei que eu ainda vou querer.

As pessoas falam sobre ter o coração despedaçado, mas sempre achei que fosse uma metáfora. Agora realmente parece que foi isso que aconteceu: como se algo precioso dentro

do meu âmagio estivesse sendo rasgado em pedaços, todos incompletos.

Ele leva minha mão à boca. Beija meus dedos como se uma pena me encostasse: o fantasma de um beijo, que acabou em um instante. Depois solta minha mão.

— Agora chega de falar sério por hoje — diz ele, parecendo animado novamente. Ele começa a rir, alto e com intensidade demais para convencer que está rindo de verdade, e termina de colocar a água no cubo de açúcar.

— Está vendo como a cor fica meio leitosa? Como opala. É quando sabemos que está pronto para beber. Mal posso esperar para ver você tomando absinto!

— Eu não vou beber — digo.

— Aqui não tem isso de maioridade. E se existe, somos maiores.

— Estou grávida. — A palavras saem assim, de uma só vez.

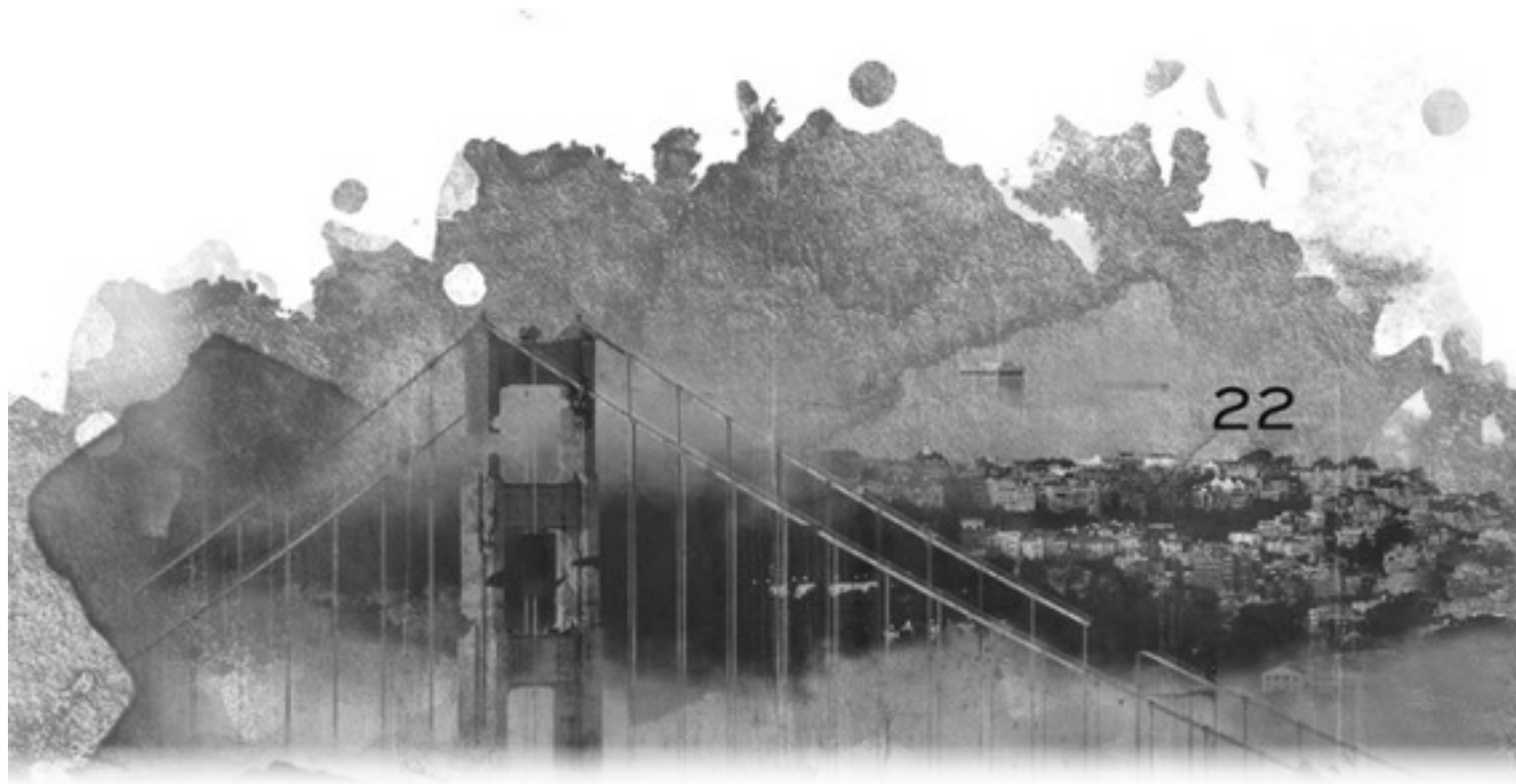
Theo dá mais uma gargalhada, até entender que estou falando sério. Ele fica boquiaberto.

— Meu Deus — sussurra.

A música e as risadas à nossa volta começam a me incomodar, e quero sair dali. Eu me levanto e volto para perto dos meus guardas.

— Levem-me de volta ao Ritz imediatamente, por favor.

Eles voltam a me escutar sob os olhos atentos do elefante. Olho para trás apenas uma vez e vejo Theo, justo na hora em que ele vira o copo de absinto num gole só.



Durante todo o caminho de volta ao hotel, repito para mim mesma: *não é como se eu não soubesse que Theo sentia algo por mim. Ele já tinha dito isso.*

Também tenho contra-argumentos: *Mas não dessa forma! Theo nunca disse isso assim, desse jeito, nenhuma vez.*

A confissão dele mexeu comigo, mas não muda nada. Fico triste por ele sem estar apaixonada. Amo ele sem nenhum contexto romântico. Mesmo quando flertei com ele em Londres naquela noite, era mais porque eu queria conforto e carinho, e no meu luto, bêbada, o sexo foi a forma que encontrei para pedir essas coisas. Sua declaração me parte o coração, porque me obriga a magoar alguém de quem gosto muito.

Mas não foi só por isso que fiquei mexida esta noite. Não foi por isso que reagi de forma tão negativa à relação entre a Marguerite e o Theo do Guerraverso. Não é que eu queira escolher Theo no lugar de Paul. É que vi que existe outra possibilidade.

Será que eu e Paul realmente temos o mesmo destino em todos os mundos, em todas as vidas? Ou será que ele é só um dos muitos caminhos em potencial que posso escolher? Theo Beck pode ser outro caminho, outra escolha feita por Marguerites de outros mundos. Agora entendo isso, mas meu coração ainda está em negação. Paul acredita em destino. Quero acreditar também.

Mesmo depois de todo o sangue e toda a traição, o vazio que sinto dentro de mim chama por ele. Só por ele.

E a forma que contei ao Theo da gravidez... Eu podia ter sido mais sensível. Só faltou vomitar em cima dele! Na hora, eu só queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, para mudar de assunto... Bem, funcionou.

Talvez tenha sido bom ter falado de uma vez e saído de lá correndo, deixando Theo sozinho pensando sobre isso. Quando o assunto voltar à tona, ele terá tido tempo de pensar em alguma piada ou em alguma teoria, e todas as outras coisas que usa como escudo. Ele é mais vulnerável do que parece.

E o que Paul vai dizer quando eu contar para ele? Ainda que eu o conheça mais a fundo (mais que Theo, mais que qualquer pessoa), não consigo imaginar como vai reagir. Mas é claro que preciso contar para ele. O meu Paul estava dentro do tenente Markov, uma parte dele, pelo menos, quando este bebê foi concebido.

— Sua Alteza Imperial? — pergunta o motorista. — Está tudo bem?

Só neste momento me dou conta de que estou chorando. Balanço a cabeça e deixo o chofer pensar o que quiser.

Voltar para a suíte imperial do Ritz é como entrar em uma fortaleza dourada. De certa forma, estou trancada aqui, mas pelo menos o resto do mundo está trancado do outro lado da porta... Ou assim me parece, até que vejo as orquídeas num vasinho em cima da mesa e um envelope amarelo ao lado. O cartão, apoiado nas flores, diz: *Atenciosamente*.

Eu o abro. Quando puxo o papel amarelo fino de dentro, me dou conta de que é um telegrama, o primeiro de verdade que vejo na vida. Cada palavra é escrita em maiúsculas. Antes que eu leia a mensagem, noto o nome do remetente: **WYATT CONLEY, NOVA YORK.**

Nesta dimensão, ele é um inventor milionário, um cara com quem a Marguerite daqui jamais teve contato. Então sei que o remetente não é o Conley deste universo e que a mensagem não é para a grande duquesa. É para mim.

VOCÊ ENCONTROU UMA BRECHA NAS MINHAS REGRAS (PONTO) MUITO ESPERTA (PONTO) NÃO TESTE MINHA PACIÊNCIA (PONTO) VENHA AO MEU ESCRITÓRIO CENTRAL EM 48 HORAS E O FRAGMENTO FINAL SERÁ RESTAURADO PARA VOCÊ (PONTO) QUALQUER ATRASO E TEREMOS QUE RENEGOCIAR OS TERMOS EM SEU DESFAVOR (PONTO) É MELHOR TRABALHAR PARA MIM QUE CONTRA MIM LEMBRE-SE DISSO (PONTO) BOM TRABALHO ATÉ AGORA (PONTO)

A última frase me deixa enjoada. Ou talvez seja a gravidez. Não sei. Pode ser as duas coisas.

Não importa se me sinto pronta, agora tenho que salvar Paul, e isso significa que preciso ir embora amanhã.

Eu iria agora mesmo, se não achasse que é necessário falar com Theo mais uma vez antes de encontrarmos Conley novamente. Precisamos de um discurso alinhado, e, neste momento, se eu pular desta dimensão, não sei se Theo me seguiria.

Quer dizer, claro que ele me seguiria. Nem que fosse apenas por Paul.

Eu me deito na cama e há apenas uma luz ainda acesa, uma lâmpada de vidro ao lado da cama. Respiro fundo e pego o caderno de desenhos da grande duquesa. Ao abrir, a primeira página tem o retrato que tanto temi olhar: o tenente Markov. Paul. O homem por quem me apaixonei.

Ela o desenhou com linhas suaves e precisas. Bem pouca cor. Mas capturou algo que dá uma vida incrível ao desenho.

Conheço aquela expressão e sei até onde ele está, pela qualidade da luz no desenho. Ela fez esse retrato pensando no Paul de guarda na porta do Quarto de Páscoa, aonde ela ia para admirar os ovos Fabergé. O retrato da minha mãe que fica no coração do ovo cor de vinho que ele colocou nas minhas mãos. Eu me lembro de olhar do mecanismo de ouro do ovo para ele e encontrar seu rosto com semblante forte e inseguro ao mesmo tempo... Exatamente como neste retrato. Como meu Paul também fica.

Na página seguinte, ele aparece de novo, desta vez, de pé na porta do quarto, o uniforme militar desenhando os ombros largos e a cintura fina a escala revelando o quão alta e poderosa é sua constituição.

Era.

Certa noite, no mês passado, quando Paul e eu estávamos sozinhos em casa, pedi que ele posasse para mim. Como eu tinha rasgado o retrato que fizera, precisava de outro, melhor, que conseguisse capturar o homem que eu agora conhecia muito melhor que antes.

Como esperado, Paul não é um modelo muito natural.

— É muito esquisito — disse ele, se sentando na cadeira, com o corpo rígido.

— Relaxe. — Coloquei um pano cobrindo o chão do quarto, peguei o lápis e comecei a riscar. — Sou eu. Ok?

— Ok.

Mas ele me olhava como se estivesse aguardando a morte. Comecei a rir, e falei:

— Podia ser muito pior, você sabe.

— Como?

— Na minha aula de desenho, ano passado, nós trabalhamos com modelos nus.

Achei que ele ia rir aliviado por eu estar desenhando ele vestido. Em vez disso, me encarou e, muito lentamente, começou a tirar a camiseta.

— Paul... — Mas minha voz ficou presa na garganta quando ele terminou de retirá-la e a jogou no chão, quase a meus pés.

Nós vínhamos levando o namoro devagar desde o Russiaverso, e ele me deixou tomar todas as decisões nesse sentido. Ou tinha deixado, até aquele momento, quando começou a tirar a roupa na minha frente. Eu nunca iria imaginar que aquele homem tímido e reticente teria uma atitude tão ousada, ou que eu ficaria tão excitada com aquela cena.

— Você já me viu sem roupa — disse ele, com um desprezo que provavelmente não deveria soar tão frio.

— Não, não vi. Já nos tocamos muito desde janeiro, mas não nos olhamos muito.

— Você viu outra versão de mim, então. E somos a mesma pessoa, não é?

Comecei a argumentar e me dei conta de que era algo idiota de se fazer naquele momento. *Além disso*, repeti para mim mesma, *só estou desenhando ele. Só isso.*

— Você só vai me pintar da cintura para cima, como faz em todos os seus retratos, certo?

Esse era o plano original. Mas coloquei um cacho para trás da orelha e tentei responder de maneira casual:

— Na aula de desenho, hum, a gente costuma tentar... capturar a figura completa. O corpo inteiro. — E falei com mais firmeza: — Se você tiver coragem.

Ele ergueu uma sobrancelha, se levantou da cadeira e abriu a calça. Eu fiquei ali, com o lápis na mão, as bochechas queimando. Ele deixou a calça jeans cair e ficou de cueca. Pelo menos por um tempo.

Até aquele momento, eu estava sorrindo, mas parei. É difícil sorrir quando se está boquiaberto. *Não babe*, falei a mim mesma. *Segure a onda.*

Mas o corpo de Paul... Ele é um cara grande, de proporções bonitas, mas deve ter sido a escalada que fez isso. Todas aquelas horas subindo montanhas lhe deixaram com músculos definidos nas costas, nas coxas, na barriga. Não de uma maneira ruim, como aqueles *bodybuilders*, mas de um jeito *ai, meu Deus, que delícia*. Mesmo que ele fosse apenas um modelo de uma aula de desenho, eu teria ficado sem palavras ao vê-lo nu, sendo observado por mim.

Na aula de desenho, a gente às vezes pedia que os modelos fizessem poses específicas. A primeira vez foi esquisita, mas depois de um tempo, todo mundo superou. Ver Paul naquele dia, no entanto, foi mais difícil para mim.

— Será que você poderia... hum... Poderia se sentar na ponta da cadeira, de costas para mim?

— Você pode olhar para mim, mas não posso olhar para você? — perguntou ele, mesmo fazendo o que eu pedia.

— Pode olhar para mim. Mas... por cima do ombro.

Lentamente, ele se virou para me encarar, os olhos acinzentados intensos. Quando o rosto dele chegou no ângulo que eu queria, falei:

— Aí. Fique aí.

E, por muitos minutos, em silêncio, Paul ficou parado como qualquer outro modelo profissional. Desenhei aquele corpo perfeito com muita atenção e carinho a todos os detalhes: os ombros largos, as mãos compridas, a cintura marcada. Com o indicador, esfumei de leve as linhas para criar sombra e dimensão. Foi fácil imaginar que eu estava tocando nele de verdade.

Largue tudo no chão, dê cinco passos e vai conseguir colocar as mãos nele de verdade, pedir que coloque as mãos em você...

Fitei Paul nos olhos e vi o eco do meu próprio desejo. Ele estava respirando mais forte, com vontade, mas continuava inseguro. Eu não sabia que podia querer tanto alguém. Isso me deixou tonta.

Quando dei o primeiro passo adiante, ouvi a porta de entrada da casa se abrindo, e a voz do meu pai:

— Marguerite? Está em casa?

Merda. Joguei a roupa de Paul em cima dele, enquanto ele enfiava a calça jeans de qualquer jeito, numa velocidade de Clark Kent. Por um milagre, ele já estava vestido quando meu pai entrou no quarto. Por sorte, meu pai não tinha como ver meu cavalete, e escondi o desenho depois.

A grande duquesa deve esconder os desenhos do tenente Markov. Mesmo agora, quando o amor secreto dela por ele já foi descoberto, o czar deve ficar furioso se vir provas disso.

É muito corajoso da parte dela fazer esses desenhos, penso, passando as páginas e vendo estudos mais brutos das mãos dele, do rosto em perfil... Corajoso guardar os desenhos.

Então encontro um desenho que é completamente diferente dos outros, no estilo. Mais suave, com as linhas menos precisas, como se ela estivesse tentando pintar uma imagem dentro de uma nuvem. Era Paul, de novo, mas deitado nu na cama, o lençol amassado ao seu lado, o braço esticado sobre a artista. Sobre ela. Sobre mim. A memória volta tão vívida que quase sinto o calor do forno a lenha, ouço o vento uivando do lado de fora da *dacha* e sinto a boca de Paul na minha.

Enxugando os olhos, coloco o desenho de lado. Enquanto faço isso, mais uma carta cai do meio das páginas. Quando olho para o envelope, parece ser irrelevante: uma conta do costureiro que fez os vestidos que comprei aqui em Paris. Mas ver essa conta me traz de volta à realidade: a Marguerite deste universo nunca recebeu uma carta da pessoa de quem ela mais merecia.

Encontro uma caneta tinteiro, pego um papel branco e começo:

Para a grande duquesa Margarita,

Como posso começar a expressar como estou arrependida pelo que fiz com você? Nunca pretendi ficar na Rússia por tanto tempo da primeira vez, e prometo nunca ficar aqui de novo por mais de um dia.

Eu não devia ter passado aquela noite com o tenente Markov. Por mais que nós nos amássemos, o amor dele era por você mais que por mim, e eu não devia ter roubado sua única chance de ficar com ele. Mais que isso, eu devia ter sido mais cuidadosa. Causar sua gravidez é a pior coisa que já fiz na vida, e não existe nenhuma maneira de compensar isso agora.

Talvez você não se importe com o fato de eu me sentir tão mal com isso. Não a culpo. Mas posso prometer que, depois disso, nunca mais vou voltar para sua dimensão. (“Dimensão” é o nome que damos ao que você chama de “mundos paralelos”.) De agora em diante, eu juro: a sua vida é sua. O seu corpo é só seu.

Fico feliz que pelo menos você tenha conhecido papai. Espero que isso ajude, ter alguém que vai estar sempre ao seu lado. Porque ele está, na minha dimensão assim como na sua.

Na minha dimensão, mamãe está viva e bem. Ela é uma cientista muito inovadora e mudou meu pai e a vida dela. Não tenho seus irmãos e sinto muita falta deles, mas tenho uma irmã mais velha. Ela se chama Josephine, e não sei o que você acharia dela. Também é cientista e muito durona e forte, fisicamente também. É provável que ela brigasse com a maioria dos oficiais da cavalaria, mas aposto que vocês duas se dariam bem.

E Paul...

Hesito, com a caneta na mão. O que dizer sobre Paul?

Paul também está vivo na minha dimensão. Ele é estudante de física, aluno dos meus pais, e foi assim que eu o conheci. Ainda que eu e ele fôssemos próximos antes de eu vir para sua dimensão, foi aqui que entendi o quanto eu o amo.

Escrever essas palavras me faz pensar em uma centena de momentos bonitos. Paul e eu de pé atrás das sequoias observando a copa de folhas verdes lá longe. A gente dando uns amassos no quarto dele, e o som da respiração dele ficando mais agitado quando me puxou para perto. O dia em que ele me deu um buquê de rosas no Dia dos Namorados, que eu deveria ter achado brega, mas me deixou mais derretida que manteiga. Ou o dia em que ele posou para mim, e sua presença física tomou conta de tudo.

Quando fizemos lasanha juntos, no Dia de Ação de Graças.

As conversas sobre meus retratos e sobre como ele acha que sempre digo a verdade com eles.

Saber que ele arriscaria tudo para me proteger e proteger meu pai.

Aqui, agora, reconheço que muito do que somos é algo que ficou entre nós.

Por mais que eu amasse o tenente Markov, o que sinto por Paul é ainda mais poderoso. O amor que sinto por ele e que tentei enterrar ressurgiu dentro de mim.

Trêmula, escrevo os parágrafos finais da minha carta para a grande duquesa Margarita:

Você me deu muito, muito mais do que eu tirei de você. Não preciso apenas me desculpar pelo que fiz, tenho também que agradecer pelo que você me deu: um dos dias mais bonitos da minha vida.

Pelo maior amor que já senti. E por me devolver esse amor.

Dobrei a carta e a coloquei no caderno. Ela vai encontrá-la quando for o momento. Minhas desculpas podem ser inúteis para ela, mas acho que vai se sentir melhor em saber que não é maluca. Os mundos paralelos, tudo que ela vivenciou em dezembro, era verdade. Espero que saber disso ajude. É o melhor que posso fazer.

Eu me deito na cama e apago a luz. Mesmo com todas aquelas emoções percorrendo meu corpo, estou tão cansada que apago em alguns minutos.

É neste instante que sinto algo muito estranho no estômago. Algo que veio e foi embora em segundos, o tipo de coisa que é fácil esquecer.

Mas sinto de novo, e dessa vez é mais forte. Para ser sincera, foi como se um peixinho dourado estivesse nadando dentro de mim...

... e então entendo a realidade e arregalo os olhos.

Na manhã seguinte, quando o enjoo passa, mando um bilhete para a recepção do hotel, pedindo que encontrem Theodore Willem Beck. Não vai ser fácil encontrá-lo, mas nesta dimensão eu sou a grande duquesa de todas as Rússias. Qual é a graça de ser da realeza se a gente não fizer pedidos impossíveis de vez em quando?

Talvez não seja tão impossível. Das duas, uma: ou o hotel tem as informações sobre Theo em algum arquivo ou o Ritz Paris é extremamente dedicado com o atendimento ao cliente. Porque em minutos recebo a resposta dizendo que ele estará aqui em breve.

Mas não antes de algumas horas. Talvez eu tenha tempo de fazer um retrato da minha família, usando o caderno e os lápis pastel da grande duquesa. Ela ia gostar de ver como é mamãe e como ela seria, se ainda estivesse viva nesta dimensão. A pose da família em grupo requer algum cuidado. Se alguém mais vir, seria bom que a czarina e o tutor estivessem bem distantes um do outro. Então coloco todos nós no sofá, meus pais separados, um em cada ponta. Eu ao lado da mamãe, Josie ao lado do papai.

Quando estou acabando o queixo de Josie, alguém bate na porta. Deve ser Theo, ainda que seja chocante o hotel ter mandado ele subir.

— Pode entrar! — grito, e nessa hora me lembro do tal encontro com a prima Karin da agenda de compromissos...

Mas minha visita não é de nenhum dos dois.

Fico tonta de novo, mas, dessa vez, pelo choque, talvez pela alegria.

— Vladimir?

— Marguerite! — Ele atravessa o quarto e me abraça com força. Seu casaco caramelo ainda está frio por causa do vento da rua. — Olhe só para você! Está bem?

— Estou melhor. Muito melhor, juro!

Sério, por que achei que Vladimir iria abandonar a irmã? Em vez disso, ele cruzou a Europa para vir me ver. Eu me afasto alguns centímetros para poder olhar para ele novamente. De alguma maneira, ainda acho estranho ver o rosto de um homem que se parece tanto com mamãe. E comigo. Mas este é Vladimir: o mesmo cabelo cacheado, o mesmo bigode, o mesmo sorriso largo. Eu estava com mais saudades do que imaginava.

— Melhor? — pergunta ele, baixando a voz. — Mas você está... Ainda está...

Ele olha para minha barriga.

Vladimir sabe. Sempre soube. É claro que ele a ama apesar disso, claro que continua ao lado dela. Por que duvidei? O alívio toma conta de mim.

— Sim.

— Então o plano se mantém. — Ele passa a mão no meu cabelo. — Já falei com Karin. Ela vai ser discreta, não precisa desconfiar dela, já guardou muitos segredos nesses sessenta anos. Sua casa no interior da Dinamarca tem poucos criados e todos são muito leais a ela. Vou explicar ao papai que você continua mal e dizer que ele tinha razão em achar que a terapia era inútil. Quando eu contar a ele que você precisa de alguns meses para se recuperar, no interior, com alguém da família, ele vai concordar.

Muitos meses. Até o final de setembro.

— E depois? O que acontece depois?

Talvez a outra Marguerite já saiba disso, não tenho por que perguntar. Mas quero saber o que vai acontecer com essa criança que ajudei a fazer.

— Karin vai provar sua generosidade e adotar uma criança órfã. Um novo primo para todos nós, que é claro, você vai aprender a amar durante o tempo que passar na Dinamarca. Naturalmente vai querer que a criança visite você com frequência. Talvez, depois de alguns anos, ela possa viver com a gente na Rússia, quando Karin ficar velha demais para voltar a Copenhague.

Um primo. Um visitante. Já consigo me imaginar recusando isso, pensando *não é suficiente*. Esta Marguerite deve ter se sentido da mesma forma. Se ela não quisesse o bebê, desesperadamente, não teria pedido ajuda a Vladimir para encontrar uma solução.

Mas esta deve ser a melhor resposta disponível neste universo. O orgulho da família real será preservado. O czar nunca vai ficar sabendo da gravidez. E a criança vai voltar a viver com ela em breve. A grande duquesa vai ajudar a criá-la, ou criá-lo. Eles vão se amar, e um dia... um dia, talvez, ela possa dizer a verdade sobre como o bebê nasceu.

Para a pessoinha que está dentro deste corpo, penso, *sua mãe vai lhe contar tudo sobre o seu pai. Vai contar que ele foi o melhor homem que já conheceu.*

Vladimir acaricia meu cabelo.

— Você está tão pálida. Já fez as malas? Precisa de alguma ajuda?

— Não fiz as malas. — Porque eu não fazia ideia de que ia viajar. — E preciso dizer adeus a uma pessoa antes de ir. Ele vai chegar antes do meio-dia.

— Está bem. Vou fechar a conta do hotel. Sei que você devia fazer algumas compras para convencer o czar de que está melhorando em Paris, mas preciso dizer que você fez um grande trabalho. — Ele segura meu queixo da mesma forma que devia fazer quando eu era pequena. — Antes que eu esqueça de dizer, quase morri de saudades de você.

— Senti muita saudade também.

Às onze horas, Vladimir já tinha me ajudado a fazer quase todas as malas. Eu me certifico de que minha carta para a grande duquesa está bem dobrada no final do caderno de desenho, junto do retrato da minha família, antes de colocá-lo no malão. Enquanto isso, Vladimir balança a cabeça diante da minha nova coleção de chapéus.

— Honestamente, Margarita. Como você pode precisar de tantos?

— São as únicas coisas que vão continuar servindo daqui a alguns meses — digo, e ele ri.

O concierge vem avisar que meu convidado está esperando por mim no jardim. Vladimir me olha, desconfiado.

— É esse o adeus misterioso?

— É. Já volto, ok?

Naturalmente, o Ritz tem jardins tão elegantes quanto o resto do hotel. Ainda que a primavera esteja apenas começando em Paris, o gramado enorme já está verde, brilhante. Estátuas neoclássicas de mármore branco em pedestais enfeitam todo o jardim, e os galhos das árvores que circundam a área já estão pesados com os botões que em breve se abrirão em flor. A única flor que já aparece é a tulipa.

Theo está me esperando em um canto do jardim, usando um casaco cinza abotoado na cintura e um chapéu meio inclinado. Quando me vê, imediatamente vem até mim.

— Meu Deus! Sente-se. Você precisa se sentar. Como está se sentindo?

— Perfeitamente capaz de andar, mas obrigada pela preocupação. — Apesar de tudo, preciso rir.

Ele me leva até o banco mais próximo, as mãos apoiadas com gentileza nos meus ombros como se eu fosse feita de vidro. Quando nos sentamos, ele me olha nos olhos e sussurra:

— Puta merda.

— Eu sei. Eu sei!

— Não consigo superar.

— Você não consegue superar? Eu é que estou tendo enjoos matinais.

— É que... tem um pequeno Paul aí dentro! Ou uma pequena Marguerite. — Ele encara minha barriga como se pudesse ver diretamente dentro do meu útero, depois balança a cabeça, como se estivesse tentando se concentrar. — O que me torna o tio Theo. Vou ter que ser um homem responsável, agora.

Ele está exagerando um pouco, tentando me animar, porque imagina como estou assoberbada. E talvez esteja tentando demais ficar feliz por algo que deve ter sido difícil de ouvir. Mas posso dizer que as emoções dele são honestas, e fico emocionada.

Nunca entendi como alguém podia se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo. O coração só canta uma música por vez. Mas o que aprendi é que estar apaixonada não deixa o resto do mundo invisível. As pessoas que você achava atraentes antes não ficam feias de repente, quando você se apaixona por outra. Você não para de achar as piadas dele engraçadas, não deixa de estar interessada no que tem a dizer. Não para de se preocupar com alguém só porque não é a pessoa com quem você mais se importa no mundo.

Não é o mesmo que estar apaixonada, é claro. No mínimo, estou mais alerta sobre o abismo que existe entre a mera química entre duas pessoas e realmente se apaixonar por alguém. Mesmo quando tenho esses momentos de conexão profunda com Theo, ele fica do outro lado de uma linha que não tenho nenhuma vontade de cruzar.

E parece que ele finalmente aceitou a linha.

— Vou comprar sua primeira cerveja! — sussurra ele para minha barriga. — Bem antes de você poder beber legalmente. Não conte para seus pais!

— Você está no universo errado para isso. Aqui, acho que pode tudo.

— Nunca se sabe.

— Theo... Esses últimos dias têm sido tão estranhos! Sempre que me lembro de Paul atirando em você, não sei o que pensar. Mas agora... *isso aqui*. — Faço carinho na barriga. — Ontem à noite eu estava pensando em Paul e o bebê se mexeu, e tudo que sempre senti por ele voltou.

— Esse bebê é *do Paul* — diz ele, chocado. Está falando sozinho, não comigo. — Cara, eu queria poder conhecer essa criança.

— Eu também.

Parece tão estranho saber que nunca vou ver esse bebê. Que nunca vou segurá-lo nos meus braços. Apesar de torto, o sorriso de Theo é sincero.

— Fiquei feliz quando recebi a ligação do hotel, hoje de manhã. Depois de ontem, eu não sabia se você ainda ia querer falar comigo.

— Por que eu não iria querer falar com você?

Que idiota. Nós dois sabemos por quê. Ele responde apenas:

— Podemos ter ultrapassado algum limite, ontem. Definitivamente, devo desculpas a Paul.

— Bom, a mim você não deve nada. Foi sincero e tem o direito de dizer a verdade sobre como se sente. — Aqui, nos jardins, atrás das árvores, estamos no coração de Paris e, de alguma forma, sozinhos. Sou grata pela privacidade. — Escute. Preciso ser muito clara.

— É o Paul — disse ele. — Para você, ele é o cara. Sei disso.

Tento encontrar as palavras certas.

— Ontem à noite, voltou tudo. O quanto quero estar com ele. Preciso que isso dê certo. Mas com Paul.

Ele sorri para mim, convencido como sempre. Ninguém jamais adivinharia que acabou de confessar o amor dele por alguém.

— Não estou apaixonada por Paul só por causa do tenente Markov. Nem foi assim que começou, na verdade. Foi só o que me fez admitir. O que vi em Nova York me assustou e eu ainda não consigo entender, mas é como você disse: não posso culpá-lo por algo que outro Paul fez, assim como não posso culpar você pelo que passamos com o outro Theo.

Ele comprime os lábios antes de dizer:

— Você já prometeu isso.

— Não. Agora sinto isso de verdade — digo, e ainda que este possa não ser o melhor momento para isso, seguro a mão dele. — Duvidei de você por causa das coisas que o outro Theo fez, e eu estava *errada*.

— O preço do perdão é alto — diz ele. — Porque, ao me perdoar, você perdoou Paul também.

Não era tão simples, mas chegou perto.

— De certa forma, me sinto mais próxima dele do que nunca.

Coloco a mão na barriga novamente.

— Espero que sim.

— Quando te contei sobre o bebê, você não precisou perguntar de quem era.

— Lembra quando contei que eu e o Paul falamos sobre sexo uma vez?

Sim, lembro. E não quero saber mais nada sobre isso. Minha expressão deve estar amarga, porque ele parece entender mal.

— Escute, se você não está pronta, posso fazer o que me pediu antes. Se eu voltar ao escritório com nossas informações, teremos cumprido os termos do acordo com Conley. Ele vai ter que me dizer onde Paul está, me entregar a cura para o Furtanoite, e pronto.

— Conley disse que tenho que estar lá. — Respiro fundo. — Estou pronta para ir.

Ele põe a mão no pescoço e puxa o segundo Firebird, que está com ele desde Nova York. Abaixo a cabeça, e ele o coloca no meu pescoço, uma transferência de responsabilidade silenciosa, quase solene.

Sussurro:

— Theo. Obrigada.

— Pelo quê? Por te seguir no multiverso? É parte do meu trabalho.

Parece que tenho tanto a agradecer a ele! Eu poderia fazer uma lista que ia demorar muito para ser concluída. Então, me atenho ao item mais importante de todos:

— Por acreditar em Paul.

— Ei, isso vale para mim também. Como falei, se você o perdoou por explodir minhas pernas, também me perdoou por atacar você naquele submarino.

O que é verdade. Finalmente, posso deixar isso para trás.

— Finais felizes em todo lugar — diz ele, soltando minha mão para pegar o próprio Firebird. — Vamos?

— Você vai na frente. Quero me despedir de Vladimir.

Ele balança a cabeça, provavelmente por não entender meu carinho por um irmão que eu nem sabia que existia até dezembro passado.

— Ok. Só não demore muito, está bem? — Ele sorri com malícia. — Então, o plano é ir agora para o Triadverso, no escritório de Conley. A mesma dimensão que mandou o outro Theo como espião.

— Isso.

— Ele roubou meu corpo por meses, e agora tenho a chance de roubar o dele. Se eu tiver a chance, aquele filho da puta vai ganhar o pior corte de cabelo da sua vida. — Dou uma gargalhada. Ele sorri e continua: — Estou falando sério. Se alguém merece um moicano invertido no multiverso inteiro, é ele.

— Dê o seu pior.

Assim que me levanto, ele segura minha mão. Por um instante, me lembro de tudo que ele me disse ontem à noite e do quanto somos importantes um para o outro em tantos mundos.

— Você acha mesmo que este Theo vai encontrar esta Marguerite de novo?

— Talvez.

Espero que sim.

Meia hora depois, estou no carro com Vladimir, com a cabeça recostada no ombro dele, a caminho da estação de trem. Preciso ir, estou pronta para ir, mas é difícil deixar meu irmão de vez.

— Você me culpa? — sussurro. — Por amar o tenente Markov?

— Às vezes nosso coração é mais selvagem do que podemos supor.

— Mas você se apaixonou pela mulher ideal. Uma princesa polonesa.

Às vezes, o sorriso dele tem quase tanta malícia quanto o de Theo.

— Eu amaria Natalia mesmo que ela fosse uma criada. Quando você conhecê-la, vai entender.

— Mal posso esperar. Obrigada. Por tudo.

— Família é para isso.

Adeus, Vladimir, penso. Na minha cabeça, imagino todos eles: Peter, Katya, a versão deste universo do meu pai. E o bebê, também, cujo rostinho nunca vou conhecer. *Adeus*.

Hora de parar de olhar para trás. Hora de saltar para frente. Hora de resgatar Paul.



Minha mão se fecha em torno do Firebird configurado com as coordenadas que Wyatt Conley nos deu para chegar ao seu escritório central, e... caio em mais uma versão de mim mesma, de costas, sentada em uma cadeira grande que parece frágil. Depois da tontura inicial de viajar de uma dimensão a outra, imediatamente percebo três coisas. A primeira: a maneira que estou sentada, os braços e pernas apoiados.

Minha versão daqui estava preparada para ser controlada. Ela estava esperando.

A segunda: Theo não está por aqui.

A terceira: estou em um escritório ou em uma recepção em algum lugar que parece o último andar do arranha-céu mais alto do mundo. Não, o mais alto do meu mundo. Ou do Triadverso.

Achei que Conley nos traria para seu escritório residencial. Em vez disso, ele nos jogou em uma dimensão que nunca vi.

Onde estou, caramba?

O tipo de cômodo onde estou poderia ser visto em qualquer sede corporativa, se a empresa quisesse passar uma impressão fria e ameaçadora. As paredes parecem de placas de metal escovado, foscas. A cadeira preta na qual estou, assim como o resto dos móveis, tem ângulos pontiagudos e é um pouco baixa demais.

Mas a cidade que vejo pela janela não se parece em nada com nenhuma que já vi. Não se parece nada com nenhuma cidade do mundo sobre a qual já li. Este deve ser o centésimo andar do prédio, pelo menos; mas lá fora vejo vários outros quase tão altos quanto este.

Quando eu estava no Londresverso, vi arranha-céus estranhos e futuristas, com pináculos e ângulos para todos os lados. Na época, achei intimidador. Agora, olho para essas estruturas que formam todas os mesmos retângulos escuros espelhados no céu, as janelinhas mostrando pequenos indícios de luz. Os prédios são tão altos, tão próximos uns dos outros, que não consigo ver o chão. Logotipos coloridos e brilhantes cobrem a maioria dos edifícios, com letras que devem ocupar uns quinze andares, e ainda assim os vidros escuros dos prédios mais altos dominam a cena. A fatia de céu que se vê acima brilha em um tom avermelhado, febril... cinabre, eu diria. Deve ser o nascer do sol.

Meu corpo voltou a ser magro, a barriga desapareceu. A sensação inchada no abdome não existe mais. Não é que eu esperasse sentir aquilo de novo, mas, no momento, só sinto a ausência.

— Vejo que nossa convidada chegou — diz uma bela voz feminina. Assim que percebo o sotaque britânico, sei quem é.

— Romola.

Eu me viro e a vejo perto da cadeira, usando roupas que parecem um pouco diferentes demais: a camiseta de manga comprida e a calça são feitas de um tecido que parece duro, ainda que o corte seja bonito; e a roupa inteira, da gola aos sapatos, é da mesma cor: azul-escuro. Então percebo que estou usando algo parecido, mas minha roupa é preta.

— Você me reconhece? — Ela sorri de uma forma que parece sincera. — Não estou bem posicionada na maioria das dimensões, então raramente tenho a chance de viajar.

— Onde estamos?

— Exatamente onde você deveria estar. Quer um café? A nossa Marguerite não dormiu nada essa noite.

Estou mesmo me sentindo cansada, na verdade. Mas não quero nada que ela possa me oferecer, seja café, comida ou qualquer outra coisa. Parece que estou em um conto de fadas, daqueles antigos e assustadores: se você comer ou beber neste lugar misterioso, nunca vai voltar para casa.

— Não estou entendendo. Conley me prometeu que, se eu fizesse o que ele pediu, me mostraria a dimensão final onde Paul está escondido.

Ou... será que é aqui? Meu instinto diz que não.

— Naturalmente, o sr. Conley pretende cumprir a parte dele do acordo. Depois da reunião, é claro.

— A reunião deveria ser no escritório dele.

— E onde você acha que está? — pergunta ela, rindo.

Então vejo um brilho verde suave refletido no arranha-céu ao lado e reconheço o logotipo esmeralda da Tríade.

Achei que o Conley com o qual eu iria negociar e o Theo que nos ferrou tanto... Achei que o universo deles, o Triadverso, fosse onde o escritório central fica. Mas o núcleo da maldade, o plano para dominar o multiverso... tudo começou *aqui*.

Concluo que sou uma idiota por não pensar que havia outra dimensão controlando tudo por fora. Devíamos ter adivinhado desde o início. Porque Tríade significa *três*.

Romola parece estar com pressa.

— Vamos começar. Tem certeza de que não quer um café? Não? Então vou levá-la à sala de reunião.

— Calma. Cadê Theo?

Será que Conley nos deu coordenadas diferentes? Talvez ele já esteja resgatando Paul. Ou talvez Conley tenha mandado ele para outra direção, ou para o esquecimento. Ela reage de uma maneira que eu não podia prever:

— Não se preocupe com Theo Beck agora.

— Eu decido com o que devo me preocupar, obrigada. Onde ele está? Conley sequestrou ele?

O medo começa a tomar conta de mim. Será que Conley pretende me devolver Paul só depois de sequestrar e fragmentar Theo? Será que vou passar o resto da vida trabalhando para a Tríade para proteger as pessoas que amo? Mas Romola balança a cabeça e diz:

— O sr. Beck está completamente além do nosso controle.

Não sei o que isso quer dizer, mas me parece bom. Imagino Theo lá embaixo, na difícil cidade de metal, olhando para este prédio esverdeado e mostrando o dedo do meio.

Já eu... apareci em uma Marguerite que parecia preparada para mim. Ela estava esperando, disposta a me receber e me deixar controlar seu corpo, bem aqui na sede da Tríade.

— Nesta dimensão, eu sei de tudo, certo? Sobre os planos da Tríade.

Romola sorri, doce, mas superior, como se estivesse lidando com uma criança.

— Você já trabalha aqui há algum tempo.

De alguma maneira, Conley é capaz de me obrigar a fazer seu trabalho sujo neste mundo também.

Passei esse tempo todo tentando entender se as constantes do multiverso são destinos, almas ou amor. Agora percebo que a única constante nas minhas vidas infinitas é o controle inevitável de Conley.

Paul e eu falamos disso uma vez, sobre as constantes do universo. As coisas que mudam ou não.

No começo de fevereiro, fomos para Muir Woods ver as sequoias. Dirigir até lá sempre me assusta, porque o caminho envolve uma estradinha estreita e íngreme que parece que mal se aguenta na beira do morro. Paul segurava o volante do carro dos meus pais com as mãos o tempo todo, os olhos atentos na estrada, enquanto eu me segurava no banco, com medo, como se isso fosse ajudar em alguma coisa. Em determinado momento, comecei a rir de nervoso.

— Isso não deve ser tão assustador para você, né? Está acostumado a escalar montanhas. Está acostumado com alturas.

— Sim, mas quando estou escalando, estou em contato com o terreno e consigo julgar melhor minha segurança. Aqui, temos que confiar em um carro com o qual não tenho muita familiaridade. — Os olhos dele se semicerraram na curva seguinte. — Eu diria que nosso nível de medo é provavelmente o mesmo.

— Dizer isso foi meio desnecessário.

Ele estava em silêncio, tentando entender mais uma vez as regras do diálogo entre humanos.

— Eu quis dizer... Vai ficar tudo bem.

Assenti e tentei acreditar nele.

Claro, nós *estávamos* bem. Chegamos no topo na hora do almoço, comemos miojo frio e saímos para andar pela floresta, de mãos dadas. (A maneira que a mão enorme dele quase cobria a minha inteira me fazia sentir mais segura do que nunca. Mais que isso: *estimada*. Como se Paul me segurasse porque queria que eu nunca fosse embora.)

Caminhar por entre as sequoias causa reações estranhas e bonitas ao nosso cérebro. Essas árvores gigantescas nos cobrindo, com folhas tão altas que parecem formar um segundo céu, nos fazem pensar na nossa insignificância diante do universo. Essas árvores vivem por centenas de anos, algumas nasceram na Idade Média. E ainda estarão aqui depois que a civilização inteira como conhecemos já tiver mudado para alguma outra coisa que eu não reconheceria. No entanto, não me sinto desimportante. Pelo contrário: penso que faço parte da história dessas árvores, parte da história deste mundo. Estamos conectados de maneiras que não dá para imaginar.

— É isso que você vê? — perguntou ele, depois que expliquei isso tudo. Nós andamos até uma das árvores mais altas, soltei a mão dele e toquei a árvore. — As árvores são como uma... ponte para o infinito?

— É. — Concordei com a cabeça. — Acho que é o meu lado artista.

— Você vê mais do que eu. É um dom.

Sorri enquanto andávamos em torno da árvore.

— E você? O que você vê?

— A simetria e a assimetria fundamentais do universo.

Quando ouço coisas assim, vindas de Paul, dos meus pais ou de qualquer pessoa, já sei que não devo perguntar mais nada a não ser que tenha certeza de que quero ouvir uma explicação complicada demais. Com Paul, normalmente eu quero.

— Como assim?

Ele levantou a mão e colocou dois dedos, um de frente para o outro, como se fossem duas árvores ao longe.

— Cada uma dessas árvores tem um código genético único. São diferentes umas das outras de incontáveis maneiras: o número de galhos, o padrão da casca, o sistema de raízes, e por aí vai. Mas, ainda assim, espelham umas às outras. São paralelas umas às outras. A sua associação supera as diferenças.

— E é assim que o universo funciona? — Pensei em todas as versões de nós mesmos que encontramos e em todos os caminhos diferentes que me levaram até Paul. — Nós nos espelhamos, repetidamente?

Ele assentiu e falou:

— Em um nível subatômico. Sim. Os quarks existem em pares, sempre, e se você destrói um, outro aparece instantaneamente para ocupar aquele lugar e manter o equilíbrio.

Quarks são partículas menores que os átomos. Menores que elétrons. Juro que isso é tudo que você precisa saber sobre os quarks. Mas quando Paul disse isso, o assunto me interessou.

— Tipo, o universo *sabe* que os pares espelhados precisam existir?

— Isso. Exatamente.

Uma coisa que aprendi com meus pais é que o universo físico parece entender muito das coisas, de maneiras que eu pensaria que precisam de uma consciência para serem entendidas. As informações parecem viajar entre as partículas em uma velocidade maior que a da luz. Mas eu sabia que Paul não ia me dar uma resposta propriamente dita, porque esse é um mistério que nem ele pode resolver. E gosto que seja assim: que o universo sempre saiba mais que a gente.

— Então, a simetria é uma das forças fundamentais do universo. — Continuei andando em volta da árvore. Paul, parado, sumiu atrás do tronco enquanto eu andava. — Indestrutível.

— Não. Indestrutível, não.

— Mas você acabou de dizer...

— A física às vezes viola as próprias regras. — Pelo tom da sua voz, eu sabia que ele estava olhando para cima enquanto dizia isso. — Para a nossa sorte. Se não o mundo não estaria aqui.

— Explique melhor.

— Uma das simetrias do universo deveria ser entre a matéria e a antimatéria. Mas você sabe o que acontece quando as duas se encontram.

— Elas se anulam. — Isso até eu sei.

— Então, se o universo tivesse quantidades exatamente iguais de matéria e antimatéria, ele se autodestruiria. Na verdade, teria se autodestruído quase que imediatamente depois de se formar. Em algum momento, no início da criação do mundo, essa simetria foi quebrada. Ninguém sabe como ou por quê. Esse rompimento fez nosso universo existir.

Cheguei na outra curva da árvore e me curvei para olhar para ele, que estava com as mãos nos bolsos do casaco impermeável. A calça jeans, comprada em algum brechó, era realmente gasta, diferente de já comprar a calça rasgada. Os tons de verde da floresta acentuavam o perfil forte dele, e os olhos acinzentados continuavam concentrados, não nas folhas, mas no caminho azul que ele via entre elas.

Não sei explicar por que aquele momento foi tão especial para mim, mas foi. É a primeira coisa na qual me lembro sempre que penso no que sinto por ele. Como se eu o tivesse amado *demais* naquele instante... Como se ele fosse parte do meu sangue e dos meus ossos.

— Então é por isso que o mundo existe. A assimetria nos salvou — falei, andando na direção dele. — Mas a simetria mantém o universo seguindo adiante.

— Mais ou menos.

Ele se virou para mim e sorriu, me dando a mão. Em vez de segurar a mão dele, puxei seu braço e me aninhei embaixo.

— Então é a assimetria que faz com que as pessoas se encontrem mundo após mundo? E é isso que garante que eu e você sempre nos encontremos?

— Talvez — disse ele, parecendo confuso.

Na hora achei que ele tinha se perdido nos pensamentos sobre partículas subatômicas ou nos segundos que seguiram ao Big Bang. Agora, me pergunto se ele estava pensando sobre o fato de que o universo sempre nos faz encontrar Conley.

Romola e eu descemos em um elevador em forma de cubo. Telas estreitas e compridas piscam com o logo e o slogan já conhecido da Tríade nas paredes: *Todo lugar. Todo*

momento. Todo mundo.

No meu mundo, o slogan tem uma fonte serifada atraente que sugere modernidade e criatividade. Aqui, as letras são quadradas e parecem o tipo de placa que você veria na prisão. Nesta dimensão, o escritório residencial, ninguém nem tenta fazer parecer que os produtos são divertidos para atrair as pessoas. O significado real do slogan fica claro: controle total.

— Por que Conley não fica no topo do prédio?

A maioria dos CEOs fica com a melhor sala do prédio para si, ou assim eu acreditava, considerando minha vasta experiência com o mundo corporativo, adquirida vendo programas de TV. Eles sempre têm uma vista incrível. Romola me olha feio.

— Não é muito seguro, concorda? Os diretores da Tríade trabalham no centro do prédio, é claro.

— Como assim, seguro?

— Empresas rivais poderiam atacar a qualquer momento. É claro que nós *usamos* as salas superiores, que são as melhores para ficar de olho na concorrência. Mas aquilo não é lugar para os funcionários mais vitais de uma empresa.

Outras empresas podem *atacar*?

— Se uma empresa fizer isso, não vão todos para a cadeia?

— Eu esqueço — ela faz *tsc tsc* — que sua dimensão ainda mantém a ilusão dos Estados-nação como principais entidades econômicas e políticas. Neste mundo, essas noções são consideradas obsoletas. A aliança corporativa é um assunto muito sério para o consumidor, que não deveria trocar de preferências tão banalmente.

Nem sei se entendo o que ela quer dizer. Espero não ter que ficar muito tempo por aqui.

Quando as portas se abrem, Romola me conduz por um longo corredor e através de uma sequência de salas de recepção, todas vazias, talvez por ser ainda tão cedo. (Saí de Paris na hora do almoço. Se o sol está nascendo aqui, devo estar na costa leste dos Estados Unidos.) Cada sala parece mais elegante e de acesso mais proibido que a anterior. São essas as barreiras que os visitantes precisam cruzar para chegar até o homem.

— Você deve estar ansiosa por este encontro — diz ela. — Finalmente está chegando no centro de tudo.

Dou uma risada um pouco amarga.

— Há cinco minutos, eu nem sabia que esta dimensão existia. Eu devia ter imaginado, claro, Tríade significa três. São três dimensões envolvidas.

Sempre achamos que Tríade era só um nome, um substantivo legal qualquer que foi escolhido por um grupo de empreendedores de vinte e poucos anos. Por que nunca nos perguntamos se queria dizer algo mais?

Romola me olha de soslaio.

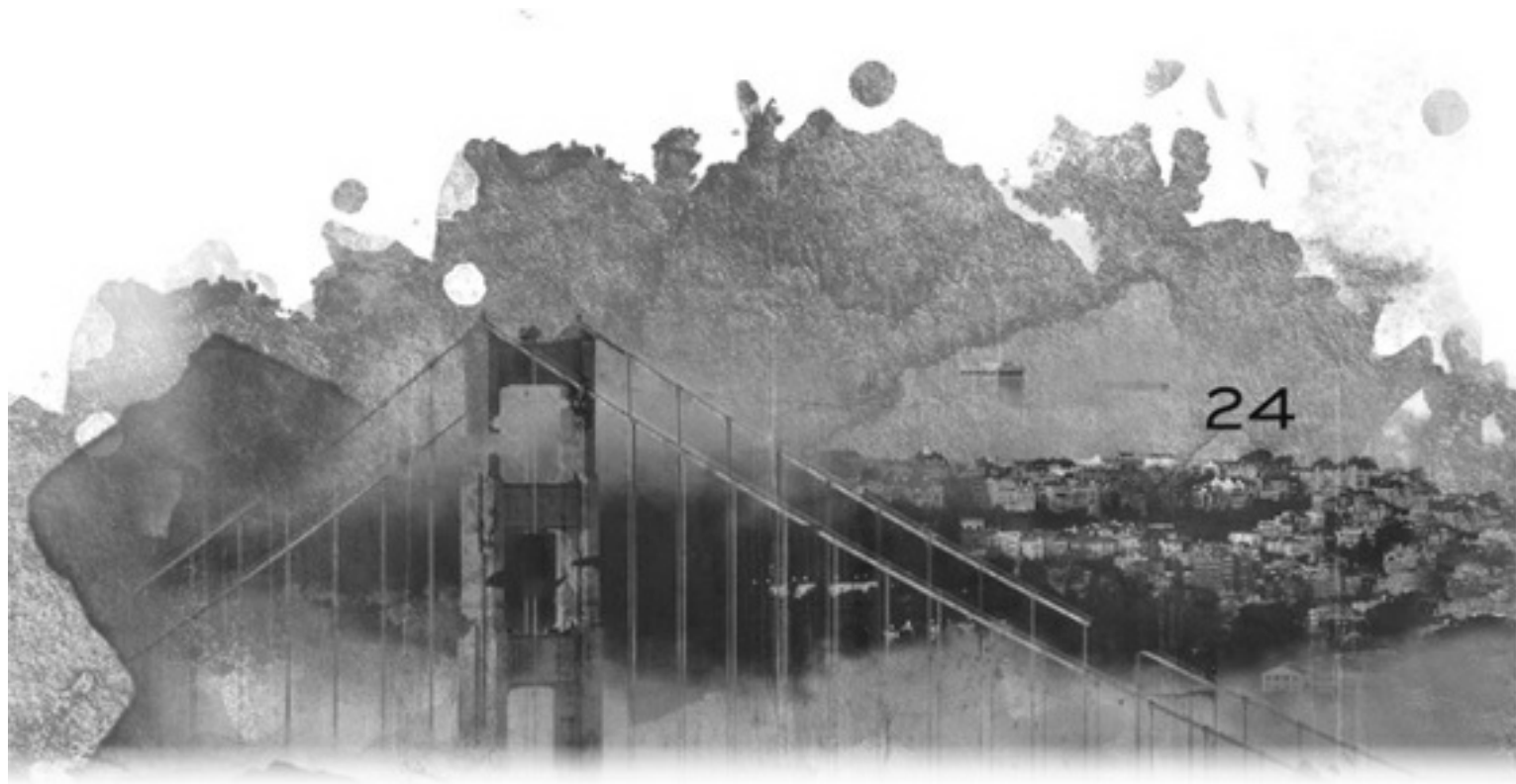
— O nome da empresa não tem nada a ver com as dimensões. Como poderia? Esse prédio da Tríade existe há muito mais tempo que todos os outros.

— Então o nome não quer dizer nada?

— Claro que quer. O nome Tríade faz referência aos criadores da empresa. Os três gênios por trás disso tudo.

E, com isso, ela aperta um botão e as últimas portas se abrem, revelando um escritório espaçoso, mas sem janelas. Sentados de cada lado do Conley estão os dois outros fundadores da Tríade, os dois outros cérebros por trás dessa conspiração.

Meus pais.



— Olá, Marguerite — diz minha mãe. — Você deve ter muitas perguntas.

Milhares. Mas não posso fazer nenhuma. Meu corpo dói, e preciso me sentar para não cair. A sala tem apenas três cadeiras, todas ocupadas.

— Querida? — Meu pai se levanta, preocupado e gentil como sempre, o que dificulta tudo ainda mais. — Você não parece bem. Eu disse para sua outra versão pegar leve mais cedo, não sabíamos a que horas você chegaria aqui. Claro que ela ficou em casa o tempo todo, não foi, senhorita Harrington?

— Ficou. — Romola sorri para mim como se eu fosse alguém fofa e frágil. Como um gatinho. — Como se alguém pudesse impedir Marguerite de fazer algo que ela resolveu fazer.

— Pare de falar dela. — São as primeiras palavras que consigo dizer. — Você está lidando comigo agora. Fale comigo.

— Ela tem razão — diz meu pai, indicando a cadeira para que eu me sente. Ele está usando o mesmo tipo de roupa que eu e Romola, duras, porém ajustadas, mas as dele são de um tom marrom-escuro. — Venha aqui. Sente-se.

Ando até a cadeira dele me sentindo dormente. Quando me sento, Conley faz um sinal para Romola.

— Pegue um pouco de água para Marguerite. Talvez um chá. Acho que ela quer.

Se Wyatt Conley pensa que vou agradecer por isso, ele está sonhando. Olho além dele, para minha mãe, que está calmamente sentada com as mãos na mesa. A ela eu digo:

— Romola me disse que vocês são os criadores da Tríade. Vocês três. Juntos.

— Sim, é verdade. — Ela sorri.

— Não é *possível*. — Minha voz falha, e cerro os punhos na mesa, cravando as unhas nas palmas das mãos até sentir dor. Vou arrancar sangue de mim mesma antes de deixar Conley me ver chorar. — Vocês não fariam isso. Você e o papai nunca... nunca iriam querer fazer uma fortuna ou dominar o multiverso. Vocês não são assim.

Eles sempre usam o mesmo casaco até a lã acabar, minha mãe não entende nada sobre o que está na moda. E não é que sejam pão-duros, e nós não sejamos pobres, é que meus pais não ligam a mínima para *coisas*. Eles se entreolham e mamãe diz:

— Acho que o dinheiro aqui é mais importante. No seu mundo, e em muitos outros, as pessoas fingem que outros elementos da existência são mais importantes. Aqui, somos mais honestos. Todo mundo precisa provar seu valor ao patrocinador ou ao chefe. A falta de disposição para aumentar o lucro aqui é considerada uma falha moral.

— Não por nós — completa papai. — Nós reconhecemos os tons de cinza envolvidos. Mas a Tríade contrata dezenas de milhares de pessoas. O bem-estar deles está nas nossas mãos. O futuro deles também. Não podemos desapontar essa gente.

Minha primeira reação é a vontade de ter um ataque. *Ah, então vocês me traem, para não dizer que traem a si mesmos, só para que os funcionários da Tríade ganhem um décimo terceiro maior. Agora, sim, acabar com a vida das pessoas é justificável!* No entanto, as palavras da Romola ainda ecoam na minha cabeça: não existe uma nação aqui. Só corporações. Seu destino depende inteiramente do seu empregador.

É um estilo de vida bizarro, mas pelo menos consigo entender como meus pais acabaram metidos nisso.

Meu pai me dá um tapinha no ombro.

— A Tríade não se importa apenas com o lucro. Essa é só a única coisa que você teve chance de ver até agora. Eu te *disse* que devíamos ter ligado para ela antes.

Ele falou isso para Conley, que concordou. As roupas dele são verde-escuras, o tom associado ao logo da Tríade.

— Entendo que você esteja chateada comigo, Marguerite. Meus outros eus podem ser meio... — ele parece buscar a palavra ideal — babacas.

Dou uma risada.

Ele sorri, encorajado, e diz:

— Desculpe por como venho agindo. Os mundos deles não têm as mesmas exigências com dinheiro. Para eles, é só uma questão de poder. E vou ser o primeiro a admitir que os

métodos deles deixam a desejar. Começamos essa colaboração supondo que todos iriam se beneficiar, mas sou o primeiro a admitir que se tornou algo... que explora as pessoas.

— Por que você trabalha com eles, se acha que são tão terríveis? Por que começou essa... essa... conspiração?

Colaboração porra nenhuma! Empurro a cadeira para perto da mesa, mais distante de Conley e olho para minha mãe.

— Por que você não parou quando os outros Conleys começaram a *sequestrar* pessoas?

— Ah, meu amor — disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Você precisa entender. Seu pai e eu... nós três... a esta altura, estamos fazendo isso pelos mesmos motivos.

Papai acrescenta:

— É o único jeito de ter Josie de volta.

As paredes brancas e curvas da sala de repente viram telas enormes. Em cada uma, aparece um vídeo diferente da minha irmã.

À esquerda, um vídeo da família de quando Josie e eu éramos pequenas, um com todos nós fazendo um passeio turístico em algum quadcóptero com cúpula de vidro. Meu pai está filmando. Ele aproxima e afasta a câmera do mar e aponta para uma de nós de cada vez. Estamos vestindo uma cor só, rosa ou amarelo. Estou com o cabelo preso em um rabo de cavalo, que fica tão feio aqui quanto na minha dimensão, e usando uma roupa cinza. No vídeo, tento ignorar a câmera enquanto tiro fotos, talvez para depois usar como modelos para desenhos. Minha mãe fica falando sobre como as irregularidades da costa sempre espelham padrões fractais. Josie fica virada para o sol, absorvendo-o.

À direita, Josie e Conley estão em uma festa chique. Para mim, as roupas não parecem muito diferentes do que ele está vestindo agora, mas ela está usando um vestido amarelo longo e justo que poderia ser usado na nossa dimensão. O fato de que não está de calça jeans já seria suficiente para provar que a ocasião é especial. As luzes piscam, vindas das velas nas paredes. O cabelo castanho dela está presos em um dos lados, com uma espécie de flor tropical presa no alto da cabeça. Tinha tudo para ficar ridículo, mas não está. Em vez disso, ela lembra aquelas divas do cinema dos anos 1940: luminosa. Conley está de braços dados com ela e a olha como se fosse a mulher mais linda da festa.

Na tela maior, atrás de mim, um vídeo tem a marca d'água da Corporação Tríade no canto inferior direito. A roupa de Josie é de um tom azul-esverdeado, e me lembra de uma das roupas que ela usa para surfar. No seu pescoço há uma versão um pouco diferente do Firebird. Ela está sentada diante de uma mesa, mexendo as mãos ao falar, e percebo que é uma reunião de retorno de missão. Josie parece eficiente, entusiasmada, ao falar:

— Aparentemente, o paganismo greco-romano sobreviveu na dimensão 101347. Templos para Zeus, Apolo, Atenas e Afrodite foram localizados nas ruas principais, mas também vi a adoração de divindades de outras culturas, como Odin e Ísis. Várias formas de paganismo parecem ter se fundido com o tempo...

Não consigo absorver tudo. Ofuscando todos os vídeos, toda essa informação, está a verdade que meus pais acabaram de me contar: nesta dimensão, minha irmã está morta.

— Ela se voluntariou — diz meu pai, em um tom que me fez pensar que ele deve repetir isso para si mesmo várias vezes por dia. — Ela *quis* viajar pelas dimensões. O senso de aventura dela... Nada nunca era suficiente. Nunca. Ela sempre queria mais.

Conley continua olhando para minha irmã na tela.

— Então, quando ela pediu para ser nosso primeiro viajante... para ser o viajante perfeito... nos pareceu natural dizer sim. Quem poderia fazer melhor que ela? Quem iria gostar mais disso que ela?

Ninguém, penso. Josie sempre pareceu muito curiosa quando falamos de viagens para mundos diferentes. Em casa, no entanto, ela vive a própria aventura científica, “mergulhada na oceanografia”... que é uma piadinha que ela e meu pai adoram fazer e morrem de rir toda vez. Ela nunca se voluntariou para ajudar na pesquisa dos meus pais. Mas, neste mundo, seguiu os passos deles.

Até que...

— Se tivesse acontecido em uma das dimensões mais perigosas, acho que estaríamos mais preparados para resultados negativos. — A voz da minha mãe parece fraca. Exausta. — Mas ela estava em um mundo parecido com o seu. A tecnologia era mais atrasada, mas ela gostava da vida mais calma, do acesso às florestas e ao mar. Então continuava voltando para lá, supostamente para testar os efeitos de retornar repetidas vezes a uma mesma dimensão. Mas sabemos que ela voltava porque gostava de lá.

Conley fechou os olhos.

— Deixei que ela fosse. Encorajei isso. Parecia inofensivo. Ela fez tanto por nós, por que não deixá-la se divertir? Eu nunca poderia lhe dizer não.

Ninguém explica direito. Tenho que perguntar:

— O que aconteceu com Josie?

Nenhum deles quer ser a pessoa a responder. Mas meu pai fala primeiro:

— Um acidente do acaso que acabou sendo algo... terrível.

Quando parece que meu pai não consegue continuar, minha mãe intervém:

— Com certeza, você já se perguntou sobre o que acontece quando um viajante está dentro de um outro eu, e esse outro eu morre.

Com certeza já pensei sobre isso. A ideia de ter perdido minha irmã assim... é terrível, mas já visitei dimensões em que ela não existia. Ou dimensões nas quais um dos meus pais, ou os dois, estão mortos, dimensões onde todos eles morreram quando eu ainda era pequena. Não para de doer nunca, mas aprendi a sobreviver a isso. Penso na minha família em casa e lembro a mim mesma que estarei com eles em breve.

Para estas versões dos meus pais (e de Wyatt Conley, por mais estranho que seja), esse conforto não existe.

— Foi assim que Josie morreu? — Tento ser o mais gentil possível. — Um acidente no qual ela não teve tempo de saltar de volta?

— De certa forma, sim — respondeu minha mãe. — Mas a verdade foi muito pior. Então compreendo.

— Ela se fragmentou, né?

Conley é quem responde:

— Josie tentou saltar no momento da morte. Não conseguiu totalmente. Partes da sua mente viajaram para pelo menos cem dimensões diferentes que ela já tinha visitado... — Ele parece ter dificuldade para encontrar as palavras certas — Como se o Firebird estivesse tentando encontrar um lugar seguro para ela, mas não conseguisse. Deve ter cometido algum erro com os controles. Não tinha muito tempo, e ela devia estar morrendo de medo...

Meu pai está sentado, com as mãos na cabeça. Conley está com a respiração acelerada, entrecortada. Como os homens ficam quando estão tentando não chorar.

Esse me parece um problema que tem solução.

— Não podem resgatar os fragmentos e juntá-los? Usando os Firebirds? Da mesma forma que estou fazendo com Paul?

— Não — responde minha mãe. — Nós tentamos. Sabíamos que os fragmentos eram pequenos demais, que jamais iríamos encontrar todos, e que seria quase impossível retirá-los das outras Josephines. Mas, mesmo assim, tentamos.

Meus pais sempre sonharam alto, mas não tentavam o impossível. Em vez disso, tentam sempre esticar os limites do possível. Continuar tentando mesmo sem chance de sucesso? Foi desespero. Ou talvez a insanidade que às vezes segue o luto, a mesma loucura que me fez ir atrás de Paul pelas dimensões quando achei que a morte do meu pai era culpa dele. Pensando agora em como fiquei naquela época, tão abalada, tão *crua*, sinto algo estilhaçar dentro de mim.

Essas pessoas tristes e desiludidas são o que restou dos meus pais nesta dimensão. Por mais que eu esteja com raiva de tudo que a Tríade fez, não posso deixar de ficar um pouco

triste por eles, e mesmo pelo Conley daqui.

Eu me lembro do quanto sofri. E também lembro que passa. O luto nunca acaba, ainda tenho pesadelos com a noite em que o policial apareceu na nossa casa para dizer que meu pai tinha morrido, ainda que no fim ele estivesse bem. Mas o luto muda. Fica mais suave, se adapta e vira uma parte de você. Esse tipo de tristeza nunca fica mais leve, mas você se acostuma com o peso conforme vai seguindo em frente.

Com o tempo, talvez, meus pais e o Wyatt Conley desta dimensão saiam desse estado. Pode ser que percebam como isso se tornou absurdo.

— Sinto muito — digo. Por alguma razão, parece que isso deixa meu pai ainda mais triste, ele chega a se encolher de tristeza. — Sei que é difícil. Eu sei. Quando achei que meu pai estava morto, vê-lo em outras dimensões... ajudou, por um tempo. Se vocês precisarem ficar visitando Josie em outras dimensões, acho que é normal. Mas isso não significa que podem deixar os outros dois Conleys fazerem o que quiserem. Quer dizer, eles fragmentaram Paul de propósito! Pensem um pouco no que eles estão fazendo. Fragmentaram Paul e mantiveram cada pedacinho da alma dele como refém, deixaram Theo ficar doente com o Furtanoite... e chegaram a sequestrar outra versão de você, pai! Isso é tão além do limite do aceitável que nem sei se tem conserto.

Eles se olham novamente. Conley suspira.

— As coisas chegaram a tal ponto que pretendemos intervir. Dentro de algumas semanas, os outros dois Conleys não serão mais um problema para você.

Isso parece animador. Por que não consigo ficar calma, então?

Talvez porque eles passaram muito tempo explicando sem me dar nenhuma resposta para o que realmente preciso. Hora de fazer minhas exigências.

— Quero o que me foi prometido. As coordenadas para encontrar Paul e a cura para o Furtanoite.

Falo isso esperando alguma negociação. Mas Conley sorri, como se estivesse orgulhoso, e meus pais se olham mais uma vez, como se houvessem se esquecido de alguma coisa. A mão de Conley vai até o outro lado da mesa, que agora percebo ter mais uma tela, e de repente os dois Firebirds que estão no meu peito vibram de leve, recebendo dados novos.

— Aí está — diz meu pai. — Programamos as próximas coordenadas e mandamos as informações sobre o tratamento para o Furtanoite. Assim que você saltar, pode resgatar Paul, voltar para sua dimensão e ver se consegue ajudar Theo. É Theo que está sofrendo os efeitos colaterais, certo?

Ele age com bondade, mas ao mesmo tempo parece não entender que isso é uma consequência dos próprios atos.

— Sim. Theo.

— A fórmula para a solução que você recebeu não é uma cura — explica minha mãe. Levo alguns segundos para entender que *solução* foi dito no sentido químico. — No entanto, ela vai diminuir a toxicidade no corpo e dar uma chance ao sistema imunológico do paciente de se curar sozinho.

— Sim. Eu sei.

Depois de tudo isso, o que posso oferecer a Theo é uma chance. Penso no rosto dele no Moulin Rouge, na vulnerabilidade que vi lá, e minha garganta fica seca. Minha mãe se aproxima, põe a mão no meu ombro e diz:

— Você parece cansada. Venha com a gente um pouco. Descanse. Aprenda mais sobre nosso mundo.

O nó na minha garganta parece afrouxar um pouquinho. Tem alguma coisa nessa história que ainda me parece esquisita, mas sei que prefiro lidar com meus pais do que com qualquer versão de Wyatt Conley, em qualquer lugar.

— Ok, parece bom. — Tento fazer a próxima pergunta parecer casual: — Só nós?
Conley ri.

— Não se preocupe, não vou com vocês. Não a culpo por não confiar em mim, Marguerite. Na verdade, eu diria que é uma prova da sua inteligência.

Eu me levanto e meus pais começam a sair da sala. Papai toca meu ombro, talvez buscando conforto da única filha que sobrou. Mas ainda não estou pronta para sair dali. Eu me viro para Conley e digo:

— Você se apaixonou pela Josie em Nova York também. A Nova York que acabei de visitar. Se o outro Conley tinha esse tipo de acesso, por que ele mesmo não foi até aquela dimensão e sabotou o projeto Firebird?

— Mandei ele não ir. — O tom de voz dele é direto. — Qualquer dimensão na qual eu e Josie temos uma chance de ter uma vida feliz é proibida para ele. Para sempre. E já mandei não se aproximarem de Josie em nenhuma das outras duas dimensões da Tríade. — Ele me encara, e pela primeira vez não vejo nenhum sinal da arrogância de sempre em seus olhos. Neste momento, ele sente muito por Josie, tanto quanto eu. — Nenhum dos dois merece ela.

É a primeira vez que tenho que concordar com Wyatt Conley.

Meus pais e eu vamos para a casa deles de trem suspenso. Os trens desse tipo com os quais estou acostumada são lentos e servem para levar as pessoas ao aeroporto ou a algum parque temático. Aqui são modernos e alcançam grande velocidade.

Pela janela, vejo um amontoado de prédios abaixo de nós, um ao lado do outro, e nenhum pedacinho de chão.

— Quero saber em que altitude estamos.

— Não quer, não — responde papai, sorrindo. Só uma sombra do sorriso de sempre dele.

O sol nasceu há cerca de meia hora, o que significa que apenas poucos passageiros vão entrar no trem. Todos vestem os mesmos conjuntos monocromáticos, ainda que agora eu tenha começado a perceber diferenças nos cortes ou nas marcas bordadas na gola ou na beirada da manga, com uma linha quase da mesma cor que a roupa. O interior do trem é todo em bronze, sem nenhum tipo de propaganda tentando vender refrigerante, sapatos ou nada mais.

— Onde estão os anúncios?

— O transporte público foi declarado território neutro no último tratado — responde mamãe, enquanto um passageiro me olha como se eu tivesse acabado de dizer algo absurdo.

Ok, então.

Conforme o trem vai subindo mais ainda e o dia vai nascendo, as sombras do mundo desaparecem e revelam um brilho de metal e vidro. Os prédios altos e as pontes estão refletindo em prata ou bronze, e consigo ver como este mundo quase consegue ser bonito, para quem mora e trabalha aqui em cima.

Lá embaixo, perto do chão? Não sei se as pessoas conseguem ver o sol.

O céu relativamente calmo de repente explode em vida: milhares de veículos prateados voam à nossa volta, quase que todos ao mesmo tempo. Parece que alguém soprou um dente-de-leão com apenas uma baforada forte. Meu pai nota meu choque.

— O transporte individual é restrito a algumas horas do dia.

Isso significa que Theo pode estar em movimento?

Pego o Firebird de novo para procurar por ele. Desta vez, obtenho uma resposta mais conclusiva: ele está perto de mim, só que lá embaixo. Com certeza está tendo uma impressão completamente diferente desta dimensão. Vamos ter que comparar nossas anotações.

— Podemos encontrar Theo? — pergunto. Quando meus pais me olham assustados, questiono se eles já o encontraram neste universo. Tenho certeza de que ele perguntou de Theo. Até Romola mencionou ele mais cedo. Mas, para garantir, tento ser mais específica. — Theo Beck? O que estava viajando comigo? E não sei se aqui vocês trabalham com Paul...

— Não trabalhamos — responde meu pai. O que seria um alívio, não fosse a resposta curta e grosseira. Meu pai só fala assim quando está com raiva.

Minha mãe se aproxima e diz com firmeza:

— Paul Markov e Theo Beck não participam do projeto Firebird atual. Você pode localizá-los quando saltar para outras dimensões. Aqui não é necessário. Entendeu?

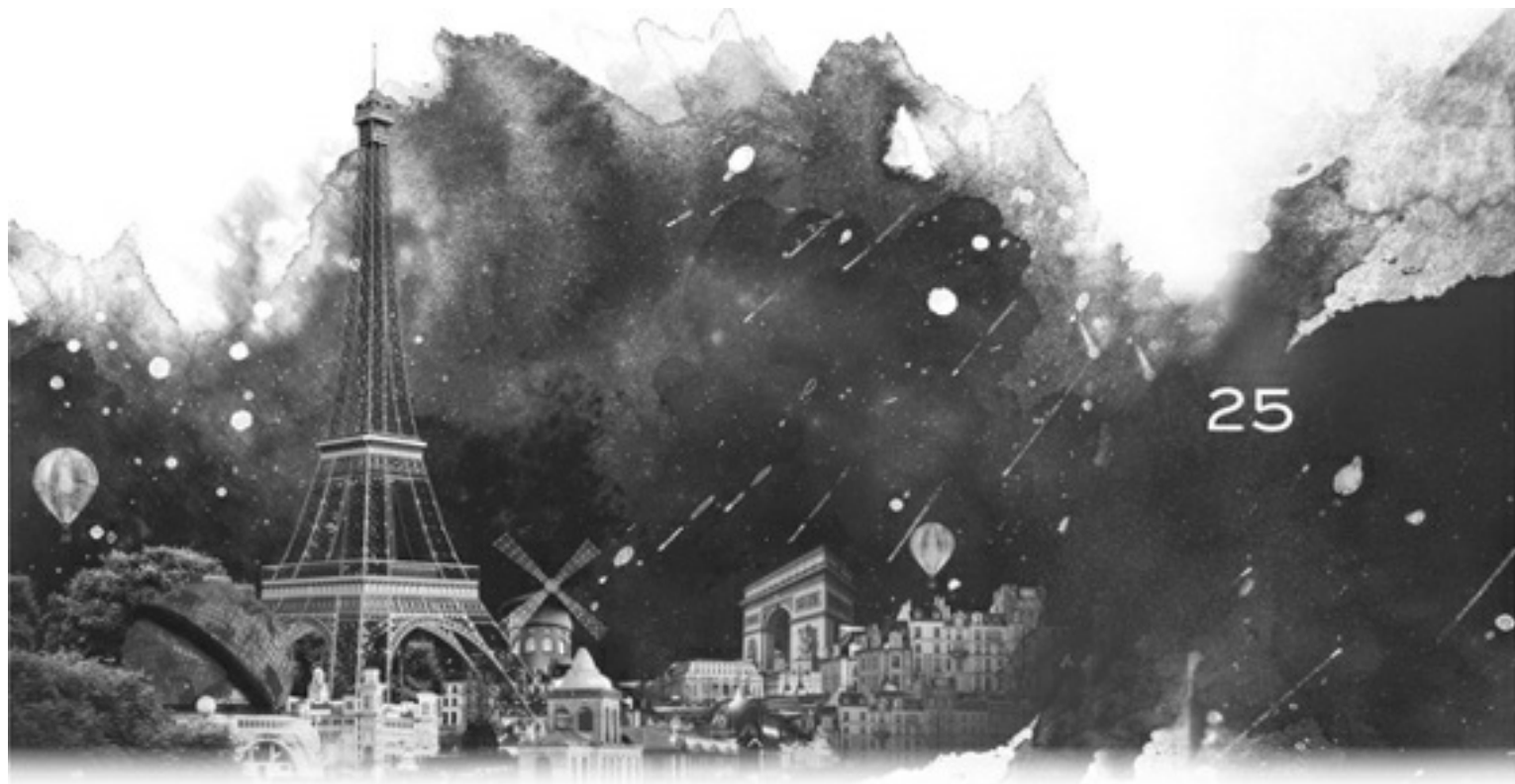
— Sim.

Acho que entendi até mais do que eles queriam.

Meus pais não agiriam dessa forma se não conhecessem Paul e Theo neste mundo. Minha mãe não especificaria “o projeto Firebird *atual*”. Todos deviam trabalhar juntos, até que Paul e Theo se voltaram contra eles. Por que ou como, não sei. Se as versões de Paul e Theo desse mundo forem tão loucas quanto as dos meus pais, eles podem ter deixado a Tríade pelos motivos errados.

Já sei que preciso encontrar os dois, não importa o que meus pais digam. Mas quando eu encontrar, será que vou poder confiar neles?

Nesta dimensão, parece que estou sozinha.



O trem vai cada vez mais alto. Nunca tive muito medo de altura, mas quando começamos a passar sobre os arranha-céus, meu estômago começa a se contorcer de pavor.

Mas pode ser que isso não tenha a ver com a altura, na verdade.

Meus pais estão sentados ao meu lado, um de cada lado, confortáveis e parecendo felizes. Não duvido do amor deles, tanto pela filha desta dimensão quanto por mim. Mas, a cada segundo que passa, as palavras frias que dizem sobre Paul e Theo parecem piores na minha memória.

Paul e eu não somos os únicos destinados a nos encontrar. As simetrias incontáveis do multiverso atingem a todos de maneiras diferentes. Parece que encontro Theo com quase a mesma frequência com que encontro Paul. Josie e Wyatt Conley ficam juntos muitas vezes também, ainda que eu preferisse que isso não ocorresse.

E as correntes misteriosas do destino e da matemática trazem sempre Paul e Theo até meus pais.

Eles inventam juntos, criam juntos. As tecnologias que desenvolvem moldam o próprio multiverso. Vi isso em inúmeras dimensões. Mesmo no Guerraverso, onde meus pais estavam meio estranhos com Paul por minha causa, ainda trabalhavam com ele e entendiam sua mente brilhante.

Neste universo, meus pais alegam que Paul e Theo não são importantes.

Por que estão mentindo para mim?

Dou uma olhada em meu pai, que sorri com a mesma gentileza de sempre. Não querem me magoar, isso está claro. Mas também não queriam me magoar quando criaram a Tríade, quando ajudaram os Wyatt Conleys, quando permitiram que Paul fosse sequestrado, e Theo, envenenado... As intenções podem ser boas, mas o julgamento deles é péssimo.

No meu peito, o peso do Firebird lembra que já tenho as informações que vim buscar. Quero aprender mais sobre este universo e sobre o que os fundadores da Tríade pretendem fazer. Pelo menos uma vez, eu gostaria que nossa dimensão não ficasse no escuro. Ouvir sobre a perspectiva de outra pessoa seria muito bom.

E se aquela perspectiva viesse de Paul ou Theo, acho que eu aprenderia ainda mais.

O trem entra em uma área de nevoeiro e penso nas manhãs nubladas da Baía de São Francisco. Só então percebo que entramos em uma nuvem. Estamos *muito alto*. Quando começamos a diminuir a velocidade, por um instante, penso que o motorista concorda comigo, mas chegamos em mais uma estação. Meus pais se levantam: deve ser aqui.

— Nós moramos tão distantes assim do chão?

Fico feliz com a nuvem, porque pelo menos não consigo ver o tamanho da queda, se caíssemos. Mamãe balança a cabeça, o que é um alívio, até que ela diz:

— Aqui a gente pega o elevador.

Espero que nossa casa não tenha janelas.

A esta altura, poucas pessoas ainda estão no trem, a maioria desembarca na mesma estação que nós três. A multidão quase toda se vira para a direita, e nós, para a esquerda. Olho para meu pai, confusa, e ele explica:

— A maioria das pessoas pega o elevador para baixo. Eles gostam de descer na estação mais alta, de onde ainda podem chegar em casa. É a única maneira que as pessoas têm de ainda divulgar seus status no transporte público.

— Pensei que era mais seguro ficar no meio dos prédios — falo, me lembrando do que Romola disse sobre os executivos nunca ficarem nos andares mais altos.

— Em edifícios corporativos, sim — responde mamãe. Ela parece não acreditar, como se tivesse que explicar por que não temos fogão dentro dos quartos de dormir. — Mas as Convenções Intercorporativas preveem penas severas para funcionários que são atacados em casa.

Essa dimensão põe a briga Coca-Cola x Pepsi no chinelo.

Aqui, a estação brilha em um branco quase perolado. O chão deve ser polido a cada hora. Mas o glamour da estação de trem é irrelevante. O que me incomoda agora é que, se quero conhecer parte dessa dimensão que a Tríade nunca vai me mostrar (e encontrar Paul e Theo), esta é minha última chance de desaparecer no meio da multidão.

À nossa extrema direita, vejo duas placas indicando banheiros: uma azul e uma rosa. É minha melhor chance.

— Pessoal, eu vou...

Minha mãe consente. Eles estão tão confiantes que chego a me sentir culpada. Mas, conforme ando em direção à placa rosa, escuto minha mãe chamar:

— Marguerite? Aonde você vai?

Merda. Eu me viro e tento sorrir.

— Ao banheiro feminino.

— No seu mundo, azul é para meninos?

Ela aponta para a placa. Aqui, o banheiro rosa é o masculino. Ah, as pequenas coisas que nos enganam.

— Ok. Obrigada!

Eu me afasto deles, não muito depressa. Meu caminho se mistura ao da multidão na direção dos elevadores, e preciso curvar os ombros e andar com cuidado para não bater em ninguém. Isso me dá a chance de me virar para trás mais uma vez, e vejo os dois conversando.

Mudo de direção e me enfio no meio das pessoas. Começo a andar o mais rápido possível sem chamar atenção, porque não vou estar segura até entrar em um daqueles elevadores. Será que depois disso vou estar? Será que eles podem me rastrear com o Firebird? Provavelmente. Mas preciso arriscar.

Quando desapareço de vista, começo a andar mais depressa e recebo alguns olhares em resposta. Mas ninguém diz nada enquanto entro em um elevador superlotado na hora em que as portas estavam fechando, a dois centímetros do meu rosto.

Meu coração bate forte. Os ouvidos zunem e estalam com a pressão da descida. A qualquer momento, espero que as luzes fiquem vermelhas (ou, talvez, um verde-Tríade) e os alto-falantes comecem a anunciar um suspeito foragido... No caso, eu. Mas isso não acontece. Uma parada atrás da outra, continuamos descendo. Decido sair na última, onde quer que isso seja. Quanto mais longe eu conseguir ficar da Tríade, melhor.

Finalmente, quando só restaram eu e mais duas pessoas no elevador, ele para com um solavanco e entendo que chegamos ao fim da descida. Passo pelas portas, seguindo para fora da estação escura e pequena... e entro no caos.

Outdoors eletrônicos e placas cobrem toda e qualquer superfície, todas brilhantes e coloridas, piscando tanto que quase causam dor ao olhar. Elas se misturam, se sobrepõem, assim como a música que sai das caixas de som espalhadas em todo lugar.

Iogurte grego Apollo! Mais de 50% de leite puro!

Explore seu mundo: Cruzeiros aéreos supersônicos Viking.

Atualizações do Sentinel com 10% de desconto essa semana! Sua família vale a pena.

Revlon EverLash — Use até cansar!

Assoberbada, olho para baixo, mas não adianta: tem mais propaganda no chão. Sapatos, carros voadores, filmes. (Leonardo DiCaprio aparece novamente.) Em cima, a mesma coisa: os mesmos pôsteres, mas sem as marcas de sapato.

Não consigo entender, a princípio, se estou em um shopping ou em uma rua. Parece não haver diferença. Algumas vias dão no que parece ser “lá fora”, mas as lojas e quiosques parecem ser todos a mesma coisa. É impossível dar cinco passos sem ver algum produto anunciado.

Penso na nossa viagem para Las Vegas, quando Josie se formou. Era para ser um passeio engraçado e meio cafona, mas, no fim, todos nós odiamos. Eu imaginava um cassino como... bem, um cassino. Um prédio elegante, um lugar no qual você entra. Mas assim que saímos do avião, ainda no terminal do aeroporto, tudo já era um cassino. Máquinas de caça-níqueis em todos os cantos. Não dava para chegar na recepção do hotel sem ver dezenas de lojas de presentes e restaurantes. O caminho para o elevador tinha mesas de roleta. Las Vegas é como uma mão gigante estendida, esperando pelo seu dinheiro. E esta dimensão é como uma enorme Vegas.

Quando consigo pensar novamente, me escondo em uma esquina entre duas máquinas de sanduíche de marca. Pego o Firebird para procurar Theo.

O Sinal sugere que ele está aqui, quase exatamente no mesmo lugar que eu. E sinto sua esperança aumentar até que percebo que ele está abaixo de mim.

Muito abaixo.

Suspiro e volto para a multidão para encontrar mais elevadores. E mais elevadores. E mais. A cada troca, os anúncios se tornam mais espalhafatosos, e os produtos anunciados parecem cada vez mais baratos. E a luz que ilumina as telas parece mais fraca a cada andar que desço.

Quando finalmente chego ao que parece ser o último elevador, alguém me chama.

— Mocinha. — Eu me viro e vejo um cara de uniforme rosa-shocking, que imagino que seja o equivalente do “machão” aqui. — Tem certeza de que quer fazer isso?

O quê? Descer no elevador?

— Hã. Sim.

— Embaixo não é lugar para mocinhas da sua idade. — Pela forma que ele fala, entendo que Embaixo é o nome do que quer que exista abaixo de nós.

— Vou ficar bem — digo, e entro no elevador sozinha. Pela fresta das portas se fechando, vejo ele franzir o cenho e balançar a cabeça.

Quando as portas se abrem novamente, me deparo apenas com algumas máquinas eletrônicas brilhando fraco, com as imagens passando sem som. É só um andar, e as plataformas são abertas, ao ar livre. Lá fora é escuro como noite.

Ando até perto dos trilhos e olho para baixo. Estou a uns dez metros do chão. O asfalto rachado é tudo que resta do que antes eram calçadas, ou talvez ruas. Ninguém anda por aqui. Algumas pessoas passam apressadas por esses lugares desertos, mas ninguém parece feliz de ter que passar por ali. Sou observada com curiosidade. Parece que minhas roupas pretas me diferenciam do cinza e marrom daqui de baixo. Começo a pensar que posso ser assaltada. Fecho a mão em volta dos Firebirds, protegendo os dois.

Ouçõ muitos passos e escuto alguém dizer:

— Se estou lendo corretamente, ela está logo na esquina.

É a voz de Theo. Começo a sorrir e andar na direção do grupo de pessoas.

— Graças a Deus você está...

Paro de falar imediatamente. Só pela maneira que ele me olha, sei que aquele não é o meu Theo. O que veio comigo está dormindo dentro desse, que claramente não me conhece. Será que esse Theo está apenas rastreando um intruso qualquer de outra dimensão?

O grupo todo para. Eu também. Porque Theo acabou de puxar uma coisa preta e pontiaguda que tenho certeza de que é uma arma.

E ele a está apontando para mim.

— Não tem tanta graça dessa vez, tem?

Ele sorri. Ninguém se mexe para me defender. As outras pessoas que passam por nós fingem que não estão vendo a cena, não querem se envolver. Não há nenhum policial de rosa por perto.

Sei que deveria estar mais assustada, mas tudo que consigo fazer é pensar na frase dele.

Dessa vez?

— Pegamos ela! — grita ele, que usa o cabelo mais comprido aqui, mas passa gel e o coloca para cima. Como um Beethoven versão punk. As roupas são mais largas e ele usa mais camadas, mas tudo da mesma cor. No caso dele, um laranja meio queimado. — Venha aqui, cara, você precisa ver isso!

Mesmo antes de a segunda pessoa chegar, já sei que ele está falando com Paul.

Ele está usando uma roupa cinza tão clara que parece branca. Diferentemente da maioria dos homens desta dimensão, ele tem cabelo curto, ainda mais que no meu mundo. O casaco é comprido até os joelhos, e as botas são os primeiros sapatos que vejo que parecem realmente ter sido usados.

Ele olha para Theo.

— Precisa mesmo de uma arma?

— Não acredito que você está perguntando isso.

Mas Paul olha em silêncio para ele, que solta um *hunf* e guarda a arma.

— Obrigada — digo.

— Precisamos conversar — responde Paul. — Você obviamente sabe disso, senão não teria vindo ao Fundo.

— Sim, precisamos conversar. — Olho para cima, na esperança de ver algum resquício de céu, mas não há nada. Aqui embaixo o mundo é negro. — Meus pais podem me rastrear pelo Firebird? Conley pode?

— Levaria algum tempo até eles conseguirem, você está muito embaixo — responde ele, aprovando minha cautela. — Venha. Vamos conversar.

Theo olha para nós dois, irritado de uma maneira quase hilária, mas não nos impede nem se opõe a Paul. Os outros membros da gangue, quatro mulheres e três homens, não parecem mais felizes que Theo, mas ninguém protesta.

Eles me levam até o final de uma escada. Quando chego ao chão, me sinto entrando em algum lugar proibido. Talvez seja, mas a gangue de Paul parece acostumada, me guiando com rapidez pelo caminho que leva até a base de um dos arranha-céus. Parece que, qualquer que seja a empresa que manda neste prédio, não cuida dos andares mais baixos, e tem sido assim há muitos anos. Vejo poucas roupas penduradas em um varal improvisado, alguma fumaça saindo das janelas... Talvez alguém esteja cozinhando aqui perto.

Andamos por salas escuras de teto baixo, iluminadas apenas por algumas lanternas pequenas. O ar parece familiar e quase confortável: poeira, couro, livros velhos. Theo se apoia na parede, de braços cruzados, demonstrando uma satisfação exagerada.

— E agora?

— Agora — responde Paul —, nós conversamos.

Ele se aproxima de mim, a luz da lanterna iluminando de leve seus traços. Essa é a primeira vez que consigo realmente olhar para Paul em muitos dias. Respiro fundo. Ele tem uma cicatriz grande no queixo, mas, fora isso, lembra muito meu Paul.

No entanto, neste momento não vejo o Paul do Mafiaverso, que atirou nos joelhos de Theo. Não vejo o soldado apaixonado que traí em uma São Francisco sob ataque. Não vejo nem mesmo o meu Paul.

Vejo um homem, alguém único, um estranho para mim. É esta pessoa que preciso entender.

Porque temos uma oportunidade aqui, uma que não se deve desperdiçar.

— Você sabe que não sou a Marguerite deste mundo — digo. Eles não teriam como me achar sem o Firebird de Theo, não saberiam a quem procurar.

Paul assente.

— Mas você é, no entanto, Marguerite Caine, filha dos doutores Henry Caine e Sophia Kovalenka, e uma viajante interdimensional.

— Assim como você é Paul Markov, protegido dos meus pais e inimigo da Tríade. — Aponto para Theo com a cabeça. — E quando recebo de volta a versão dele da minha dimensão?

Ele sorri... um sorriso de verdade.

— Em breve. Você gosta mais da sua versão?

— Ele nunca teve uma gangue, nem nunca deixou ninguém apontar uma arma para mim.

O Theo deste mundo começa a reclamar.

— Para que tanta conversinha? Precisamos de respostas, irmãozinho.

Aqui eles também são próximos. Posso não gostar desse Theo armado e perigoso, mas tem algo nele que ainda reconheço.

— Seja paciente, Theo — diz Paul.

— Que respostas vocês querem? — ofereço. — Se são anti Tríade, e eu diria que são, então estamos do mesmo lado.

Todos eles se entreolham. E é Paul quem responde:

— Eles são seus pais. Conley era noivo da sua irmã.

— Meus pais estão de luto e perdidos. Wyatt Conley não é um homem em quem se pode confiar, não importa as razões. E a Tríade... Eles estão tentando juntar três dimensões em uma para dominar todas as outras. Isso *não* vai acontecer. Não se nos ajudarmos.

Theo fica de pé, agitado.

— Ela só está dizendo o que você quer ouvir.

— O que não significa que não esteja falando a verdade — diz, apontando para uma cadeira de metal meio surrada.

Não me sento até ele se sentar também. Sua cadeira está um pouco longe do que eu consideraria uma distância normal para conversar, parece mais um interrogatório... Mas dá para viver com isso. A sala claramente não tem um propósito definido, os móveis vão desde mesas de escritório a cadeiras de metal dobráveis de bar e tem até uma cama com estrado de madeira no canto. E eles estão jogando um verde também, o que me dá mais confiança para falar:

— O que você quer saber?

— Sua versão da história. Como você vê tudo isso.

Falo o básico: meus pais são contra Conley, neste mundo e nos outros atrelados à Tríade. Os sequestros. A invasão do corpo de Theo, o envenenamento por Furtanoite. A fragmentação de Paul. As exigências de Conley para que eu trabalhe para ele e o plano final. E, para acabar de forma bonita, digo:

— E, no meu universo, você e eu somos um casal. Estamos apaixonados.

— Apaixonados. — Ele balança a cabeça. Não sei se não acredita ou se só não consegue visualizar.

— Muito. Perdidamente. Mas, de alguma maneira, esta é a segunda vez em poucos dias que alguém que trabalha para você aponta uma arma para mim — acrescento. — Estou um pouco cansada disso.

— Você veio aqui procurar pelo seu Theo — responde ele. — Mas precisa desculpar o nosso por ser cauteloso.

Parece que Theo não gosta que falem dele como se ele não estivesse presente.

— Ainda não sabemos o que ela quer.

Ele me olha.

— Se você está tão apaixonada por essa outra versão de mim, por que ainda não foi resgatá-lo? Seu Theo obviamente não precisa ser salvo. Não o manteríamos aqui nem se quiséssemos.

— E não queremos — acrescenta Theo, apontando para o Firebird no pescoço, com nojo. — Saber que tem um cara apagado dentro de mim é bizarro.

— Mas não vim aqui salvar Theo. Só queria conversar com ele e... — Como explicar isso? — Aqui é o escritório central de Conley. O universo onde a Tríade começou. O que significa que a conspiração toda teve início aqui. Meus pais e Conley me contaram o que quiseram, e até acredito que tenham me falado a verdade, mas não toda. Tem muito mais

nessa história, certo? E essa dimensão é o único lugar onde posso achar as respostas. E vocês dois são a melhor fonte que posso ter.

Para minha sorte, isso parece convencer Theo. Mas ele muda de tática:

— Podíamos ter mais um Firebird. Ela tem um extra.

— O segundo não é um *extra*. — Seguro os Firebirds no meu peito. — É para juntar o meu Paul e poder levá-lo para casa.

— Em nome do meu outro eu, agradeço pelo senso de compromisso.

Paul dá um passo adiante, me olhando mais de perto sob a meia luz. Sinto esperança de novo.

— Calma. Você acha... Será que é você quem tem o fragmento final do Paul?

— Duvido — responde ele. — Seu Conley lhe deu um conjunto final de coordenadas. Ele está tentando ganhar sua confiança, então duvido que ele fosse falsificar essa informação.

Verdade. Volto a afundar na cadeira, desapontada.

— Você sabotou a tecnologia do Firebird em um mundo, mas garantiu que ela sobrevivesse em outro.

Assinto.

— Não é muito, mas temos que começar em algum lugar. Vocês estão mais próximos da fonte. Talvez saibam me dizer como atingir a Tríade. Como acabar com eles.

Paul e Theo trocam olhares de novo. Theo diz:

— Ela pode ser uma espiã de Conley.

— Ou pode estar falando a verdade — diz Paul, olhando para mim, tentando entender.

Ele quer acreditar em mim. Não sei se é uma estratégia ou se é desespero.

Quando fala de novo, faz a última pergunta que eu poderia esperar:

— Em que versão de mim você mais confia? E em qual confia menos?

Nem preciso pensar muito:

— No Paul do meu universo.

— Confia mais ou menos?

— As duas coisas. — Meu primeiro salto para uma nova dimensão me vem à memória como se fosse ontem. Londres, a chuva molhando meu rosto e cabelo, minha missão escrita na parede: MATE PAUL MARKOV. — Eu não confiava muito nele porque levei muito tempo para entendê-lo. Quando a Tríade incriminou Paul pela morte do meu pai, eu acreditei.

Paul me perdoou por isso. Não: para me perdoar, ele teria que ter me considerado culpada, para início de conversa. Ele nunca fez isso. E eu teria deixado de amar esse cara.

— Mas ele também é a pessoa em quem você mais confia? — pergunta Theo se sentando em outra cadeira, com as pernas esticadas para frente e os braços jogados para trás.

Confirmo com a cabeça.

— Depois que entendi meu Paul, eu sabia que ele jamais me faria mal. Ou a ninguém, exceto para se defender. Ele vai sempre fazer o que achar que é correto, e, mesmo que a gente nem sempre concorde com o que é certo, sei que ele tem boas intenções. Ele esteve sozinho por muito tempo, antes de nos conhecer. Sempre que penso em como era solitário, morro um pouquinho por dentro. — Por que eu nunca disse isso tudo para o meu Paul? Vou dizer da próxima vez que tiver oportunidade. No próximo universo. Minha visão fica embaçada com as lágrimas que querem escorrer, mas me recuso a chorar enquanto todos os outros Pauls aparecem na minha frente, do filho de um mafioso ao querido tenente Markov. Ele vai ter um lugar no meu coração para sempre, e muitos outros por quem eu teria me apaixonado, mas... — Eu poderia visitar um milhão de universos e nunca encontrar alguém que pode me fazer sentir dessa forma. Só o meu Paul. Só ele.

Theo faz um barulho que o meu Theo sempre faz, como se dissesse *me poupe*. Mas Paul olha para ele de um jeito que lhe faz ficar em silêncio logo em seguida. Para mim, ele diz:

— Uma coisa é certa: você não é a Marguerite Caine deste universo. Mesmo que não esteja falando toda a verdade, dá para notar que você odeia a Tríade tanto quanto nós.

— Que ótimo, lá vamos nós — resmunga Theo. Mas ele não parece irritado. Pode reclamar das decisões do Paul, mas vai segui-las.

Ele se levanta.

— Sim, vamos trabalhar com ela e com a outra versão de você. Então prepare-se para um lembrete — declara ele, e Theo solta um palavrão baixinho.

Também me levanto, feliz por não ser mais uma prisioneira. A compreensão de Paul me faz suspeitar e dizer:

— Você também viajou para outras dimensões enquanto trabalhava para a Tríade?

— Uma ou duas vezes.

— E em qual versão de mim você confia mais e menos?

Era para ser uma pergunta tranquila, para quebrar a tensão. Mas a expressão dele endurece, como a do Paul da máfia logo antes de atirar.

— Tenho que admitir que você é a versão na qual mais confio.

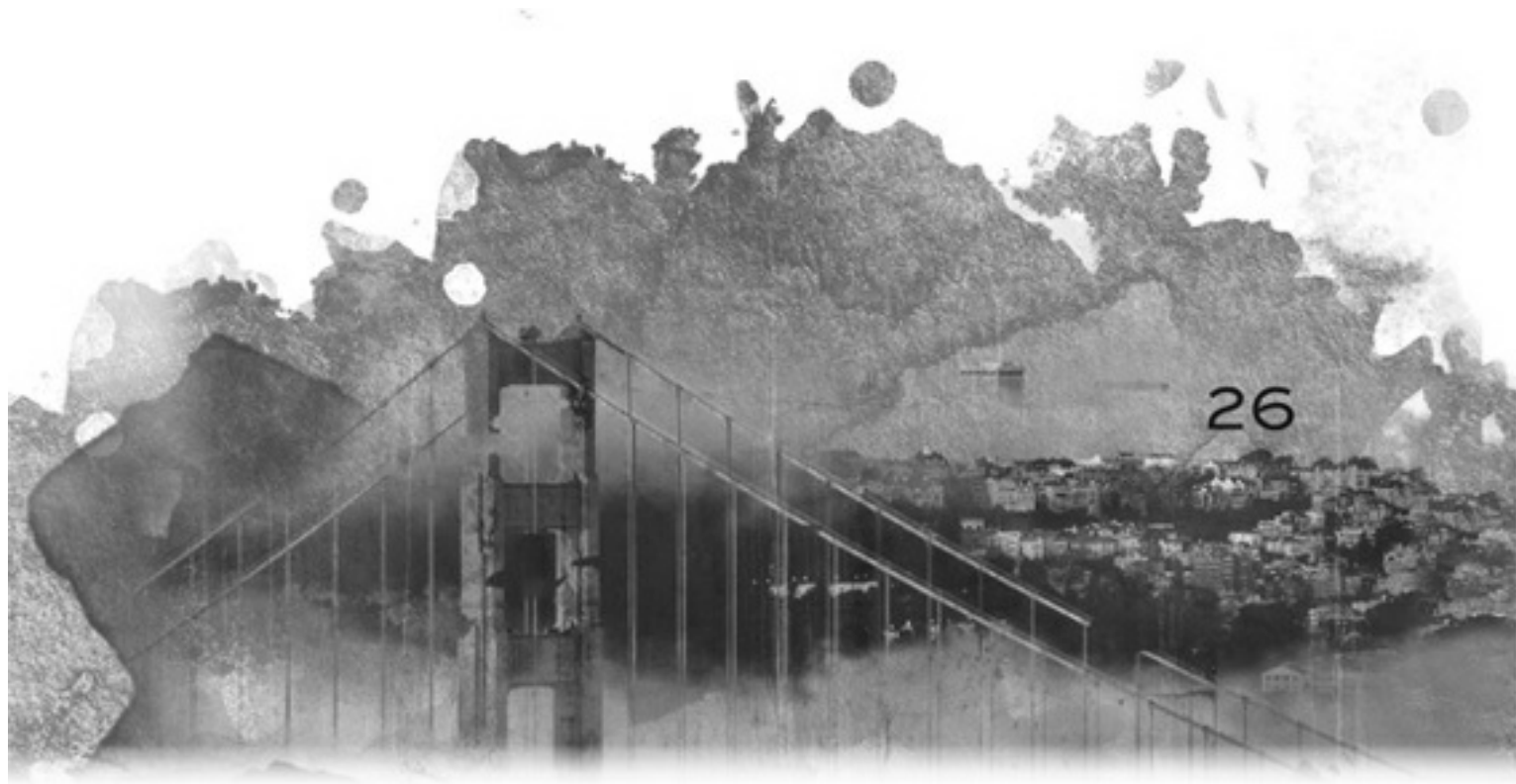
Eu? Ele mal me conhece.

— Conte para ela em qual você menos confia — exige Theo, enquanto se senta na cadeira e se prepara para um doloroso lembrete. Paul não responde. Ele ri e diz: — Ok, eu

conto, então.

— Conta o quê?

— A versão de você na qual ele menos confia é *essa daqui*. A nossa Marguerite Caine, a seguidora mais leal de Wyatt Conley. E a piranha mais fria do multiverso inteiro.



Fico esperando Theo dizer que está brincando ou que Paul me diga que ele está brincando. Mas não dizem nada.

Eu já sabia que trabalhava para Wyatt Conley. Mas por vontade própria? Por que eu faria isso? Assim que me faço essa pergunta, entendo a resposta.

— É por causa de Josie, não é? Minha irmã. Não sei se vocês conheceram ela...

— Conhecemos — explica Paul, calmo, mas o que quer que esteja por trás dessas palavras, não é simpatia.

— Meus pais não são assim. Não nas outras dimensões. Você já deve ter visto isso, né?

— Quando ele assente, e o sorriso de Theo desaparece, sei que estou no caminho certo. — Aqui, eles perderam uma filha e estão desesperados.

Theo cruza os braços.

— Isso não é desculpa.

— Não, não é. Ainda assim, acho que só precisamos mostrar a realidade para eles. Tudo o que querem é Josie de volta.

Theo solta um grunhido. Essa versão dele é meio irritante.

— O que isso quer dizer?

É Paul quem fala, não com uma resposta, mas com outra pergunta:

— Você realmente não sabe, né?

— Meus pais explicaram.

— Não explicaram tudo. Não se você continua defendendo os dois.

Assim que descobri que meus pais eram cofundadores da Tríade, o choque e o horror foram quase insuportáveis. Aquelas emoções voltam agora, mais assustadoras que antes.

— Me conte.

— Se eu contar, você não vai acreditar — diz ele, balançando a cabeça. — Vai ter que perguntar para eles.

— Não é tudo por causa de Josie — explica Theo. — Para você, quero dizer. A Marguerite Caine deste universo *adora* manipular a todos nós. O poder que ela tem sobre as outras versões dela mesma... Ela sente prazer com isso. *Vive* para isso.

— Como você sabe?

Paul entra na discussão, talvez com medo de que se torne uma briga física:

— Sinto muito, Marguerite, mas é verdade. Você inclusive diz isso para quem quiser ouvir. Você manipula as vidas das suas outras versões por prazer, só porque pode. Já vi você ser expulsa de escolas, estragar pinturas, quebrar carros, começar brigas. — Depois de alguns instantes, ele continua, mais calmo: — Dormir com outros caras. Com outras garotas, às vezes. Qualquer pessoa. Nada importa para você, contanto que magoe alguém.

Ele não me olha nos olhos. Deve estar se sentindo mal pelos outros Pauls que passaram por isso.

— Isso não me parece algo que eu faria — digo, tentando manter alguma dignidade.

Theo solta outro grunhido. Paul ao menos tem a decência de parecer chateado com o que está dizendo.

— Parece com a Marguerite Caine que nós conhecemos. *Ela* adora brincar com as outras versões de si mesma, diz que é uma forma de arte. Como esculpir, mas em vez de argila, ela usa vidas.

Sinto um buraco se abrindo em meu estômago, mas me recuso a acreditar.

— Que seja. Não sou ela, então falem comigo. O que vocês querem?

— Impedir que a Tríade expanda o poder e domine todos os mundos que puder alcançar. — Paul anda lentamente ao meu redor, me avaliando. — Sabemos que eles a trouxeram até aqui deliberadamente.

— Estão tentando me recrutar. Não vão conseguir.

Dou um passo à frente, quebrando a órbita. Não é ele sozinho quem decide aonde vamos a partir daqui.

— Mas você fez o trabalho que eles pediram — diz Theo. — Parece que a outra versão de mim mesmo contou isso para todo mundo aqui, antes de apagar.

— Ele também deve ter contado o porquê. Fiz o que fiz para salvar vocês dois. E pelo menos uma vez, consegui colocar os planos de Conley contra ele próprio.

Paul olha para Theo, como se dissesse *você devia ter se lembrado dessa parte*.

— Você tem razão. Se vamos derrotar a Tríade, temos que trabalhar juntos. Como viajante perfeita, você deve conseguir espantar nossa Marguerite, se ela tentar ir para o seu mundo...

— Mas ela não vai, porque não seria muito divertido para ela entrar em um corpo que não pode roubar — diz Theo. Pela primeira vez, não ligo para seu tom de voz convencido, porque estou muito aliviada em saber que a Marguerite do mal não vai tentar entrar na minha cabeça.

— Vamos trabalhar juntos, então — diz Paul, um pouco mais alto, uma dica para que Theo pare de interromper. — Isso pode significar que você vai vir aqui interferir nos planos da nossa Marguerite, mesmo que estejam procurando por você.

— Ok. Mas como vou saber como vamos nos encontrar? Ou onde? Nosso esconderijo secreto pode ser em qualquer lugar do multiverso inteiro.

Depois de um tempo, Paul diz:

— Como você acha que seu Paul Markov reagiria à minha entrada na sua dimensão por breves períodos de tempo, somente para podermos nos comunicar?

Deixar meu Paul ser invadido por este? Não tenho como autorizar isso, não é meu corpo. Mas me parece que é a melhor maneira...

— Você tem permissão para ir uma vez. Quando isso acontecer, aviso a você se Paul consentiu que seja feito mais vezes.

A expressão dele muda um pouco, como se indicasse respeito.

— Ok.

Vamos conseguir. Afinal, estamos um passo à frente do escritório central.

Só então penso: as outras Marguerites nas quais entrei se lembram de tudo que aconteceu enquanto eu estava dentro delas. E agora estou dentro de uma Marguerite que está do lado da Tríade.

Quando conto isso para Paul, ele não parece abalado.

— Não importa. Você não tinha outra maneira de chegar até nós, e Conley suspeitaria se tentássemos algo assim. Vamos para outro lugar assim que você sair.

— Isso é suficiente?

— Estaremos tão seguros quanto antes. Não muito, mas o suficiente. — Paul balança a cabeça, incrédulo. — Você realmente se importa.

— Sempre me importo com você. — As palavras do tenente Markov ressurgem na minha memória, e apesar de tudo que já vivenciei nessa jornada, posso dizê-las para este

Paul e realmente sentir que estou sendo sincera. — Eu te amaria de qualquer forma, em qualquer mundo, com qualquer passado.

Ele não responde imediatamente. Qualquer pessoa que não o conhece bem como eu pensaria que ele não sentiu nada. Mas sei que está emocionado e desconfiado.

— Aqui você não me ama.

Ainda não? Nunca? Digo a única coisa que acredito ser verdadeira:

— Mas eu poderia.

Ele suspira, cansado. Não me contradiz, no entanto, e sei que reconhece o mesmo que eu: o potencial. A possibilidade eterna. A fagulha esperando para explodir em chamas.

Eu me encho de esperança. Três dimensões, três versões de Wyatt Conley conspirando contra mim e minha família. Agora, finalmente, temos a nossa conspiração. Temos fontes dentro do escritório central, talvez outras. Os Conleys não vão mais estar um passo à nossa frente. O que quer que ele esteja planejando, teremos chance de impedir.

— Você pode pedir permissão para a minha versão para visitar sua dimensão agora, acho. — Ele fica parado e segura o Firebird. — Vai. Pode fazer isso.

Ele está falando com Paul, mas estou mais perto. Eu me abaixo, pego o Firebird da mão dele e digito a sequência antes que ele possa reclamar. Solto o Firebird na hora certa, mas ainda sinto minha mão queimar. Theo se contorce e cai para trás, arrastando os pés da cadeira no chão. Mas, quando ele olha para mim, é o meu Theo que está de volta.

— Uou! — Ele se curva para frente, apoia os cotovelos nos joelhos e espera passar a tontura inicial. — Se eu me lembro dos últimos minutos corretamente... Em primeiro lugar, eu fui um babaca. Me desculpe.

Eu sorrio.

— Acho que nenhum de nós é muito legal aqui nesta dimensão.

O tom de voz do Paul muda quando ele fala com o meu Theo, fica mais educado, mais distante.

— Você se lembra do plano proposto?

— Acho que sim. Trabalhar juntos. Duas dimensões unidas contra a Tríade. O que significa deixar o Theo deste universo ocupar meu corpo algumas vezes. — Ele parece obediente. — Vendo minha aparência neste corpo, eu diria que é uma troca justa.

Por que só duas dimensões? O Guerraverso pode ajudar, se a gente pedir...

Mas desisto da ideia. Como poderíamos chamar outros mundos para cooperar? Teríamos que ficar visitando todos, para lá e para cá, correndo o risco de, no fim, não saber mais com quem estamos falando, e seria mais fácil alguém se infiltrar. Conspirações me deixam tonta.

Tento me concentrar na melhor parte disso tudo: entre os dois mundos, podemos conseguir informações e o acesso necessário para derrubar a Tríade de uma vez por todas. O que seria um alívio, não fosse a indireta de Paul sobre meus pais e algum plano secreto deles.

Digo para Theo:

— Você se lembra do que esse Theo sabe sobre os meus pais? O que eles estão planejando?

Ele balança a cabeça.

— Eu me lembro mais do que eles dizem e fazem, mas não do que pensam.... Consigo capturar... impressões emocionais, mas não uma imagem do que está acontecendo no cérebro.

Eu tentei.

— Então temos que ir até eles e forçá-los a contar.

— Não — diz Paul, de forma seca. — Theo não. Se o Theo da sua versão sair do corpo e ele estiver lá, onde pode ser rastreado, vai acabar preso em menos de meia hora.

— Vou sozinha, então. Apesar de ainda não saber onde eu moro nesta dimensão.

— Eu te dou o endereço — responde ele. — Temos essa informação.

Theo se levanta da cadeira, e até a forma de ficar de pé é diferente. Ele é mais firme, mais confiante, menos cauteloso.

— Não estou gostando disso. Estamos mandando ela ir sozinha perguntar aos pais uma coisa que você sabe, mas que, convenientemente, não quer nos contar.

— Eu posso contar — responde Paul. — Mas vocês não vão acreditar em mim. Marguerite não vai acreditar até ouvir diretamente deles.

— Tente — peço.

Ele faz uma pausa e eu me pergunto se já flagramos Paul mentindo alguma vez. Aí percebo que ele está escolhendo as palavras porque não quer me magoar.

— Seus pais — ele respira fundo — não querem apenas visitar Josie em outras dimensões. Eles querem que ela volte ao nosso mundo de vez.

Eu já saberia disso mesmo que ninguém tivesse me contado.

— Você não ia querer sua filha de volta? Mas é impossível, ela foi fragmentada em muitos pedaços. Meus pais acham que não tem como juntá-la novamente.

— Há um jeito — diz ele. — Uma coisa que eles podem fazer em todas as dimensões que Josie já visitou e se certificarem de que cada fragmento da consciência dela volte para casa.

Theo e eu nos entreolhamos, chocados. Isso parece mais avançado do que todas as pesquisas que já fizemos na nossa dimensão.

— O que eles precisam fazer?

Ele tenta ser gentil quando diz a frase seguinte:

— Destruir todas.

Vinte minutos depois, estou frente a frente com meus pais desta dimensão. Eles estão pálidos.

Paul me deu o endereço. Este apartamento deve ser considerado de luxo aqui, mas, para mim, parece simples e sem alma. Não tem plantas, não tem parede para escrever equações com giz, não tem livros empilhados. É como se meus pais tivessem optado por morar em um flat em vez de em uma casa própria: é um lugar impessoal e frio.

— Você tentou achar Theodore Beck, não foi? — Mamãe está muito irritada, mas tentando se controlar para não perder a razão. Ela sempre faz isso. — O Fundo é muito perigoso, meu amor, você não devia...

— Eu achei. Os dois.

Meus pais se entreolham. Papai diz:

— Imagino que não vá nos contar onde eles estão.

— Não, não vou. *Vocês* é que vão me contar o que estão planejando fazer com relação a Josie.

Não repito o que Paul me disse porque não acredito. Não posso acreditar.

Meu pai me olha como se não soubesse o que dizer ou como se estivesse envergonhado do que está prestes a falar. Mamãe, no entanto, parece ter recuperado a confiança. O único sinal de que ela ainda sente algum desconforto está no abraço que está dando em si mesma, cruzando os braços.

— As jornadas entre as dimensões são perigosas, mesmo para um viajante perfeito. Sei que já sabe disso, porque você mesma encontrou grandes perigos sozinha. Em algum momento, é claro, você se perguntou se essas jornadas não deveriam ser completamente abandonadas.

Sim, já me perguntei. Mas as dúvidas nunca passaram de um sussurro no fundo da cabeça. Vi coisas tão incríveis nessas viagens, e conheci tantos mundos novos... Na minha opinião, isso supera qualquer coisa assustadora. Até o momento.

— Depois da morte de Josie, primeiro pensamos em abandonar o projeto completamente — continua ela. — Os riscos eram altos demais para justificar uma mera

curiosidade ou mesmo o avanço tecnológico. Mas aí falamos com Wyatt Conley e decidimos que temos um novo objetivo. Um que vale qualquer custo. Qualquer sacrifício.

— Vocês querem Josie de volta — respondo. — Mas como vão conseguir isso?

Quero que eles me digam que não, que repitam que recriar Josie depois da desfragmentação é impossível. Ou, se não é, que me digam que a solução é algo justificável.

Mas, pelo silêncio deles, já sei que Paul me disse a verdade. A Tríade pode até estar motivada pelo amor sincero pela minha irmã, mas seus planos são mais horríveis que qualquer coisa que Wyatt Conley já sonhou em fazer.

Minha mãe se aproxima de mim e diz:

— Marguerite, os fragmentos da alma de Josie estão espalhados demais para que a gente consiga coletar. Mas se determinada dimensão não contiver mais uma Josie...

— É porque a dimensão deixou de existir.

Depois de alguns segundos de silêncio, meu pai responde:

— Nada mais funcionaria.

Estou tão irritada que chego a me sentir tonta. Como se o planeta tivesse começado a girar em outro eixo. Durante minha vida toda, fiz piadas sobre “as teorias malucas da mamãe”, ainda que eu soubesse que não eram malucas, apenas *muito avançadas*. Mas o que estou vendo diante de mim quando encaro minha mãe e meu pai é insanidade.

Não a insanidade metafórica, a insanidade real. Do tipo que requer internação.

— Vocês não podem destruir uma dimensão inteira — explico, tentando parecer calma. — Mesmo que não fosse totalmente cruel. Como fariam isso? Não existe bomba grande o suficiente para destruir um *universo*, muito menos vários.

— Marguerite, pense. — Minha mãe entra novamente no “modo professora”, tão familiar e tão bizarro neste momento. — A ressonância entre as dimensões é altamente sensível, como você deve saber. Lembre-se de que elas só podem ser alteradas para criar um viajante perfeito uma vez por dimensão.

Nunca entendi essa explicação científica sobre as “ressonâncias”, mas as implicações são claras.

— Sensível? Frágil? Quebrável?

Papai sorri, apesar da tensão, da mesma maneira que fazia quando eu tinha dificuldades em aprender a andar de bicicleta, e diz:

— E cada universo se esforça para conseguir o equilíbrio perfeito. Tudo que precisamos fazer é fazê-los voltar para a simetria fundamental.

A memória de Muir Woods com Paul volta, tão forte que chego a sentir o cheiro da floresta. Ele estava sob uma fresta de luz quando me contou sobre como a simetria

fundamental foi quebrada no instante da criação. E que, se não tivesse sido desse jeito, se matéria e antimatéria não fossem iguais, assim como gravidade e antigravidade, o universo se destruiria em instantes. Não iríamos nem saber que o desastre estava acontecendo, porque o tempo também iria ruir.

— Como se faz isso? Como é possível? — sussurro.

— O dispositivo é simples — diz meu pai. — Fico surpreso que ninguém tenha pensado nisso antes. Se pensaram, tiveram também o bom senso de não construir um.

Eu me agarro à única esperança que encontro.

— Mas como levar um dispositivo para outro universo? Só a consciência viaja entre as dimensões! Matéria, não!

— A maioria, não. — Minha mãe aponta para o Firebird no meu pescoço. — Temos feito testes com vários compostos e ligas. Em breve conseguiremos construir um dispositivo que possa viajar tão facilmente quanto o Firebird. No entanto, é claro, nem todo mundo vai conseguir usá-lo. A maioria das pessoas seria apagada no universo com a sua destruição, sem conseguir escapar.

— O viajante perfeito?

Finalmente entendi. Eu sabia que Conley estava obcecado demais comigo e que tinha muitas outras formas de fazer aquele trabalho sujo. O que eu não sabia era o quão sujo seria.

— Calma aí. — Ergo a palma da mão na frente deles. — Vocês estão querendo dizer que querem que EU destrua os universos?

— Josie se partiu em muitos pedaços, foi fragmentada demais para ser coletada. Mas não seria impossível viajar para cada um daqueles mundos. Você não precisaria ficar muito tempo. — Mamãe põe a mão no meu ombro, um toque que deveria ser carinhoso, em vez disso, sinto que fico arrepiada. — Você não vai matar ninguém, Marguerite. A dimensão inteira vai simplesmente desaparecer do multiverso. Ninguém vai sentir nada. Ninguém vai saber.

Quando uma dimensão morre, leva junto sua história. As pessoas não iriam morrer, iriam deixar de ter nascido.

Penso no Guerraverso, em Josie como piloto de guerra. Nos meus pais como pesquisadores militares, se esforçando para manter as esperanças do país vivas. Em Theo como o soldado que entrava no quarto da namorada à noite em busca de momentos de romance naqueles tempos assustadores.

No tenente Markov daquele universo, que me amou tanto, mesmo sabendo que estava sendo enganado.

Eu não ousaria voltar para aquela dimensão, o que significa que nunca mais vou ver aquelas pessoas. Mas elas merecem seguir com a vida e encontrar seus destinos. Merecem ter uma chance de ganhar a guerra e sobreviver.

E, ainda que me doa saber que pode ser que muitas daquelas pessoas tenham morrido, seria muito pior saber que nunca existiram.

— Vocês não estão entendendo o que estão me pedindo, não é possível. — Minha voz sai trêmula. — Destruir uma dimensão inteira... *é pior que genocídio*.

Eles querem que eu destrua espécies inteiras, planetas, estrelas, galáxias infinitas.

— Talvez *destruir* seja a palavra errada — diz meu pai. Como se olhar o dicionário nesse momento fosse mudar alguma coisa. — Pense em “desfazer” uma dimensão. É mais ou menos isso.

Eles estão tão loucos que nem conseguem perceber. Digo a primeira coisa em que consigo pensar:

— Josie jamais aceitaria isso. Mesmo que vocês fossem bem-sucedidos e a recuperassem, ela iria odiar vocês dois para sempre por isso.

— Acho que Josephine vai entender com o tempo — responde meu pai, com o mesmo tom de voz que usou quando minha mãe disse que ela não podia fazer um terceiro furo nas orelhas.

Mamãe acrescenta:

— Pense que Josephine viajou muito mais que você. Ela viu muito mais versões de nós, em todos os mundos. Uma versão a mais ou a menos no multiverso não faria grande diferença, matematicamente falando.

— Isso é muito maior que a matemática! Vocês não podem simplesmente trocar uma de nós por outra!

Mamãe parece irritada com minha falta de compreensão.

— Todas as versões de nós são a mesma pessoa, em algum nível. Você já não sabe disso? Seu Paul Markov é o mesmo Paul que você ama em todos os universos, não é?

Eu já teria respondido sim, mas agora sei que a verdade é bem mais complicada que isso. Ainda que as versões sejam parecidas em vários aspectos, nós ainda somos todos muito únicos. Cada um de nós, em todo lugar, é insubstituível.

— Seu universo está a salvo — diz minha mãe. O que não deveria fazer diferença, mas faz. Sou covarde o suficiente para estar feliz com o fato de que não estamos na lista do abate. — Viajantes perfeitos são um tipo raro, não podemos ficar desfazendo-os.

— Agora você entendeu por que precisamos conter a tecnologia? — acrescentou meu pai. — Se todas as dimensões tiverem esse poder, imagina a guerra que ia resultar disso...

— Mas a única dimensão que tem esse poder é a de vocês. Então não é uma guerra, é só um massacre.

— Você faz parecer que é diabólico — diz papai. Como se não fosse.

— Por favor, querida. Pense com carinho quando estiver mais calma. — Minha mãe está implorando abertamente, de uma maneira que nunca fez. Apesar de tudo, ela parece o suficiente com minha mãe de verdade para me fazer sentir mal. — Queremos trabalhar com você. Queremos que isso seja feito da melhor forma possível para todos os envolvidos. E podemos te oferecer muito em troca.

— Como o quê?

A tecnologia para transformar nossa dimensão em uma colagem de Goya e Warhol, como essa aqui? *Isso* vai me convencer a me transformar em uma assassina? Ela olha de novo para meu pai. E, ainda olhando para ele, diz:

— Queremos proteger você, Marguerite. Você também é nossa filha. Mas, se for preciso, Conley pode viajar para uma dimensão diferente e criar outro viajante perfeito.

Imediatamente entendo o que ela está dizendo, mas é como se meu cérebro se recusasse a compreender. Começo a sentir calor, meu rosto fica quente, uma dor surge no meu estômago como se eu tivesse bebido um veneno que precisa sair de mim *agora*, porque, caso contrário, vou morrer.

Meus pais teriam coragem de destruir meu universo. Teriam coragem de *me* matar. Porque uma versão é tão boa quanto qualquer outra, porque eles acham que somos todos fungíveis, substituíveis, *dispensáveis*...

— Você sabe que não seria fácil para nós — diz meu pai. — Não te trouxemos para esta dimensão de pirraça. Você precisava saber a verdade. Mas achamos que seria mais fácil.

Disparo uma resposta:

— Não existe jeito “fácil” de contar que vocês querem que eu mate bilhões de pessoas.

Ele continua como se eu não tivesse falado nada:

— Espere. Pense um pouco. Discuta isso com a gente na sua dimensão. Quando você entender a diferença entre morte e inexistência, que ninguém sofreria da maneira que Josephine sofreu...

Ele começa a chorar. Minha mãe segura a mão dele com força. Isso é o pior de tudo: ver que ainda são meus pais, capazes de sentir amor e compaixão, mas ao mesmo tempo capazes de destruir mundos inteiros.

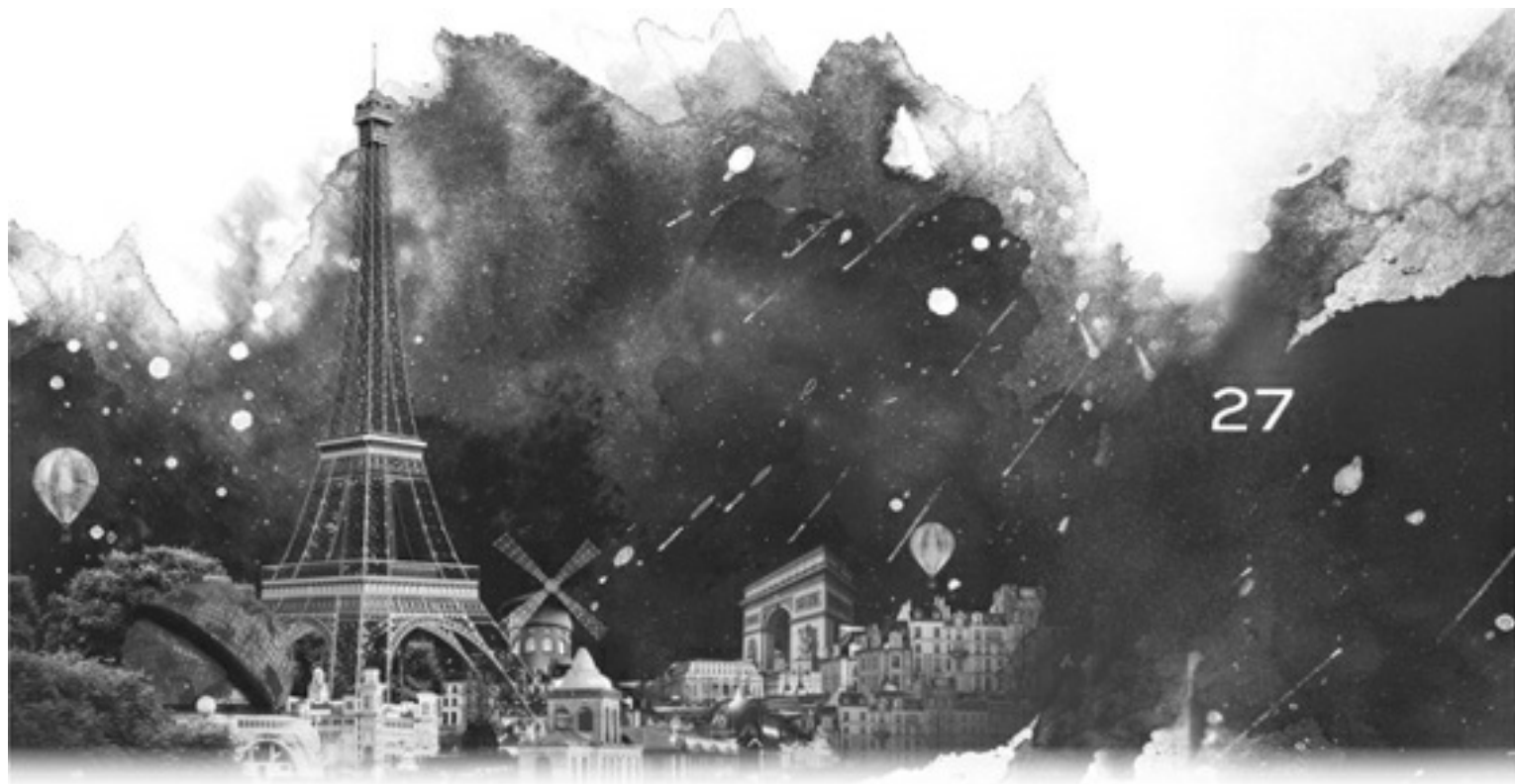
— Estou indo — digo, andando na direção da porta. — Não venham atrás de mim.

E com isso quero dizer: não me sigam no corredor e definitivamente não me sigam no meu mundo. Mas eles não se mexem. Ficam ali, parados, mais tristes do que jamais os vi.

Não estão só se sentindo mal por eles mesmos, ou pela filha que morreu. Também se sentem mal por mim.

Eu poderia sair deste universo aqui mesmo, mas vou até a porta. Dessa forma, posso batê-la com força ao sair e criar a ilusão de que eles não podem me seguir, de que posso esquecer tudo isso que descobri aqui.

Mas eles podem me seguir onde quiserem, e vão, até conseguirem o que querem. Caso contrário, vão destruir meu mundo inteiro.



Com as mãos trêmulas, ajusto as coordenadas que meus pais me deram, as que deveriam me levar até o último fragmento da alma de Paul. Fecho os olhos, aperto o botão...

... e me tranco em mim apenas para me perder por completo.

Estou pedalando, acho, um segundo antes de cair numa vala.

Gemendo, me esquivo depressa da bicicleta que está em cima de mim e percebo meu joelho todo vermelho e esfolado, e também algumas gotículas de sangue que já começam a aparecer. Alguém andando por ali pergunta, com um sotaque inglês:

— Você está bem, querida?

Sinceramente, neste momento, é quase um alívio que um joelho ralado seja meu maior problema.

— Estou bem, obrigada.

Essa frase também saiu com um sotaque inglês. Será que moro em Londres, neste mundo? Mas aqui é muito verde para ser Londres....

Olho para cima e imediatamente reconheço onde estou. A maioria das pessoas não reconheceria, mas a maioria das pessoas também não cresceu rodeada de universitários, sempre carregando folhetos do melhor departamento de física do mundo enquanto tentavam descobrir onde fariam o pós-doutorado.

Quando vejo a Ponte dos Suspiros, percebo que estou mesmo em Cambridge.

Faz sentido. Tanto minha mãe quanto meu pai poderiam perfeitamente acabar dando aula aqui, e neste mundo foi o que aconteceu. Agora preciso descobrir o que mais mudou.

Minha primeira tarefa ao chegar numa nova dimensão é sempre descobrir o básico da melhor forma possível: onde estou, quem sou. Nesse caso, quero muito encontrar Paul logo. Preciso dele mais do que nunca. Por ora, só consigo me sentar aqui na grama, trêmula, pensando na versão lunática dos meus pais que acabei de deixar para trás e no que querem de mim.

Árvores verdejantes. A bela e antiga universidade. Sons distantes de trânsito. Alunos correndo pela grama, rindo. A Tríade pode destruir este universo também.

Foco, digo a mim mesma. Depois você pira. Primeiro encontre Paul. Comece descobrindo coisas sobre este mundo.

Primeiro olho para o que estou vestindo: saia jeans, meias 3/4, sapato boneca e um suéter de lã cinza esfarrapado. Bem normal, talvez um pouco mais simples do que eu mesma usaria. Mas gosto do meu cachecol florido. A bicicleta também parece ser do tipo que eu usaria no meu mundo: retrô, com pneu largo, de um tom alegre de azul-turquesa.

Minha bolsa é tipo carteiro, de couro preto. Abro para ver o que vou encontrar lá dentro. Minha mão e meu braço doem enquanto mexo nas coisas; talvez eu tenha me machucado mais do que imaginei na queda da bicicleta. Esta Marguerite deve ser mais prática que eu, e ainda bem, porque uma das primeiras coisas que tiro da bolsa é um Band-Aid. Coloco na parte esfolada do meu joelho e continuo a procurar. Batom: uma marca que não conheço chamada Sisley, mas praticamente da mesma cor que eu usaria em casa. Óculos escuros vagabundos de farmácia, que são os que eu sempre compro, porque não consigo passar dois meses sem perdê-los. Um e-reader, num modelo com o qual não estou acostumada, mas que posso descobrir como funciona depois. Meu celular, maravilha! Quando verifico se é um tPhone, no entanto, fico momentaneamente confusa: neste mundo, parece que tenho algo chamado iPhone. Queria saber quem fabrica.

E, sim, uma carteira. Abro e encontro a habilitação de motorista, junto de um endereço. Bastante dinheiro britânico, com a rainha me olhando serenamente nas notas de tamanhos e cores diferentes.

Há uma marca vermelha de lesão no meu punho direito. Ao puxar a manga do suéter, descubro uma cicatriz grande e azulada. Não é nada grotesco ou algo assim, mas ver aquilo me causa certa repulsa, uma dor solidária. Pela aparência, isso aconteceu há alguns meses, talvez a cicatriz desapareça com o tempo.

Mas ao cerrar o punho, sinto a dor pulsar pelo braço e percebo a gravidade do machucado. Lesionou mais do que a pele. Feriu músculo e osso.

No entanto, a ferida está obviamente se curando e por enquanto dá para aguentar. Começo a fuçar o telefone, que, por sinal, tem um sistema operacional tão intuitivo quanto

o tPhone lá de casa. A câmera mostra várias fotos da minha família (de Josie também, fico aliviada ao ver) e de vários amigos que não conheci no meu mundo.

Dando uma olhada rápida, não tem nenhuma foto de Paul nem de Theo.

Preciso olhar nos contatos. Não, nenhum dos dois está listado.

Mas a Josie sim... E depois das revelações no escritório, preciso conversar com ela. Então prossigo e aperto disar. Depois de tocar algumas vezes, ela atende, aflita:

— Marge?

Marge? Ainda bem que minha Josie nunca pensou nesse apelido.

— Oi, como vai?

— Ora, estou bem. — Ela fica muito estranha com sotaque britânico. — Aconteceu alguma coisa lá em casa?

— Não! Não! — Espero que seja verdade — Eu só... não sei... só queria falar com você.

A voz dela se acalma:

— Está tudo bem?

— Sim. Tudo bem. Mas eu queria saber como você está.

— Estou ótima. — É como se eu conseguisse ver o sorriso de Josie. — As pessoas subestimam demais o rafting da River Findhorn... É fenomenal, Marge. Absolutamente *fenomenal!*

Não importa o sotaque. Essa é definitivamente a Josie que conheço.

— Fico feliz que esteja se divertindo.

— Você vai ter que vir comigo da próxima vez. Sei que não curte muito esporte, mas garanto que você iria adorar. E tenho certeza de que você conseguiria. Apesar de tudo.

Mais uma vez, olho para cicatriz nojenta no meu punho.

— Da próxima vez, prometo.

Que droga. Aposto que a Marguerite daqui adoraria fazer rafting também. E certamente o que estiver errado com meu braço vai melhorar mais cedo ou mais tarde.

— Você tem certeza de que está tudo bem? — pergunta Josie, obviamente achando estranho que eu tenha ligado para ela no meio de uma grande aventura sem nenhum motivo.

— Claro, está sim. — Tento disfarçar. — Mas... é que... ontem à noite eu tive um sonho estranho em que você havia morrido e acho que fiquei com saudade.

Depois de um bom tempo, Josie ri.

— Você nunca admitiria isso na minha cara.

— Não. Aproveite este momento.

Um pouco mais de conversa fiada — basicamente sobre o escocês gato, líder do grupo de rafting — e Josie desliga o telefone. Apenas ouvir a voz dela por alguns minutos foi o suficiente para eu me sentir melhor; é como se ela estivesse de volta.

Por enquanto, acho, preciso me lembrar do que o escritório central quer. Do que eles podem fazer com essa dimensão ou com outra parecida.

Um calafrio me percorre. Eu me levanto, endireito a bicicleta, porque isso me faz sentir mais forte, mas não pedalo ainda. Primeiro abro um navegador e procuro por *Paul Markov, físico*. Os resultados surgem logo, e sorrio. Ele está aqui, em Cambridge.

Ele está aqui. Vou encontrá-lo antes do dia terminar, talvez assim que eu chegar em casa. Ainda não entendi por que não tenho fotos dele, mas talvez ele não tenha começado a pós tão cedo neste universo. Talvez Paul seja novo aqui.

Vou fazer tudo certo, penso. Se em algum momento você não acreditou que eu te amo pelo que você é, Paul, estava errado. E você pode me ajudar a descobrir como conter a Tríade.

Depois procuro por *Theo Beck, físico*, porque Theo deve ter pulado para esta dimensão logo depois de mim. Embora eu acredite que o grupo mercenário de Paul do escritório estivesse falando sério, só vou me sentir melhor depois de falar com ele. Quando os resultados aparecem, no entanto, fico emburrada.

Theo está no *Japão*?

Mando um e-mail para ele, com a esperança de que encarnar seu outro eu o tenha despertado. Como era de se esperar, meu telefone toca poucos minutos depois.

— Mas que droga! — diz Theo, em vez de me cumprimentar. — Estou dormindo no chão, num alojamento. Não tem nem cama...

— Isso não se parece com nenhum alojamento japonês de que eu já tenha ouvido falar. — Não que eu seja uma grande conhecedora das lendas e tradições dos dormitórios japoneses, mas se os alunos vivessem em comunidade, sem cama, acho que eu saberia.

— Calma. Não quero acordar ninguém. Espere eu sair daqui. — Escuto alguns passos e depois ele mexe na porta de tela. Finalmente, Theo volta a falar: — Pronto, estou na varanda. Altas horas da noite e... Calma, tem tipo um folheto aqui ou algo parecido em algumas línguas... Droga!

Ele parece um pouco agitado. Aperto o guidão com as mãos, mas sinto dor nos punhos e preciso relaxar.

— O quê? O que é isso?

— Estou no Monte Fuji.

— Como você está... — Dou uma risadinha por dentro. Isso alivia um pouco a tensão horrível. — Por que você está escalando uma montanha?

— Não sei. Mas por algum motivo, decidi fazer isso hoje. — Theo suspira. — Em outras palavras, não vou conseguir te alcançar tão cedo. Pelo sotaque, imagino que esteja em Londres de novo.

— Cambridge.

— Entendi. Paul está aí?

O tom da voz dele seria imperceptível para a maioria das pessoas:

— Sim, tipo, ele não está aqui neste segundo, mas está em Cambridge também. Devo me encontrar com ele hoje.

— Bom. Isso é bom. — Uma longa pausa antes de Theo dizer: — Já descobriu alguma coisa sobre destruição de dimensões?

A tensão volta, como um peso chato nos ombros.

— É verdade. No Escritório, meus pais acham... Tipo, o que são alguns universos a mais ou a menos?

— Que merda. Quanto será que falta para eles conseguirem? Precisariam de um dispositivo que pudesse viajar dimensões, como o Firebird, um que fosse capaz de abalar ressonâncias fundamentais...

Ele já pensou muito à frente. Isso me dá esperança de que a gente tenha condições de passar a perna no escritório.

— Eles não têm o dispositivo, mas estão indo para a fase de testes. Então, não vai demorar muito.

— Droga. Talvez eu devesse voltar para casa. Quanto mais cedo eu chegar lá, mais cedo vou poder contar para Henry e Sophia o que está acontecendo.

— Eles precisam saber. — Mas é meio estranho dizer *sim, claro, vá sem mim*.

Theo esteve ao meu lado a viagem toda. Mais que isso: percebi o quanto a gente significa um para o outro. Paul é a única pessoa que eu amo, mas me conectei com Theo em outro nível. O amigo com o qual eu me importava tanto antes do Triadverso e do escritório começarem a destruir nossa vida... Eu tenho aquele Theo de volta. E estou muito feliz.

Não posso falar nada disso aqui e agora. Theo não ia querer escutar, não dessa forma, não ainda. Então apenas digo:

— Se eu não chegar em casa dentro de 24 horas, volte e me busque, ok?

— Sempre — diz ele.

O tom da voz dele deveria ser mais natural. Mas não é. Embaixo da superfície se esconde uma saudade com a qual ainda não sei como lidar, mas não é preciso. Theo desliga

sem nem me esperar dizer tchau.

Por um instante, fico ali parada, olhando para a tela do meu telefone. Eu queria poder ligar de volta para ele. Quase queria poder dizer o que ele realmente quer ouvir. Mas eu não deveria fazer isso, nem posso.

Em vez disso, procuro o Maps e digito o endereço na minha carteira de motorista. Está na hora de ir para casa.

Minha viagem percorre as margens do rio Cam quase em sua totalidade, então posso aproveitar a vista e um calor inédito de um dia de primavera. Manusear o guidão faz meu braço direito doer por baixo da cicatriz vermelha, mas consigo aguentar. Nesta dimensão, parece que vivemos numa cidade vitoriana não muito afastada da universidade e do centro da cidade... nem muito distante do rio também. Em frente, estacionado, há um carro extremamente pequeno, verde-claro cintilante. A princípio, o grande edifício de pedra parece muito a casa de outra pessoa, tanto que fico meio relutante de entrar.

Então vejo uma tangerina brilhar na janela: é um prisma, balançando no meio da vidraça, como os que temos lá em casa. Mais tranquila, pedalo pela rodovia, prendo minha bicicleta e entro.

No momento em que abro a porta, ouço um zunido estranho, então um pug preto vem correndo pelo hall para me cumprimentar, com focinho franzido, a língua para fora. Eu rio e me abaixo para fazer carinho nele.

Finalmente, uma dimensão onde meus pais deixam a gente ter um cachorro. Preciso descobrir como a Marguerite e a Josie daqui conseguiram isso.

— Quem está aí, Ringo? — A voz do meu pai se aproxima cada vez mais. — Será que o Xiaoting veio nos visitar? Ah! Tão cedo em casa, meu anjo? A primeira sessão estava esgotada?

Ele se parece tanto com meu pai lá de casa, com seu cardigã antigo e o cabelo sempre bagunçado, que me deixa com vontade de ajeitar. Não tem mais aquele pai estranho, maluco, manipulando e ameaçando as dimensões, só esse aí, que é igual ao pai que conheço e amo.

— Sim — respondo, sem ter ideia do filme que eu ia ver. — Cheguei lá muito tarde.

— Tudo bem — Ele faz um gesto para eu entrar, enquanto Ringo corre para o seu lado, bufando, feliz. — Pelo menos você chegou a tempo de se despedir de Susannah.

Ao entrar na cozinha, pequena, porém notável, realmente vejo tia Susannah, com seu vestido de oncinha e o batom magenta já característico. Mamãe, idêntica à sua versão real, concorda cordialmente com minha tia, sem entender nada do que ela diz:

— E se você não vai de classe executiva, acho que nem vale a pena. Porque na carruagem você também pode ser o cavalo, sabe? Ah, Marguerite, querida? Já voltou?

* * *

— O ingressos estavam esgotados — Mantenho a desculpa que meu pai deu. Não tem motivo para pensar demais. Além disso, estou mesmo feliz de vê-la. Em casa, já fazia anos que não visitávamos ela, mas tia Susannah foi minha guardiã e acompanhante na primeiríssima dimensão onde fui parar, e depois de descobrir que ela tinha morrido no Guerraverso, é bom vê-la ali, viva, bem perua como sempre. — Que horas você vai?

— Seu pai vai me levar para a estação de trem daqui a menos de uma hora. Então vou poder me despedir de você duas vezes.

Ela estende os braços. Normalmente eu tentaria me esquivar, mas dessa vez aceito o carinho e abraço-a apertado. Seu perfume doce demais nunca foi tão gostoso.

Tia Susannah ri, surpresa, mas feliz.

— Você é uma fofa! Henry, Sophia, vocês tinham que mandá-la passar o verão comigo, em Londres. A gente podia fazer compras, as últimas modas, para você arrasar em Oxford no próximo outono.

Oxford? Então fiz prova para a Faculdade de Belas Artes de Ruskin e passei? Eu me encho de orgulho e esperança. Se essa Marguerite conseguiu passar, também passo. Não sei se eles aceitam alunos já em janeiro, mas eu poderia participar da próxima avaliação de portfólios e descobrir.

— Acho que dá para organizar uma viagem para Londres — diz papai. — Mas se você quer pegar o trem das 6h45, é melhor a gente ir.

— Isso mesmo. — Depois de dar alguns tapinhas no meu ombro, tia Susannah vai embora. Fico surpresa por sentir um nó na garganta enquanto ela se despede. — Estamos indo, então. Até mais, queridos.

— Tchau, Susannah. — Mamãe sempre fica com essa cara quando está perto da irmã do meu pai: um pouco cansada, um pouco confusa, mas, nesta dimensão, tem também bastante afeto.

Com a saída de papai e tia Susannah, ficamos só eu, mamãe e Ringo. Enquanto minha mãe está ocupada arrumando a mesa do jantar — pelo cheiro, terá macarrão à bolonhesa, *nham!* —, faço um reconhecimento rápido da casa. Parece ser um lugar onde viveríamos, com livros, plantas. E meu quarto tem vários retratos em tinta a óleo num estilo muito

parecido com os lá de casa. Josie, mamãe e papai formam um tríptico na parede, cada um expressivo do seu jeito. Mas reconheço as pinceladas, as cores misturadas, a luz. Eu mesma poderia ter pintado qualquer um desses.

Paul não estava só tentando me animar na noite em que conversamos no quarto do seu alojamento. Ele estava falando a verdade. Será que me subestimei esse tempo todo?

Se eu consegui entrar na Ruskin, Paul também poderia fazer seu pós-doutorado lá ou em Cambridge. A distância não é muito grande entre Oxford e Cambridge. Conseguiríamos nos ver todo fim de semana, pelo menos. Tem como funcionar, se a gente tentar.

Então não fico chateada com o fato de o retrato de Paul não estar pendurado na parede.

O mais estranho é que meu cavalete esteja guardado. Não vejo a caixa de tintas. Quando olho na cesta, não tem nenhum avental manchado de tinta. (Tenho que lavá-los separadamente, mas às vezes esqueço, o que é um desastre para as outras roupas.) Vou começar na Ruskin em breve. Eu não deveria estar praticando?

Volto para a sala, que é menor do que a que a da nossa casa, mas igualmente confortável. Eu me jogo no sofá vermelho estofado e Ringo rapidamente se junta a mim, pedindo carinho na barriga. Enquanto lhe faço o agrado, mamãe vem da cozinha, secando as mãos num pano de prato.

— Pronto — diz ela, sentando-se ao meu lado. — A gente vai servir a massa quando seu pai voltar.

— Ótimo. — Se Paul é aluno de física em Cambridge, mesmo que eu não tenha conhecido ele ainda, meus pais devem saber quem é. — Você tem visto Paul Markov?

Mamãe se endireita no sofá.

— Tem visto ele por aí?

— Eu... hum... não. Não tenho.

— Ah, minha querida. — Ela se aproxima para colocar as mãos no meu ombro. — Você ainda está magoada? Não te culpo.

Magoada?

— Estou bem. De verdade.

— Você não estaria perguntando de Paul se estivesse bem. — Mamãe suspira. — Seu pai e eu reivindicamos medidas mais rigorosas, mas o código da universidade é tão claro quanto leniente. Tecnicamente, ele não infringiu nenhuma regra da faculdade. Então não pudemos expulsá-lo do programa. Quase desejei não já ter cancelado o projeto Firebird, porque aí poderíamos ter a satisfação de bani-lo disso, pelo menos. Mas outros professores vão trabalhar com Paul de agora em diante. Deveriam ter tirado ele do seu caminho...

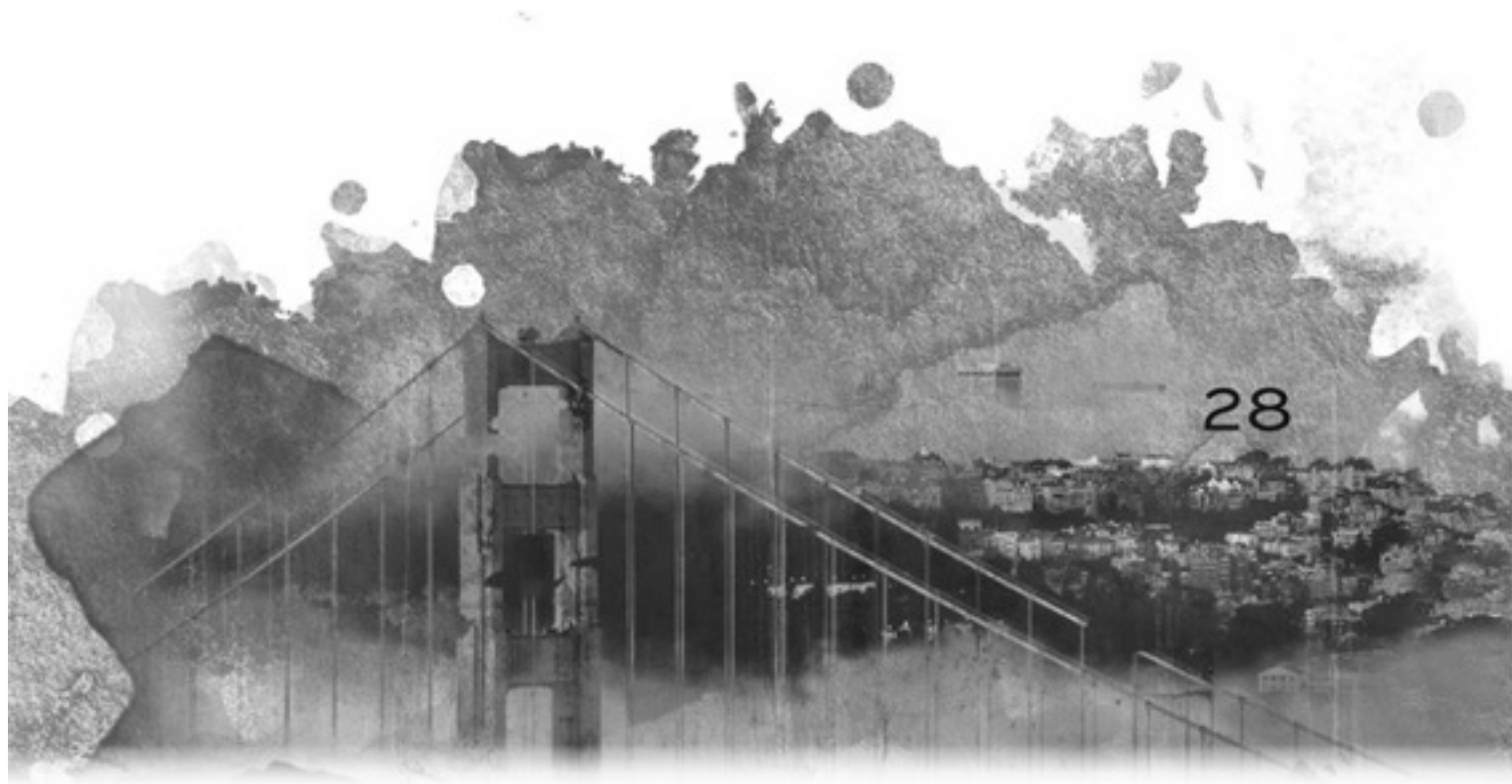
— Eu não o vi! Ok? Está tudo bem.

É mais do que estranho ver mamãe falar de Paul sem um pinga de afeto ou o mínimo respeito. O que vejo em seus olhos é puro ódio.

Ela acaricia meus ombros.

— Eu prometo, Marguerite... eu juro... Paul nunca mais vai chegar perto de você. Nunca mais.

Justo agora que achei que estivesse segura em casa, o mundo vira de cabeça para baixo de novo.



Desta vez, percorro o quarto feito uma equipe de perícia criminal vasculhando a cena de um crime. As roupas do armário foram espalhadas pela cama, cada bolso em cada casaco ou calça jeans foi revistado. Cada gavetinha foi inspecionada. As lombadas de cada livro na estante de Marguerite e todos os títulos do seu e-reader foram analisados. Descubro algumas coisas sobre ela: sente-se confiante usando salto alto, tem a mesma paixão da minha mãe por ioga, é mais fã dos surrealistas do que eu. Mas não consigo encontrar as coisas que me mostrariam o que preciso descobrir.

O que aconteceu com Paul?

Nenhum blog, diário. Também não tenho isso em casa, mas por que essa não poderia ser mais uma diferença entre a gente? Os vários aplicativos no seu celular me mostram diversas fotos que ela compartilhou, suas últimas atualizações, tudo muito parecido com meu celular em casa, exceto, claro, que ela tem várias fotos de cachorro.

Rolando a barra até janeiro, finalmente vejo uma imagem de Paul. Ele está sentado no nosso sofá vermelho, com Ringo muito feliz em seu colo. Paul está totalmente à vontade. Em casa. E agora meus pais não querem vê-lo nem pintado de ouro.

Sentindo um pouco de calor por ter revirado o quarto de Marguerite, arregaço as mangas do meu suéter. Ao fazer isso, sinto com o dedo o relevo protuberante no meu braço da cicatriz, que tem uma aparência mais escura do que antes, e sei que é minha mente pregando peça em mim, porque a dor voltou.

Bom, se não tenho como descobrir nada mais sobre o Paul deste mundo, ao menos posso descobrir como entrar em contato com ele.

Alguns instantes no tablet dela já me revelam o contato de Paul sem maiores dificuldades. A universidade informa seu endereço e seu e-mail, ainda que seja o e-mail da escola. Num estalar de dedos, abro uma janela para escrever para ele, mas hesito um pouco.

Mamãe queria que Paul fosse expulso de Cambridge... O mesmo cara que eles praticamente adotaram em dezenas de dimensões. Todas as vezes que meus pais e Paul se desentendiam, era sempre Paul que estabelecia os limites entre eles.

O quarto e último fragmento do meu Paul está aqui, entranhado no corpo desse outro Paul Markov. Não importa o que ele tenha feito ou o que é capaz de fazer, preciso encará-lo. Temos que ficar sozinhos.

Até lá, não quero me preocupar. Durante esse tempo viajando entre dimensões, fui sequestrada, tive uma arma apontada para mim, fui jogada no ar feito uma bomba, quase afundei num submarino, fui exposta ao inverno russo até quase morrer de hipotermia e perseguida por uma multidão segurando tochas, empenhada em me queimar por bruxaria. Em todas as vezes, consegui me manter viva. Em todas as vezes, sobrevivi.

Seja lá o que venha a acontecer, preciso acreditar que vou conseguir dar um jeito. Por Paul, vou conseguir.

O e-mail que mandei para ele foi simples e direto:

A gente precisa conversar logo. Você está livre hoje à noite? Se estiver, me diga a hora, que passo no seu flat.

(No minuto final, me lembrei de usar a palavra certa para apartamento em inglês britânico: *flat*.)

Seria fácil passar as próximas tantas horas fixada na caixa de entrada, esperando a cada segundo por uma resposta dele. Mas isso apenas me enlouqueceria e, além do mais, mamãe fez espaguete.

— Susannah vive chamando a gente para visitá-la em Londres neste verão — diz papai, enquanto enche seu prato com mais parmesão do que a maioria das pessoas consegue comer em um mês.

Mamãe parece um pouco desconcertada.

— Mas a gente vai todo verão, para pelo menos uma ou duas peças. Acho que ouvi dizer que *Júlio César* vai entrar em cartaz no Globe, em junho.

Papai balança a cabeça.

— Ah, não, mas ela não quer nossas visitas de fim de semana. Quer que a gente passe pelo menos duas semanas lá.

Mais do que um fim de semana parece muito tempo para ficar com tia Susannah, imagine duas semanas ou a eternidade de uma quinzena. A julgar pelo barulho que mamãe faz, ela concorda comigo. Mas é fofo da parte da minha tia querer a gente por lá. Em casa, nossa relação é muito mais distante, porque meu pai e a irmã são praticamente a prova científica do quão diferentes dois filhos dos mesmos pais podem ser. Gosto de termos encontrado um jeito de nos darmos bem aqui.

Comer é difícil, porque não consigo segurar nem um garfo com meus dedos doloridos. Mamãe está me observando e estranhando minha dificuldade com os talheres. Mudo de assunto rapidamente.

— Tive um sonho muito doido esta noite.

— Sério? — exclama meu pai, erguendo a sobrancelha com um pouco de curiosidade. Ringo está aos pés dele, sentado, bufando, cheio de esperança de que a gente jogue alguma coisa para ele comer.

Tento soar natural:

— Sim. No meu sonho, a gente morava em São Francisco, e tínhamos a mesma aparência e a mesma atitude, mas vidas diferentes. Então percebi: essa não é minha dimensão. Eu tinha viajado para outro mundo com o Firebird, para ver como a gente vivia lá. Muito estranho saber que a mamãe, o papai e a Josie que eu via lá não eram vocês, mas ao mesmo tempo, meio que eram. Parecia que eu me lembrava da casa toda, a vizinhança toda, tudo.

Papai e mamãe se entreolham com melancolia.

— Acho que deve ter sido dessa forma — diz ela, girando o garfo preguiçosamente no macarrão. — Às vezes, fico sonhando com isso: com estar realmente em outra dimensão.

— Poderia acontecer — comento. — Não podia?

Papai suspira.

— Não faz sentido voltar a essa ideia agora. O projeto Firebird poderia ter sido nossa glória, mas também nosso maior fracasso. Melhor reservar nossas energias para fins mais produtivos.

Ah, calma lá! Nunca que mamãe e papai desistiriam do seu sonho só porque parece pouco prático.

Ao menos agora entendo por que Conley enviou o último fragmento de Paul para cá. Já que a tecnologia Firebird tinha sido descartada, não havia como meus pais descobrirem o

que estava acontecendo, e não tinha como eles usarem aparelhos próprios para tentar trazê-lo de volta para casa.

Então mamãe diz:

— Enviar informações será muito mais útil do que enviar consciência.

Eu paro, o espaguete escapa do meu garfo na hora em que o levanto do prato.

— Como, exatamente?

Ela parece desconfiada e me pergunto se me entreguei demais. A Marguerite deste mundo certamente saberia mais sobre a atual pesquisa dos pais. No entanto, mamãe diz:

— Você tem razão ao dizer que me explico demais. Se a gente não revisitar nossos primeiros princípios, a gente corre o risco de se perder.

Papai entra no modo “professor de faculdade”:

— Então, Marguerite, o que você sabe sobre a informação? Qual é seu aspecto mais peculiar?

Talvez isso pareça uma pergunta muito ampla, mas sei aonde ele quer chegar.

— A informação é a única coisa que se sabe que é capaz de se movimentar mais rápido que a velocidade da luz. O universo sabe de coisas que não deveria saber, antes de conseguir conhecê-las. Tipo... quando um quark é destruído e outro é criado imediatamente para assumir seu lugar. — Paul me falou sobre isso também, quando estávamos na floresta das sequoias, desbravando o infinito.

— Exatamente — diz mamãe. — Transferir a consciência, por mais empolgante e revolucionário que seja identificar e isolar a consciência, não seria a melhor forma de descobrir mais sobre as outras dimensões do multiverso. Podemos estruturar “mensagens” em forma de sequências subatômicas assimétricas e ver como outras realidades quânticas reagem.

— Se a gente descobrir a melhor forma de fazer isso, poderíamos até ser capazes de falar diretamente com outras versões de nós mesmos, ou, pelo menos, com outros cientistas fazendo o mesmo tipo de trabalho que o nosso — acrescenta papai. — Muito melhor do que sair invadindo o corpo de outra pessoa sem aviso prévio.

Fico pensando na grande duquesa Margarita, ainda escondida numa casa de campo dinamarquesa até dar à luz o bebê, o qual eu concebi por ela. Penso no Theo em Nova York, que ainda está no hospital, me perguntando se ele algum dia será capaz de andar de novo. E me lembro do tenente Markov morto em meus braços. Admito:

— A ética é muito melhor.

Mamãe concorda com a cabeça, mas essa é apenas uma ponderação teórica que ela nunca teve que vivenciar.

— Teremos muito mais alcance também. Em vez de apenas visitar universos onde nós existimos, precisamos descobrir coisas sobre praticamente qualquer dimensão do multiverso

— Henry. Pare de dar macarrão para o cachorro.

— Ele gosta de massa — diz papai, enquanto Ringo cospe fora seu único fio de macarrão.

Meus pais, ilustres cientistas, começam a discutir se massa dá gases ou não no cachorro. Isso me dá chance para pensar no que acabei de aprender, as possibilidades expandindo na minha mente a cada segundo.

O escritório e o Triadverso devem ter desconsiderado o potencial de ameaça desta dimensão porque mamãe e papai abandonaram o projeto Firebird. O que Conley nunca soube é que eles concentrariam seus esforços em outra forma de contatar mais universos. Se a gente tivesse essa capacidade — meu mundo, o Guerraverso e até Paul e o Theo do escritório — e pudéssemos nos comunicar constantemente, sem o risco de saltar dimensões, poderíamos formar uma aliança muito maior que a conspiração da Tríade. Muito mais poderosa. Poderíamos nos preparar contra qualquer ataque que o escritório pudesse fazer.

Essa poderia ser a forma de derrubá-los.

Por mais importante que seja o tratamento para Theo, por mais ansiosa que eu esteja para resgatar meu Paul, agora sei que estou trazendo para casa um terceiro tesouro... ou, pelo menos, uma chance. As coordenadas desta dimensão poderiam nos salvar.

— Quanto tempo?

Mamãe bufou:

— Até o cachorro sujar todos os cômodos por onde passar? Duas horas no máximo.

— Não, quero dizer, quanto tempo até a gente conseguir se comunicar com outras dimensões?

— Querida, você sabe que não dá para ser exato com essas coisas — diz papai, com um sorriso. — Claro, se o teste do mês que vem for positivo como esperamos... espere e verá.

É o que consigo fazer para não cair na gargalhada.

Na volta para o meu quarto, já começo a arquitetar. Não vou me revelar ainda. Primeiro preciso conversar com meus pais lá em casa sobre tudo o que descobrimos. Mas assim que fizer isso, podemos começar a planejar meu retorno para esta dimensão. Então poderemos falar a verdade, toda a verdade, e fazer nossas versões unirem forças a nós. A empolgação começa a tomar conta de mim a ponto de me deixar com vontade de rodopiar e fazer uma

dancinha da vitória bem ridícula. Considerando que estou sozinha no meu quarto, eu bem que poderia.

No entanto, quando olho para meu e-mail, todos os outros pensamentos desaparecem, substituídos apenas pelo nome de Paul na minha caixa de entrada.

Ao abrir a resposta, ele só diz: 20h30.

Não é exatamente um tagarela na minha dimensão também. Essa foi a única informação que eu pedi, a única coisa de que preciso.

Mesmo assim, quando me lembro das desconfianças da minha mãe em relação a Paul, o fato de que ela teme por mim, essa concisão de Paul me deixa meio... assustada.

Mas isso não vai me impedir de ir até ele e trazer meu Paul para casa.

Cambridge deve ser um lugar relativamente seguro, porque quando digo para eles que quero ir tarde da noite a uma suposta sessão de um filme qualquer no campus, mamãe nem sequer desvia os olhos do livro que está lendo e concorda. Papai apenas diz:

— Não seria melhor você ir de carro?

Óbvio que ele só me deixa dirigir numa dimensão onde tenho que ficar do lado esquerdo da pista.

— Estou de boa.

— Fico feliz que você esteja estimulando seu interesse por cinema — diz ele. — É definitivamente algo no que investir.

Mamãe entra na conversa, de repente, muito mais interessada:

— Tantas pessoas talentosas em um tipo de arte acabam se revelando talentosas em outra também.

Talvez a Marguerite deste mundo esteja pensando em se tornar diretora de cinema. Não consigo entender muito isso, mas é bem legal.

Enquanto pedalo pelas ruas de Cambridge, meu telefone faz um barulho para me avisar onde virar e até onde ir. A cidade como um todo não é tão pitoresca quanto a universidade. Atravesso algumas ruas movimentadas cercadas de prédios um pouco mais modernos. Os letreiros das lojas, acesos à noite, trazem nomes desconhecidos: BOOTS, COSTA, PIZZA EXPRESS. Mas as direções me mantêm próxima à faculdade e finalmente me conduzem para um grupo de apartamentos pequenos, básicos, facilmente identificáveis como alojamento para estudantes.

Amarro a bicicleta, vou direto para a porta de Paul e toco a campainha sem hesitar.

Antes que eu possa baixar o braço, Paul já abriu a porta.

Ele parece mais magro nesta dimensão, e não de um jeito legal. As roupas são o mesmo trapo que usa lá em casa, mas são largas demais, como se ele nem se importasse em

encontrar roupas do seu tamanho. Ainda assim, ele está limpo e, a julgar pelo cheirinho de espuma de barbear, dá para ver que Paul se arrumou para me ver. Ele está tentando.

— Olá — diz ele. — Obrigado por vir até aqui. É muito... muito importante para mim.

— Posso entrar?

Paul parece surpreso. Ele realmente achou que eu ia ficar ali em pé e conversar com ele na porta?

Mas ele recua, me deixando entrar no seu apartamento. É pequeno e simples como eu imaginava. Os móveis são gastos, não combinam, comprados do Exército de Salvação ou ao seu equivalente britânico. No entanto, o apartamento é arrumado, levando em conta que é de um estudante universitário do sexo masculino. Meu Paul tem a casa mais arrumada que qualquer outro cara que conheço. Eu me pergunto se essa arrumação meticulosa é algo que o Paul desta dimensão tem em comum com o meu ou se é alguma influência subconsciente do meu Paul atuando.

Eu deveria pressionar o Firebird nele agora, trazer meu Paul de volta e sair daqui. Mas alguma coisa nesse Paul, seu silêncio triste, mexe comigo. Ele está sofrendo — muito — e parece achar que conversar comigo poderia ajudar.

Posso fazer isso por ele. Seu corpo manteve a última parte da alma de Paul segura. A gente deve isso a ele.

Em vez de “oi, como você está?”, Paul diz:

— Você vai me deixar explicar? — Ele mal espera eu piscar, surpresa, e continua: — Acho que é por isso que você está aqui. Se não for...

— É complicado. — Mil vezes mais complicado do que você possa imaginar. Porém, tenho que ouvir. — Sim, fale. Explique-se.

Paul fica ali parado, com o olhar perdido, daquele jeito dele que sempre me faz querer protegê-lo.

— Foi um acidente. Até seus pais devem saber que foi um acidente. Estou me odiando por isso, muito mais do que eles seriam capazes. Até mais do que você.

Seus olhos não encontram os meus. Em vez disso, ele fica olhando para meu antebraço, para aquela marca vermelha que percebi mais cedo. A dor chega ao osso. Olho para a cicatriz, depois, de volta para ele.

— Eu estava chateado. Nós dois estávamos. Então eu não devia ter dirigido. Você não está errada em me culpar por isso. — Ele já está implorando. — Mas seu pai parece achar que fiz de propósito. Marguerite, eu nunca, nunca iria querer que você se machucasse.

Nós sofremos um acidente de carro e Paul estava dirigindo. Ferrou com minha mão. Mas por que meus pais detestam ele? Um acidente de carro pode acontecer com qualquer

um. Por que eu me recusaria a vê-lo?

Então eu me lembro da primeira coisa que Paul falou. Eu me arrisco, dizendo:

— Estávamos... chateados.

— Tudo parece tão idiota agora — diz ele. — Eu não ia mais passar na casa e você disse que eu devia superar. Lidar com minha frustração, perdoar seus pais. Meu Deus, eu devia ter feito isso. Aí você estaria bem, a gente estaria feliz e você ainda poderia...

Paul se engasga com as próprias palavras e, ao se sentar, desaba, muito deprimido para perceber minha confusão.

Falo devagar:

— Se você pudesse fazer de novo — dessa vez não grito —, se a gente estivesse novamente no carro, o que você me diria?

Ele não esperava por isso. Mas compra a ideia.

— Eu diria que só porque discordo de Sophia e Henry em relação à tecnologia do Firebird, isso não quer dizer que meu sentimento por você mudaria. Quando eu evitava a casa, eu não estava evitando você. Só eles dois. Eu sentia como se o maior trabalho da minha vida tivesse sido tirado de mim.

Claro. Paul detestara a decisão deles de abandonar o projeto Firebird. Uma vez que ele aborda uma questão, não descansa até ter a resposta.

Paul continua:

— Eu não deveria ter dito coisas ruins sobre seus pais, especialmente na sua frente. Eu te coloquei numa posição péssima. E acho que isso fez com que eles me detestassem depois.

Se eu tivesse tido tempo de me acalmar após essa briga bizarra no carro, para ser sincera, eu provavelmente teria entendido. Por mais que ame meus pais, eles às vezes me tiram do sério. E eu teria percebido que golpe terrível isso foi para a pesquisa dele e suas expectativas. Mas ainda não entendo por que ele está tão neurótico com o acidente.

Então ele diz, bem baixinho:

— Você está melhor? Tipo, você está conseguindo pintar?

Então agora tudo faz sentido: a culpa pungente que Paul sente e a raiva dos meus pais. A falta de utensílios de pintura ou novos quadros no meu quarto. O espaguete escorregando do garfo, que me dói ao segurar, um garfo maior que a maioria dos pincéis. Meus pais estimulando meu novo “interesse no cinema”, por temerem que eu nunca mais consiga pintar.

Essa tragédia diz respeito à outra Marguerite, não a mim. Quando eu voltar para casa, meu braço vai estar bom, intacto, e vou poder pintar o quanto quiser. Mas ainda assim,

sinto a dor da perda desta Marguerite. A arte é a única coisa que eu sempre quis fazer. É minha vocação, minha paixão. E, sério, sou boa nisso! Não são muitos os adolescentes que conseguem fazer exposições em galerias. Nem todos têm as habilidades necessárias para entrar na Escola de Design de Rhode Island, muito menos em Ruskin. Por mais difícil que seja sobreviver como artista profissional, sinceramente acredito que tenho uma chance.

Nesta dimensão, a chance de Marguerite foi confiscada.

Talvez minha mão fique melhor, penso. Mas já sei que os médicos de Marguerite não têm tanta esperança. Se houvesse alguma esperança, Paul não estaria aqui sentado, sofrendo. Meus pais não odiariam ele.

E esta Marguerite também não.

Digo para ele a única coisa em que consigo pensar:

— Não foi legal que a gente estivesse brigando quando tudo aconteceu. E que eu já estivesse magoada com você.

Ele balança a cabeça e diz:

— Não, não foi legal. Mas você não está errada em me culpar. Eu estava dirigindo. Era minha responsabilidade encostar se eu estivesse distraído. Mas não fiz isso e machuquei você, e juro que se eu pudesse voltar no tempo e mudar as coisas, mesmo que eu tivesse que ficar entre você e o outro carro, mesmo que eu mesmo fosse atingido, eu faria isso. Faria de verdade. — Paul faz um barulho baixinho, algo parecido com uma risada que não deu certo. — É uma pena que nosso ramo não seja viagem no tempo.

— Mamãe e papai não deveriam ter tentando te expulsar do departamento. Não por causa disso.

— Sophia e Henry se sentiam culpados por não terem protegido você. Por terem me colocado na sua vida. — Paul me encara nos olhos rapidamente. — É, eles não foram razoáveis. Mas existem coisas piores que os pais podem fazer do que amar seus filhos tanto a ponto de perderem a razão.

Coisas piores, tipo se envolver com crime organizado, serem mais leais à máfia do que ao próprio filho. A traição por parte dos pais de Paul faz com que ele queria perdoar os meus por descontarem nele.

Eu me lembro do jeito que minha mãe falou comigo quando falei pela primeira vez que eu e Paul estávamos juntos. Ela disse que, por mais que eles sentissem carinho por Paul, sempre estariam ao meu lado, mesmo que eu estivesse errada. Acho que ela estava falando a verdade. E agora, depois do escritório, percebi como meus pais reagem à dor. Mexe muito com eles. Faz com que percam o controle.

Paul despreza seu quase fiasco acadêmico dando de ombros.

— Vou para a ETH em Zurique fazer meu pós-doutorado. Vou me mudar assim que puder. Você não precisa mais se preocupar comigo, nunca mais. Prometo.

— Acredito em você — digo.

Ele solta o ar, como se estivesse segurando a respiração por muito tempo. Paul não está pedindo ou esperando perdão ou redenção. Ele só quer que eu esteja bem. O que vai acontecer com o Paul desta dimensão? Será que ele vai encontrar outras pessoas que o amem em Zurique? Mentores que viram pais adotivos, como os meus, não aparecem assim tão fácil.

Paul analisa meu rosto. Eu me pergunto o que ele está vendo. Finalmente diz:

— Acabamos?

— Ainda não. Pode me fazer um favor?

— Todos.

Eu me levanto e pego o Firebird extra que está no meu pescoço. Paul olha para aquilo, sem entender. Aparentemente o projeto não evoluiu o bastante nesta dimensão a ponto de ele ser capaz de reconhecê-lo de vista. Então apenas digo:

— Não se mexa.

Paul concorda com a cabeça e permanece rígido na cadeira, sem nem olhar diretamente para mim, enquanto coloco o cordão em seu pescoço. Já que todos os quatro fragmentos do meu Paul foram reunidos, ele deveria despertar neste corpo.

Por favor, funcione. Por favor, tomara que Conley não tenha mentido para mim. Por favor, por favor, me traga ele de volta.

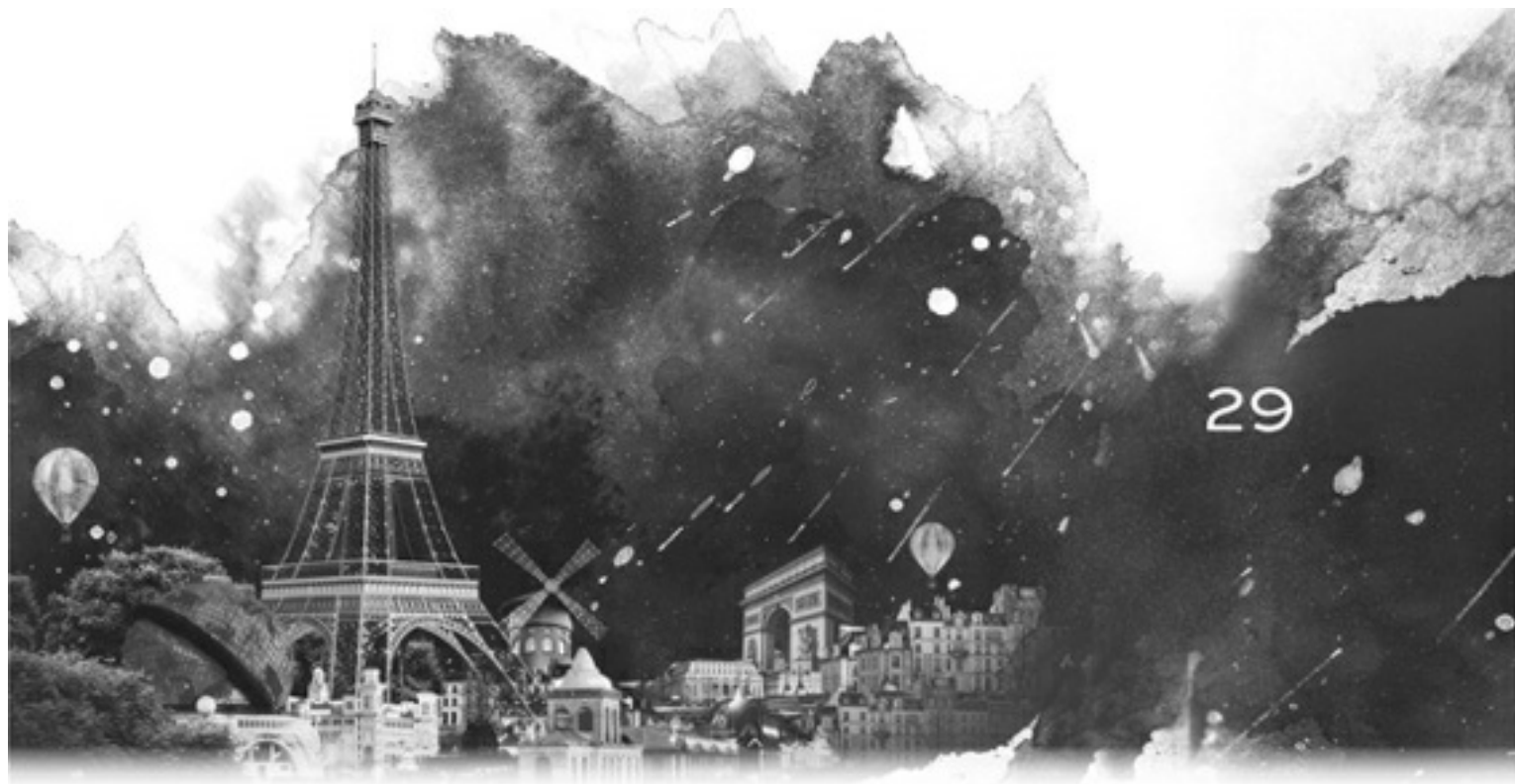
Respiro fundo, chego na parte final e solto o Firebird.

Paul se sacode, segurando com força nos braços da cadeira e abre bem os olhos. Quando ele olha para mim, sussurra:

— Marguerite?

Meu Paul, finalmente.

A gente se dá as mãos ao mesmo tempo e de alguma forma vou parar em seu colo, e a gente está se abraçando tão apertado que mal dá para respirar. Tudo que eu tive de fazer, tudo pelo que passei, valeu a pena por causa disso. Por causa dele.



A gente se abraça tão forte que nada poderia nos separar. As mãos largas de Paul percorrem minhas costas enquanto ele me embala. Beijo sua boca, suas bochechas, as pálpebras, o peito. Até nossa respiração segue o mesmo ritmo, como se tivéssemos nos fundido. Como se eu tivesse saltado não para outra versão minha, mas para uma dele.

— Eu estava com medo — consigo falar. — Você foi dilacerado. Conley *dilacerou* você.

— Quer dizer... minha consciência...

— Fragmentado. Conley fragmentou você em quatro pedaços.

Ele declara em russo:

— Só me lembro desse mundo, definitivamente. Não me lembro de nenhum dos outros.

— Bom, pode acreditar, você estava em todos os lugares. Itália e Nova York e até numa guerra mundial horrenda. Tem certeza de que não se lembra disso?

— Só me lembro daqui. Depois a gente fala de teoria. Estou bem agora.

Paul beija meu pescoço, depois toca meu rosto com as mãos.

— Não achei a cura para Theo antes de eles me capturarem.

— Tudo bem. Eu consegui. Bom, tivemos que fazer alguns servicinhos sujos para a Tríade, mas tudo bem, porque acho que sei como usar isso contra eles.

Ele fica emburrado, sem dúvida, imaginando quão sujo foi esse serviço. Mas então sua expressão passa a ficar mais triste.

— Alguns minutos atrás... as coisas que eu disse...

— Esquece. Isso foi outro Paul e outra Marguerite. Não tem nada a ver com a gente.

Saber disso me faz sentir completa e inimaginavelmente livre. Como se eu pudesse voar, levando Paul nas minhas asas.

— Mas eu te machuquei — diz Paul, olhando para o meu punho ferido.

— Não foi de propósito. E não era você, assim como não era eu. Tudo bem? — Explicar para Paul vai demorar, assim como demorei muito para acreditar nisso.

Ele não parece aceitar completamente.

— Você... Ela não pode ser mais artista.

Isso me magoa, mesmo não sendo eu. Mas digo para ele o que espero que essa Marguerite vá entender um dia; algo que eu mesma deveria levar em consideração:

— Há outras carreiras. Outras formas de ser criativa e levar uma boa vida. Ela vai descobrir isso.

Paul não está conformado.

— Theo está bem?

— Está. Ele até veio na viagem comigo, porque disse que se você faria isso para salvá-lo, ele também faria para salvar você.

— Aquele idiota — diz ele, num tom de voz que faz isso soar a coisa mais carinhosa do mundo. — Onde ele está agora?

— No Japão. Quer dizer, neste universo, Theo Beck está fazendo doutorado no Japão, mas nosso querido Theo já voltou para casa. Ele vai estar nos esperando lá.

Paul olha em volta do apartamento.

— Esse Paul. — Ele dá um risinho, mas sem ânimo. Percebo que está incomodado com o quanto essa versão se rebaixou. — Ele precisa viver a vida.

— É, provavelmente. Pense desta forma: ao menos você não está preso numa guerra apocalíptica. Será que consegue se lembrar disso?

Se conseguir, ele pode lembrar que fiquei com outro Paul. Nossa. Mas, em vez disso, ele balança a cabeça:

— Este mundo é o único do qual me lembro. Acho que tem... mais de mim aqui do que em qualquer outro lugar.

— Bom, você não perdeu nada no Guerraverso.

Digo isso apenas para distraí-lo, mas Paul cisma com a nova informação.

— Conley não te obrigou a trabalhar com ele, né?

— Não mais do que isso — prometo.

— Por que você não me conta?

Tem muita coisa, e a ameaça causada pelo escritório é quase pesada ao tentar ser proferida em voz alta. Neste momento, só quero voltar para casa com Paul. Mas Theo está

de volta ao seu lugar, são e salvo. Até agora deve estar falando com meus pais sobre os perigos. Paul e eu estamos juntos aqui, abraçados. Não tem motivo para não contar, se é disso que ele precisa.

Então começo pela Itália, com Conley anunciando o que tinha feito, e conto tudo. Se eu ficar guardando alguma coisa, só vai dificultar mais falar sobre isso depois. Então conto para ele que apareci na cama ao lado de Theo, num mundo onde fiz uma escolha diferente. Explico como o agradei para descobrir alguns segredos, que nós nos beijamos, que machuquei o Paul daquele mundo, e que ele reagiu. Mas frisei o acordo que tínhamos acima de tudo.

— Eles vão ficar bem, então não causei nenhum mal. Não tive que jogar o jogo de Conley. Entende?

Paul balança a cabeça. Ele parece estar chocado.

— E depois disso?

— Depois fui para Nova York, onde... onde você trabalhava nos negócios do seu pai.

Seu corpo inteiro se contrai. Percebo que ele quer que eu saia do seu colo, então me levanto. Paul começa a andar de um lado para outro.

— Eu não poderia. Nunca faria isso.

— Não sempre — digo, tentando colocar do jeito mais sutil possível. — Mas pelo menos em um universo, sim.

— Como você soube? Como descobriu?

— Devo ter chegado a você de um jeito que assustou um pouco seus... colegas de trabalho e... bom, eles me sequestraram.

Ele ficou pálido.

— Meu Deus. Meu pai não...

— Não me machuquei, Paul. Você sabe que poderia ter falado para mim sobre o seu pai. Eu não teria julgado você pelas coisas que ele fez.

— Pelas coisas que eu faria. — Sua voz soou meio fraca. — No momento certo.

— Não precisa pirar...

— Como você fugiu? Sei que não teria deixado a outra Marguerite lá.

— Theo levou os policiais até mim. Consegui escapar.

Paul chega mais perto.

— Você está escondendo alguma coisa.

— Quando Theo e eu estávamos tentando fugir, você nos encontrou. Acho que ter recuperado aquele fragmento... deve ter te deixado um pouco com raiva.

— E?

Respiro fundo.

— E você atirou nos joelhos de Theo. Nos dois.

Paul resmunga e se afasta. Ele desaba na parede, encarando-a, as mãos acima da cabeça, como alguém que está sendo preso.

— Ele morreu?

— Não! Não, os paramédicos tinham certeza de que ele ia sobreviver.

— Então ele vai perder uma ou as duas pernas — diz ele, com dureza. — Nosso Theo teve que sentir também.

— Theo deixou bem claro que não era para culpar você por isso! Você não é o mesmo homem que decidiu trabalhar com seu pai. Tipo, como poderia ser?

— Theo é uma pessoa melhor que eu — diz Paul. Seu humor vai ficando mais sombrio. Olhar para ele agora é como ver nuvens de tempestade se acumulando no céu azul, manchando tudo.

— E depois?

Isso é pior ainda, mas, nesse caso, a culpa é minha, não dele.

— Voltei para o Russiaverso. Eu queria ir para um mundo onde você não estivesse.

— Não te culpo.

— Era só para me dar um tempo para pensar, algum lugar onde eu estivesse segura.

Percebendo minha hesitação, Paul diz:

— O que foi? É a grande duquesa, certo? Se o pai dela descobrisse a gente...

— Ela guardou o segredo principal — digo, olhando para seus olhos com dificuldade. — Paul, ela está grávida.

Então ele corre em minha direção, meio nervoso. Num desses flashes de entendimento, meio telepáticos, sei exatamente o porquê: seu ceticismo é tão grande que ele prefere acreditar que estou brincando, e ele quer me odiar por fazer uma piada tão pessoal, tão dolorosa. O pior é ver a verdade afundar.

— Ela vai ter um bebê? — Paul mal consegue balbuciar. — Por minha causa?

— Por minha causa. Fui eu que escolhi, lembra? Você era apenas uma sombra na mente do tenente Markov.

— Mas e se eu fizesse a diferença? Se eu o empurrasse da fronteira entre o que ele sonhou e o que de fato faria?

Não tenho como consolá-lo, não nesse caso. O pior erro que já cometi foi no corpo de outra pessoa, na vida de outra pessoa e não vou conseguir consertar nunca.

— Nós dois sabemos que a culpa é toda minha.

— Ela vai ficar bem? — pergunta Paul, com a voz embargada, e me lembro de que ele viveu dentro do tenente Markov por quase um mês, amando a grande duquesa tanto quanto a mim. Isso não me deixa exatamente com ciúme, apenas lembra que não sou a única Marguerite por quem ele se sacrificaria. — Ela não pode esconder isso para sempre.

Vou até ele e coloco as mãos em seu peito. Ele não reage, nem mesmo ao me ouvir dizer:

— Ela quer o bebê. Vladimir sabe e está cuidando de tudo.

— É nosso filho — diz Paul. — Seu e meu.

Eu me lembro das fisgadas e dos arrepios que me percorriam quando eu sentia o bebê de Paul dentro de mim.

— Sim, é — digo, tentando sorrir. — A gente conseguiu engravidar sem nem dormirmos juntos. É preciso talento para isso.

Ele não ri. Não deveria. Até fazer essa piada ridícula me deixa envergonhada. Então, tento nos trazer de volta para o aqui e agora.

— Escute, a gente precisa lidar com as consequências das nossas ações, sem dúvida. Não tenho nem certeza se a gente tem como justificar o que fez.

— Justificar o quê, exatamente? — diz Paul.

Eu não sabia que diria isso até o momento em que saiu da minha boca:

— Atravessar dimensões.

Seus olhos encontram os meus e, mesmo muito surpreso, acho que ele concorda.

— A gente não tem que ficar se martirizando por causa disso — digo. — Algumas coisas precisam ser feitas assim que possível. Vou usar essa tática com Theo, para ver se consigo fazer com ele fique bem de novo. E nós precisamos falar com mamãe e papai sobre tudo... o que o escritório é, como a gente poderia se comunicar...

E sobre o plano do Escritório de destruir quantos universos forem necessários até eles conseguirem Josie de volta. Preciso contar isso também. Mas não agora. Ele parece cansado e abatido depois de tudo o que eu disse. Magoado. O resto pode esperar até chegarmos em casa. Quando estivermos todos juntos, preparados para pensar em como nos defender, aí ele vai conseguir segurar essa barra. Mas ainda não.

Estendo os braços para colocá-los em volta do seu pescoço, mas Paul me empurra, gentil, mas com firmeza.

— Marguerite, me desculpe.

— Por quê?

Ele fica ali parado por bastante tempo, a luz forte da lâmpada ilumina sua silhueta com linhas fortes e alonga sua sombra na parede. Esse lugar tem cheiro de mofo... imundo e

triste. O campus verdinho e a casa aconchegante parecem pertencer a todo um outro mundo.

— Você falou muito sobre como as dimensões nos unem continuamente. Você foi a pessoa que me fez acreditar que pertencíamos um ao outro em qualquer mundo que nos encontrássemos. — Paul respira fundo. — Eu acreditava em destino mesmo antes de me apaixonar por você. Eu via o destino escrito nas equações. Costurado no próprio tecido do universo. Mas você me ajudou a entender que fazíamos parte do destino, eu e você.

— Isso não quer dizer que somos os mesmos em todos os mundos — afirmo. — Sim, existe algo poderoso que a gente tem em comum, e talvez isso seja uma alma. Mas somos pessoas distintas em todos os mundos.

Essa revelação não muda tudo para ele, mas muda para mim.

— Eu sei. Quando eu viajava e me perdia dentro dos outros Paul Markovs, sempre sentia as diferenças. O jeito de pensar, falar e sonhar... Eu nunca faria assim, nem poderia.

Ele já tinha me dito isso muitas vezes, mas eu não havia entendido até esse momento.

Neste instante, Paul parece péssimo, como se ele preferisse estar em qualquer lugar no multiverso, menos aqui. Ainda assim, ele continua me olhando com um amor tão forte que posso quase senti-lo fisicamente.

— Não percebe? A gente se depara com mundos tão diferentes que mal consegue entendê-los. Quando você vira pessoas tão distintas, não consegue compreender como poderíamos ser feitos do mesmo DNA. Mas tantas, tantas vezes... acabo machucando todo mundo ao meu redor. E mais do que todo mundo, machuco você. E se esse for nosso destino juntos? E se não for amor, e, sim, dor?

Esse não foi o caminho que escolhi. Não foi o Paul que escolhi ver. Mas olho para tudo isso pelas lentes do que acabei de dizer para ele, imaginando Theo sangrando em algum beco em Nova York e a grande duquesa Margarita grávida e foragida...

— Ei... — Abraço ele, colocando os braços ao redor da sua cintura. Ele apoia as mãos em meus ombros, embora eu não consiga saber se é um carinho ou o prelúdio de mais um empurrão. — Você não só me machuca. Você me ajuda e me ama. Você me salva. Não se esqueça disso, porque nunca vou esquecer.

— Olhe para a cicatriz no seu braço.

— Isso foi um acidente idiota!

— Sim e não. — A expressão dele se fecha. — Eu me lembro das coisas que Paul disse para você durante a última briga, porque ele continua pensando nisso, repetidas vezes, reprisando sem parar dentro da cabeça. Aquele dia foi meio... meio como se meu pai tivesse assumido controle do meu corpo. Como se as palavras dele saíssem da minha boca. Toda

aquela raiva que ele despejava em mim eu guardei para despejar em você. Então, sim, foi culpa minha o que aconteceu com você e poderia facilmente ter sido pior.

— Não foi você. Foi outro Paul Markov e não estou preocupada com ele.

Paul não está convencido. Dá para ver pela tristeza em seu olhar. Mas quando ele começa a fazer carinho no meu cabelo, esse toque me dá esperança. Ele diz:

— Você não sabe desistir, né?

— Saberei quando a hora certa chegar, mas não chegou ainda.

Como ele tem coragem de dizer essas coisas, depois de tudo que vimos e vivemos, como ele pode acreditar que está destinado a me fazer sofrer?

Mas então lembro... Paul passou as últimas semanas na versão deste mundo, que está atolado em depressão e culpa. Essa tristeza está entranhada nele. Não é o tipo de coisa que dá para esquecer facilmente. Eu nunca deveria ter falado com ele dos tiros ou da grande duquesa enquanto ele estava nesse estado, porque agora está olhando para mim como se fosse a última vez.

— Escute — digo. — O multiverso é infinito. Então, sim, a gente passou por coisas horríveis juntos e vi versões de você bem mais obscuras, abaladas, mas não ligo. Quero você mesmo quando você está detonado. Eu te quero de qualquer forma. Suas trevas, sua raiva, seja qual for seu medo, não importa. Eu te amo por completo, não dá para ver? Quero até mesmo o seu pior, porque ainda é parte de você. — Pressiono a mão em seu peito, como se eu pudesse passar tudo o que sinto direto para o coração dele. — Quero você mesmo que seja louco, assustador, mesmo se for impossível, porque nada em você poderia me machucar nem metade do que me machucaria o fato de não ter você.

Paul se esforça para se recompor, mas não consegue me olhar nos olhos.

— E nada poderia me machucar mais do que machucar você, e foi exatamente o que eu fiz. Feri seu corpo, ataquei seus amigos, te deixei grávida e sozinha. Percebe o padrão? O destino é real, Marguerite. Tenho as equações para provar, e agora nós dois estamos vivendo.

— Paul, não...

— Eu te amei o suficiente para desistir de você — diz ele. — Quando usei o Firebird pela primeira vez, eu sabia que poderia não conseguir voltar. Não liguei para isso. Nada importava para mim, contanto que você estivesse segura. Você podia tocar sua vida sem mim. Se eu tiver que desistir de você de novo, farei isso. Parece que estou cortando meu próprio braço fora. — Sua voz falha ao olhar meu braço nu com sua cicatriz sinistra.

Só então percebo... Paul pode não se lembrar conscientemente das outras versões dele ou dos universos onde moraram. Seu subconsciente foi profundamente afetado. Ele ainda

não consegue perceber, mas eu, sim. Esse fatalismo — a crença de Paul de que ele sempre vai me machucar — se formou como um muro entre a gente, pedra a pedra.

O Padre Paul, da Itália medieval, achava que Deus e a Igreja nos separariam para sempre. Enquanto isso, o tenente Markov do Guerraverso já tinha me perseguido em vão, ele se negava a me ver amar outro homem. E o Paul que foi parar na máfia russa? Implacável aos vinte anos, imerso em violência, quase tão prisioneiro quanto eu, preso naquele celeiro. Ele só me conhecia como vítima, a vítima dele. E agora Paul habita o corpo de uma versão que perdeu tudo o que importava para ele: primeiro, o projeto Firebird, depois, sua relação próxima com meus pais, depois, a mim.

Conley fez isso de propósito? Ou foi só muito azar? De qualquer forma, toda a decepção, raiva e dor dessas quatro vidas germinaram no meu Paul. Ele não acredita mais no nosso destino, nem em si mesmo.

Os últimos dias me ensinaram muito bem o impacto que minhas ações têm sobre as dimensões — e as Marguerites — que visito. Agora, nos olhos pesarosos de Paul, vejo que elas nos impactam também. Talvez eu tenha sido protegida como a viajante perfeita, mas Paul, não. A fragmentação dele custou um preço alto.

Passei essa jornada toda tentando trazer Paul de volta dos outros universos. Mas agora que ele está diante de mim, neste apartamento em Cambridge, parece bem mais distante do que nunca.

Tentar tirar Paul desse estado deprimente vai levar tempo... Não minutos, horas, mas dias ou semanas. E esse é um tempo que não tenho para gastar nesta dimensão. Quando chegarmos em casa, ele vai voltar a si. Precisa voltar.

— Vamos para casa? Vamos focar a Tríade e passar por isso juntos. Não temos muito tempo para destruir Conley. Isso é o que mais importa.

Paul concorda com a cabeça. Ter um objetivo concreto ajuda a acalmar.

— Sim. Vamos. Mas primeiro você tem que ir para casa. Se o outro Paul e Marguerite acordarem tendo você no apartamento dele...

— Isso ia ser ruim. Tudo bem. — Mas ainda assim não consigo me afastar. — Você vai me seguir. Prometa.

— Sim. Prometo.

Então ele me puxa e me beija.

Quando nossos lábios se encontram, Paul me aperta... como se não quisesse que eu fosse embora nunca. Abro a boca e me encosto nele. A noite em que planejamos passar juntos, durante a viagem dos meus pais: quero que Paul entenda que ainda teremos essa noite, e muito mais depois. Quando isso tudo acabar, ainda teremos um ao outro.

Percebo pelo jeito que ele está me beijando, desesperado, ele acha que essa pode ser a última vez. O modo que estou beijando é para mostrar a ele que não é. Nem de longe.

Dez mil céus e um milhão de universos e ainda seria pouco para viver com você. Nada menos que o para sempre.

A gente se separa e fico trêmula. Paul parece triste. Ele passa a mão no Firebird em seu peito.

— Vejo você em breve.

— Ok — digo, indo em direção à porta.

Eu me recuso a dizer adeus.

Voltando para a casa dos meus pais em Cambridge, de bicicleta, me concentro nos pensamentos de que preciso que essa Marguerite se lembre mais. Ela vai ser minha mensageira para este mundo, o mundo que mais precisamos que esteja ao nosso lado. Precisamos aprender a nos comunicar no multiverso. Essa é a única forma de derrotar a Tríade. E já que Conley espionou esta dimensão uma vez, ele pode voltar um dia. Se voltar e perceber que aqui há essa tecnologia, você vai estar em mais perigo do que nós estamos. Mas não tenha medo. Prometo, se trabalharmos juntos, que teremos uma chance de vencer. De nos livrarmos da Corporação Tríade para sempre.

Sei que ela vai acreditar em mim. Ela não vai conseguir ajudar só por perceber que estou falando a verdade. Mas o que farão essas versões de mamãe e papai? Vão ficar ao nosso lado ou vão nos enxotar?

Conforme minha bicicleta começa a entrar na rodovia da nossa casa, vou parando aos poucos. Já arranhei um dos joelhos dela ao pular sua dimensão no momento errado. O mínimo que posso fazer agora é evitar arranhar o outro. Armo o suporte da bicicleta, me ajeito e me preparo para saltar para outra dimensão.

No impulso, pego minha bolsa e tiro uma caixinha de pó compacto. Abro, olho bem perto do espelho, o mais perto que já consegui ver o rosto dessa Marguerite, e digo: “Por favor.”

Depois disso, fecho a caixinha e a jogo na bolsa. Do outro lado da cidade, talvez agora mesmo, Paul está se preparando para pular de dimensão comigo. Não vai ser nossa última viagem juntos. Preciso acreditar nisso.

Pego o Firebird na mão e vejo este mundo desaparecer feito aquarela.

Voltar para o meu corpo é sempre mais fácil do que qualquer outro salto. Em qualquer lugar, a colisão dos eus me abala de um jeito que meus pais não foram capazes de explicar cientificamente. Mas voltar para casa? É tão fácil e espontâneo quanto pular numa banheira quente.

Abro os olhos e encontro Theo na minha frente. Apesar do rosto pálido e dos olhos escuros, ele sorri ao dizer:

— Já estava na hora de você chegar aqui.

— Bom, você conseguiu. Como está se sentindo?

Ele faz uma careta enquanto coça a parte de trás da cabeça.

— Já estive melhor. Mas, tipo, você pegou a poção, né? Quer dizer, as informações para a poção.

— Certo. Você logo vai se sentir melhor. — Eu me levanto da cama e vou até a área principal da casa em busca dos meus pais. Theo deve estar tão disposto quanto eu para colocar os dois para recriar essa solução. — Onde estão mamãe e papai?

— Eles tinham saído quando cheguei aqui. Provavelmente estão nos escritórios da universidade, tentando descobrir outra forma de fazer ou construindo um Firebird diferente.

Sem dúvida. Bom, eles vão voltar no jantar, porque nunca comem no campus se puderem evitar. Pela fresta de luz atravessando a porta de vidro e atingindo a varanda, calculo que seja fim de tarde.

— Você checkou para ver se Paul já voltou?

— Humm, você achou ele?

Theo não me cumprimenta nem celebra de forma evidente. Isso é meio estranho... Eu já o vi fazer dancinha da vitória só por conseguir jogar um clipe de papel no chapéu do outro lado do quarto... Mas aí lembro que ele está bem fraco. Está de volta a um corpo abatido, prestes a sucumbir. Não podemos perder tempo. Uma onda de vertigem poderosa toma conta de mim, fazendo meu estômago se revirar, enquanto o mundo fica escuro e cintilante.

— Nossa! — digo, colocando a mão do lado da cabeça. — O que foi isso?

Theo coloca a mão no meu ombro, apenas um toque.

— Você passou por muita coisa. Não é de admirar que esteja cansada.

Não foi cansaço o que senti. O Firebird precisa ter funcionado direito, se não tivesse, eu não estaria em casa agora. Seja qual for essa sensação, não passou ainda. Ao menos, não é tão forte que não possa ser rebatida.

— Então Paul voltaria no mesmo momento que você? — pergunta Theo.

— Foi isso que ele disse. — Sei que Paul não quebraria essa promessa, mas mesmo assim só terei certeza absoluta quando falar com ele ou vê-lo aqui no nosso mundo. Fico em pé devagar, um pouco zozona, mas determinada a continuar. — Onde deixei meu telefone? Quero ligar para ele.

— Não se preocupe — diz Theo. Ele já está procurando na mesa arco-íris, que não é onde normalmente deixo meu celular, mas é um bom começo. — Calma. Você vai encontrar, Meg.

Meg.

Apenas uma pessoa já me chamou assim... o Theo.

Mas não o meu Theo.

Eu me viro para ele, aterrorizada. Seu sorriso fica mais duro e então percebo que ele sabe que sei quem ele realmente é. O Theo do Triadverso voltou.

— Era esse o apelido? — pergunta ele. — Aposto que era.

— Por que você está aqui? — questiono, exigindo resposta. — Por que o Triadverso enviou você? Não está dando mais para Theo?

— Vai ter que dar — responde ele, bizarramente calmo. — Assim como você.

Então ele chega mais perto de mim e vejo o que tem nas mãos: uma seringa com um líquido verde-esmeralda. Furtanoite.

Eu me afasto, mas ele me agarra, batendo nas minhas costas com tanta força que dói. Despençar naquele chão de madeira me deixa sem fôlego, então por um momento, só consigo tentar respirar.

— Foi mal, Meg — diz Theo, ajoelhando-se em cima de mim e me imobilizando. — Mas, você sabe... Os fins justificam os meios.

Sinto a agulha rasgar meu braço.

Seu idiota, gostaria de dizer. O Furtanoite ajuda os viajantes a tomarem posse dos seus hospedeiros. Qual efeito vai ter sobre mim, se estou no meu corpo?

Talvez ele esteja me envenenando com essa coisa...

Um arrepio toma conta de mim. Avassalador, paralisante. Tento mexer a mão, mas não consigo.

Ouçõ a voz sair da minha boca, dizendo palavras que não pertencem a mim:

— Já estava na hora — digo.

O sorriso de Theo agora é mais autêntico.

— É sempre um prazer encontrar o pessoal do escritório.

Não. Mas sei que é verdade. A Marguerite que acredita na Tríade — que está disposta a sequestrar, chantagear ou matar para fazer nossa dimensão obedecer à dela — veio para o meu mundo. Para o meu corpo. E por causa do Furtanoite, ela está no controle.

Fez minha pele e meus ossos de prisão.

— Então... — diz Theo. — Qual é nossa primeira missão?

— Descobrir o que eles estão armando. — Não há nada pior do que a sensação de satisfação dentro da minha capturadora. Essa Marguerite não só me capturou, como sente prazer com isso. — Meus pais não são o tipo de pessoas que se rendem mesmo que essa seja a coisa sensata a se fazer, em nenhum universo. Mas como as versões daqui foram trapaceadas algumas vezes, sabotadas mais ainda... Bom, acho que a gente ainda vai conseguir colocá-los na linha...

Theo concorda com a cabeça enquanto me ajuda... ajuda ela, agachado.

— E se não conseguirmos que eles trabalhem para nós?

Ela ri.

— Então essa dimensão vai desaparecer.

Publisher
Kaíke Nanne

Editora Executiva
Carolina Chagas

Editora de Aquisição
Renata Sturm

Editora
Giuliana Alonso

Coordenação de produção
Thalita Aragão Ramalho

Produção Editorial
Jaciara Lima

Copidesque
Rafael Surgek

Revisão
Daniel Siqueira
Nina Lopes

Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Adaptação de capa
Julio Moreira

Produção do eBook
Ranna Studio

Capa

Rosto

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Ficha técnica